

# **Frei António de Beja**

## **Contra os juízos dos astrólogos**

**Edição**

Luís de Sá Fardilha

---

**OBRAS COMPLETAS  
DE FREI ANTÓNIO DE BEJA  
VOLUME I**

---

**lumus**

**15**

## TEXTOS E ESTUDOS DE FILOSOFIA MEDIEVAL

### DIRETOR

José Francisco Meirinhos (Universidade do Porto)

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia — Ministério da Educação, Ciência e Inovação (FCT/MECI), no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.



# **FREI ANTÓNIO DE BEJA CONTRA OS JUÍZOS DOS ASTRÓLOGOS**

**EDIÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS**

**Luís de Sá Fardilha**

**OBRAS COMPLETAS DE FREI ANTÓNIO DE BEJA**

**Volume I**

**hūmus**

**FREI ANTÓNIO DE BEJA**  
CONTRA OS JUÍZOS DOS ASTRÓLOGOS

Edição, introdução e notas  
Luís de Sá Fardilha

Obras completas de Frei António de Beja, volume I  
Org. Luís de Sá Fardilha | Maria de Lurdes Correia Fernandes

Capa: António Pedro  
Paginação: Margarida Baldaia

© Autores e Gabinete de Filosofia Medieval / FLUP

Edições Húmus, Lda., 2024  
Apartado 7081  
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão  
Telef. 926 375 305  
[humus@humus.com.pt](mailto:humus@humus.com.pt) | [edicoeshumus.pt](http://edicoeshumus.pt)

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão  
1.ª edição: Dezembro de 2024  
Depósito legal: 541248/24  
ISBN: 978-989-9213-65-4  
DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9213-65-4/con>

Coleção  
Textos e estudos de Filosofia Medieval, 15

# ÍNDICE

Introdução <i>Luís de Sá Fardilha</i>	7
Critérios de edição	17
<b>CONTRA OS JUÍZOS DOS ASTRÓLOGOS</b>	
Edição diplomática	20
Edição modernizada	21
Tábua de capítulos	180/181
Índice onomástico	187



# INTRODUÇÃO

Luís de Sá Fardilha

São escassas as notícias biográficas sobre Frei António de Beja. Na sua *Biblioteca Lusitana*, Diogo Barbosa Machado<sup>1</sup> aponta o ano de 1493 para o seu nascimento e a cidade de Beja como o local onde este terá ocorrido. Como declara expressamente, deduz esta informação do nome que o frade adotou na Ordem de S. Jerónimo e infere o ano a partir duma nota marginal apostada no tratado *Contra os juízos dos astrólogos* que Beja redigiu em 1523, na qual se pode ler a informação de que «era ho autor de 30 annos quando fez este livro»<sup>2</sup>. A estes dados sumários, acrescenta apenas a data da profissão no mosteiro de Penha Longa, em Sintra – 13 de abril de 1517 – e o elenco das obras que terá produzido, todas impressas em Lisboa por Germão Galharde: *Contra os juízos dos astrólogos* (1523); a tradução da epístola de S. João Crisóstomo *Nemo læditur* (1522); *Breve doutrina e ensinança de príncipes* (1525). Note-se que o abade de Sever parece não ter tido notícia do *Memorial de pecados*, também composto pelo nosso autor e igualmente impresso por Germão Galharde, em 1529. Pelo frontispício das obras de que se conhecem exemplares<sup>3</sup>, ficamos ainda a saber que era licenciado, certamente em Teologia, como avançou Joaquim

1 Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*. Tomo I, Lisboa: 1741, p. 218.

2 Cf. Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. VIIv.

3 A tradução da epístola de S. João Crisóstomo tem sido impossível de localizar, apesar da informação dada por António Ribeiro dos Santos na *Memória para a História da Typographia Portugueza do Século XVI* (in *Memórias de Litteratura Portugueza*. Tomo VIII. Parte I. Lisboa: Officina da Real Academia das Sciencias, 1812, p. 99) de que existiria um exemplar na Livraria de Enxobregas e que seria «o único que sabemos que haja em Portugal»).

de Carvalho<sup>4</sup> e Mário Tavares Dias encontrou confirmado nas *Memorias dos estudos, em que se criarão os monges de S. Ieronymo, e suas mudanças desde o tempo da sua fundação em Portugal, athe o feliz reynado do Fidelissimo Sñr. Rey D. José o primeyro que Deos Guarde*, publicadas no volume VI do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (1921)<sup>5</sup>. Por último, podemos ainda concluir que o nosso autor já se encontrava em Penha Longa em 1518, uma vez que nos relata a sua experiência pessoal direta do que terá sido uma grande inundação – convenientemente associada a um fenómeno diluviano – vivida no mosteiro no dia 23 de janeiro desse ano<sup>6</sup>.

A obra que agora se reedita – *Contra os juízos dos astrólogos* – teve na sua génesis uma necessidade circunstancial, mas imperiosa, a julgar pelo empenho posto pela rainha D. Leonor na sua elaboração e pela rapidez do processo que a fez sair dos prelos de Germão Galharde. Com efeito, ao contrário do que terá sucedido com o *Memorial de pecados* que, embora já estivesse pronto em 1524, apenas sairia em letra de forma em 1529<sup>7</sup>, o *Contra os juízos dos astrólogos* passou rapidamente de manuscrito a impresso. A carta-dedicatória dirigida à viúva de D. João II leva a data de 22 de janeiro de 1523, o que indicará que o autor teria o texto do tratado pronto para ser enviado ao impressor; por outro lado, o cólofon informa que a oficina de Galharde teria terminado a sua tarefa «a sete dias de Março» do mesmo ano. Entre as duas datas medeia escasso mês e meio, o que deixa perceber a urgência a que o tratado do frade jerónimo pretendia responder e a celeridade com que teve de executar a sua tarefa. Não

4 No estudo introdutório «O livro “Contra os juízos dos astrólogos” de Fr. António de Beja», que antecede a edição diplomática do texto de Fr. António de Beja (*Contra os Juízos dos Astrólogos*, Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943, p. 15).

5 Mário Tavares Dias, «Introdução», in Frei António de Beja, *Breve Doutrina e Ensinaça de Príncipes*. Reprodução fac-similada da edição de 1525. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1965, p. 9, transcreve da página 215 do volume VI do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*: «foy licenciado em Theologia, e grandemente versado na Liçao dos Sanctos Padres, e dos aotores profanos, chegando a adquirir por este respeyto hum grande nome».

6 «atee as oyto horas do dia: asi se abrijram os çeos e cayo tanta agoa naqueles montes e altas serras (que por sua fragosa altura e por sermos a elles tam subjectos nos poem muitas vezes temor e espanto) que vindo a noos em grandes rios: rompeo as paredes do cerço per sete partes: encheo a crasta e muitas casas de agoa em grande altura. Arrancou arvores e derribou huña fonte que pera o lugar era feita com notavel artificio. E vindo finalmente ao mar com muitas perdas que fez: levou consigo a ponte de Cascaes». Frei António de Beja, *Contra os juízos dos astrologos*, Lisboa: German Galharde, 1523, fo. VIIIr.

7 Sobre esta obra, veja-se o estudo de Maria de Lurdes Correia Fernandes, «1524 – Contexto confessional e «memória de pecados. A propósito do *Memorial de pecados* de Fr. António de Beja». No prelo.

será muito arriscado concluir que Beja terá respondido a uma encomenda urgente feita para uma circunstância concreta e perfeitamente datada, pela viúva de D. João II ao seu «contínuo orador» – fórmula com que se identifica no encerramento da epístola em que dedica o livro à soberana.

De facto, a elaboração e a impressão da obra estão intimamente relacionadas com os prognósticos sobre a ocorrência de um dilúvio nos primeiros dias de fevereiro de 1524, motivado pela conjunção de Saturno, Júpiter e Marte no signo de *Piscis*, o qual deveria ser «*talem profecto qualem a pluribus saeculis ab historiographis aut natu maioribus vix perceperimus*»<sup>8</sup>, isto é, na tradução do próprio Beja, «este ajuntamento nos promete húa tam grande e tal alteraçam: qual nunca lemos / nem ouvimos em algum tempo de nossos mayores»<sup>9</sup>. A expectativa de tal cataclismo, alimentada por uma intensa polémica desenvolvida entre astrólogos<sup>10</sup>, teólogos e filósofos ao longo de vários anos, com especial expressão em textos impressos entre 1517 e 1523<sup>11</sup>, acabaria por atingir os diferentes estratos sociais, numa demonstração do crédito de que a astrologia gozava então na cultura das classes populares urbanas, acabando por gerar um pânico coletivo<sup>12</sup>. Ottavia Niccoli cita o astrólogo Silvestre Lucarelli, o qual, referindo-se à situação em Roma nos inícios de 1524, registava: «Plurimos, ne dicam omnes, ac cuiusque conditionis homines, diluvium valde pertimescere»<sup>13</sup>.

8 Johann Stöefer & Jacob Pflaum, *Almanach nova plurimis annis venturis inseruientia per Ioannem Stoefflerinum Iustingensem et Iacobum Pflaunem Vlmensem accuratissime suppeditata: et toti fere Europe dextro sydere impartita*. Veneza: Lichtenstein, 1504, fo. 387r.

9 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. XIIv.

10 Como assinala Stefano Caroti, «la diffusione dei pronostici per il diluvio del 1524 fu l'occasione anche per un'importante messa a punto del problema dell'autorità all'interno dell'astrologia». O debate opôs os partidários de Ptolomeu, que fundamentavam os prognósticos nos eclipses do Sol e da Lua, aos conjuncionistas, que tinham adotado as teorias defendidas por Albumasar e Messehala. Segundo Caroti, «sulla superiorità di Tolomeo e il rifiuto di Albumasar si divisero i pareri: con Nifo si schierarono Albert Pigghe, Cornelio Scepper, Georg Tannstetter e Ramberto Malatesta, mentre in difesa di Albumasar scesero Giannotti, Giovanni Stöffler, Tommaso Rocha e Giovanni Abioso da Bagnoli» (Stefano Caroti, *L'astrologia in Italia*, Roma: Newton Compton editori, 1983, p. 270-271).

11 Um elenco representativo destas publicações (ainda que não seja exaustivo), é oferecido por Joaquim de Carvalho no estudo introdutório «O livro “Contra os juízos dos astrólogos” de Fr. António de Beja», que antecede a edição diplomática do texto de Fr. António de Beja (*Contra os Juízos dos Astrólogos*, Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943, p. 8-13).

12 Cf. Ottavia Niccoli, *Profeti e popolo nell'Italia del Rinascimento*, Roma-Bari: Laterza, p. 185-186.

13 S. Lucarelli, *Prognosticon anni MDXXIV...*, citado por Ottavia Niccoli, *idem*, p. 187.

Também em Portugal, a crermos no testemunho de Frei António de Beja, o anúncio da catástrofe iminente terá dado origem a uma reacção de pânico generalizado:

[...] a qual nova assy pos spanto aos nossos portugueses e naturaes: que sendo esquecidos da esforçada fama de seus mayores vieram cayr. E sam postos em tanto temor: que nam ousam alguuns edificar casas: nem fazer outros edificios: com medo que ham pouco de durar. e outros buscam lugares poostos em altos montes onde pera o dito anno se vam e acolham. Outros imaginam e cuidam em seus pensamentos fazer navios e archas em que se metam e escapem de tanta tormenta.<sup>14</sup>

Como lembra Niccoli, ainda que o medo se tivesse espalhado por toda a sociedade, são múltiplos e diversos os canais que serviram, em cada estrato, para transmitir estes prognósticos, indo desde os tratados em língua latina até à transmissão oral, passando pelas trocas epistolares, os opúsculos em vernáculo ou outras formas de divulgação, nomeadamente os sermões<sup>15</sup>. Confirmando, de algum modo, este processo, Beja destaca, no seu tratado, o efeito provocado por uma «sentença de frey Gregorio de modica da ordem dos pregadores, ha qual divulgou em huum juyzo que veo da ytalia. muy notorio a todos e a quem se daa muyta fee nesta terra [...]. O qual padre alem de outras cousas que diz spantosas: escreveo com mais ousada certeza neste caso do que nenhum outro falou»<sup>16</sup>.

Neste contexto, é provável que a própria rainha D. Leonor partilhasse em alguma medida o receio da população, a julgarmos pela recomendação que o autor lhe faz na carta-dedicatória para que, também ela, tire proveito da leitura da obra: «E tendo tempo manda leer porque certo achara cousas de

14 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 5v.

15 Cf. Ottavia Niccoli, *idem*, p. 187, onde a autora cita as palavras escritas em novembro de 1523 por Giacomo Tiburzi, um médico de Pergola, no ducado de Urbino, em que este salienta que, nos anos precedentes, o dilúvio tinha sido «ab astrologis praenunciato, a circulatoribus in foro decantato, ac a viris religiosis in rostris universo audiente populo divulgato».

16 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 10r-10v. Tal como sucedeu a Pedro Campos Franke, que afirma não ter encontrado «outra referência a Frei Gregório de Módica e seus escritos» (*O ofício dos sábios. Filosofia e ação na obra de Frei António de Beja*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010, p. 93, n. 333), também nós, apesar de todos os esforços desenvolvidos, não conseguimos identificar esta personagem.

contentamento: e que alem do proveito comum: tiraram qual quer escrupulo que vossa real pessoa neste caso tiver»<sup>17</sup>. Neste sentido, como já foi salientado por Pedro Campos Franke<sup>18</sup>, o autor assume plenamente a sua condição de teólogo moral e, dirigindo-se diretamente à soberana, alerta para a degradação dos costumes que se viveria nesses anos 20 de Quinhentos, e que justificaria, seguramente, que Deus aplicasse à humanidade um castigo divino semelhante ao que infligira em tempos de Noé:

Que couisas (excellentissima senhora) podiam ser naquelles dias de tanta offensa pera deos que agora mais nom aja: certo connosco temos as causas: e nom faltam os azos de pecar. Presentes sam a nos tantas maldades: quantas nunca pudeeram ser. nom faltam agora excusadas tiranias nos reys: nem pouco justas e encubertas oppressoões e peytas no povo: maas governanças: e yrosos mandadores. Presentes sam a nos desenfreados impetos e nom temperados movimentos: nom falecem inimizades contendas: doestos: injurias. mortes: furtos: e outros males: que por descuydo da justiça muytas vezes se cometem. Das infamias e falsidades que os pouco temeroosos de deos alevantam cada dia em perjuyzo de seus proximos: nom falo. nem nomeo outros trautos e nom honestas maneyras de viver que ha subida maldade dos humanos acha cada dia com que deos se offende. Quem tolheraa (serenissima senhora) a divinal vingança: onde vemos tam justa causa: misericordioso he deos: mas nom se esqueçe de sua justiça: e jaa prouvesse a elle que os castigos e açoutes que padecemos: fossem pera nossa correyção e emmenda diz sancto augustinho: mas aay que vejo couisas denunciativas do fim e tempos derradeyros onde convem que vellemos: porque vijndo ho sumo deos ha julgar: nos ache despostos. e demos bôa rezão de nossas vidas. Certo dos tempos finaes: que julgando por ho que vemos: nom podem muyto tardar.<sup>19</sup>

Apesar de tudo, Frei António de Beja previne que não elaborou o seu texto com o propósito de assustar a rainha e outros eventuais leitores com perspectivas apocalípticas. Como se explicita logo na folha de rosto, o frade jerónimo «fez e copilou de muitos doutores católicos e santos» este tratado visando, em primeira linha, a «consolação dos fiéis» e, acrescentaremos nós,

17 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 4r.

18 Pedro Campos Franke, *idem*, p. 95-97.

19 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 15r-15v.

também a tranquilidade de D. Leonor. Para alcançar tal objetivo, o autor teve, inevitavelmente, de entrar na vasta polémica sobre os prognósticos diluvianos para 1524, tomando partido contra aqueles que, como Stöffler, o consideravam inevitável. Não sendo ele próprio um astrólogo, Beja recorre aos argumentos avançados por Agostino Nifo no seu tratado *De falsa diluvii prognosticatione* para refutar a possibilidade de vir a verificar-se um novo dilúvio universal, ou até, de forma mais geral, a capacidade de qualquer astrólogo para conhecer previamente a ocorrência em Portugal (ou em qualquer outro país concreto) de um eventual fenómeno do mesmo tipo, ainda que de âmbito mais restrito, fosse uma inundação de excepcional dimensão ou uma seca prolongada, baseando-se apenas na análise das conjunções astrais. Nifo tinha sido um dos primeiros a contestar os prognósticos avançados no *Almanach* de Stöffler e Pflaum<sup>20</sup> e o seu texto circulou abundantemente em edições impressas pelo menos desde 1517<sup>21</sup>. Cerca de 1520, fora publicada em Sevilha uma tradução em castelhano por Cristóbal de Arcos com o título de *Reprobación nuevamente ordenada contra la falsa prognosticación que dizen que será el año d. M.d.xxiiii. por el ayuntamiento y conjunción de todos los planetas en el signo de Piscis: compuesta por el excelente philósopho Augustino nipa suesano* (Sevilha, s/d) que Frei António de Beja poderá ter conhecido, embora se tenha seguramente servido, para a elaboração do seu próprio tratado, do texto latino.

Como notou Joaquim de Carvalho, Frei António de Beja seguiu muito de perto alguns capítulos dos dois primeiros livros de Nifo – nomeadamente, os capítulos I e IV do Livro Primeiro; os capítulos VI, VII, VIII, XII ou XIV do Livro Segundo... – e reteve alguns conceitos, de que a distinção entre «dilúvio cósmico» e «dilúvio provincial» pode ser um exemplo<sup>22</sup>. A dependência de

20 Stefano Caroti, *L'astrologia in Italia*, cit., p. 270-271.

21 Joaquim de Carvalho refere edições em 1517 (Florença), 1519 (Nápoles), 1520 (Florença, Augsburgo e Bolonha), 1521 (Roma) e 1522 (Bolonha).

22 Cf. Joaquim de Carvalho, «Nota. Sobre as fontes literárias: Pico della Mirandola e Agostinho Nifo». In Fr. António de Beja, *Contra os Juízos dos Astrólogos*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943, p. 109.

Nifo estabelece a distinção no capítulo VII do Livro Segundo: «Et utrumque horum duplex, alterum per uniuersam terrarum universale, quod veteres mundiale, græce cosmicum appellarunt. Alterum provinciale: quod græce choristicon, latine secundum aliquam terræ regionem particulare appellatur». Beja retoma a distinção entre estes dois tipos de dilúvio, utilizando, no entanto, os termos «universal» e «particular»: «E qualquer destes [cathacismo e diluvio] se toma e torna dividir em duas maneiras. ca vijndo tanta agoa que cobrisse toda a terra diríamos entonce que este diluvio era universal. Mas se vem soomente agoa em multitudam sobre hūa parte de terra: çidade ou regiam. chamase por isto diluvio particular»

Nifo pode igualmente ilustrar-se com a digressão histórica que faz pelos vários «dilúvios particulares», que se encontra quase toda no capítulo VIII do Livro Segundo do *De falsa diluvii prognosticatione*, ainda que lhes acrescente alguma informação nova, nomeadamente a que terá encontrado nas *Etimologias* de Isidoro de Sevilha<sup>23</sup>. A este propósito, note-se o desejo manifestado por Beja de enriquecer o seu texto com exemplos de dilúvios ocorridos em Portugal, o que não pôde fazer devido a uma completa ausência de registos, o que o leva a lamentar-se:

de muitas excelencias: com que a magnifica e larga mão do senhor: dotoou e ornou a esforçada e belicosa naçam portugues. Nisto os fez sobre outros tam remissos: que nom curando mais que do presente: os notaveis feitos de seus naturaes (que as gentes alheas louvam e escrevem) dexaaram elles e muitas vezes agora dexam (posto que nom tanto como jaa foy) de notar e escrever: pera que ficasem em vertuoso exemplo: e memoria notavel aos que aviam de vir.<sup>24</sup>

Apesar de seguir de perto o texto de Nifo, Frei António de Beja não quis ficar limitado ao circunstancialismo da ocorrência astral prevista para o futuro imediato. Mostrando-se mais ambicioso, o nosso autor pretendeu aproveitar a oportunidade para abordar o tema da Astrologia duma perspectiva mais ampla, com o objetivo central de descredibilizar, desde um ponto de vista moral, os astrólogos judiciários, isto é, aqueles que afirmavam poderem prever o futuro com base na observação dos astros e, em especial, das conjunções que estes desenhavam entre si. É este o propósito fundamental da «Parte Segunda Principal» deste tratado *Contra os juízos dos astrólogos*, na qual recorre abundantemente a Giovanni Pico della Mirandola e às suas *Disputationes adversus astrologiam divinatricem*.

Beja teve seguramente acesso a um exemplar impresso desta obra do Conde de Concordia, da qual traduz extensos excertos, resume argumentos,

(Frei António de Beja, *Contra os juízos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 6r).

23 Nomeadamente no capítulo 22 do Livro XIII.

24 Frei António de Beja, *Contra os juízos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 8r. Talvez valha a pena assinalar como Beja ecoa neste passo um tópico que tinha sido já evocado por Garcia de Resende no início do breve prólogo que escreveu para o *Cancioneiro Geral* (1516): «Porque a natural condiçam dos Portugueses é nunca escreverem cousa que façam, sendo dinas de grande memória, muitos e mui grandes feitos de guerra; paz e virtudes, de ciênciencia, manhas e gentilezas sam esquecidos».

colhe exemplos, cita autoridades. Desta obra existe atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal um exemplar impresso em Bolonha por Benedetto Faelli, em 1496 (incunáculo 1502), cujo pertence indica que esteve no mosteiro de Penha Longa. Naturalmente, não é possível saber se o volume aí se encontrava quando Beja estava a redigir o seu tratado e, muito menos, conhecer o percurso que o livro terá feito até aí chegar. Seria sedutor para nós pensar que a rainha D. Leonor ou o rei D. Manuel teriam diligenciado no sentido de dotar a livraria do mosteiro com esse volume de obras do Conde de Concordia, mas, sem identificarmos com segurança a assinatura do pertence que subscreve a indicação «de pera longa», nenhuma conclusão podemos tirar quanto à data em que a obra terá entrado na posse desta morada dos jerónimos em Portugal.

Fosse como fosse, teria sido impossível a Beja escrever o seu tratado sem ter diante dos olhos a obra de Pico, que representa para ele um enorme manancial de informação ao qual recorre sempre que tal lhe parece útil e do qual se serve com grande liberdade para defender os seus próprios pontos de vista. Tem-se discutido se Frei António de Beja deve ser considerado um discípulo de Pico della Mirandola ou não. Não havendo dúvidas quanto ao facto de o português conhecer intimamente o texto do florentino, a verdade é que faz dele um uso instrumental ao serviço da doutrina moral que deseja defender. De algum modo, poderá dizer-se que desvia a argumentação de Pico do seu propósito final puramente humanista e põe-na ao serviço da moral tomista que defende. Mais do que defender o *magnum miraculum* que é o Homem e a sua liberdade essencial para decidir o próprio destino, o frade jerónimo persegue o objetivo de pôr a nu as mentiras da astrologia judiciária e denunciar a corrupção moral dos que dela se servem para enganarem os ignorantes e, assim, enriquecerem à custa deles. Na verdade, toda a «Parte Segunda» do tratado parece estar organizada em função dos três capítulos finais em que o autor está convencido de que «Prova per muitas autoridades que ha falsa arte dos juyzos e sciencia de adivinhar foy sempre reprovada e asi prova que por nenhúa maneira nem em caso algum he licito deitar juizos». Para atingir este fim, valem tanto as sentenças filósofos antigos ou «o dito de Avicena», diretamente colhidos na obra de Pico, como as profecias da Sagrada Escritura ou os «ditos dos santos doutores». O que importa, em última instância, para Frei António de Beja não é tanto preservar a liberdade como marca específica de cada ser humano – uma conceção central no pensamento do florentino definitivamente expressa na *Oratio de hominis dignitate* (1496) –, mas antes «evitar alguns erros e males que se exercitam nos christãos». A condição de filósofo moral plenamente sintonizado com a *Summa Theologiae* de S. Tomás

de Aquino parece inibir em Frei António de Beja qualquer rasgo de proto-humanismo renascentista que o convívio íntimo com as *Disputationes adversus astrologiam divinatricem* pudesse gerar.

Para Frei António de Beja, os erros mais «escandalosos» da astrologia judiciária e que a tornam particularmente perigosa para a fé cristã prendem-se com o determinismo absoluto que pressupõe, o qual, em última instância, acaba por pôr em causa tanto o livre arbítrio do Homem como a omnipotência do Criador:

Ca elles: nom sapientes ad sobrietatem (segundo paulo) stulti facti sunt. em tanta maneira que atribuem e dam poder aas estrellas sobre a vida e moorte: e presuem por ellas dizer outros muitos futuros acontecimentos que ho padre celestial soomente pos em seu poder. estes asi escarneçem o entendimento e alma dos fracos mortaes desejoosos de saber as cousas vindoyras: que presumem com seus juyzos destruir em elles ho poder do libero arbitrio: que he nossa vontade. os quaes com esta fee que dam aos astrologos prouesse a deos que oulhassem e creessem que o fazedor das estrellas tanta força e poder pos em ellas quanto quis. reservando pera si ho principado e senhorio sobre todo ho que criou: e que pera mais as nom fez salvo pera servirem a deos e pera mostrar em ellas seu poder acerca do que diz david. Celi enarrant glorian dei: et opera eius anuunciat firmamentum. Estes tiram com suas falsas ymaginações tanto poder ha providencia e bondade divinal que afirmam algum ser bem fortunado e prosperado nesta vida soo por a influencia e constellaçam da estrella de seu nascimento. e outros muitos erros de que os nefandissimos livros de suas escrituras estam cheos.<sup>25</sup>

Com as suas «vaidades», os astrólogos judiciários «vam [...] em tanto crescimento que nom satisfeitos da terra sobem ao çeo pondo o dedo em deos»<sup>26</sup>. Objetivamente, a prática destes «adivinhadores» torna-se blasfema ao limitar o poder divino sobre um universo que foi por Ele criado, enquanto, por outro lado, ao pressupor a negação do uso do livre arbítrio ao ser humano, o iliba da responsabilidade pelos seus atos e, consequentemente, da culpa perante Deus. Combater estes e outros erros teológicos que os astrólogos cometem com os seus «juízos» foi o propósito último de Frei António de Beja quando

25 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 30v-31r.

26 Frei António de Beja, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa: Germam Galharde, 1523, fo. 31v.

decidiu aproveitar a circunstância que a encomenda da rainha D. Leonor lhe oferecia para se ocupar, à sua maneira, de um tema central do humanismo renascentista. A sua abordagem, no entanto, diverge da perspetiva que Pico della Mirandola segue, mesmo se este fornece ao jerónimo português muito do arsenal que emprega no seu combate. Como escreveu Cândido dos Santos, nesta obra o autor «encara o problema do ponto de vista do teólogo, não do humanista»<sup>27</sup>.

27 Cândido Dias dos Santos, *Os monges de S. Jerónimo em Portugal na época do Renascimento*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação, 1984, p. 77.

## CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Como reconhecia Joaquim de Carvalho em 1943, o livro *Contra os juízos dos astrólogos* – tal como todos os outros de Frei António de Beja – é de «extrema raridade». Para justificar a oportunidade dessa publicação, o editor referia, até, o risco de a obra desaparecer, «como parece ter-se dado com outros escritos do autor»<sup>1</sup>. Na verdade, só se conhecia, então, um único exemplar que teria pertencido a Fernando Palha e fora comprado para integrar o acervo da secção portuguesa da Harvard College Library, onde ainda hoje se encontra, com a cota *Houghton Library GEN 24232.237\**. A este exemplar veio juntar-se entretanto o que pertenceu a Henrique da Gama Barros e se guarda na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde tem a cota *R-14-10*. Falta-lhe a última folha, onde terminava a «Tauoa pera facilmente poder: achar cada hũ os capitulos deste liuro».

Tendo em conta a dificuldade de acesso a esta obra e o seu significado cultural enquanto documento indispensável para o conhecimento do pensamento português nas primeiras décadas do século XVI, decidimos oferecer duas versões do texto:

1. Uma versão semidiplomática reproduzindo o conteúdo do exemplar de Coimbra, na qual reduzimos as intervenções ao mínimo indispensável para tornar a decifração do texto menos fastidiosa para o leitor contemporâneo. Assim, separaram-se as palavras de acordo com o uso moderno;

1 Joaquim de Carvalho, «O livro “Contra os juízos dos astrólogos” de Fr. António de Beja», In Fr. António de Beja, *Contra os Juízos dos Astrólogos*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943, p. 18.

desdobraram-se as abreviaturas (incluindo a nasalização representada segundo a ortografia atual, por «m» ou «n», com exceção do artigo definido feminino «húa» e de todas as ocorrências similares («algúa», «nenhúa», «luúa»); a letra «u» com valor consonântico foi substituída pela letra «v»; a nota tironiana foi representada pela conjunção «e». O texto do índice que constava da folha em falta no exemplar coimbrão foi reproduzido a partir da edição de Joaquim de Carvalho, de 1943, o qual recorreu a fotocópia do exemplar de Harvard.

2. Uma versão interpretativa, na qual se modernizou a ortografia e a pontuação, mantendo embora os arcaísmos lexicais e a sintaxe, que correspondem ao uso da língua portuguesa nas duas primeiras décadas do século XVI. Nesta segunda versão, privilegiou-se a limpidez do texto, de modo a propiciar uma leitura fluida a um público não erudito, pouco familiarizado com os hábitos gráficos dos impressores de Quinhentos, sem deixar de garantir o rigoroso respeito pela integridade da obra de Frei António de Beja.

## **CONTRA OS JUÍZOS DOS ASTRÓLOGOS**

### ¶ Contra os juyzos dos astrologos.

Breve tratado contra a opiniam de alguuns ousados astrologos: que per regras de astrologia nom bem entendidas ousam em publico juyzo dizer: que ha quattro ou cinco dias de fevereiro do anno de .1524. por ajuntamento de alguuns planetas em ho signo de piscis: sera gram diluvio na terra. Ho qual tratado pera consolaçam dos fiees: fez e copilou de muytos doctores catholicos e sanctos. ho licenciado frey Antonio de beja da ordem do bem aventurado padre e doctor esclarecido da ygreja sam Hieronimo. e foy per elle dedicado e oferecido aa christianissima senhora ha senhora raynha dona Lianor de portugal. Aqui veram tambem que cousa he astrologia: e os males e erros que causa sua incerteza e pouca verdade: e como se nom deve dar fe em nenhūa cousa aos astrologos. Ho que tambem manifesta per ditos de muy antigos e santos doutores. A qual obra se imprimio por mandado de sua alteza.

*Ora pro nobis / Beate pater hieronime.*

### ¶ Aa serenissima e muyto alta senhora ha raynha dona Lianor. Epistola de frey Antonio de beja: da ordem do sanctissimo padre sam Hieronomo: em que poem dous males que faz a ignorancia: e daa causas que ho moveram fazer esta obra.

De muytos males (excellentissima senhora) que traz consiguo ha ygnorancia e pouco saber: he este huum que nos dizem. E daa licença e ousadia aos nom prudentes sabios: pera que desejando ser estimados: passem os termos da verdadeira sciencia: procurando contra ho precepto apostolico saber mais do que a elles: segundo ha fraqueza humana he necessario: e digam coucas que por sua novidade dem a eles nome de falsa fama e nos pouco exercitados juyzios ponham spanto quando as ouvem. E deixadas muitas que alguuns occultos e encubertos discipolos de sathanas: morando antre nos per ensinâncias diabolicas e prohibidas artes na ley de deos. Ensinam e dizem aos pobres e fracos: que tendo nome de christiões sam pouco exercitados na sancta e verdadeira scola da christandade: per que os fazen creer e fazer abhominaveis coucas.<sup>1</sup> Nom calarey hūa que se diz ser fundada em sciencia astrologica (reprovara em aquella parte que poem regras de fazer juyzos: e per que alguuns tomam temeraria licença pera dizer e adivinhar o que haa de vijr e saber de certeza o que a soo deos pertençe) Em que se prega e nom com pequeno

1 Na margem: *fala dos nigromanticos e feitiçeiros.*

### **Contra os juízos dos astrólogos.**

Breve tratado contra a opinião de alguns ousados astrólogos que por regras de Astrologia não bem entendidas ousam em público juízo dizer que a quatro ou cinco dias de fevereiro do ano de 1524, por ajuntamento de alguns planetas em o signo de Piscis, será grão dilúvio na terra. O qual tratado, para consolação dos fiéis, fez e compilou de muitos doutores católicos e santos o licenciado frei António de Beja, da ordem do bem-aventurado padre e doutor esclarecido da igreja são Jerónimo, e foi por ele dedicado e oferecido à cristianíssima senhora, a senhora rainha dona Leonor de Portugal. Aqui verão também que coisa é Astrologia, e os males e erros que causa sua incerteza e pouca verdade, e como se não deve dar fé em nenhuma coisa aos astrólogos. O que também manifesta por ditos de mui antigos e santos doutores. A qual obra se imprimiu por mandado de sua alteza.

*Ora pro nobis / Beate pater Hieronime.*

**À sereníssima e muito alta senhora, a rainha dona Leonor. Epístola de frei António de Beja, da ordem do santíssimo padre são Jerónimo, em que põe dois males que faz a ignorância e dá causas que o moveram fazer esta obra.**

De muitos males, excellentíssima senhora, que traz consigo a ignorância e pouco saber, é este um que nos dizem, e dá licença e ousadia aos não prudentes sábios para que, desejando ser estimados, passem os termos da verdadeira ciência procurando, contra o preceito apostólico, saber mais do que a eles, segundo à fraqueza humana, é necessário, e digam coisas que por sua novidade deem a eles nome de falsa fama e nos pouco exercitados juízos ponham espanto quando as ouvem.

E deixadas muitas que alguns ocultos e encobertos discípulos de Satanás, morando entre nós, por ensinâncias diabólicas e proibidas artes na lei de Deus ensinam e dizem aos pobres e fracos que, tendo nome de cristãos, são pouco exercitados na santa e verdadeira escola da cristandade, por que os fazem crer e fazer abomináveis coisas<sup>1</sup>, não calarei uma que se diz ser fundada em ciência astrológica (reprovada naquela parte que põe regras de fazer juízos e por que alguns tomam temerária licença para dizer e adivinhar o que há de vir e saber de certeza o que a só Deus pertence) em que se prega, e não com pequeno

1 Na margem: Fala dos nigromânticos e feiticeiros.

alvoroço divulga neste reyno: que no anno de .1524. a quatro: ou cinquo dias de Fevereiro ha de ser gram diluvio na terra. Certo cousa (excellentissima senhora) nom tanto de notar por sua novidade como de maravilhar. Por nom aver antre nos parisiana sciencia: nem romana ousadia pera resistir aos publicadores de tanto alvoroço<sup>2</sup>: mas porque nom hay libro tam maa: diz plinio: que alguña cousa nom tenha bôoa: nem hay arte ou sciencia sem proveito: nem juyzo criado em vâao. E vemos que huña pequena candea des- cobre gram tocha: e hum pobre homem gram thesouro. Ca tem de custume deos em esta vida revelar verdades e misterios alguuns secretos aos desprezados pobres: que muitos tempos foram escondidos aos grandes e poderosos sabios. como diz ho evangelho. Nom dexarey de culpar a pouca diligencia de alguuns naturaes nossos: que tendo letras e poder pera yssso: nom querem. estando ocupados no temporal: ler livros de antiga e virtuosa doutrina em que acharam ha verdade do que a ysto pertence. E por tanto vendo eu que nenhuum resiste: mas calandose quasi consintem em novas de tanto dano: posto que de menos saber que todos seja: e pouco conhecido por ho apartamento da vida e lugar hermo. em que segundo a condiçam de meu abito e ordem vivo zeloso da saude dos fieis: por espertar os que mais sabem: e por nom ser em este caso acusado de silencio desagradecido: nom querendo esconder ho talento de algum pequeno conhecimento de sabedoria: que ho senhor por sua bondade com algum trabalho meu foy servido a mym comunicar. Segundo a doctrina dos sanctos e sentença dos que mays entendem: direy ho que neste caso se deve teer e creer. E nom se maravilhe alguum de meu atrevimento. contra pesoas de tanto saber e autoridade como sam ao parecer de fora as que isto dizem: porque neste caso e outros que a honra de deos pertencem: se me eu calar diz ho propheta: as pedras bradaram. E mais ho fiz por nom ser culpado na sentença do senhor: que falando a Ezechiel propheta em pesoa dos prelados e pregadores que callam e nom querem dizer verdade[s]: saudaveis ao povo. per que deos he louvado: e os pecados

2 Na margem: *Dis ysto porque antigamente estes contra diziam os adivinhadores como pareçera em o processo.*

alvoroço divulga neste reino, que no ano de 1524, a quatro ou cinco dias de fevereiro, há de ser grão dilúvio na terra.

Certo coisa, excellentíssima senhora, não tanto de notar por sua novidade como de maravilhar por não haver entre nós parisiana ciência nem romana ousadia para resistir aos publicadores de tanto alvoroço<sup>2</sup>; mas porque não há livro tão mau, diz Plínio, que alguma coisa não tenha boa, nem há arte ou ciência sem proveito, nem juízo criado em vão, e vemos que uma pequena candeia descobre grã tocha e um pobre homem grão tesouro, ca<sup>3</sup> tem de costume Deus nesta vida revelar verdades e mistérios, alguns secretos, aos desprezados pobres que muitos tempos foram escondidos aos grandes e poderosos sábios, como diz o Evangelho, não deixarei de culpar a pouca diligência de alguns naturais nossos que, tendo letras e poder para isso, não querem, estando ocupados no temporal, ler livros de antiga e virtuosa doutrina em que acharam a verdade do que a isto pertence.

E portanto, vendo eu que nenhum resiste, mas calando-se quase consentem em novas de tanto dano, posto que de menos saber que todos seja e pouco conhecido pelo apartamento da vida e lugar ermo em que, segundo a condição de meu hábito e ordem, vivo zeloso da saúde dos fiéis, por espertar os que mais sabem e por não ser neste caso acusado de silêncio desagradecido, não querendo esconder o talento de algum pequeno conhecimento de sabedoria que o Senhor por sua bondade, com algum trabalho meu, foi servido a mim comunicar, seguindo a doutrina dos santos e sentença dos que mais entendem, direi o que neste caso se deve ter e crer. E não se maravilhe algum de meu atrevimento contra pessoas de tanto saber e autoridade como são, ao parecer de fora, as que isto dizem, porque neste caso e outros que à honra de Deus pertencem, se me eu calar, diz o profeta, as pedras bradarão<sup>4</sup>.

E mais o fiz por não ser culpado na sentença do Senhor, que falando a Ezequiel, profeta, em pessoa dos prelados e pregadores que calam e não querem dizer verdades saudáveis ao povo, por que Deus é louvado e os pecados

2 Na margem: Diz isto, porque antigamente estes contradiziam os adivinhadores, como aparecerá no processo.

3 Conjunção causal arcaica, que equivale a *porque* no Português atual. Como explica Frei Domingos Vieira, esta conjunção tem etimologicamente origem no latim *qua re* (= pela qual cousa), verificando-se depois a elipse usual de *re*, como em *nada*, de *res-nata*. Cf. *Grande Diccionario Portugez*, Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu de Moraes, 1873, vol. II, p. 3.

4 Lucas, 19:39-40: «Et quidam pharisæorum de turbis dixerunt ad illum: Magister, increpa discipulos tuos. Quibus ipse ait: Dico vobis, quia si hi tacuerint, lapides clamabunt.»

reprehendidos: em ho capitu. iij. dizia. Eu te pus: oo filho do homem: por pro-  
vedor e atalaya em a casa de ysrael que he a ygreja: por que tudo ho que ouvires  
de minha boca: que sam as doutrinas sanctas e divinaeis digas e declares ao  
povo. Donde se segue diz deos: que se por teu calar e falta de tua doutrina: ho  
pecador e mao se nom aparta de sua maldade: elle morrera maa: e tu nom  
seras sem culpa de sua danaçam. Sobre a qual palavra diz meu padre hieronimo:  
que hay duas maneiras de maos: huuns que nunca recebeeram doutrina por  
nom terem nem aver quem lha ensinasse: e taes como estes morreraam em sua  
maldade: mas nom sem culpa de quem os nom quis ensinar tendo lugar: officio  
e tempo pera o fazer. Ca grande mal diz (meu padre hieronimo) em este caso  
he: calar as palavras e doutrina divinal por temor: descuydo: ou lisongeiro favor.  
E destes se entende ho que diz ysayas. ve michi quia tacui: ay de mym porque  
caley<sup>3</sup>. Hay outros maoos a quem cada dia he publicada e ensinada a palavra  
de deos: mas elles desprezandoa morrem em sua maldade. e estes taes (diz meu  
padre) posto que pereçam: ficam empero os guiadores e pregadores sem culpa  
de sua damnaçam. Donde parece quanto sam obrigados os que tem este cargo  
de doutrinar: ha continuadamente leer as santas escripturas em que estam as  
palavras doces que saem da boca de deos: pera a virtuosa ensinança dos mor-  
taes: e pera resistir a quanto se diz contra a honra de deos: e determinaçam  
de sua ygreja: como he adivinhar e querer saber de certeza ho que ha de vir.  
E assi gregorio sanctissimo declarando ha parabola ou historia dos talentos que  
huum senhor deu a seus servos<sup>4</sup>: nom recebendo a escusa de alguuns: que sendo

3 Na margem: *Ca. vj.*

4 Na margem: *Luce. XIX.*

repreendidos, no capítulo III, dizia: «Eu te pus, ó filho do homem, por provedor e atalaia na casa de Israel, que é a Igreja, por que tudo que ouvires de minha boca, que são as doutrinas santas e divinais, digas e declares ao povo»<sup>5</sup>. Donde se segue, diz Deus, que se por teu calar e falta de tua doutrina o pecador e mau se não aparta de sua maldade, ele morrerá mau e tu não serás sem culpa de sua danação. Sobre a qual palavra diz meu padre Jerónimo que há duas maneiras de maus: uns que nunca receberam doutrina por não terem nem haver quem lha ensinasse; e tais como estes morrerão em sua maldade, mas não sem culpa de quem os não quis ensinar tendo lugar, ofício e tempo para o fazer, ca grande mal, diz meu padre Jerónimo, neste caso é calar as palavras e doutrina divinal por temor, descuido ou lisongeiro favor. E destes se entende o que diz Isaías: «Ve michi, quia tacui»<sup>6</sup>, ai de mim, porque calei.

Há outros maus a quem cada dia é publicada e ensinada a palavra de Deus, mas eles, desprezando-a, morrem em sua maldade; e estes tais (diz meu padre), posto que pereçam, ficam empero<sup>7</sup> os guiadores e pregadores sem culpa de sua danação. Donde parece quanto são obrigados os que têm este cargo de doutrinar a continuadamente ler as Santas Escrituras, em que estão as palavras doces que saem da boca de Deus para a virtuosa ensinanza dos mortais e para resistir a quanto se diz contra a honra de Deus e determinação da sua Igreja, como é adivinhar e querer saber de certeza o que há de vir.

E assim Gregório santíssimo, declarando a parábola ou história dos talentos que um senhor deu a seus servos<sup>8</sup> não recebendo a escusa de alguns que, sendo

5 António de Beja atualiza o texto de Ezequiel, 3:17 («Fili hominis, speculatorum dedi te domui Israël, et audies de ore meo verbum, et annuntiabis eis ex me»), fazendo a correspondência entre Israel e a Igreja e concretizando que o “verbum” são “as doutrinas santas e divinais”.

6 Na margem: Capítulo VI.

António de Beja cita parte do versículo 5: «Et dixi: Væ mihi, quia tacui quia vir pollutus labiis ego sum, et in medio populi polluta labia habentis ego habito, et regem Dominum exercituum vidi oculis meis».

7 Conjunção adversativa arcaica. Frei Domingos Vieira informa que deriva do espanhol *pero* e tem o sentido equivalente a *porém, mas, contudo* em Português atual. Cf. *Grande Diccionario Portuguez*, Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu de Moraes, 1873, vol. III, p. 85.

8 Na margem: *Lucas, XIX.*

Embora a parábola dos talentos se encontre, igualmente, neste capítulo do Evangelho segundo São Lucas, a homilia IX de S. Gregório Magno, «habita ad populum in basilica sancti Silvestri, in die natalis ejus», a que António de Beja alude, centra-se no comentário da narrativa de S. Mateus , 25: 14-30 (cf. Sancti Gregorii Magni, *Homiliarum in Evangelia, Liber I*, in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 76, 1105-1109).

dotados de menos saber que outros: cuydam ser fora deste cuydado e obrigação: diz: nom pense algun por pouco que aja recebido: que sera escusado da negligencia que neste caso e negocio tiver: porque nenhum he livre: e a todos deu deos algum dom pera que o servissem: e mais abaxo diz: asi como o que tem riquezas: por esta obrigaçam nom deve ser descuydado em ho largo exercicio da misericordia. E o que tem arte e particular oficio per que se governa e vive: ha de poer diligencia en repartir ho usso e proveyto della com seu proximo: e o que tem privança e favor com os reys e principes temporaes: he hobrigado trabalhar por ho bem dos pobres: bem assy ho que he dotado de entendimento e dom da sabidoria en qual quer graao que seja: he obrigado ha aproveitar com ella e nom deve calar: mas pregar e dizer toda cousa que pertencer ha louvor de deos: e comum proveyto dos proximos. E sancto augustinho<sup>5</sup> diz: cada huum comunique a outro ho que tem: e toda cousa que ouver demasiada dea ao minguado. Se algum tem dinheiro: dee de comer aos pobres: vista os nuus: edifique ygrejas e obre de seu thesouro: todo bem que poder: e se algum tem bom juyzo e conselho: encaminhe ho errado e tire delle as trevas da duvida. com ha luz de seu peyto. E ho que for dotado de doctrina: comuniquea: pois para isto lhe foy dada da secreta camara de seu senhor. e ministre aos que sam com elle: servos da divinal majestade: os manjares e luz a eles convenientes. conforte e esforçe aos fieis. Aparte do perigoso caminho ao que anda errado. busque ho perdido e faça quanto bem poder. E sam chrisostomo<sup>6</sup> diz. todas as cousas façamos pera comum proveyto de

5 Na margem: *In sermone iudicii.*

6 Na margem: *super matheum.*

dotados de menos saber que outros, cuidam ser fora deste cuidado e obrigação, diz: «Não pense algum, por pouco que haja recebido, que será escusado da negligência que neste caso e negócio tiver, porque nenhum é livre e a todos deu Deus algum dom para que o servissem»<sup>9</sup>. E mais abaixo diz: «Assim como o que tem riquezas por esta obrigação não deve ser descuidado no largo exercício da misericórdia, e o que tem arte e particular ofício por que se governa e vive há de pôr diligência em repartir o uso e proveito dela com seu próximo; e o que tem privança e favor com os reis e príncipes temporais é obrigado [a] trabalhar pelo bem dos pobres; bem assim o que é dotado de entendimento e dom da sabedoria, em qualquer grau que seja, é obrigado a aproveitar com ela e não deve calar, mas pregar e dizer toda coisa que pertencer a louvor de Deus e comum proveito dos próximos»<sup>10</sup>.

E santo Agostinho<sup>11</sup> diz: «Cada um comunique a outro o que tem e toda coisa que houver demasiada dê-a ao minguado. Se algum tem dinheiro, dê de comer aos pobres, vista os nus, edifique igrejas e obre de seu tesouro todo bem que puder; e se algum tem bom juízo e conselho, encaminhe o errado e tire dele as trevas da dúvida com a luz de seu peito. E o que for dotado de doutrina, comunique-a, pois para isto lhe foi dada da secreta câmara de seu senhor, e ministre aos que são com ele servos da divinal majestade os manjares e luz a eles convenientes. Conforte e esforce aos fiéis, aparte do perigoso caminho ao que anda errado, busque o perdido e faça quanto bem puder.» E são Crisóstomo<sup>12</sup> diz: «Todas as coisas façamos para comum proveito de

9 António de Beja glosa as palavras de S. Gregório Magno: «Nullus namque est qui veraciter dicat: Talentum minime accepi, non est unde rationes ponere cogar. Talenti enim nomine cuilibet pauperi etiam hoc ipsum reputabitur, quod vel minimum accepit» (*idem, ibidem*).

10 Tal como na citação anterior, não encontramos aqui uma tradução literal do texto de S. Gregório Magno. António de Beja prefere fazer uma glosa: «Habens ergo intellectum curet omnino ne taceat, habens rerum affluentiam vigilet ne a misericordiae largitate torpescat, habens artem qua regitur magnopere studeat ut usum atque utilitatem illius cum proximo partiatur, habens loquendi locum apud divitem damnationem pro retento talento timeat, si, cum valet, non apud eum pro pauperibus intercedit» (*idem, ibidem*).

11 Na margem: *In sermone iudicii*.

Poderá estar a remeter para o sermão XVIII, «De eodem versu Psalmi XLIX, Deus manifestus veniet, etc.» (*In Santo Agostinho, Sermones. Classis prima. Sermones de Scripturis*, in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 38, 128-131).

12 Na margem: *Super Mattheum*.

«Haec ergo sciamus, pecunias, studium, patrocinium et omnia offeramus ad proximi utilitatem. Talentum enim hic vocantur, quae in cuiusque potestate sunt, sive patrocinium, sive pecuniae, sive doctrina, sive aliud quidquam hujusmodi». (S. Joannes Chrysostomus, *Homiliarum in Mathaeum*, Liber LXXIX. In Migne, *Patrologia Graeca*, vol. 58, 714).

nossos yrmãos e proximos. Ca os talentos e marcos que nos deos daa nom sam outra causa salvo ha virtude e dom que cada huum recebe de deos. assi em ha preminencia da dignidade e riquezas. como em ha doutrina e outro qual quer negocio pera proveito de todos. E mais abaxo diz. por ysto nos deu deos ha graça do falar e a desenvoltura das mãos e pees e ha virtude e força do corpo/ e o sentido e claridade do entendimento. pera que de todos estes dões usemos pera nossa saude e proveyto de nossos yrmaños Ca certo ha vontade de jesu (diz elle) em nenhua causa. se determina tanto: como naquillo que pertence ao bem e salvaçam das criaturas racionaes. E assy como vemos que nos seculares negocios: nenhuum vive pera sy soo: mas todos vivem e exercitam seus officios pera ho que cumpre ao bem de comunidade: por que aproveytem huuns a outros segundo a vida comum: muyto mais necessidade temos de fazer ysto nas couças espirituzaes. Ca neste caso: ho que pera sy soo vive e a todos despreza: homem sobejo he: e por melhor dizer diz Chrisostomo. nom he homem: nem tem de fazer com ha condiçam e linajem dos outros homeens. tome logo V. A. com benigno e alegre vulto esta obra de seu serviço: tanto mays digna de ser recebida. quanto foy feita com mayor vontade de aproveytar ha muitos. que com as novas deste falso diluvio andam desmayados e fora de si. E tendo tempo manda leer porque certo achara couças de contentamento: e que alem do proveito comum: tiraram qual quer escrupulo que vossa real pessoa neste caso tiver. Cuya vida porque sempre he zelosa do proveito geeral: conserve ho todo poderoso deos com muitos dias. Amen. Desta peralonga onde estou capelam e contino orador de. V. A. a. xxij. dias de Janeiro.de.1523.

#### ¶ Principio da obra fundada em huña questam a qual se segue.

Posto que as artes e sciencias disputativas: en que se movem duvidosas questões pera que ha verdade seja sabida: usem (muyto catolica senhora) de termos e palavras: que os sabios segundo seu custume melhor entendem: do que a nossa lingoa e falla vulgar dizer consente. Nom dexarey: por que meu processo seja mais frutifero e comum: conforme ao rudo e baxo stillo de minha pratica: mover e preguntar huña questão nesta maneira. ¶ Pregunto<sup>7</sup> (excellentissima senhora) se ha vulgar opiniam: que ha muitos em nossos dias poem terror e spanto: em que se preega e diz: que ha certos dias de Fevereiro de. 1524. sera diluvio na terra: he verdadeira:

<sup>7</sup> Na margem: *Questam.*

nossos irmãos e próximos, ca os talentos e marcos que nos Deus dá não são outra coisa salvo a virtude e dom que cada um recebe de Deus, assim na preeminência da dignidade e riquezas, como na doutrina e outro qualquer negócio para proveito de todos». E mais abaixo diz: «Por isto nos deu Deus a graça do falar e a desenvoltura das mãos e pés, e a virtude e força do corpo, e o sentido e claridade do entendimento: para que de todos estes dons usemos para nossa saúde e proveito de nossos irmãos. Ca, certo, a vontade de Jesus – diz ele – em nenhuma coisa se determina tanto, como naquilo que pertence ao bem e salvação das criaturas racionais. E assim como vemos que nos seculares negócios nenhum vive para si só, mas todos vivem e exercitam seus ofícios para o que cumpre ao bem da comunidade, por que aproveitem uns a outros segundo a vida comum, muito mais necessidade temos de fazer isto nas coisas espirituais, ca neste caso o que para si só vive e a todos despreza, homem sobrejo é». «E por melhor dizer – diz Crisóstomo – não é homem, nem tem de fazer com a condição e linhagem dos outros homens».

Tome logo V. A. com benigno e alegre vulto esta obra de seu serviço, tanto mais digna de ser recebida quanto foi feita com maior vontade de aproveitar a muitos que com as novas deste falso dilúvio andam desmaiados e fora de si. E tendo tempo, mande-a ler, porque certo achará coisas de contentamento e que, além do proveito comum, tirarão qualquer escrúpulo que vossa real pessoa neste caso tiver. Cuja vida, porque sempre é zelosa do proveito geral, conserve o todo poderoso Deus com muitos dias. Amém. Desta Penha Longa, onde estou capelão e contínuo orador de V. A., a 22 dias de janeiro de 1523.

### **Princípio da obra fundada numa questão, a qual se segue.**

Posto que as artes e ciências disputativas, em que se movem duvidosas questões para que a verdade seja sabida, usem, muito católica senhora, de termos e palavras que os sábios, segundo seu costume, melhor entendem do que a nossa língua e fala vulgar dizer consente, não dexarei, por que meu processo seja mais frutífero e comum, conforme ao rude e baixo estilo da minha prática, [de] mover e perguntar uma questão nesta maneira: Pergunto<sup>13</sup>, excelentíssima senhora, se a vulgar opinião, que a muitos em nossos dias põe terror e espanto, em que se prega e diz que a certos dias de fevereiro de 1524 será dilúvio na terra é verdadeira.

13 Na margem: Questão.

e parece que si: por duas razões. Ha primeira<sup>8</sup> porque todo conjunção e ajuntamento de planetas (diz tholomeu<sup>9</sup>) he causa de geeraçam: ou corrupçam nas cousas inferiores: donde podemos dizer que quanto for mayor ha conjunção que se preega e diz que sera no signo de piscis qual nunca foy: tanto causaraa e faraa mayor geeração e corrupçam nas cousas de baxo. E porque ysto quando vem ou acontece: segundo as regras de astrologia: sempre causa abundança de agoas: que se diz diluvio: ou defecto dellas: a que chamam encendimento. ou secura grande: que sam alterações com que ho mundo se altera e muda comunmente: seguese logo: que acontecendo isto assi. sera diluvio. ¶ Segunda razam<sup>10</sup>: sentença comum he em astrologia per que se diz. nunca vir. nem ser feyto diluvio sem algum ajuntamento: ou disposiçam celestial que aja poder de ho fazer: a qual sentença favorece Aristoteles em ho fim do seu j. livro dos methauros. onde afirma ser feito diluvio e que poode vir: quando a virtude celestial assi se ordena. Como jaa veo e esteve: quando foy algum anno muyto ynverno na terra: a qual cousa entam sera: como expõe e declara Alexandre ho enterpretador de aristotoles: quando vier tempo ordenado com tal disposiçam e fado que aja poder de fazer grande inverno. e lançar muitas chuivas. E como seja assi que tal constelação e ajuntamento poem comunmente os

8 Na margem: *l. rezam.*

9 Na margem: *In libro sentum enunciatorom.*

10 Na margem: *ij. rezam.*

E parece que sim, por duas razões. A primeira<sup>14</sup>, porque toda conjunção e ajuntamento de planetas (diz Ptolomeu)<sup>15</sup> é causa de geração ou corrupção nas coisas inferiores; donde podemos dizer que quanto for maior a conjunção que se prega e diz que será no signo de *Piscis* qual nunca foi, tanto causará e fará maior geração e corrupção nas coisas de baixo. E porque isto quando vem ou acontece, segundo as regras de Astrologia, sempre causa abundância de águas, que se diz dilúvio, ou defeito delas, a que chamam encendimento ou secura grande, que são alterações com que o mundo se altera e muda comunmente, segue-se logo que, acontecendo isto assim, será dilúvio.

Segunda razão<sup>16</sup>: sentença comum é em Astrologia por que se diz nunca vir nem ser feito dilúvio sem algum ajuntamento ou disposição celestial que haja poder de o fazer. A qual sentença favorece Aristóteles no fim do seu 1º livro *Dos metauros*<sup>17</sup>, onde afirma ser feito dilúvio e que pode vir quando a virtude celestial assim se ordena, como já veio e esteve, quando foi algum ano muito invernoso na terra; a qual coisa então será, como expõe e declara Alexandre<sup>18</sup>, o interpretador de Aristóteles, quando vier tempo ordenado com tal disposição e fado que haja poder de fazer grande inverno e lançar muitas chuvas<sup>19</sup>. E como seja assim que tal constelação e ajuntamento põem comunmente os

14 Na margem: Iª razão.

15 Na margem: *In libro sentum enunciatorum*.

Refere-se à obra conhecida como *Centiloquium*. António de Beja cita a sentença IX: «In generatione atque corruptione formae afficiuntur a coelestibus formis». Cf. Giovanni Pontano, *Io. Ioviani Pontani commentariorum in centum Claudii Ptolemaei sententias, libri duo*. [Basileae]: Apud And. Cratandrum, 1531, p. 20.

16 Na margem: IIª razão.

17 *Meteorologica* ou *Meteorológicos*, na edição portuguesa (coord. de António Pedro Mesquita; trad., introd. e notas de Cláudio William Veloso, Hiteshkumar Parmar; rev. científica de António Pedro Mesquita. Lisboa: INCM, 2017).

18 Alexandre de Afrodísias (198–209 d.C) foi um dos mais influentes comentadores de Aristóteles, razão pela qual é muitas vezes referido como “o Comentador” ou “o segundo Aristóteles”.

19 António de Beja traduz diretamente do *De falsa diluvii prognosticatione* de Agostino Nifo (Livro I, capítulo 4). Podemos confrontar o texto do nosso autor com a tradução castelhana de Cristóbal de Arcos, publicada em Sevilha, s/d (c. 1520): «como todos los astrólogos dixerón y afirmaron en toda la astronomia: nunca diluvio vino ni acaeció: que alguna celestial conjunción o disposición no lo híziese: de lo qual claramente Aristoteles da testimonio en fin del primer libro de los metauros: donde afirma y dice: que el diluvio se haze: quando aquella virtud celestial bolviere que hizo el grande invierno: donde Alexandre intérprete muy bueno de Aristóteles dice aquel grande invierno hazerse: quando viniere el tempo de tal hado o divina voluntad dispuesto y ordenado: que tiene fuerça de hazer el tal invierno».

que se seguem e guardam os acontecimentos das estrellas em os signos que de sua propriedade e condiçam tem lançarem agoa: como seram aquelles que ham de ser juntos segundo esta opiniam em ho signo de piscis no dito anno. em que seram presentes: Saturno e Jupiter. que juntos com os signos que ham propriedades e condiçam seca fazem (segundo alguns doutores que escreveram da mudança do aar) e causam secura na terra: e juntos aos signos humidos causam e fazem avondança de agoas. Segue se logo que sendo isto assy como elles dizem no dicto anno sera gram diluvio. Mas em contrairo he a verdade: assy dos verdaderos astrologos: como dos sanctos e sabios theologos<sup>11</sup>. per cuya douctrina e autoridade: provaremos e diremos que tal diluvio. nom poode ser: nem sera como elles dizem.

#### ¶ Poem ordem no que haa de dizer.

Em ho processo determinativo desta questão farey tres couzas: primeiro porey certos fundamentos de notar: provarey segundo ha verdadeira conclusam deste negocio: e respondendo aos dous argumentos e razões que primeiro fiz: direy algūas couzas fructuosas spiritualmente. Ajuntando no fim com ysto dictos e auctoridades de catholicos doutores: per quem sera magnifesto: quam pouca fee se deva dar aas pesoas que usam da sciencia e arte de adivinhar: e deitam juyzos per que dam novas de triste alvoroço ao mundo.

#### ¶ Da causa per que se moveram dizer estes que ha de ser diluvio.

He de saber: que ha vulgar opiniam dos que afirmam e dizem que ha de ser diluvio. ouve seu principio e fundamento em as palavras de hum doutor que fez ho livro que chamam em arabigo almanach: e em grego ephemeridas que nos dizemos ser livro em que as particularidades e couzas que aconteçem cada dia estam escriptas. este doutor imagina e põe naquelle livro húa conjunção do sol e luna que confessa aver de ser no anno do senhor de 1524. a quatro dias de fevereiro. e segundo outros a cinquo na segunda hora do dia aos .47. minutos: em ho signo de piscis: e crendo este dito autor: que as conjunções per elle imaginadas: ham de posuir e ser feitas: em hum signo que de sua natural propriedade he productivo

11 Na margem: *parte verdadera.*

que seguem e guardam os acontecimentos das estrelas nos signos que de sua propriedade e condição têm lançarem água, como serão aqueles que hão de ser juntos segundo esta opinião no signo de *Piscis* no dito ano, em que serão presentes Saturno e Júpiter, que juntos com os signos que hão propriedades e condição seca fazem (segundo alguns doutores que escreveram da mudança do ar) e causam secura na terra e juntos aos signos húmidos causam e fazem abundância de águas, segue-se logo que, sendo isto assim como eles dizem, no dito ano será grão dilúvio. Mas em contrário é a verdade, assim dos verdadeiros astrólogos, como dos santos e sábios teólogos<sup>20</sup>, por cuja doutrina e autoridade provaremos e diremos que tal dilúvio não pode ser, nem será, como eles dizem.

### **Põe ordem no que há de dizer.**

No processo determinativo desta questão farei três coisas: primeiro, porei certos fundamentos de notar; provarei, segundo, a verdadeira conclusão deste negócio; e respondendo aos dois argumentos e razões que primeiro fiz, direi algumas coisas frutuosas espiritualmente, juntando no fim com isto ditos e autoridades de católicos doutores, por quem será manifesto quão pouca fé se deva dar às pessoas que usam da ciência e arte de adivinhar e deitam juízos por que dão novas de triste alvoroço ao mundo.

### **Da causa por que se moveram dizer estes que há de ser dilúvio.**

É de saber que a vulgar opinião dos que afirmam e dizem que há de ser dilúvio houve princípio e fundamento nas palavras de um doutor que fez o livro que chamam em arábigo *Almanaque* e em grego *Efemérides*<sup>21</sup>, que nós dizemos ser livro em que as particularidades e coisas que acontecem cada dia estão escritas. Este doutor imagina e põe naquele livro uma conjunção do Sol e Lua que confessa haver de ser no ano do Senhor de 1524, a quatro dias de fevereiro (e segundo outros a cinco, na segunda hora do dia, aos 47 minutos), no signo de *Piscis*. E crendo este dito autor que as conjunções por ele imaginadas hão de possuir e ser feitas num signo que de sua natural propriedade é produtivo

20 Na margem: Parte verdadeira.

21 Johannes Müller von Königsberg (1436–1476), mais conhecido como Regiomontanus. A obra a que António de Beja se refere é *Ephemerides anno 1492 [– 1506]* (Veneza: Johann Hamman, ca. 1491–92). Poderá também estar a levar em conta a obra de Johann Stoeffler, (1452–1531), *Almanach nova in annos 1499–1531* (Ulm: J. Reger, 1499), que surge como uma continuação dos prognósticos de Regiomontano.

de agoas: afirma sem temor: que do tal ajuntamento. ha de ser feita húa grande e tam comum alteraçam: quanto nunca ouvimos de nossos maiores que seraas (segundo augustino nimpha<sup>12</sup>). Cathaclismus que nos dizemos ser diluvio universal: mayor do que foy em tempo de noe: ou encendimento e secura: mayor que ha que foy em tempo de phaetom. Da qual sentença tomaaram estes ousadia e disseram sem nenhuum conselho que aa de vijr diluvio na terra. a qual nova assy pos spanto aos nossos portugueses e naturaes: que sendo esquecidos da esforçada fama de seus maiores vieram cayr. E sam postos em tanto temor: que nam ousam alguuns edificar casas: nem fazer outros edificios: com medo que ham pouco de durar. e outros buscam lugares poostos em altos montes onde pera o dito anno se vam e acolham. Outros imaginam e cuidam em seus pensamentos fazer navios e archas em que se metam e escapem de tanta tormenta: mas porque he fea e temeraria cousa: afirmar tal sentença. E posto que ho juyzo divinal: a nos oculto: permitisse vijr em algum particular lugar: tanta agoa que fizesse danno: mereçendo nos por nossas culpas tal castigo. Empero por que as pessoas deste reyno sejam livres de tanto cuidado: notaremos e diremos algūas couosas: das quaes ha primera he.

#### ¶ Primero fundamento de notar em que declara este nome diluvio.

Comunmente dizem os doutores que este nome: ou palavra diluvio se toma em duas maneiras: em húa maneira se toma em sua propria significação: e assi dizem que diluvio quer dizer e significa excesso e multidam de agoas. em outra maneira se toma este nome diluvio nom propriamente. mas em algūa mas larguezza e fora quasi de sua sinificação. e desta maneira dizem que se toma diluvio por qualquer alteraçam e novo mal que vem sobre a terra: ora sejam excessivas securas. ou multidam de agoas a que em grego chamam cathaclismo: e em latim diluvio. E qualquer destes se toma e torna dividir em duas maneiras. ca vijndo tanta agoa que cobrisse toda a terra diríamos entonce que este diluvio era universal. Mas se vem soomente agoa em multidam sobre húa parte de terra: çidade ou regiam. chamase por isto diluvio particular.

12 Na margem: *In trata: quem fecit contra hunc diluvium ad charolum nunc imperatorem.*

de águas, afirma sem temor que do tal ajuntamento há de ser feita uma grande e tão comum alteração, quanto nunca ouvimos de nossos maiores, que será (segundo Agostino Nifo, *Cathaclismus*)<sup>22</sup>, que nós dizemos ser dilúvio universal maior do que foi em tempo de Noé, ou encendimento e secura maior que a que foi em tempo de Fáeton.

Da qual sentença tomaram estes ousadia e disseram sem nenhum conselho que há de vir dilúvio na terra, a qual nova assim pôs espanto aos nossos portugueses e naturais que, sendo esquecidos da esforçada fama de seus maiores, vieram cair e são postos em tanto temor, que não ousam alguns edificar casas, nem fazer outros edifícios, com medo que hão pouco de durar; e outros buscam lugares postos em altos montes, onde para o dito ano se vão e acolham. Outros imaginam e cuidam em seus pensamentos fazer navios e arcas em que se metam e escapem de tanta tormenta. Mas, porque é feia e temerária coisa afirmar tal sentença, e posto que o juízo divinal, a nós oculto, permitisse vir em algum particular lugar tanta água que fizesse dano, merecendo nós por nossas culpas tal castigo; empero, por que as pessoas deste reino sejam livres de tanto cuidado, notaremos e diremos algumas coisas, das quais a primeira é.

### **Primeiro fundamento de notar em que declara este nome dilúvio.**

Comunmente dizem os doutores que este nome ou palavra *dilúvio* se toma em duas maneiras: numa maneira se toma em sua própria significação, e assim dizem que dilúvio quer dizer e significa excesso e multidão de águas; noutra maneira se toma este nome dilúvio não propriamente, mas nalguma mais largueza e fora quase de sua significação. E desta maneira dizem que se toma dilúvio por qualquer alteração e novo mal que vem sobre a terra, ora sejam excessivas securas, ou multidão de águas, a que em grego chamam *cataclismo*, e em latim *dilúvio*<sup>23</sup>. E qualquer destes se toma e torna [a] dividir em duas maneiras. Ca vindo tanta água que cobrisse toda a terra diríamos então que este dilúvio era universal; mas se vem somente água em multidão sobre uma parte de terra, cidade ou região, chama-se por isto dilúvio particular.

22 Agostino Nifo, *De falsa diluvii prognosticatione* (Firenze: eredi Filippo Giunta, 1520), cap. I-II.

23 O autor parece estar a seguir Nifo, que explica, no capítulo 1 do Livro I do seu pequeno tratado: «Cur igitur ex illo conventu auctor asserat communem omnibus alterationem esse futuram videbitur esse aut Cataclysmus aut conflagratio. Accedit, ipsis auctor velit esse alterationem talem quem non audivimus a maioribus, ergo erit diluvium maius illo Noetico, aut conflagratio maior illa Phaetonis. Ex his divulgata est futuri diluvii præsagatio».

Cousa fora suave: e de asaz contentamento (excellentissima senhora) se me dera licença minha vulgar pratica pera dizer algum pouco da secura e encendimento da terra: por vermos se era posivel fazerse naturalmente (ho que digo: porque tem os latinos artistas e philosophos proprios termos de falar em que: como em propria aravia: entendem muyto melhor ho que a elles e suas duvidas pertence. do que a comum fala nossa ho pode explicar) e assy falando deste incendio e secura da terra conçede ho aristoteles que pode ser. onde no primeiro livro dos metauros. e no livro de celo e mundo. falando da gram secura que foy no tempo de phaetonte. Confessa que tudo ho que neste caso aconteçeo nom foy fabula como alguuns diisseram. mas foy húa flama e celestial ençendimento: que queimou em gram maneira as partes orientaes: e por esta causa em ho primeyro livro dos methauros confesssa elle que se pode algúia regiam em tanta maneira secar e queimar com grande ardor do sol que vijndo tal secura em grande excesso sobre alguña parte aquella terra sera destruyda e despovoada: ho que entendo ser verdade e poderse verificar (como sinte ha escola natural) em os particulares ardores e parciaes securas: falando empero do universal e geral incendio e ardor da terra que cousa seja: e donde se faça ou geere. e se naturalmente se pode fazer sem nenhúa outra ajuda salvo per causas segundas e naturaes nom he pequena dificuldade antre alberto magno e outros philosophos nunca satisfeytos em seus juyzos de buscarem razam em as couisas naturaes. E dexando estes: pensa sancto thomas angelico doutor: nom menos

Coisa fora suave e de assaz contentamento (excelentíssima senhora), se me dera licença minha vulgar prática para dizer algum pouco da secura e encendimento da terra, por vermos se era possível fazer-se naturalmente (o que digo porque têm os latinos artistas e filósofos próprios termos de falar em que, como em própria arábia, entendem muito melhor o que a eles e suas dúvidas pertence do que a comum fala nossa o pode explicar) e assim, falando deste incêndio e secura da terra, concede o Aristóteles que pode ser. Onde, no primeiro livro *Dos metauros* e no livro *De celo e mundo*<sup>24</sup>, falando da grã secura que foi no tempo de Faetonte, confessa que tudo o que neste caso aconteceu não foi fábula, como alguns disseram, mas foi uma flama e celestial encendimento que queimou em grã maneira as partes orientais. E por esta causa, no primeiro livro *Dos metauros*, confessa ele que se pode alguma região em tanta maneira secar e queimar com grande ardor do sol, que vindo tal secura em grande excesso sobre alguma parte, aquela terra será destruída e despovoada<sup>25</sup>. O que entendo ser verdade e poder-se verificar (como sente a escola natural) nos particulares ardores e parciais securas. Falando empero do universal e geral incêndio e ardor da terra que coisa seja e donde se faça ou gere, e se naturalmente se pode fazer sem nenhuma outra ajuda salvo por causas segundas e naturais, não é pequena dificuldade entre Alberto Magno e outros filósofos nunca satisfeitos em seus juízos de buscarem razão nas coisas naturais<sup>26</sup>. E deixando estes, pensa santo Tomás, angélico doutor, não menos

- 24 António de Beja junta num só livro dois tratados distintos de Aristóteles, *De caelo e De mundo*, apesar de a sua fonte apenas referir o segundo (cf. a nota seguinte).
- 25 António de Beja colhe o argumento em A. Nifo, que escreve no capítulo VIII do Livro II: «Quod autem aliquando conflagratio fuerit testatur Aristoteles in Libro Meteororum primo et in Libro de Mundo de ea exustione, quae fuit sub Phaetonte, de qua in Libro de mundo non fabulam sed flammam fuisse testatur caelitus factam quae Orientales partes ussit. Praeterea Libro Meteororum primo probat aliquam regionem posse in tantum exiccari exurique ut paenitus deseratur.».
- 26 Com esta frase, António de Beja alude ao longo capítulo XIV do Livro II de Nifo, a que este deu o título de «Octava suppositio, Universalis ac Cosmica conflagratio secundae cause virtutibus non subest, quia deus sine illis eam in uniuerso efficere potest, disputatur etiam an sit polis, & quæ sint illius causæ», de onde toma a referência que faz a seguir a S. Tomás de Aquino: «Hac ratione divus ille Thomas non minus Philosophus, Theologus, conflagrationem illam fieri autumat: Cum omnia quæ sunt in telluris facie exuruntur. Exuruntur autem, cum omnes causæ coelestes, & sublunares, quæ ignem in terraefficere possunt, una simul concurrunt. Sed quoniam hæc omnium causæ congregatio non naturali cursu sit: ideo sola divina virtute fieri affirmat universalem terræ deflagrationem. Quod vero naturalis virtus omnes hac causas congregare non possit, Pater illico, quia naturalis virtus agit determinata loco & tempore, & ratione agendi. Sic ut ergo nulla est causa, quæ naturale diluvium in

philosofo que theologo: que pode vir encendimento e secura universal em toda a terra: ho que sera feyto diz elle. quando tudo ho que he sobre a faça da terra se queymar e secar. ajuntandose pera ysto em huum: todas as causas celestiaes que ham poder de fazer secura: e lançar encendidas flamas sobre ha terra. Mas porque tal ajuntamento como este: em que ham de ser juntas todas as causas naturaes. nom poode ser feyto per via e curso natural. Cum virtus naturalis (segundo regra de philosophia) agat determinate loco: et tempore: et ratione agendi. E nom tenha poder tal virtude natural que obra em tempo e lugar determinado: pera por si segundo a maneira de sua obra: ajuntar todas estas causas. he bem que confessemos que se deve isto dexar haa virtude divinal: que soomente cremos aver emteiro poder de fazer huña e outra cousa. e mayormente ho fara quando sua divinal magestade tiver por bem em os derradeyros tempos examinar nossas culpas: e julgar nossos erros purgando primero todo ho mundo per fogo. E dexando ysto porque nom pertence a nosso caso: pera entendimiento do que ey de dizer. notemos ho que se segue.

**¶ Segundo fundamento de notar em que magnifesta nom poder vir naturalmente diluvio universal sobre a terra: mas soomente podem vir particulares: dos quaes poem alguuns.**

Os verdaderos sabedores em esta arte ensinados por experiença comum: afirmam e confessam que pode vir muitas vezes excessiva multidam de agoa em algūas partes: a que chamam particulares diluvios: mas negam sempre e nom querem conceder que se possa fazer e vijr naturalmente universal multidão de agoas a que chamamos diluvio universal e comum sobre a terra: em aquella maneira e feiçam que pertence aos juyzos e sciencia de astrologia: que venha muitas vezes crescimentos de agoas em particular mais do acustumado. e por ysto fazendo algūas perdas tenham e ajam nome de particulares diluvios: alem do que neste caso viram nossos mayores passados: e nos em algūa maneira ouvimos e vimos. Direy alguuns que achey escritos de que muitos doutores fazem mençam. Despois do gram diluvio feito em tempo de noe: porque deos com tam acellerado castigo tomou vingança das feas e nom humanas maldades. dizen que por crescimento do rio nillo em as terras do egipto em tempo de Hercole:

filósofo que teólogo, que pode vir encendimento e secura universal em toda a terra, o que será feito, diz ele, quando tudo o que é sobre a face da terra se queimar e secar, juntando-se para isto num todas as causas celestiais que hão poder de fazer secura e lançar encendidas flamas sobre a terra. Mas porque tal ajuntamento como este, em que hão de ser juntas todas as causas naturais, não pode ser feito por via e curso natural, *cum virtus naturalis* (segundo regra de filosofia) *agat determinate loco, et tempore, et ratione agendi*. E não tenha poder tal virtude natural que obra em tempo e lugar determinado para por si, segundo a maneira de sua obra, juntar todas estas causas. É bem que confessemos que se deve isto deixar à virtude divinal, que somente cremos haver inteiro poder de fazer uma e outra coisa; e maiormente o fará quando sua divinal majestade tiver por bem, nos derradeiros tempos, examinar nossas culpas e julgar nossos erros, purgando primeiro todo o mundo por fogo. E deixando isto, porque não pertence a nosso caso para entendimiento do que hei de dizer, notemos o que se segue.

**Segundo fundamento de notar em que manifesta não poder vir naturalmente dilúvio universal sobre a terra, mas somente podem vir particulares, dos quais põe alguns.**

Os verdadeiros sabedores nesta arte, ensinados por experiência comum, afirmam e confessam que pode vir muitas vezes excessiva multidão de água em algumas partes, a que chamam particulares dilúvios, mas negam sempre e não querem conceder que se possa fazer e vir naturalmente universal multidão de águas, a que chamamos dilúvio universal e comum sobre a terra, naquela maneira e feição que pertence aos juízos e ciência de Astrologia. Que venham muitas vezes crescimentos de águas, em particular mais do acostumado e por isto fazendo algumas perdas, tenham e hajam nome de particulares dilúvios. Além do que neste caso viram nossos maiores passados, e nós em alguma maneira ouvimos e vimos, direi alguns que achei escritos, de que muitos doutores fazem menção.

Depois do grão dilúvio feito em tempo de Noé, por que Deus com tão acelerado castigo tomou vingança das feias e não humanas maldades, dizem que por crescimento do rio Nilo nas terras do Egito em tempo de Hércules

universa terra facere possit: ita nulla est naturalis causaquæ universalem conflagrationem faciet. Quare sola virtute divina utrumque fieri credendum est».

se alagou húa parte da terra em que reynava prometheu. que foy no anno despois do noetico diluvio. 509. ¶ Dous achamos alem deste de que fazem mençam as historias antigas: e fala dellas sancto Ysidoro em ho livro .13. de suas ethimologias<sup>13</sup> dos quaes hum foy primeiro que ho dito: em acaya regiam de grecia onde sam as cidades de Athenas em tempo de Jacob patriarcha: e de Ogiges fazedor e rey da cidade eleusinia. E foy isto como escrevem beroso: e eusebio no anno do mundo .3440. Ho qual diluvio posto que fosse particular e de pouca dura: foy empero grande em os lugares e regiam que ocupou. Ca diodoro siculo diz em ho livro .6. que alagou as ilhas todas do elesponto: e os lugares comarcões de asya. ¶ Outro diluvio particular aconteceo e veo (segundo ysidoro) em Thesalia em os dias del rey deucalion a .230. annos logo seguintes em huum lugar que se chama segundo aristoteles Helenico: em cuyo tempo diz santo ysidoro ha mayor parte dos povos de thesalia foy com agoa somergida e afogada e muy poucos foram livres: fugindo em alturas dos montes: specialmente em ho monte pernaso em cuyas fraldas e circuyto Deucalion tinha seu reyno: ao qual muitos em naves e barcas se acolhiam: e elle os recebia e mantinha. ¶ Huum diluvio particular alem destes notam os doctores tambem antigo: que dizem aver acontecido em Alexandria çidade do egipto: em que veeo grande excesso e multidão de agoa: no tempo de Prometheo sacerdote a quem Paris quando tomou helena: primero navegando se acolheo. como escrevem xenophon e herodoto em ho segundo livro de suas historias: donde parece que seria este diluvio acerca do tempo em que Troya foy destruyda. E dexando estes que sam muito antigos em memoreea de menos dias achamos outro que foy em Ytalia: no anno do senhor de .570. em que choveo tanta e tam grande agoa que submergeo e alagou muitos lugares baxos: e com outras muitas perdas que fez matou alguña gente. ¶ E no anno do senhor de .586. foy tambem outro diluvio em Veneza e liguria em ho primeiro dia de Outubro: com espantosos trovões: do qual se seguyo gram peste em roma: causada (segundo

13 Na margem: *Ca.xxij.*

se alagou uma parte da terra em que reinava Prometeu, que foi no ano, depois do noético dilúvio, 509<sup>27</sup>.

Dois achamos, além deste, de que fazem menção as histórias antigas, e fala delas santo Isidoro no livro 13 de suas *Etimologias*<sup>28</sup>, dos quais um foi primeiro que o dito em Acaia, região de Grécia onde são as cidades de Atenas, em tempo de Jacob patriarca e de Ogyges, fazedor e rei da cidade Eleusinia. E foi isto, como escrevem Berozo e Eusébio, no ano do mundo 3440. O qual dilúvio, posto que fosse particular e de pouca dura, foi empero grande nos lugares e região que ocupou. Ca Diodoro Sículo diz, no livro 6º, que alagou as ilhas todas do Helesponto e os lugares comarcões de Ásia.

Outro dilúvio particular aconteceu e veio (segundo Isidoro) em Tessália, nos dias d'el-rei Deucalião, a 230 anos logo seguintes, num lugar que se chama, segundo Aristóteles, Helénico, em cujo tempo, diz santo Isidoro<sup>29</sup>, a maior parte dos povos de Tessália foi com água submersa e afogada e mui poucos foram livres, fugindo em alturas dos montes, especialmente no monte Parnaso, em cujas faldas e circuito Deucalião tinha seu reino, ao qual muitos, em naves e barcas, se acolhiam, e ele os recebia e mantinha.

Um dilúvio particular além destes notam os doutores também antigo, que dizem haver acontecido em Alexandria, cidade do Egito, em que veio grande excesso e multidão de água no tempo de Prometeu sacerdote, a quem Páris, quando tomou Helena, primeiro navegando se acolheu, como escrevem Xenofonte e Heródoto no segundo livro de suas histórias, donde parece que seria este dilúvio acerca do tempo em que Tróia foi destruída.

E deixando estes, que são muito antigos, em memória de menos dias achamos outro que foi em Itália, no ano do Senhor de 570, em que choveu tanta e tão grande água, que submergiu e alagou muitos lugares baixos e, com outras muitas perdas que fez, matou alguma gente. E no ano do Senhor de 586, foi também outro dilúvio em Veneza e Ligúria, no primeiro dia de Outubro, com espantosos trovões, do qual se seguiu grã peste em Roma causada (segundo

27 As informações que António de Beja disponibiliza neste capítulo sobre os diversos “dilúvios” ocorridos ao longo da História baseiam-se, essencialmente, no que Nifo escreveu no capítulo VIII do Livro II da sua obra. Note-se, contudo, que o nosso autor adota, por vezes, uma atitude crítica, nomeadamente quando acrescenta o que colheu no Livro XIII, capítulo 22 das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (Madrid: BAC, 2004, p. 994) acerca daquele que terá sido o segundo dilúvio, onde se lê: «Secundum diluvium fuit in Achaia Iacob patriarchae et Ogygi temporibus; qui Eleusinae conditor et rex fuit, nomenque loco et tempori dedit».

28 Na margem: Capítulo XXII.

29 San Isidoro de Sevilla, *Etimologías* (Madrid: BAC, 2004, p. 994).

alguns) do fedor de muitos anima[is] mortos que ao rio tiberis desta destruyçam vieram teer E logo no anno de .589. lemos chover tanta agoa que matou muyta gente e gaados. E no año de .1503. foy outro diluvio em que por muitas agoas e longo iverno pereceram notaves barões por muitos perigos e tormentos no mar e posto que muitas agoas vieram: nom se perdeo empero regiam alguña: nem çidade ou famoso lugar.

**¶ Porque se nam contam particulares diluvios em Portugal.**

Bem quisera (serenissima senhora) com estes que de terras e nações estranhas achey escritos: poer alguuns deste reyno: que por meus dias poucos<sup>14</sup> nom vi: nem menos ouvi que fossem dignos de muyta memoria. Ca nom falando de alguñas perdidas e danos que os lugares vezinhos e comarcãos aos rios principaes: por sayrem muitas vezes de seu natural curso padeçem: no[m] acho que notavel lugar se perdese com agoa: e se por ventura isto foy nom estaa em memoria.

¶ E certo: de muitas excelencias: com que a magnifica e larga mão do senhor: dotoe e ornou a esforçada e belicosa naçam portugues. Nisto os fez sobre outros tam remissos: que nom curando mais que do presente: os notaveis feitos de seus naturaes (que as gentes alheas louvam e escrevem) dexaram elles e muitas vezes agora dexam (posto que nom tanto como jaa foy) de notar e escrever: pera que ficarem em vertuoso exemplo: e memoria notavel aos que aviam de vir. E posto que elles muitas e grandes cousas calasem: nom deixarey eu pera meu proposito de dizer huum excesso particular de agoas: que ha muitas pessoas de virtude e gram religiam deu nom pouca torvação: em ho delectoso e secreto lugar: e por seu apartamento divino moestero de meu sanctissimo padre sam Hyeronimo de peralonga: (casa de minha profisam) Em que sendo eu presente no anno do senhor de .1518. a. xxij dias de Janeiro: huum domingo em que celebravamos ha festa de sancto Yllefonso: antes de menhaam): atee as oyto horas do dia: asi se abrjiram os çeos e cayo tanta agoa naqueles montes e altas serras (que por sua fragosa altura e por sermos a elles tam subjectos nos poem muitas vezes temor e espanto) que vindo a noos em grandes rios: rompeo as paredes do cerco per sete partes: encheo a crasta e muitas casas de agoa em grande altura. Arrancou arvores e derribou huña fonte que pera o lugar era feita com notavel artificio. E vindo finalmente ao mar com muitas perdidas que fez: levou consigo a ponte de Cascaes: ho que tudo contey e dixe: porque assy foy particular este diluvio: que fazendo tanto danno em Peralonga: em os lugares pouco mais de mea legoa em derrador nom fez nada nem quasi choveo.

14 Na margem: Era ho autor de 30. annos quando fez este livro.

alguns) do fedor de muitos animais mortos que ao rio Tibre desta destruição vieram ter. E logo no ano de 589, lemos chover tanta água que matou muita gente e gados. E no ano de 1503, foi outro dilúvio em que, por muitas águas e longo inverno, pereceram notáveis barões, por muitos perigos e tormentos no mar; e posto que muitas águas vieram, não se perdeu empero região alguma, nem cidade ou famoso lugar.

**Porque se não contam particulares dilúvios em Portugal.**

Bem quisera, sereníssima senhora, com estes que de terras e nações estranhas achei escritos, pôr alguns deste reino, que por meus dias poucos<sup>30</sup> não vi, nem menos ouvi que fossem dignos de muita memória. Ca não falando de algumas perdas e danos que os lugares vizinhos e comarcões aos rios principais, por saírem muitas vezes de seu natural curso, padecem, não acho que notável lugar se perdesse com água; e se porventura isto foi, não está em memória. E certo, de muitas excelências com que a magnífica e larga mão do Senhor dotou e ornou a esforçada e belicosa nação portuguesa, nisto os fez sobre outros tam remissos, que, não curando mais que do presente, os notáveis feitos de seus naturais (que as gentes alheias louvam e escrevem) deixaram eles, e muitas vezes agora deixam (posto que não tanto como já foi) de notar e escrever para que ficassem em virtuoso exemplo e memória notável aos que haviam de vir.

E posto que eles muitas e grandes coisas calassem, não deixarei eu, para meu propósito, de dizer um excesso particular de águas que a muitas pessoas de virtude e grã religião deu não pouca turvação, no deleitoso e secreto lugar e, por seu apartamento, divino mosteiro de meu santíssimo padre São Jerónimo de Penha Longa (casa de minha profissão), em que, sendo eu presente, no ano do Senhor de 1518, a 23 dias de janeiro, um domingo em que celebrávamos a festa de santo Ildefonso, antes de manhã), até às oito horas do dia assim se abriram os céus e caiu tanta água naqueles montes e altas serras (que por sua fragosa altura e por sermos a eles tão sujeitos nos põem muitas vezes temor e espanto), que vindo a nós em grandes rios rompeu as paredes do cerco por sete partes, encheu a crasta e muitas casas de água em grande altura, arrancou árvores e derribou uma fonte, que para o lugar era feita com notável artifício. E vindo finalmente ao mar, com muitas perdas que fez levou consigo a ponte de Cascais, o que tudo contei e disse, porque assim foi particular este dilúvio, que fazendo tanto dano em Penha Longa, nos lugares pouco mais de meia léguia em derredor não fez nada, nem quase choveu.

30 Na margem: Era o autor de 30 anos quando fez este livro.

**¶ Quatro causas porque naturalmente podem vir particular diluvios.**

Querendo ho grande philosopho Aristoteles (a quem dis meu padre hieronimo ser otorgado nesta vida: ho conhecimento verdadeiro de tudo aquilo que naturalmente se pode saber). Dar algūas razões naturaes per que se podem provar os particulares diluvios: poem quattro antre outras. Ha primera (diz elle<sup>15</sup>) poode se causar particular diluvio por grande excesso de agoas. Ca chovendo em alguma regiam mais do acustumado de necessidade fara danno. Ha segunda causa disto he ho abysso. quer dizer ho sobejo excesso das agoas que he sob ha terra. Ca sendo muyto. e sayndo junta em algūa parte. per sua força e multidam cobriraa: e alagara ho lugar e regiam em que sayr. Ha tercera causa natural deste dano diz aristoteles. he terremoto. que muitas vezes acontece: e muitos dias se faz em algūas partes: per ho qual tapandosse as veas e rios que correm em húa parte: sera forçado per seu crecimiento correr a outra em que vindo novamente fara danno: assy como vemos em os lugares em que antigamente soya de aver grandes prayas. e ho mar em seu curso se estendia: os quaes sendo por algūa necessaria razam tapados: creçeraa e spraiaraa agoa em tanta manera mais do acustumado: que faça danno como ja fez em alguuns partes. Ha quarta causa segundo aristoteles poode ser multidam de ventos: os quaes ham poder de alvoraçar e fazer tormentas em ho mar. do qual poodem lançar grandes ondas sobre algum lugar. em manera que ho alaguem. como elle diz que foy feito em achaya. Por estas causas e outras que nom digo por nom serem de muyta efficacia fica magnifesto que poodem ser em alguns lugares particulares diluvios: e isto concedem todos: negam empero poder se fazer naturalmente cathaclysmo: e universal diluvio que venha e alague toda ha terra: ou todo huum reyno: que he contra

15 Na margem: *In libro metheorologicorum.*

### **Quatro causas por que naturalmente podem vir particulares dilúvios.**

Querendo o grande filósofo Aristóteles (a quem diz meu padre Jerónimo ser outorgado nesta vida o conhecimento verdadeiro de tudo aquilo que naturalmente se pode saber) dar algumas razões naturais por que se podem provar os particulares dilúvios, põe quatro, entre outras. A primeira, diz ele<sup>31</sup>, pode-se causar particular dilúvio por grande excesso de águas; ca chovendo em alguma região mais do acostumado, de necessidade fará dano. A segunda causa disto é o abisso, quer dizer, o sobejo excesso das águas que é sob a terra; ca sendo muita e saindo junta em alguma parte, por sua força e multidão cobrirá e alagará o lugar e região em que sair. A terceira causa natural deste dano, diz Aristóteles, é terramoto, que muitas vezes acontece e muitos dias se faz em algumas partes, pelo qual, tapando-se as veias e rios que correm numa parte, será forçado, por seu crescimento, correr a outra, em que vindo novamente fará dano, assim como vemos nos lugares em que antigamente soía de haver grandes praias e o mar em seu curso se estendia, os quais sendo por alguma necessária razão tapados, crescerá e espriará água em tanta maneira mais do acostumado, que faça dano, como ja fez em algumas partes. A quarta causa, segundo Aristóteles, pode ser multidão de ventos, os quais hão poder de alvorazar e fazer tormentas no mar, do qual podem lançar grandes ondas sobre algum lugar em maneira que o alaguem, como ele diz que foi feito em Acaia.

Por estas causas e outras, que não digo por não serem de muita eficácia, fica manifesto que podem ser em alguns lugares particulares dilúvios. E isto concedem todos; negam, empero, poder-se fazer naturalmente cataclismo e universal dilúvio que venha e alague toda a terra ou todo um reino, que é contra

31 Na margem: *In libro metheorologicorum.*

Apesar de remeter diretamente para a obra de Aristóteles, António de Beja serve-se, sobre tudo, da informação disponibilizada por Nifo no capítulo XI do Livro II do seu breve tratado, do qual traduz quase tudo o que escreve: «Aristoteles igitur verus naturae interpres caelestes causas despiciens, naturales solum rimatus est, iccirco particularis inundacionis causam assignavit imbrium excessum. Hic enim cu min aliqua regione contingit, illam inundari oportet. Secundam causam asserit aliquando esse abyssum, scilicet aquarum sub terra grandem exortum. Cum enim sub terra aqua multa sit, illa accumulata, erumpens terram, tandem regionem inundat. Tertiam asserit terraemotum. Cum enim pluribus diebus terraemotus in aliqua regione fieri possit, fieri potest, ut magnorum fluviorum scaturigines, qui in aliqua regione exoriuntur, obturentur et novae cavernae fiant, quibus repletis agitat terra et tandem aperientur, quibus apertis tota régio inundabitur. Quarta causa est etiam quandoque diversorum ventorum contrariai afflatus ventorum enim contrarietare magna maris multitudine accumulati potest, quae tandem (vento qui a terra spirat) devicto regionem inundabit, ut in Achaia factum esse testatur».

esta opiniam que entendo reprovar do anno de .1524. pera cuyo entendimento notemos o que se segue.

**¶ Tercera cousa de notar em que magnifesta que nom poode naturalmente vir universal diluvio na terra.**

Questam hee nom pequena acerca dos philosofos: em que preguntam se se poode fazer universal diluvio na terra: per virtude natural e das causas segundas. Quero dizer se pode vir diluvio sem virtude e poder de deos que alguñas vezes obra e governa estas cousas de baxo mediante as causas segundas: que sam as celestiaes e ellementos: em ha qual questam: muitos sentiram diversas cousas: mas noos conformes em este caso com ho philosofo: deyxando toda outra maneyra dentender: digamos que se nom poode naturalmente fazer diluvio em toda ha terra. Ho que elle prova em ho segundo livro dos methauros: por húa razam em este caso açaz boña e natural: em que diz: pera vir universal diluvio na terra: nom poode ser sem multidão e excesso de agoas em toda ella. ysto nom se pode causar naturalmente: logo nom vira a que naturalmente nom possa chover em toda a terra. (diz elle) mafnifestase por esta rezam. Ca he certo que nenhum dos planetas: estrellas. ou qual quer celestial constellaçam: tem nem haa ygual influencia: força nem poder sobre toda a terra. Porque se ysto assy fosse que elles ovesem ygual poder em toda parte seguyr se ya e veriamos comunmente: que todo effecto e causa que procede das estrellas. ou influencia celestial: vindo em una parte de necessidade aconteceria em todas: mas nos experimentamos; isto nom ser assy: Ca vemos per influencia ou qual quer outra ordenança celestial (se a y algúia que sem deos tenha poder de fazer movimentos nas cousas de baxo: assy como peste guerras e outras cousas a estas semelhantes: em que dubidam muitos e nos ho determinamos em outra parte) mais falando em este caso como philosophos. vemos que huum effecto destes .s. peste ou guerra quando vem nom danna em toda parte. Ca experimentamos cada dia ser una cidade e villa destruida por peste: e outra a ella muy chegada e vezinha estar de todo sam: e sem nenhum danno. Como poucos tempos haa que por celestial castigo e merecimento de nossas maldades vimos em ha cidade nobre

esta opinião que entendo reprovar, do ano de 1524, para cujo entendimento notemos o que se segue.

**Terceira coisa de notar em que manifesta que não pode naturalmente vir universal dilúvio na terra.**

Questão é não pequena acerca dos filósofos em que perguntam se se pode fazer universal dilúvio na terra por virtude natural e das causas segundas. Quero dizer, se pode vir dilúvio sem virtude e poder de Deus, que algumas vezes obra e governa estas coisas de baixo mediante as causas segundas, que são as celestiais e elementos, na qual questão muitos sentiram diversas coisas. Mas nós, conformes neste caso com o filósofo, deixando toda outra maneira de entender, digamos que se não pode naturalmente fazer dilúvio em toda a terra, o que ele prova no segundo livro *Dos metauros*, por uma razão neste caso assaz boa e natural, em que diz: «Para vir universal dilúvio na terra, não pode ser sem multidão e excesso de águas em toda ela. Isto não se pode causar naturalmente, logo não virá». «Que naturalmente não possa chover em toda a terra – diz ele – manifesta-se por esta razão. Ca é certo que nenhum dos planetas, estrelas ou qualquer celestial constelação tem nem há igual influência, força, nem poder sobre toda a terra. Porque, se isto assim fosse, que eles houvessem igual poder em toda parte, seguir-se-ia e veríamos comunmente que todo efeito e coisa que procede das estrelas ou influência celestial, vindo numa parte, de necessidade aconteceria em todas»<sup>32</sup>. Mas nós experimentamos isto não ser assim, ca vemos, por influência ou qualquer outra ordenança celestial, se há aí alguma que sem Deus tenha poder de fazer movimentos nas coisas de baixo, assim como peste, guerras e outras coisas a estas semelhantes, em que duvidam muitos e nós o determinamos noutra parte.

Mas falando neste caso como filósofos, vemos que um efeito destes, a saber, peste ou guerra, quando vem, não dana em toda parte, ca experimentamos cada dia ser uma cidade e vila destruída por peste, e outra a ela mui chegada e vizinha estar de todo sã e sem nenhum dano, como poucos tempos há que, por celestial castigo e merecimento de nossas maldades, vimos na cidade nobre

32 Tal como referimos anteriormente, António de Beja sugere o recurso direto à obra de Aristóteles, quando, de facto, está a traduzir o texto de Nifo (Livro II, capítulo XII): «Alioquin omnis effectus a stellis proficiscens, Cum in una regione contingere, in omni evenire videtur. At observavimus nos non semel coæli aliquam conftitucionem non uniuersis aliter pestem in omni regione fecisse: immo a cæli statu unam patriam vidimus peste fere totam irruat. Alteram vero illesam abiisse. Vidimus ex cæli statu Italiam bellis agitatam, in Hispania vero ac Gallia optavii pacem».

de Lixbōa: onde morrendo milhares cada dia: em alguns lugares a ella muy chegados. nom toucou este mal. ho anno de .1519. e .1520. e no de .22. e principio de .23. em que estamos morrendo em Evora: muitos dos lugares comarcāos ficaram livres: salvo este mes de Janeiro: em que por castigo de nossos males permitio deos morrerem de peste na Castanheira: e outras partes: de que nom veo pequeno temor e alvoroço a Lixbōa. certo digno de sentir. Mais por a gente que no mar querendo fugir com tempestade se alagou e. perdeo<sup>16</sup>: que por ho dano que ha peste fez. que ategora: deos seja louvado nom foy mais segundo fama verdadeira que ho tom e maas novas que se deram sem causa. Donde parece que assy como este caso no[m] poode vir comum danno ajnda que proceda de alguña influencia celestial: assy nom poode aver no çeo natural poder: em alguum planeta: ou estrella pera fazer diluvio universal. Item vemos per statuto e ordenança do çeo (se a y alguña cousa nelle alem de deos como já dixe que ho poossa fazer) mas concedo isto em esta parte porque faz em meu favor. E digo que vemos em algūas partes guerra. e em outras muyta paz: Vimos ytalia muitas vezes em armas revolta: e na espanha muyto sosego. E no anno de .1520. vimos castella posta em muyto perigo por as grandes dissensões que ouve antre os grandes e a gente comum: por causa de Carlo seu rey: agora emperador. e em nossa lusitania: sendo a ella muy propica: nem em outras partes da cristandade nom ouvimos alvoroço algum mas muyto repouso. Donde parece que se nenhum planeta. nem celestial constelaçam ha: como dixemos: ygual e universal influençā em toda parte: menos ho averam aquellas que ham poder de causarem chuyvas: pera que façam naturalmente ho deluvio que ha de vir segundo estes. em muitas partes da terra.

**¶ Responde a huña sentença e juyzo que diz aver de ser diluvio por ajuntamento de cinquo planetas.**

Nem se deve ouvir em este caso ha sentença de frey Gregorio de modica da ordem dos pregadores: ha qual divulgou em huum juyzo que veo da ytalia. muy notorio a todos e a quem se daa muyta fee nesta terra. que começa assy. Ho anno de .mill e quinhentos e xxiiij. correra bissexto: e naquele anno sera grandissima contrarieade nos ellementos. Ca tres combateram contra huum: e tambem sera a antre cinquo planetas grandissimo ajuntamento. Co[n]vem a saber. Saturno. Jupiter. Mars: Venus: e Mercurio. e sera a de tal sorte este ajuntamento: que se o senhor

16 Na margem: *que foram por dito de muitos mais de trezentas pessoas.*

de Lisboa onde, morrendo milhares cada dia, em alguns lugares a ela mui chegados não tocou este mal o ano de 1519 e 1520. E no de 22 e princípio de 23 em que estamos, morrendo em Évora, muitos dos lugares comarcões ficaram livres, salvo este mês de janeiro, em que por castigo de nossos males permitiu Deus morrerem de peste na Castanheira e outras partes, de que não veio pequeno temor e alvoroço a Lisboa, certo digno de sentir, mais pela gente que no mar, querendo fugir, com tempestade se alagou e perdeu<sup>33</sup>, que pelo dano que a peste fez; que até agora, Deus seja louvado, não foi mais, segundo fama verdadeira, que o tom e más novas que se deram sem causa.

Donde parece que, assim como este caso, não pode vir comum dano, ainda que proceda de alguma influência celestial. Assim, não pode haver no céu natural poder em algum planeta ou estrela para fazer dilúvio universal. *Item*<sup>34</sup> vemos por estatuto e ordenança do céu, se há aí alguma coisa nele além de Deus, como já disse, que o possa fazer. Mas concedo isto nesta parte, porque faz em meu favor, e digo que vemos em algumas partes guerra e noutras muita paz. Vimos Itália muitas vezes em armas revolta e na Espanha muito sossego. E no ano de 1520, vimos Castela posta em muito perigo pelas grandes dissensões que houve entre os grandes e a gente comum por causa de Carlos, seu rei agora imperador, e em nossa Lusitânia, sendo a ela mui propínqua, nem noutras partes da cristandade, não ouvimos alvoroço algum, mas muito repouso. Donde parece que, se nenhum planeta nem celestial constelação há, como dissemos, igual e universal influência em toda parte, menos o haverão aquelas que hão poder de causarem chuvas para que façam naturalmente o dilúvio que há de vir, segundo estes, em muitas partes da terra.

**Responde a uma sentença e juízo que diz haver de ser dilúvio por ajuntamento de cinco planetas.**

Nem se deve ouvir neste caso a sentença de frei Gregório de Módica, da ordem dos Pregadores, a qual divulgou num juízo que veio de Itália, mui notório a todos e a quem se dá muita fé nesta terra, que começa assim: no ano de mil e quinhentos e 23, que correrá bissexto, e naquele ano será grandíssima contrariedade nos elementos. Ca três combaterão contra um; e também será entre cinco planetas grandíssimo ajuntamento, convém a saber, Saturno, Júpiter, Marte, Vénus e Mercúrio. E será de tal sorte este ajuntamento, que se o Senhor

33 Na margem: que foram, por dito de muitos, mais de trezentas pessoas.

34 Advérbio latino, equivalente a *também, ademais*.

deos nom usa de sua acustumada misericordia: sera a grandissima mortindade e destruiçam em as couosas criadas: e comeecera este ajuntamento a cinco dias de Fevereiro do dito anno: duas horas antes que se ponha ho sol em sesta feira. na volta da lúa e durara te .25. dias do dito mes. e obraraa este ajuntamento trovões e peedra: de tal sorte que os muros e telhados fortes e grandes ho nom poderam sofrer. O qual padre alem de outras couosas que diz spantosas: escreveo com mais ousada certeza neste caso do que nenhum outro falou. e nam com pouco favor pera meu proposito. por que nom confesssa que a de vijr agoa em tam sobeja maneira que faça diluvio nem põe nome ha terra em que isto sera: mas em geral diz couosas despanto que eu cuidara poder bem ser asi. Se fora fundado seu dizer em outro fuundamento: e nam em este per que cree aver de vir ho que diz: por causa do ajuntamento grande que ha de ser feito destes cinco planetas em que parece sentir que ham mayor poder estes cinco juntos do que ten cada hum per si soo. que eu confessara de boamente se foram todos de húa calidade e condiçam e nom tam diferentes como em suas obras se manifesta donde veo que Joannes picus italiano conde mirandulano varom alem de sua nobreza dino de louvor por sua sciencia e muy honestos custumes (que poucas vezes em pessoas de tanto sangue se acham juntas) Em ho livro quinto de doze que fez contra os adivinadores astrologos<sup>17</sup>. Contando quatro maneiras de conjunções que elles põe: nom pode sofrer que estes planetas juntos ajam mayor poder: onde diz asi. Queria saber destes astrologos por que rezam cuidam. Jupiter e Saturno averem poder de fazer mayores couosas estando juntos. que apartados exercitando cada hum por si suas proprias forças e vigor. Bem creo diz elle que ho ajuntamento dos rayos de tam desvayradas naturezas poderam fazer couosas alguñas novas: que estando per si soos em sua propria condiçam nom fariam. Mas que juntos façam alguma mayor nom cabe em razam: e cuydo antes que por seu ajuntamento faram menos alguña couusa do que faria cada huum destes planetas se apartado per sy obrase tudo o que pudesse. Ca se os planetas que se juntam em esta conjunçam. fossem todos de húa condiçam e propriedade. e por isto ouvessem poder de fazerem todos húa couusa: eu creria (diz elle) que sendo juntos: seria dobrado seu effecto e obra: mas como sejam de contraria condicam e natureza. de necessidade huum impidiraa outro. porque ligando seus poderes com a diversidade de suas mixturas estando assy enfreados: nom esperemos

17 Na margem: *ca.iiij. e .v.*

Deus não usa de sua costumada misericórdia, será grandíssima mortandade e destruição nas cousas criadas; e começará este ajuntamento a cinco dias de fevereiro do dito ano, duas horas antes que se ponha o Sol, em sexta-feira, na volta da Lua, e durará até 25 dias do dito mês e obrará este ajuntamento trovões e pedra, de tal sorte que os muros e telhados fortes e grandes o não poderão sofrer.

O qual padre, além de outras coisas que diz espantosas, escreveu com mais ousada certeza neste caso do que nenhum outro falou. E não com pouco favor para meu propósito, porque não confessa que há de vir água em tão sobejá maneira que faça dilúvio, nem põe nome à terra em que isto será, mas em geral diz coisas de espanto, que eu cuidara poder bem ser assim, se fora fundado seu dizer noutro fundamento, e não neste por que crê haver de vir o que diz: por causa do ajuntamento grande que há de ser feito destes cinco planetas, em que parece sentir que hão maior poder estes cinco juntos do que tem cada um por si só, que eu confessara de boamente, se foram todos de uma qualidade e condição e não tão diferentes, como em suas obras se manifesta.

Donde veio que Joanes Picus italiano, conde mirandulano, varão além de sua nobreza digno de louvor por sua ciência e mui honestos costumes (que poucas vezes em pessoas de tanto sangue se acham juntas), no livro quinto de doze que fez contra os astrólogos<sup>35</sup>, contando quatro maneiras de conjunções que ele põe, não pode sofrer que estes planetas juntos hajam maior poder, onde diz assim: «Queria saber destes astrólogos por que razão cuidam Júpiter e Saturno haverem poder de fazer maiores coisas estando juntos que apartados exercitando cada um por si suas próprias forças e vigor. Bem creio – diz ele – que o ajuntamento dos raios de tão desvairadas naturezas poderão fazer coisas algumas novas que estando por si sós em sua própria condição não fariam. Mas que juntos façam alguma maior não cabe em razão. E cuido, antes, que por seu ajuntamento farão menos alguma coisa do que faria cada um destes planetas, se apartado por si obrasse tudo o que pudesse. Ca, se os planetas que se juntam nesta conjunção fossem todos de uma condição e propriedade, e por isto houvessem poder de fazerem todos uma coisa, eu creria – diz ele – que sendo juntos seria dobrado seu efeito e obra; mas como sejam de contrária condição e natureza, de necessidade um impedirá outro, porque, ligando seus poderes com a diversidade de suas misturas, estando assim enfreados, não esperemos

35 Na margem: ca. IV e V.

Na verdade, o texto de António de Beja traduz, quase literalmente, apenas o início do capítulo V.

que venha delles cousa que grande seja. E assi soem dizer os astrologos que sendo: saturno e mars juntos em algua obra posto que seja cada huum maa o e dannoso de sua condiçam. porque tem empero diverso poder de empeçer: nom se pode fazer de seu ajuntamento algua cousa mayor: mas antes hee asi com sua contrariedade. diminuida sua força: que nenhuum poode empecer trabalhando cada hum segundo ha condiçam de sua natureza fazer sua obra. e por tanto nom he de duvidar se as mudanças do mundo sam subjectas ao çeo: que maiores coucas viraam em elle por ho ajuntamento de algumas superiores estrellas: do que faraa alguum planeta de mais fraqueza que os outros: avendo algua cousa de poder mais de seu custume. E se por ventura por lhe darmos contentamento. confessarmos que pera fazerem grandes mudanças no mundo ham maior poder os planetas juntos que apartados: Nom diremos ser isto verdade no ajuntamento de jupiter: saturno: e mars ca nestas coucas daase preminencia e principal favor a outras estrellas de que usam com grande autoridade os mais verdadeiros astrologos: nem foy algum dos antigos de tam pouco saber que julgase as universaes mudanças e acontecimentos do mundo: per este ajuntamento de planetas dito: que elles cuydam ser grande e com outras muitas coucas que nom digo.<sup>18</sup> Concluye em muy suave processo este dito doutor per autoridades e experiencias antigas. dando verdadeiros entendimentos a muitas palavras e ditos do ptholomeu que os nom muitos sabios de nossos tempos carecendo de lingoa grega nom entendem. em que parece claramente confessar que os planetas juntos nom ham mayor nem universal poder. do que tem estando apa[r]tados: por onde nom podem naturalmente fazer nenhun efecto nem obra universal na terra: que era o primeiro proposito desta razam. E asi confessam todos que nenhúa influencia celestial tem yqual poder em toda ha terra: porque ora se divida ho çeo por clymas: ora por triangularidades: que sam ajuntamentos de tres signos de húa natureza: nenhum poder celestial poode ser yqual en toda ha terra: ca nom se extende sua força alem das terras e regiam subjectas aos signos do tal ajuntamento: como diz ptholomeu: por onde nom poode ser naturalmente yqual em toda parte. E asi fica manifesto que se nom poode fazer universal diluvio per virtude natural e causas segundas: nom vindo deos em isto: que obra muitas vezes per ellas: donde se segue tambem ho manifesto erro dos que dizem ho diluvio do mundo que foy feito em tempo de noe aver

18 Na margem: *isto diz que ptolomeos scripscit grece.*

que venha deles coisa que grande seja. E assim soem dizer os astrólogos que sendo Saturno e Marte juntos em alguma obra, posto que seja cada um mau e danoso de sua condição, porque têm empero diverso poder de empecer, não se pode fazer de seu ajuntamento alguma coisa maior, mas, antes, é assim com sua contrariedade diminuída sua força, que nenhum pode empecer, trabalhando cada um segundo a condição de sua natureza fazer sua obra. E portanto, não é de duvidar, se as mudanças do mundo são sujeitas ao céu, que maiores coisas virão nele pelo ajuntamento de algumas superiores estrelas do que fará algum planeta de mais fraqueza que os outros, havendo alguma coisa de poder mais de seu costume. E se porventura, por lhe darmos contentamento, confessarmos que para fazerem grandes mudanças no mundo hão maior poder os planetas juntos que apartados, não diremos ser isto verdade no ajuntamento de Júpiter, Saturno e Marte, ca nestas coisas dá-se preeminência e principal favor a outras estrelas de que usam com grande autoridade os mais verdadeiros astrólogos. Nem foi algum dos antigos de tão pouco saber que julgasse as universais mudanças e acontecimentos do mundo por este ajuntamento de planetas dito, que eles cuidam ser grande e com outras muitas coisas que não digo»<sup>36</sup>.

Conclui em mui suave processo este dito doutor por autoridades e experiências antigas, dando verdadeiros entendimentos a muitas palavras e ditos de Ptolomeu que os não muitos sábios de nossos tempos, carecendo da língua grega, não entendem, em que parece confessar que os planetas juntos não hão maior nem universal poder do [que] têm estando apartados, por onde não podem naturalmente fazer nenhum efeito nem obra universal na terra, que era o primeiro propósito desta razão.

E assim confessam todos que nenhuma influência celestial tem igual poder em toda a terra, ca não se estende sua força além das terras e região sujeitas aos signos do tal ajuntamento, como diz Ptolomeu, por onde não pode ser naturalmente igual em toda parte. E assim fica manifesto que se não pode fazer universal dilúvio por virtude natural e causas segundas, não vindo Deus nisto, que obra muitas vezes por elas. Donde se segue também o manifesto erro dos que dizem o dilúvio do mundo que foi feito em tempo de Noé haver

36 Na margem: isto diz que Ptolomeu *scripsit grece*.

Cf. Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 558: «Ptolomæi verbum ita apud eos est in vulgata editione: «non obliviscaris esse centum viginti coniunctiones, quae sunt in stellis erraticis; in illis enim est maior scientia rerum quae fiunt in hoc mundo, suscipientium incrementum & decrementum». Græce est ita: «Ne praetermittamus centum & decem novem coniunctiones. In his enim posita est coniunctio eorum quae fiunt in mundo generationis et corruptionis».

sido per virtude natural soomente: e nam por vontade de deos. As quesquaes cousas asi declaradas: vindo haa segunda cousa e principal deste tratado ponhamos as verdaderas conclusoões.

#### ¶ Conclusam principal em este caso.

Ho do juyzo em que se diz que ha de ser diluvio no anno de .1524. em Fevereiro hee falso e nenhum. A qual conclusam declaro por esta razam: porque ho tal diluvio que dizem: sera universal: ou particular. Ca nunca vem diluvio senam em hum destes dous modos como dixemos em ho primero fundamento de notar: universal nom poode ser: ca ho tal como dixemos em ho terceiro fundamento nom se poode naturalmente fazer per virtude das causas segundas per que elles julgam e lançam seus juyzos. Nem ho senhor por sua misericordia permitiraa vir sobre a terrra tam danoso diluvio e de tanta perdiçam como estes dizem: mayormente: avendonos elle prometido nom aver mais de destruyr ho mundo per agoas: em cuya certeza em fim de primeyro diluvio fez pacto com Noe: em pessoa de todos dizendo: nom seraam nem viraam mais agoas de diluvio: pera destruir toda carne.<sup>19</sup> Em as quaes palavras diz pedro comestor: autor e copilador da historia escolastica: que temendo noe que nom viesse outra vez diluvio tam danoso sobre a terra: pedia em suas orações cada dia a deos que mais ho nom quisesse fazer: e por esta causa diz Josepho. fez deos pacto com elle prometendolhe que mais ho nom faria. Pera cuya fe e certeza lhe mostrou ho seu arco nas nuvens a que noos dixemos arco das velhas: que fosse sinal de duas cousas .s. do passado juyzio feito per agoa porque mais se nom temesse. E do futuro que sera: per fogo: por que se espere: e por isto tem aquelle yris ou arco duas principaes cores: huma quase verde que significa agoa: e outro ruyvo ou vermelho que hee sinal do fogo.

19 Na margem: *gene. IX.*

sido por virtude natural somente e não por vontade de Deus. As quais coisas assim declaradas, vindo à segunda coisa e principal deste tratado, ponhamos as verdadeiras conclusões.

### Conclusão principal neste caso.

O do juízo em que se diz que há de ser dilúvio no ano de 1524, em fevereiro, é falso e nenhum. A qual conclusão declaro por esta razão: porque o tal dilúvio que dizem será universal ou particular. Ca nunca vem dilúvio senão num destes dois modos, como dissemos no primeiro fundamento de notar. Universal não pode ser, ca o tal, como dissemos no terceiro fundamento, não se pode naturalmente fazer por virtude das causas segundas, por que eles julgam e lançam seus juízos. Nem o Senhor, por sua misericórdia, permitirá vir sobre a terra tão danoso dilúvio e de tanta perdição como estes dizem, maiormente havendo-nos ele prometido não haver mais de destruir o mundo por águas, em cuja certeza em fim do primeiro dilúvio fez pacto com Noé em pessoa de todos, dizendo: «Não serão nem virão mais águas de dilúvio para destruir toda carne»<sup>37</sup>. Nas quais palavras, diz Pedro Comestor<sup>38</sup>, autor e compilador da *História Escolástica*, que temendo Noé que não viesse outra vez dilúvio tão danoso sobre a terra, pedia em suas orações cada dia a Deus que mais o não quisesse fazer. E por esta causa, diz Josefo, fez Deus pacto com ele prometendo-lhe que mais o não faria, para cuja fé e certeza lhe mostrou o seu arco nas nuvens, a que nós dizemos arco das velhas, que fosse sinal de duas coisas, a saber, do passado juízo feito por água por que mais se não temesse, e do futuro, que será por fogo por que se espere. E por isto tem aquele íris ou arco duas principais cores: uma quase verde, que significa água, e outra ruiva ou vermelha, que é sinal do fogo<sup>39</sup>.

37 Na margem: *Génesis*, IX.

António de Beja cita parcialmente o versículo 11: «Statuam pactum meum vobiscum, et nequaquam ultra interficietur omnis caro aquis diluvii, neque erit deinceps diluvium dissipans terram».

38 Petrus Comestor (1100-1179). Teólogo e historiador francês, era assim chamado (*comestor*, isto é, “devorador”), devido à sua muito admirada erudição.

39 António de Beja traduz o texto de Comestor (*Historia Scholastica*, Liber Genesis, in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 198, 1086): «Et prohibet eis Deus homicidium fieri, quia máxime timebant ne Dominus iterum aquas diluvii inundaret super terram; et Noe quotidie orabat, ne hoc fieret, ut Josephus refert: pepigit eis soederis hujus, posuit arcum suum nubibus. Et est signum duorum judiciorum. Judicii per aquam praeterii, ne timeatur, et futuri per ignem, ut exspectetur. Inde est quod duos habet colores, coeruleum, qui est aqueus, et est exterior, quia praeterit, et rubeum, qui es igneus, qui est interior, quia futurus est ignis».

Nom temamos logo que aja de vir tam grande: e tam excessivo diluvio como estes pregam e dizem que ha de vir. Nem menos particular. ca ainda que concedamos ho tal poder acontecer alguñas vezes: porque empero na futura conjunçam que estes afirmam seram presentes. sol e mars que todos confeesam aver virtude siccativa e queente: sera por elles empedido. Onde alberto magno em ho livro da propriedade dos elementos diz: que estes dous planetas .s. sol e mars empecem o diluvio: quando forem com outras estrellas juntos: em alguña conjunçam. como ho seram segundo elles nesta de que falamos: por onde digo que ou este diluvio de todo nom sera: ou se porventura acontecer nom sera tam grande que alague alguña regiam: e reyno mate gentes: nem faça out[r]as perdas grandes como elles dizem: porque nom daa pouco empeditamento: nem tira pequena humidade em ho tal ajuntamento ha: presençā de mars: e do sol como dizem todos os sabios.

#### ¶ Sequella da conclusam.

E desta conclusam (per modo artista) se segue hum corolairo em bõa sequencia. que nom foram de muyto conselho e saber as pessoas que divulgaram cousa tam incerta e de tanto alvoroço. como foy ha nova do futuro e falso diluvio / ho que provo por algūias razões: primeira: porque das palavras do autor de que estes tomaram seu dizer e sentença se mostra aver de vir hum diluvio mayor do que nunca no mundo foy: e as palavras sam estas (Talem profecto alterationem ex conventu illo: cernimus promiti: qualem seculis pluribus ab historicis aut natu maioribus vix percepimus. Que quer dizer: certo este ajuntamento nos

Não temamos, logo, que haja de vir tão grande e tão excessivo dilúvio como estes pregam e dizem que há de vir. Nem menos particular, ca, ainda que concedamos o tal poder acontecer algumas vezes, porque empero na futura conjunção que estes afirmam serão presentes Sol e Marte, que todos confessam haver virtude siccativa e quente, será por eles impedido. Onde Alberto Magno, no livro *Da propriedade dos elementos*<sup>40</sup>, diz que estes dois planetas, a saber, Sol e Marte, empecem o dilúvio quando forem com outras estrelas juntos em alguma conjunção, como o serão, segundo eles, nesta de que falamos. Por onde digo que ou este dilúvio de todo não será, ou, se porventura acontecer, não será tão grande que alague alguma região e reino, mate gentes, nem faça outras perdas grandes como eles dizem, porque não dá pouco impedimento, nem tira pequena humidade no tal ajuntamento a presença de Marte e do Sol, como dizem todos os sábios.

### Sequela da conclusão.

E desta conclusão (por modo artista) se segue um corolário em boa sequência: que não foram de muito conselho e saber as pessoas que divulgaram coisa tão incerta e de tanto alvoroço como foi a nova do futuro e falso dilúvio, o que provo por algumas razões. Primeira, porque das palavras do autor de que estes tomaram seu dizer e sentença se mostra haver de vir um dilúvio maior do que nunca no mundo foi; e as palavras são estas: «*Talem profecto alterationem ex conventu illo, cernimus promiti, qualem seculis pluribus ab historicis aut natu maioribus vix percepimus*»<sup>41</sup>. Que quer dizer: «Certo este ajuntamento nos

40 Santo Alberto Magno, *De causis proprietatum elementorum*.

É possível que António de Beja tenha presente um trecho como o seguinte: «Quod sunt quatuor modi in summa quos sol solus habet, scilicet accessus ad Zenith caput, & rectitudo anguli, universaliter loquendo quantitas anguli secundum quam radius eius incidit terrae, et arctitudo sphaerae, sicut est sub tropicis, in quibus diu manet sol circa locum eundem: & depressio solis ad terram ex brevitate diametri ex loco in quo est sol, habet adiutorium caloris a superiori per stellas fixas calidas aliquando sub quibus est, sicut quando est in leone, & iuvatur a stella quae dicitur canicularia: & aliquando habet adiutorium per planetas, & maxime per martem, cuius maxima est caliditas & siccitas». Beati Alberti Magni, *De causis proprietatum elementorum*, Tractatus II, cap. XII. In *Operum*, Lugduni: Pierre Jammy, 1651, Tomus V, p. 315.

41 Embora não o indique, António de Beja copia esta citação do livrinho de Nifo, o qual, por sua vez, afirma reproduzir as palavras do autor do prognóstico que aqui está em causa: «Primo quia ex verbis Auctoris, ex quibus illud vulgus accepit, innuitur futurum diluvium esse plusque Cosmicum. Cum auctor ille dicat talem profecto alterationem ex conventu illo promici, qualem a pluribus seculis ab historicis aut natu maioribus vix percepimus». (Livro II, capítulo XVI).

promete húa tam grande e tal alteraçam: qual nunca lemos / nem ouvimos em algum tempo de nossos mayores. em que parece sentir que sera este diluvio tanmanho que alague todo ho mundo. ho que nom pode ser. Ca nos provamos jaa: que este tam universal diluvio nom pode ser feyto per causas segundas e naturaes per que elles julgam e fazem seus juyzos. Item quisiera saber deste doutor se tinha ou teve alem do ajuntamento e conjunçam dos planetas. outra mais razam natural: ou scripta regra em alguns antigos: pera que tam grande cousa pronunciassse. E nom pode ser que pera ysto tivesse autoridade nem scriptura antiga. Ca elle diz que nenhum dos astrologos antigos notou nem pos tam forte conjunção como ha de ser esta: em suas tavoas ou regras de julgar: nem menos pode dizer isto per regra ou razam natural. ca dixemos o tal diluvio nom ser subjecto a se fazer per causas naturaes.

**¶ Responde aos que dizem este diluvio aver de ser: em portugal.**

E se alguum per ventura vencido per verdade natural disser que ho tal diluvio nom sera universal mas dando em algúia maneyra fee aos agoyros e falsos juyzos destes: confessar que pode ser particular: specialmente nestes reynos. Como ha dias que se prega e diz comunmente nas praças: e ho que pior he nos pulpitos. Certo em este caso nom sey que diga a tam manifesta ousadia: como tem os publicadores de tam falso alvoroço: se nam aquillo que diz isaias<sup>20</sup>. Dicite nobis que ventura sunt e dicemus quia dij estis. Tenhamolos por deoses pois dizem ho que ha de viir. porque ou lho disse e revelou algum anjo: que eu de verdade queria saber pera me tirar desta duvida: ou algum demonio: a quem eu nom duvido elles seguirem neste caso. e em todo outro que ha declarar maas e tristes novas pertence. Porque leendo as sentenças antiigas: e os juyzos que sobre este

20 Na margem: *ca. 41.*

promete uma tão grande e tal alteração, qual nunca lemos nem ouvimos em algum tempo de nossos maiores», em que parece sentir que será este dilúvio tamanho que alague todo o mundo, o que não pode ser, ca nós provamos já que este tão universal dilúvio não pode ser feito por causas segundas e naturais por que eles julgam e fazem seus juízos. *Item* quisera saber deste doutor se tinha ou teve, além do ajuntamento e conjunção dos planetas, outra mais razão natural ou escrita regra em alguns antigos para que tão grande coisa pronunciasse. E não pode ser que para isto tivesse autoridade nem escritura antiga, ca ele diz que nenhum dos astrólogos antigos notou nem pôs tão forte conjunção como há de ser esta em suas tábua ou regras de julgar; nem menos pode dizer isto por regra ou razão natural, ca dissemos o tal dilúvio não ser sujeito a se fazer por causas naturais.

**Responde aos que dizem este dilúvio haver de ser em Portugal.**

E se algum, porventura vencido por verdade natural, disser que o tal dilúvio não será universal, mas dando em alguma maneira fé aos agoiros e falsos juízos destes, confessar que pode ser particular, especialmente nestes reinos, como há dias que se prega e diz comumente nas praças e, o que pior é, nos púlpitos, certo neste caso não sei que diga a tão manifesta ousadia como têm os publicadores de tão falso alvoroço, senão aquilo que diz Isaías<sup>42</sup>: *Dicite nobis que ventura sunt e dicemus quia dii estis*. Tenhamo-los por deuses, pois dizem o que há de vir, porque ou lho disse e revelou algum anjo – que eu de verdade queria saber para me tirar desta dúvida – ou algum demónio, a quem eu não duvido eles seguirem neste caso, e em todo outro que a declarar más e tristes novas pertence. Porque, lendo as sentenças antigas e os juízos que sobre este

O autor a que se referem Nifo e António de Beja é, evidentemente, Johann Stoeffler, que publicara, em conjunto com Jacob Pflaum, o *Almanach nova plurimis annis venturis inseruentia* (Ulm: Johann Reger, 1499), onde pode ler-se o prognóstico citado, ainda que o texto não seja exatamente o mesmo: «[...] In mense enim Februario 20 coniunctiones cum minimae, mediocres, tum magnae accident, quarum 15 signum aqueum possidebunt, quae universo fere orbi, climatibus, regnis, provinciis, statibus, dignitatibus, brutis, beluis marinis cunctisque terrae nascentibus indubitatam mutationem, variationem ac alterationem significabunt, talem profecto qualem a pluribus saeculis ab historiographis aut natu maioribus vix percepimus» (*Johann STOEFLER & Jacob PFLAUM, Almanach nova plurimis annis venturis inseruentia per Ioannem Stoefflerinum Iustingensem et Iacobum Pflaunem Vlmensem accuratisime supputata: et toti fere Europe dextro sydere impartita*. Veneza: Lichtenstein, 1504, fo. 387r).

42 Na margem: capítulo 41.

*Isaías*, 41:23: «Annuntiate, quae ventura sunt in futurum, ut sciamus quia dii estis vos». «Revelai o acontecerá mais tarde, e admitiremos que vós sois deuses».

anno de .24. sam lançados. nenhum dos que eu li fala tam particularmente que ponha nome ao lugar onde ysto ha de ser. Ca esta com outras cousas tem os discipulos de sathanas em sua sciencia e arte<sup>21</sup>. que por nom serem tomados cada dia em suas mentiras e falsiidades: fazem as regras de seus juyzos muito universaaes: por causa. que acontecendo algūa torvaçam no mundo: das muitas com que ho nosso deos por nossas maldades nos soe castigar: digam que daquellas queriam elles entender e falar em seus juyzos. e assy fizeram nestes que do dicto anno sam scritos. em os quaes os que bem leerem: nom acharam reyno algum nomeado nem lugar em que particularmente ho diluvio e cousas que dizem ajam de acontecer: nem se pode de seus ditos declarar. E nom sem causa falam estes assy universalmente em seus juyzos: ca os astrologos nom podem dizer a certeza disto: sem saberem primeyro a que signo e planeta. cada húa das regiões e partes da terra ste subgeyta: a qual cousa nenhuum dos que amam ha sciencia das strellas pode jamais saber. Ca he muy incerta acerca delles. e nisto nenhúa concordia tem. como veram os que leerem os livros apotelesmatum de pholomeu. e albumasar. em aquella maneyra que joannes picus mirandulanus li. 7. aduersus astrologos ca. 5. declara. Donde podemos notar em quanto perigo de suas consciencias vivam aquelles que sem nenhum temor do mundo: nem de deos (a quem neste caso nom conhecem) divulgando muitos perigos e males: que elles porque sam strangeyros desejam viir a este reyno. dizem antre outras cousas que ha de viir tanta agoa. que se nom podera salvar ha gente. se nam em tranquoso. e no campo dourique e outros lugares: de semelhantes alturas. Certo os que tal dizem: alem das penas que mereçem por tam tristes novas: vam muyto contra as regras e juyzos do dicto anno: que dizendo muitas coucas. nom põe empero lugar onde ho que dizem deve ser. e daqui veo que veendo alguns isto ser imperfeiçam e defecto nos ditos juyzos. segundo a diversidade de seu fraco entender poseram determinaçam em esta maneyra. ca vendo elles que a dita conjunçam de estrellas ha de ser feyta no signo de piscis: avendo respeyto ha propriedade de alguns antrelunhos que entam seram. De que ho tal ajuntamento receberaa favor e aumento. dizem e tem por verdade. que aquelle inverno em que este ajuntamento for sera em modo excessivo de muitas agoas specialmente em todas as regiões e partes chegadas ao septentriam que he ho norte. Outros

21 Na margem: *cautella dos astrologos.*

ano de 24 são lançados, nenhum dos que eu li fala tão particularmente que ponha nome ao lugar onde isto há de ser, ca esta, com outras coisas, têm os discípulos de Satanás em sua ciência e arte<sup>43</sup>, que por não serem tomados cada dia em suas mentiras e falsidades fazem as regras de seus juízos muito universais, por causa que, acontecendo alguma torvação no mundo das muitas com que o nosso Deus por nossas maldades nos sói castigar, digam que daquelas queriam eles entender e falar em seus juízos. E assim fizeram nestes que do dito ano são escritos, nos quais os que bem lerem não acharão reino algum nomeado nem lugar em que particularmente o dilúvio e coisas que dizem hajam de acontecer, nem se pode de seus ditos declarar. E não sem causa falam estes assim universalmente em seus juízos, ca os astrólogos não podem dizer a certeza disto sem saberem primeiro a que signo e planeta cada uma das regiões e partes da terra esteja sujeita, a qual coisa nenhum dos que amam a ciência das estrelas pode jamais saber, ca é mui incerta acerca deles e nisto nenhuma concórdia têm, como verão os que lerem os livros *Apotelesmata* de Ptolomeu e *Albumasar* naquela maneira que Joannes Picus Mirandulanus, livro 7º *Adversus astrologos*, capítulo 5º, declara<sup>44</sup>. Donde podemos notar em quanto perigo de suas consciências vivam aqueles que sem nenhum temor do mundo nem de Deus (a quem neste caso não conhecem), divulgando muitos perigos e males que eles, porque são estrangeiros, desejam vir a este reino, dizem entre outras coisas que há de vir tanta água que se não poderá salvar a gente, senão em Trancoso e no Campo de Ourique e outros lugares de semelhantes alturas. Certo os que tal dizem, além das penas que merecem por tão tristes novas, vão muito contra as regras e juízos do dito ano que, dizendo muitas coisas, não põem empero lugar onde o que dizem deve ser. E daqui veio que, vendo alguns isto ser imperfeição e defeito nos ditos juízos, segundo a diversidade de seu fraco entender puseram determinação nesta maneira. Ca, vendo eles que a dita conjunção de estrelas há de ser feita no signo de *Piscis*, havendo respeito à propriedade de alguns interlúpios que então serão de que o tal ajuntamento receberá favor e aumento, dizem e têm por verdade que aquele inverno em que este ajuntamento for será em modo excessivo de muitas águas, especialmente em todas as regiões e partes chegadas ao setentrião, que é o norte. Outros,

43 Na margem: cautela dos astrólogos.

44 A «maneira» como devem ser lidos Ptolomeu e *Albumasar* é «*accurate*»: «*Illud vero, qui Ptolom. & Albumasaris libros legerit accurate, facile intelliget cum nullum sit dogma in quo sibi minus astrologia consentiat*» (Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 628).

oulhando aquelle ajuntamento por si soo. sem nenhūa outra cousa. dizem que naquelle parte viira e aconteceraa soomente ho dito diluvio. que he subjecta ao signo de piscis: porque nom em toda parte como jaa dixemos nem em todo lugar. nem em toda regiam. tem as estrellas igoal vigor: pera lançarem em ellas suas influenças / mas soomente: segundo ptholomeu: em aquellas que sam comarcaās ao signo principal em que ha de ser feito ho tal ajuntamento que he piscis: e declarando quaeas sam as terras sobjectas a este signo dizem ser estas. s. Lidia. cicilia. Pamphilia. Phazania. Nasamonica. e garamancia. e nestas ou em algūa dellas poode viir: se vier o que dizem. e se algum diz augustinho nimpha (em hum livro que sobre isto fez.) quiser bem olhar as regras de ptholomeu acharaa ser livres deste juyzo. Italia. França. Lombardia. Cicilia. Apulea. e todas aquellas que estam sogeytas ao signo de liam. E assy a nossa Lusitania. porque estaa tambem apartada do septentriam: e sogeyta em aquella parte que confina com espanha. ao signo de sagitario que de sua natureza he quente. e segundo alchabicio (in capit. de proprietatibus signorum) ha senhorio sobre espanha / ca elle diz que a tres signos he sogeyta ha christaandade toda. Os romāos com italia: a liam. Os alemāos a aries. E espanha a sagittario. e pois em declarar a certeza deste diluvio vemos em elles tam diversas maneyras de dizer. deixemos sua doutrina e vaidades que dizem: tam incertas. e nom temamos suas falsas novas. creendo siempre que deos hee sobre toda cousa. e nom se faz algūa sem sua vontade.

#### ¶ Responde aos dous argumentos e razões no principio feytas.

Pera comprimento da terceyra cousa principal que he responder aos argumentos e razões em contrayro postas. digo ao primeiro: que dado que o ajuntamento de planetas seja causa de geraçam e corrupçam. nom avemos de conceder que todo ajuntamento aja este poder salvo aquelle: em que os planetas .s. sol e mars forem favoraveis. e por que noos dixemos que estes dous ham sempre de impedir e destruir o effecto humido. que se a de causr do ajuntamento vindoiro. no anno de .24. por tanto se nom fara nada nada / e por este responderemos ao s[e]gundo dizendo: que bem podia ser que jupiter e saturno juntos e alguns

olhando aquele ajuntamento por si só sem nenhuma outra coisa, dizem que naquela parte virá e acontecerá somente o dito dilúvio que é sujeita ao signo de *Piscis*, porque não em toda parte, como já dissemos, nem em todo lugar, nem em toda região têm as estrelas igual vigor para lançarem nelas suas influências, mas somente, segundo Ptolomeu, naquelas que são comarcas ao signo principal em que há de ser feito o tal ajuntamento, que é *Piscis*. E declarando quais são as terras sujeitas a este signo, dizem ser estas, a saber, Lídia, Sicília, Panfília, Fazânia, Nasamónica e Garamância; e nestas ou em alguma delas pode vir. Se vier o que dizem e se algum, diz Agostino Nifo, num livro que sobre isto fez<sup>45</sup>, quiser bem olhar as regras de Ptolomeu, achará serem livres deste juízo Itália, França, Lombardia, Sicília, Apúlia e todas aquelas que estão sujeitas ao signo de Leão. E assim a nossa Lusitânia, porque está também apartada do setentrião e sujeita naquela parte que confina com Espanha ao signo de Sagitário, que de sua natureza é quente e, segundo Alcabício<sup>46</sup> (*in capitulo de proprietatibus signorum*), há senhorio sobre Espanha, ca ele diz que a três signos é sujeita a cristandade toda: os romanos com Itália, a Leão; os alemães, a *Aries*, e Espanha, a Sagitário. E pois em declarar a certeza deste dilúvio vemos neles tão diversas maneiras de dizer, deixemos sua doutrina e vaidades que dizem, tão incertas, e não temamos suas falsas novas, crendo sempre que Deus é sobre toda coisa e não se faz alguma sem sua vontade.

### **Responde aos dois argumentos e razões no princípio feitas.**

Para cumprimento da terceira coisa principal, que é responder aos argumentos e razões em contrário postas, digo ao primeiro que, dado que o ajuntamento de planetas seja causa de geração e corrupção, não havemos de conceder que todo ajuntamento haja este poder, salvo aquele em que os planetas, a saber, Sol e Marte, forem favoráveis. E porque nós dissemos que estes dois hão sempre de impedir e destruir o efeito húmido que se há de causar do ajuntamento vindoiro, no ano de 24, portanto se não fará nada. E por este responderemos ao segundo, dizendo que bem podia ser que Júpiter e Saturno juntos e alguns

45 As considerações que António de Beja aqui faz sobre as regiões e países que poderiam, ou não, ser afetados pelo dilúvio de 1524 são tomadas do capítulo VI do Livro III.

46 Abu al-Saqr Abd al-Aziz ibn Uthman ibn Ali al-Qabisi († 967), aqui referido, tal como na obra de Pico, pelo nome latinizado (Alchabitius ou Alcabitus), foi um astrólogo árabe cuja obra mais importante é *Astronomie iudicarie principia tractans*, que foi editada, normalmente, com o comentário de Johannes de Saxonia, um astrônomo alemão do século XIV.

signos que de sua natureza sam humidos / causasem agoa e diluvio. mas nom averam este effecto: porque seram empeditos por estes dous planetas .s. Mars e Sol / que ham virtude e natureza quente. ¶ Estas couzas excellentissima senhora me pareceram dinas em este caso de notar. e por tanto com ha mayor brevidade que ho estillo de dizer consentio as tirey e copiley das sentenças que alguuns sabios poseram contra ho juyzo deste falso diluvio. e nom sou eu soo ho que resisto e contradigo a tam falsa sentença. mas com outros muitos sabedores tambem lhe resiste e contradiz augustinho ninpha gram philosopho. e mathematico de nossos dias: em hum livro que fez contra esta falsa opiniam ho qual dedicou ao poderoso Carolo: agora emperador. E isto sintem as regras e doutrinas de ptholomeu: se sam bem entendidas. e digo assi ptholomeu: porque dando pouca fee: os sabios verdadeiros. aas couzas de astrologia: os quaes eu julgarey tanto serem mais sabedores: quanto menos fee lhe deerem. Se alguña cousa empero cuydam aver nella que se deva provar: tudo fundam em doutrina e autoridade deste ptholomeu: ou em razam natural. Ca toda outra cousa: que sem estas duas se afirma hee supersticā: e falsidade fingida: e se a[l]guns com temerario juyzo quizerem teer e dizer ho contrario: nom me daa pena. Ca elles cairaam por nom serem fundados em rezam: nem poodem provar seu dito por autoridade: nem he sem impeto: ou movimento de sathanas: a quem muitos dos astrologos crem: ho qual sendo padre de mentiras. em as couzas que elle poode: faz que digam húa verdade: por que suas bocas sejam despois hum orgão e cano de falsidades: como vera e acharaa por experiençia todo aquele que for enclinado a leer juyzos de astrologos: e por tanto nom curo de seu julgar.

### **Doutrina moral e saudavel em que manifesta que merecem nosos erros muitas penas: empero nom sera diluvio**

Mas por dizer e confessar verdade (christianissima senhora) nom negarey: procederem nossas maldades em tanto crecimiento que sejamos por ellas merecedores e dinos: nom soomente do diluvio que estes pregam e dizem aver de vir: nem da peste dannossa que avera dous annos: os nossos portugueses sofreram em alguns lugares deste reyno: de que agora tambem merecendo ho nos andamos cercados. Mas muito mayores tormentos juntamente com ha fim do mundo. porque os nom honestos custumes e desvairadas maldades das gentes sejam castigadas com tristes e espantosas penas em os perpetuos fogos do inferno: ho que nom digo sem causa. Ca se os custumes dos mortaes: com limpos olhos e verdadeiro coraçam quisermos oulhar: veremos nom ser agora menor malicia na. terra: nem sam nestes tempos: nossas vontades e desejos: menos inclinaadas ao mal: do que jaa foy no tempo antigo: em que vendo deos ha terra corrupta (ca

signos que de sua natureza são húmidos causassem água e dilúvio, mas não haverão este efeito, porque serão impedidos por estes dois planetas, Marte e Sol, que têm virtude e natureza quente.

Estas coisas, excellentíssima senhora, me pareceram dignas neste caso de notar e, portanto, com a maior brevidade que o estilo de dizer consentiu, as tirei e copilei das sentenças que alguns sábios puseram contra o juízo deste falso dilúvio. E não sou eu só o que resisto e contradigo a tão falsa sentença, mas com outros muitos sabedores também lhe resiste e contradiz Agostino Nifo, grão filósofo e matemático de nossos dias, num livro que fez contra esta falsa opinião, o qual dedicou ao poderoso Carlos, agora imperador. E isto sentem as regras e doutrinas de Ptolomeu, se são bem entendidas; e digo assim, Ptolomeu, porque, dando pouca fé os sábios verdadeiros às coisas de Astrologia – os quais eu julgarei tanto serem mais sabedores quanto menos fé lhe derem –, se alguma coisa, empero, cuidam haver nela que se deva provar, tudo fundam em doutrina e autoridade deste Ptolomeu, ou em razão natural. Ca toda outra coisa que sem estas duas se afirma é superstição e falsidade fingida; e se alguns, com temerário juízo, quiserem ter e dizer o contrário, não me dá pena, ca eles cairão, por não serem fundados em razão, nem podem provar seu dito por autoridade, nem é sem ímpeto ou movimento de Satanás, a quem muitos dos astrólogos creem, o qual, sendo padre de mentiras, nas coisas que ele pode faz que digam uma verdade por que suas bocas sejam depois um órgão e cano de falsidades, como verá e achará por experiência todo aquele que for inclinado a ler juízos de astrólogos. E portanto, não curo de seu julgar.

**Doutrina moral e saudável em que manifesta que merecem nossos erros muitas penas, empero não será dilúvio.**

Mas por dizer e confessar verdade, cristianíssima senhora, não negarei procederem nossas maldades em tanto crescimento que sejamos por elas merecedores e dignos, não somente do dilúvio que estes pregam e dizem haver de vir, nem da peste danosa que, haverá dois anos, os nossos portugueses sofreram em alguns lugares deste reino, de que agora, também merecendo-o, nós andamos cercados, mas muito maiores tormentos juntamente com o fim do mundo, por que os não honestos costumes e desvairadas maldades das gentes sejam castigadas com tristes e espantosas penas nos perpétuos fogos do inferno, o que não digo sem causa. Ca, se os costumes dos mortais com limpos olhos e verdadeiro coração quisermos olhar, veremos não ser agora menor malícia na terra, nem são nestes tempos nossas vontades e desejos menos inclinadas ao mal do que já foi no tempo antigo em que, vendo Deus a terra corrupta (ca

nenhuum avia sobre ella sem novo custume de pecado. Corruperat enim omnis caro viam suam super terram) como se escreve no genesi: disse ha noe: em a secreta determinaçam de meu peyto: esta posto e ordenado pera comum castigo hum fim e universal pena per que pereça toda criatura: onde por alimpar a terra dos males. tirarey della tudo. Começando des ho homem que criey ate os animaes: e dos bichos da terra: tee as aves do çeo. Ca me pesa. e tenho desprazer de os aver feyto ¶ Que cousas (excelentissima senhora) podiam ser naquelles dias de tanta offensa pera deos que agora mais nom aja: certo connosco temos as causas: e nom faltam os azos de pecar. Presentes sam a nos tantas maldades: quantas nunca pudeeram ser. nom faltam agora excusadas tiranias nos reys: nem pouco justas e encubertas oppressões e peytas no povo: maas governanças: e yrosos mandadores. Presentes sam a nos desenfreados impetos e nom temperados movimentos: nom falecem inimizades contendas: doestos: injurias. mortes: furtos: e outros males: que por descuido da justiça muitas vezes se cometem. Das infamias e falsidades que os pouco temeroosos de deos alevantam cada dia em perjuyzo de seus proximos: nom falo. nem nomeo outros trautos e nom honestas maneyras de viver que ha subida maldade dos humanos acha cada dia com que deos se offende. Quem tolheraa (serenissima senhora) a divinal vingança: onde vemos tam justa causa: misericordioso he deos: mas nom se esqueçe de sua justiça: e jaa prouvesse a elle que os castigos e açoutes que padecemos: fossem pera nossa correyção e emmenda diz sancto augustinho: mas aay que vejo cousas denunciativas do fim e tempos derradeyros onde convem que vellemos: por que vijndo ho sumo deos ha julgar: nos ache despostos. e demos bõa rezão de nossas vidas. Certo dos tempos finaes: que julgando por ho que vemos: nom podem muyto tardar. falando sam paulo. Com sua tuba evangelica. e prophetica boca em sinal diz<sup>22</sup>. Em os derradeiros dias: avera cousas difficultosas Ca seram

22 Na margem: *segunda ad thimo. ii. ca.*

nenhum havia sobre ela sem novo costume de pecado: *corruperat enim omnis caro viam suam super terram*<sup>47</sup>, como se escreve no Génesis, disse a Noé: «Na secreta determinação de meu peito está posto e ordenado, para comum castigo, um fim e universal pena por que pereça toda criatura; onde, por limpar a terra dos males, tirarei dela tudo, começando desde o homem que criei até os animais, e dos bichos da terra até as aves do céu; ca me pesa e tenho desprazer de os haver feito»<sup>48</sup>.

Que coisas, excellentíssima senhora, podiam ser naqueles dias de tanta ofensa para Deus que agora mais não haja? Certo connosco temos as causas e não faltam os azos de pecar. Presentes são a nós tantas maldades quantas nunca puderam ser. Não faltam agora escusadas tiranias nos reis, nem pouco justas e encobertas opressões e peitas no povo, más governanças e irosos mandadores. Presentes são a nós desenfreados ímpetos e não temperados movimentos. Não falecem inimizades, contendidas, doestos, injúrias, mortes, furtos e outros males que, por descuido da justiça, muitas vezes se cometem. Das infâmias e falsidades que os pouco temerosos de Deus levantam cada dia em prejuízo de seus próximos não falo; nem nomeio outros tratos e não honestas maneiras de viver que a subida maldade dos humanos acha cada dia, com que Deus se ofende. Quem tolherá, sereníssima senhora, a divinal vingança onde vemos tão justa causa? Misericordioso é Deus, mas não se esquece de sua justiça; e já prouvesse a Ele que os castigos e açoutes que padecemos fossem para nossa correção e emenda, diz santo Agostinho! Mas, ai, que vejo coisas denunciativas do fim e tempos derradeiros, onde convém que velemos, por que, vindo o sumo Deus a julgar, nos ache dispostos, e demos boa razão de nossas vidas! Certo dos tempos finais, que, julgando pelo que vemos, não podem muito tardar, falando são Paulo, com sua tuba evangélica e profética boca em sinal diz<sup>49</sup>: «Nos derradeiros dias haverá coisas difíltosas, ca serão

47 Génesis, 6:12: «Cumque vidisset Deus terram esse corruptam: omnis quippe caro corruperat viam suam super terram».

48 António de Beja glosa Génesis, 6:17: «Ecce ego adducam aquas diluvii super terram, ut interficiam omnem carnem, in qua spiritus vitæ est subter cælum : universa quæ in terra sunt, consumentur».

49 Na margem: Segunda a Timóteo, 2º capítulo.

A citação de António de Beja não se encontra no capítulo 2, mas pertence ao início do capítulo 3 (versículos 1-5): «Hoc autem scito, quod in novissimis diebus instabunt tempora periculosa: erunt homines seipsos amantes, cupidi, elati, superbi, blasphemi, parentibus non obedientes, ingratiti, scelesti, sine affectione, sine pace, criminatores, incontinentes, immites, sine benignitate, proditores, protervi, tumidi, et voluptatum amatores magis quam Dei: habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes.»

os homens amadores de si mesmos. cobiçoosos muyto / vangloriosos. soberbos. blasphemos. desobedientes. maaos desagradecidos. sem amor. sem fee e verdade. acusadores. crueis. e pouco continentes. avorecedores do bem. mal inclinados. e mais amaram seus desejos e deleytes que a deos. fingiraam nelle piedade. negando seu poder. ho que tudo disse. por que vendo noos em cada parte serem os homens destes custumes e feyçao. que dixeemos: mayormente os poderosos. sospeitemos e creamos sermos vindos em aquelles tempos de que prophetizou ho apostolo. Nem passarey com silencio nesta parte. aquilo que ha subida e grande aaguea hipponense. Agustinho santissimo. Conta em hum livro seu onde diz. que sendo ele desejoso de saber em que tempo avia de ser ha fim do mundo. e pera isto fizesse continua e muy perseverada oraçam a deos. por tal que sua be[ni]gnidade tivese por bem de lho mostrar ouvio em resposta e divinal revelacam: que se acabaria ho mundo: quando acontecessem estas doze couas que se seguem. ha prymeyra: senhores e prelaados sem diligencia: que agora muyto vemos. Ca os bispos sendo: segundo a propriedade de seu nome chamados e ditos velladores: porque bispo quer dizer vellador. elles ho saam certo: em poer muito mayor diligencia em buscar e adquerir grandes rendas: e ajuntar grandes thesouros. do que veellam em saber muitas letras: e aprender santos e virtuosos custumes necesareos pera a salvaçam das almas que tem em cargo. ¶ Ha segunda quando forem os povos sem reverencia: ho que certo experimentamos. Ca nenhuum onrra em nossos dias perfectamente deos. nem tem veneraçam e acatamento ao seu sancto nome: nem aas ygrejas: altares: sacerdotes e ministros de deos. nem guardam entre sy: ha virtuosa cortesia que os barões de boons e honestos custumes devem teer. E por nom fazer largo processo. He a terceira. os clerigos sem castidade. A quarta. religiosos sem obediencia. A quinta. ricos sem charidade. A sexta. pobres sem humildade. Septima. os casados sem fee e lealdade huuns a outros. Octava. desonestas molheres. Nona. doutores. e sabios sem obra. Decima. velhos sem discriçao. Undecima. principes e senhores da terra sem justiça. Duodecima. os moços e mançebos sem terem obediencia a seus mayores. As quaes couas: posto que vejamos todas em noos: certo dinas de divinal vingança como em muy diversos males cada dia experimentamos: nom avemos por yssso teer tam pouco juyzo e saber: que Creamos poder vijr antre elles huum diluvio tam grande como estes causadores de tristes novas publicaram. verdadeyro he deos: e nom pode a ssy mesmo ser contrario E por tanto nom he de temer este diluvio: porque ho mundo nom ha de perecer nem acabar por agoa: mas por fogo

os homens amadores de si mesmos, cobiçosos muito, vangloriosos, soberbos, blasfemos, desobedientes, maus, desagradecidos, sem amor, sem fé e verdade, acusadores, cruéis e pouco continentes, aborrecedores do bem, mal inclinados, e mais amarão seus desejos e deleites que a Deus, fingirão nele piedade negando seu poder.» O que tudo disse, por que, vendo nós em cada parte serem os homens destes costumes e feição que dissemos, maiormente os poderosos, suspeitemos e creiamos sermos vindos naqueles tempos de que profetizou o apóstolo. Nem passarei com silêncio nesta parte aquilo que a subida e grande águia hiponense, Agostinho santíssimo, conta num livro seu, onde diz que, sendo ele desejoso de saber em que tempo havia de ser o fim do mundo e para isto fizesse contínua e mui perseverada oração a Deus por tal que sua benignidade tivesse por bem de lho mostrar, ouviu em resposta e divinal revelação que se acabaria o mundo quando acontecessem estas doze coisas que se seguem.

A primeira, senhores e prelados sem diligência, que agora muito vemos, ca os bispos, sendo segundo a propriedade de seu nome chamados e ditos veladores (porque bispo quer dizer velador), eles o são, certo, em pôr muito maior diligência em buscar e adquirir grandes rendas e ajuntar grandes tesouros do que velam em saber muitas letras e aprender santos e virtuosos costumes, necessários para a salvação das almas que têm em cargo.

A segunda, quando forem os povos sem reverência, o que certo experimentamos, ca nenhum honra em nossos dias perfeitamente Deus, nem tem veneração e acatamento ao seu santo nome, nem às igrejas, altares, sacerdotes e ministros de Deus, nem guardam entre si a virtuosa cortesia que os barões de bons e honestos costumes devem ter.

E por não fazer largo processo, é a terceira os clérigos sem castidade; a quarta, religiosos sem obediência; a quinta, ricos sem caridade; a sexta, pobres sem humildade; sétima, os casados sem fé e lealdade uns a outros, oitava, desonestas mulheres; nona, doutores e sábios sem obra; décima, velhos sem discrição; undécima, príncipes e senhores da terra sem justiça, duodécima, os moços e mancebos sem terem obediência a seus maiores.

As quais coisas, posto que vejamos todas em nós, certo dignas de divinal vingança como em mui diversos males cada dia experimentamos, não havemos por isso ter tão pouco juízo e saber que creiamos poder vir entre eles um dilúvio tão grande como estes causadores de tristes novas publicaram. Verdadeiro é Deus, e não pode a si mesmo ser contrário. E, portanto, não é de temer este dilúvio, porque o mundo não há de perecer nem acabar por água, mas por fogo,

¶ Isto dixe (muy sabia senhora) por que cerreys vossas benignas orelhas: e nom deis credito as vaans palavras e falso dizer dos sabedores deste segre. que sam aquelles que taes cousas dizem. Os quaes cuidando ser sabios / diz paulo<sup>23</sup> / sam feytos y tornados doudos. nom ame logo. vossa alteza os cantos doçes e lisongeyros dizeres destas falsas sereas. nem sigua os juyzos dos astrologos: ca sam homens. E por isto mentirosos a quem ho demonio com esta sua arte tam dificil: nunca delles perfectamente sabida leva e poem nas moradas infernaes: qual dos astrologos foy visto nunca pronunciar e dizer futuras cousas: que presuma em alguma maneyra prenósticar a certeza dellas: sem favor e conselho de algum spiritu familiar e diabolico: Deyteos logo. vossa alteza de seu favor Ca seendo discipulos do falsissimo mestre sathanas: nom podem ter: nem ensinar saã doutrina: mas buscando seu proprio e particular proveyo: seguindo seus maos desejos: chamanse doutores e mestres: porque avendo por estes nomes autoridade: antre as pessoas de pouco saber / com sua falsa conversaçam: fale[m] doçes palavras: dizendo a huns ho que ha de vijr. A outros oulhando as mãos / por arte de chiromancia declarem e manifestem diversos fins: e falsos acontecimentos: por que desta maneyra tirandoos da verdade / os façam assi tam familiares: que dem credito aas fabulas: e fingidas novidades que cada dia quiserem dizer. Destes fuga todo christaão: e oulhe bem: que nom seja por seu conselho trazido a vaydade: e faça por sempre andar em ho caminho e ley de deos: creendo que elle he ho criador e fazedor das estrellas. Sem ho qual nenhúa cousa se obra no mundo: nem nos podemos: sem seu perfeyto conhecimento salvar.

¶ **PARTE SEGUNDA PRINCIPAL** deste tratado: em que ho autor pera mayor confusam dos astrologicos juyzos declara que cousa he astrologia: em que poem duas partes: húa concede: e outra reprehende.

Nom negarey: aver algum dos mortaes. nesta parte / por ventura tam zeloso dos alheos trabalhos / que diga eu ser ousado: em meu processo pois pareço reprehender húa arte tam antiga. como he astrologia. a quem pessoas de tanta autoridade sempre deeram tanta fe. Como em seus livros e dizer se manifesta: a quem dou muitas graças por incitar e espertar minha fraqueza: pera que declare a verdade.

23 Na margem: *ad. roma. I.*

Isto disse, mui sábia senhora, por que cerreis vossas benignas orelhas e não deis crédito às vãs palavras e falso dizer dos sabedores deste segré<sup>50</sup>, que são aqueles que tais coisas dizem, os quais, cuidando ser sábios, diz Paulo<sup>51</sup>, são feitos e tornados doidos. Não ame, logo, Vossa Alteza os cantos doces e lisongeiros dizeres destas falsas sereias, nem siga os juízos dos astrólogos, ca são homens, e por isto mentirosos, a quem o demónio com esta sua arte tão difícil, nunca deles perfeitamente sabida, leva e põe nas moradas infernais.

Qual dos astrólogos foi visto nunca pronunciar e dizer futuras coisas, que presuma em alguma maneira prognosticar a certeza delas, sem favor e conselho de algum espírito familiar e diabólico? Deite-os, logo, Vossa Alteza de seu favor, ca, sendo discípulos do falsíssimo mestre Satanás, não podem ter nem ensinar sã doutrina. Mas, buscando seu próprio e particular proveito, seguindo seus maus desejos, chamam-se doutores e mestres, por que, havendo por estes nomes autoridade entre as pessoas de pouco saber, com sua falsa conversação falem doces palavras dizendo a uns o que há de vir, a outros olhando as mãos por arte de quiromância declarem e manifestem diversos fins e falsos acontecimentos, por que, desta maneira tirando-os da verdade, os façam a si tão familiares que deem crédito às fábulas e fingidas novidades que cada dia quiserem dizer. Destes fuja todo cristão e olhe bem que não seja por seu conselho trazido a vaidade. E faça por sempre andar no caminho e lei de Deus, crendo que Ele é o criador e fazedor das estrelas, sem o qual nenhuma coisa se obra no mundo, nem nos podemos, sem seu perfeito conhecimento, salvar.

**PARTE SEGUNDA PRINCIPAL** deste tratado, em que o autor, para maior confusão dos astrológicos juízos, declara que coisa é Astrologia, em que põe duas partes: uma concede e outra repreende.

Não negarei haver algum dos mortais, nesta parte porventura tão zeloso dos alheios trabalhos, que diga eu ser ousado em meu processo, pois pareço repreender uma arte tão antiga como é Astrologia, a quem pessoas de tanta autoridade sempre deram tanta fé como em seus livros e dizer se manifesta; a quem dou muitas graças por incitar e espertar minha fraqueza para que declare a verdade,

50 Substantivo arcaico equivalente, no Português atual, a *século*.

51 Na margem: Ad romanos, I.

António de Beja cita o versículo 22: «dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt».

Ca nem eu falo tam universal. que negue: ou reprove todo excercicio das estrellas: nem menos creo aver algúia sciencia e arte tam falsa que nom tenha e mostre (como diz santo augustinho) algúia verdade. mas por que saybam ho que nesta parte sintem os doutores: notem ho que se segue.

¶ Ha sciencia de astrologia. hee huña das sete liberaes: que a sotil invençam do juyzo humano achou por que usando delas: ouvesse virtuoso excer[ci]cio: e viesse em conhecimento de outras mais excelentes doutrinas. Onde aristoteles em ho .8. livro das politicas diz. que hee proveytosa cousa: e de louvar participarmos algúias vezes do saber e artes liberais porque ho seu uso: nos ordena e leva a mayores couosas. De cuyas palavras parece quanto sam dignos de reprehensam aquelles que assi gastam seus dias em ho estudo soo de algúia destas sete que nunca outra cousa mais querem saber. As tres primeyras .s. gramatica: logica: e reytorica. sam ditas triviaes. porque tem quasi hum fim. As outras quatro .s. arismetica: musica: geometria astrologia: se chamam mathematicas: ou sciencias doutrinaes. Segundo ysidoro. 1i. 3. ethimo.<sup>24</sup> ditas mathematicas de mathesis: palavra grega: que quer dizer demostrar. porque estas quatro artes: muyto clara e châmente se aprendem per certas demostrações conformes ao nosso sentido. e nom falando aqui das seis que nom fazem a nosso caso: achou ha fantesia humana outra e septima arte a que chamam astrologia: que avendo nome das estrellas: segundo antiga ymaginaçam daa ley e regras aos mortaes para saber e conhecer ho curso e movimento dellas. ¶ Esta se diz em duas maneras: ou tem duas partes. Ha primeira trata do movimento do primeiro mobile: ensinandonos (diz escoto) que alem das sete spheras: e çeos de baxo em que estam ho sol e lúa: e outras estrellas a que chamam planetas. estaa ho çeo. 8. em que estam as estrellas fixas e ha nome firmamento.<sup>25</sup>

24 Na margem: *ca. I.*

25 Na margem: *ij. sen. di. xiiij. que. ij.*

ca nem eu falo tão universal que negue ou reprove todo excercício das estrelas, nem menos creio haver alguma ciência e arte tão falsa que não tenha e mostre (como diz santo Agostinho) alguma verdade. Mas, por que saibam o que nesta parte sentem os doutores, notem o que se segue.

A ciência de Astrologia é uma das sete liberais que a subtil invenção do juízo humano achou, por que usando delas houvesse virtuoso excercício e viesse em conhecimento de outras mais excelentes doutrinas. Onde Aristóteles, no 8º livro das *Políticas*, diz que é proveitosa coisa e de louvar participarmos algumas vezes do saber e artes liberais, porque o seu uso nos ordena e leva a maiores coisas. De cujas palavras parece quanto são dignos de repreensão aqueles que assim gastam seus dias no estudo só de alguma destas sete, que nunca outra coisa mais querem saber. As três primeiras, a saber, Gramática, Lógica e Retórica, são ditas triviais, porque têm quase um fim. As outras quatro, a saber, Aritmética, Música, Geometria, Astrologia, se chamam matemáticas ou ciências doutrinais. Segundo Isidoro, 1ivro 3º, *Etimologias*<sup>52</sup>, ditas matemáticas de *mathesis*, palavra grega que quer dizer demonstrar, porque estas quatro artes muito clara e châmente se aprendem por certas demonstrações conformes ao nosso sentido. E não falando aqui das seis que não fazem a nosso caso, achou a fantasia humana outra e sétima arte a que chamam Astrologia, que havendo nome das estrelas, segundo antiga imaginação dá lei e regras aos mortais para saber e conhecer o curso e movimento delas.

Esta se diz em duas maneiras, ou tem duas partes. A primeira trata do movimento do primeiro *mobile*, ensinando-nos – diz Escoto – que além das sete esferas e céus de baixo em que estão o Sol e Lua e outras estrelas a que chamam planetas, está o céu 8º, em que estão as estrelas fixas e há nome firmamento<sup>53</sup>,

52 Na margem: capítulo I.

Na verdade, no capítulo 1 do Livro III Isidoro de Sevilha apenas se refere à Aritmética, que define como a «disciplina numerorum», pelo que o seu nome deriva de *arithmós*, que significa “número” em grego. Cf. San Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, (Madrid: BAC, 2004, p. 412).

53 Na margem: II. Sen[tentiarum], di[stinctio] XIV, que[stio] II.

João Duns Escoto, O.F.M. (c. 1266–1308) foi um teólogo e filósofo escocês. Trata-se de um dos três filósofos-teólogos mais importantes da Europa Ocidental na Alta Idade Média, juntamente com Tomás de Aquino e Guilherme de Ockham.

Esta anotação marginal remete para o Livro II da *Lectura Oxoniensis* (Comentário das Sentenças). A questão aqui referida tem a formulação seguinte: «Est ne aliud mobile a coelo stellato?» Na resposta, pode ler-se: «Colligimus inde præter coelum stellatum septem orbis esse planetarum, unde & Aristoteles hac motus ratione posuit octo coelos. Deinde Astrologi ex vario motu octavi coeli, concluserunt nonum mobile superius». Johannes Duns Scotus

Sobre ho qual confessam todos: que haa outro çeo dito primum mobile: que ygualmente e de húa maneira se move cada dia sobre a terra. Como dizem avicena e ptolomeu<sup>26</sup>: e sobre estes poem os theologos aver outros dous .s. ho çeo christalino: e empireo: que sera ho lugar fixo e firme dos bem aventurados. E asi confesam e poem. xj. spheras ou redondezas a que chamamos çeos em a parte acima dos elementos dicta celestial: cuyo conhecimento (segundo a fraqueza de nosso entender) avemos por esa primeira parte de astrologia. que alem disto nos ensina quaes destes orbes e redondas spheras. tenham hum centro e quaeas nam. Esta nos mostra ha façe de cima e baxo de cada hum destes a que chamam. superficies concava e conveixa. e assi quaequer accidentes: e cousas que acontecem a estas em seus movimentos. Per esta sabemos as mudanças da lúa e as diferenças que faz em seu crescer e minguar. Esta nos ensina ho nacimiento. e posciçam das estrellas: que fazem quando aparecem a noos no oriente: e quando se escondem no occidente. Per esta sabemos: quaeas sam os eyxos / ou pontos sobre que o mundo se move: que sam dous .s. artico e antartico. e assi tambem quaeas sam os circulos. setemprional que he artico: solesticial. onde ho sol faz huma estança. e nom pode mais sobir a que chamam circulo de cancro. que reyna

26 Na margem: *XI. metha. ca. ii. in almagesto VII.*

sobre o qual confessam todos que há outro céu dito *primum mobile*, que igualmente e de uma maneira se move cada dia sobre a terra, como dizem Avicena e Ptolomeu<sup>54</sup>. E sobre estes põem os teólogos haver outros dois, a saber, o céu cristalino e empíreo, que será o lugar fixo e firme dos bem-aventurados. E assim confessam e põem 11 esferas ou redondezas, a que chamamos céus, na parte acima dos elementos dita celestial, cujo conhecimento, segundo a fraqueza de nosso entender, havemos por essa primeira parte de Astrologia que, além disto, nos ensina quais destes orbes e redondas esferas tenham um centro e quais não.

Esta nos mostra a face de cima e baixo de cada um destes, a que chamam superfícies côncava e convexa, e assim quaisquer acidentes e coisas que acontecem a estas em seus movimentos. Por esta sabemos as mudanças da Lua e as diferenças que faz em seu crescer e minguar. Esta nos ensina o nascimento e posição das estrelas, que fazem quando aparecem a nós no Oriente e quando se escondem no Ocidente. Por esta sabemos quais são os eixos ou pontos sobre que o mundo se move, que são dois, a saber, Ártico e Antártico. E assim também quais são os círculos: setentrional, que é ártico; solesticial, onde o Sol faz uma estância e não pode mais subir, a que chamam círculo de câncer, que reina

O.F.M., *Resolutiones in quatuor libros Sententiarnum*, Parisiis: apud Guillelmum de La Noué, 1600, fo. 127v.

54 Na margem: IX. metha[física] ca. II. in Almagesto VII. I.

Ibn Sina, de seu nome completo Abu Ali Huçeine ibne Abedalá ibn Sina, é mais conhecido no Ocidente pela forma latinizada Avicena. Tendo-se debruçado sobre inúmeras matérias, são especialmente relevantes os tratados de filosofia e de medicina. A obra *Al-Qānūn* (*O Cânone da Medicina*) era o manual utilizado em muitas universidades europeias para o ensino da medicina, entre elas a Universidade de Montpellier e a Universidade Católica de Leuven, ainda em 1650. Aqui António de Beja remete para a sua *Metafísica*, e mais especificamente para o Tratado IX, capítulo II, com o subtítulo «Capitulum quod propinquus motor cælestum non est natura nec intelligentia sed anima et quod principium longinquum est intelligentia». Cf. Avicenna, *Metafísica*, Milano: Bompiani, 2002, p. 878-903.

Cláudio Ptolomeu, ou apenas Ptolomeu (c. 90-c. 168), foi um cientista grego que viveu em Alexandria, no Egito. Entre as suas obras destacam-se o *Almagesto* e a *Geografia*. António de Beja alude a um passo do primeiro destes tratados, que localiza no Livro VII, capítulo I: «Quoniam in superioribus tam rectæ quam declivis sphæræ accidentibus, et ad hæc de rationibus motuum solis ac lunæ aspectibusque ipsorum qui ex motibus perspicuntur tractatum est, incipiamus nunc de stellis consequenter differere, et primum de iis quæ non erraticæ vocantur. Ante omnia igitur illud dicendum quod nomen hoc recte sibi convenit, ut non erraticæ appellantur, propterea quod ipsa stellæ tum lineationes figuræ similes tum æquales inter se distantias conservare semper cernuntur. Quod vero sphæra ipsarum tota ubi quasi fixæ circunferuntur ad successionem signorum, atque ad primi mobilis ortum proprium quandam ordinatumque progressum facere videntur, non est inconveniens hanc quoque sphæram non erraticam vocari». Ptolomeu, *Omnia Quae Extant Opera*, Basileae: apud Henricum Petrum, 1541, p. 176.

(segundo estes) no mês de junho. e ho circulo equinocial: brumal em dezembro onde se faz outra estança do Sol. e ho austral que he outro circulo pequeno. que chamam antartico / zodiaco / dous coluros. e ho circulo orizom. e do meo dia que fazem per todos dez. como se magnifesta na sphera material que os sabios fizeram pera declararem ysto. Por esta sabemos outro circulo que he no ceo a que chamam os philosophos galaxia. que he huum circulo branco que parece de noyte a que alguuns chamam caminho de santiago. Por esta parte de astrologia sabemos quantos dias ha no anno. e como ho anno das lūas he menor. xj. dias que ho do sol: e assy alcançamos per ella os eclypsese do sol. e luña. as voltas que da ho sol sobre a terra. E assy nos ensina. segundo a diversidade das regiões dividir a terra toda per climas. Esta parte he em si tam excelente y subida. e tam conforme haa sotileza de nosso juyzo. que bastara pera seu contino exer[ci]cio se soo fora.

¶ A outra parte: segunda a que alguns por melhor falar chamam astronomia. achou a falsa ymaginaçam dos homeens. os quaes deyxando ho virtuoso exer[ci]cio da primeira / ymaginaaram aver algum poder em algūas particulares estrellas sobre as cousas de baxo. e por tanto ordenaram regras e leys de prenósticar e deytar per ellas juyzos sobre as cousas que ham de vijr.<sup>27</sup> E pera ysto fingijram aver na fermosa multidam das estrellas / doze signos e sete planetas. em quem confessam. algūas vezes grandes conjunções. e naturaes ajuntamentos. E buscando diversas propriedades a estes signos e planetas per elles fingidos disseram huns ser quentes / outros frios: huns firmes e fixos: outros que se movem. huuns masculinos: outros femeninos: huns ascendentes: outros descendentes: huns longos e de muita dura: outros breves. E assy dixeram: que alguuns destes ham virtude e senhorio sobre algūas regiões: cidades. outros sobre arvores. sementes. e animaes e assy poem. quaes planetas sam diurnos: e quaes direytos: quaes conjuntos: e quaes sam fortes: em suas influencias e paxões. Como escreve ptolomeu: em seu quadripartito. E nom contentes disto: por fazerem seus juyzos maiores: ordenaram arte pera saber por elles: do conceber e nacer dos homens: e arte de preguntas: questões: e elecção de horas. em que resgardam muyto as revoluções assy do mundo como das outras cousas. Conjunções de planetas eclipses da luña: mudanças de tempos: alteraçam do aar: aparicimento despantosas cometas. E com ysto pera mayor mal. fizeram arte de ymagens: e sellos: de que usam muyto os feyticeyros em suas vaydades e outras abominações

27 Na margem: *Quomodo signa sunt fictiones gentilium vide picum. Ii. vi. ca. iiiii.*

(segundo estes) no mês de junho; e o círculo equinocial, brumal, em dezembro, onde se faz outra estância do Sol; e o austral, que é outro círculo pequeno que chamam antártico; zodíaco, dois coluros, e o círculo horizonte e do meio-dia, que fazem por todos dez, como se manifesta na esfera material que os sábios fizeram para declararem isto.

Por esta sabemos outro círculo que é no céu, a que chamam os filósofos galáxia, que é um círculo branco que aparece de noite a que alguns chamam Caminho de Santiago. Por esta parte de Astrologia sabemos quantos dias há no ano, e como o ano das luas é menor 11 dias que o do Sol; e assim alcançamos por ela os eclipses do Sol e Lua, as voltas que dá o Sol sobre a Terra; e assim nos ensina, segundo a diversidade das regiões, dividir a Terra toda por climas. Esta parte é em si tão excelente e subida e tão conforme à subtileza de nosso juízo, que bastara para seu contínuo exercício se só fora.

A outra parte segunda, a que alguns por melhor falar chamam Astronomia, achou a falsa imaginação dos homens, os quais, deixando o virtuoso exercício da primeira, imaginaram haver algum poder em algumas particulares estrelas sobre as coisas de baixo e, portanto, ordenaram regras e leis de prognosticar e deitar por elas juízos sobre as coisas que hão de vir<sup>55</sup>. E para isto, fingiram haver na formosa multidão das estrelas doze signos e sete planetas, em quem confessam algumas vezes grandes conjunções e naturais ajuntamentos.

E buscando diversas propriedades a estes signos e planetas por eles fingidos, disseram uns ser quentes, outros frios; uns firmes e fixos, outros que se movem; uns masculinos, outros femininos; uns ascendentes, outros descendentes; uns longos e de muita dura, outros breves. E assim disseram que alguns destes hão virtude e senhorio sobre algumas regiões, cidades, outros sobre árvores, sementes e animais; e assim, põem quais planetas são diurnos e quais direitos, quais conjuntos, e quais são fortes em suas influências e paixões, como escreve Ptolomeu em seu *Quadripartito*<sup>56</sup>. E não contentes disto, por fazerem seus juízos maiores, ordenaram arte para saber por eles do conceber e nascer dos homens, e arte de perguntas, questões e eleição de horas em que resguardam muito as revoluções, assim do mundo como das outras coisas, conjunções de planetas, eclipses da Lua, mudanças de tempos, alteração do ar, aparecimento de espantosos cometas. E com isto, para maior mal, fizeram arte de imagens e selos, de que usam muito os feiticeiros em suas vaidades, e outras abominações

55 Na margem: Quomodo signa sunt fictiones gentilium vide Picum, liber VI, ca. IV.

56 A obra é mais conhecida sob o título de *Tetrabiblos*.

que desta procederam.<sup>28</sup> Mas por quanto ha sagrada religiam christaã: veeda e defende as cousas desta segunda parte: por tanto juntamente com outros companheiras .s. arte magica: nigromancia: geomancia / agoyreira: e chiromancia: ha lancemos de nosso pensamento e obra. Ca sam muyto reprehendidas como prova sancto thomas: 2. 2. que. 95. ar. 3.

#### ¶ Concluye ha bondade e falsidade da astrologia.

As quaes cousas assy declaradas. Concluindo nesta parte meu proposito digo: que nom he minha entençam danar nem reprehender: neste pequeno livro: ho uso e excer[ci]cio da astrologia quanto ha parte primeira que se diz contemplativa: porque toda arte segundo comum opiniam tem algña verdade. E assi esta como seja húa das liberaes ha de ter tambem ha sua: que sem perjuizo confesam alguns e dizem estar no conhecimento dos movimentos celestiae. e outras cousas que ella em sua sotileza nos magnifica boas pera nosso excerptio: e dignas se podeessemos: de se desejarem saber: com tanto que as aprendamos pera virmos per ellas em conhecimento de cousas saudosas e proveitosa pera nossas almas. E nom gastemos nella muyto tempo vaão: por ho perigo que de seu estudo (posto que ella em algña maneyra seja bôa) se nos poode seguyr: ho que nom digo sem causa. Ca sendo algña parte de astrologia louvada e proveitosa: nichil tamen refert ad salutem sed mitit in errorem: nenhuma cousa nos aproveita pera espiritual saude: mas antes nos traz em error. Como diz santo ambrosio: super epistolas pauli ad collosensium, E autorizasse no decreto .37. dis. ca. legimus.<sup>29</sup>

28 Na margem: *Causam huius vide in pico li. I. ubi ponit reprobacionem huius artis per policianum et nicolaum leonicenum.*

29 Na margem: *Ponitur I decreto xxxvii dis. ca. si quis.*

que desta procederam<sup>57</sup>. Mas, por quanto a sagrada religião cristã veda e defende as coisas desta segunda parte, portanto, juntamente com outras companheiras, a saber, arte mágica, nigromância, geomância agoireira e quiromância, a lancemos de nosso pensamento e obra, ca são muito repreendidas, como prova santo Tomás, *Secunda Secundae*, questão 95, artigo 3<sup>58</sup>.

### **Conclui a bondade e falsidade da Astrologia.**

As quais coisas assim declaradas, concluindo nesta parte meu propósito digo que não é minha intenção danar nem repreender, neste pequeno livro, o uso e excercício da Astrologia quanto à parte primeira, que se diz contemplativa, porque toda arte, segundo comum opinião, tem alguma verdade. E assim esta, como seja uma das liberais, há de ter também a sua, que sem prejuízo confessam alguns e dizem estar no conhecimento dos movimentos celestiais e outras coisas que ela em sua subtileza nos manifesta, boas para nosso excercício e dignas, se pudéssemos, de se desejarem saber, contanto que as aprendamos para virmos por elas em conhecimento de coisas saudosas e proveitosa para nossas almas. E não gastemos nela muito tempo vão, pelo perigo que de seu estudo (posto que ela em alguma maneira seja boa) se nos pode seguir, o que não digo sem causa. Ca, sendo alguma parte de Astrologia louvada e proveitosa, *nichil tamen refert ad salutem sed mitit in errorem*: nenhuma coisa nos aproveita para espiritual saúde, mas antes nos traz em error, como diz santo Ambrósio, *Super epistolas Pauli ad collosensis*<sup>59</sup>, e autoriza-se no decreto 37, dis. ca. *legimus*.

57 Na margem: Causam huius vide in Pico liber I, ubi ponit reprobacionem huius artis per Policianum et Nicolaum Leonicenum.

Com esta nota marginal, António de Beja remete para a página em que Pico evoca os convívios com Marsilio Ficino, a quem se juntava, por vezes, Angelo Poliziano, nos quais os três brincavam e riam a propósito dos astrólogos. Acrescenta, de seguida, com muito pormenor, a opinião de Niccolò Leoniceno (1428-1524), um humanista, botânico e médico nascido em Ferrara, que via na astrologia uma mistificação construída por aqueles que a praticavam para ganharem ascendente sobre os príncipes, explorando a sua ignorância, e, assim, satisfazerem a própria avidez. Cf. Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 418.

58 S. Tomás escreve, efetivamente: «omnis divinatio utitur ad praecognitionem futuri eventus aliquo Daemonum consilio et auxilio» (<https://www.corpusthomisticum.org/sth3092.html>).

59 Cf. Santo Ambrósio, *In Epistolam B. Pauli ad Colossenses*, cap. II (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 17, 427): «Quod quidem omnem incredulum latet in Christo esse omnem sapientiam et scientiam; quia non legunt in Evangelii astrologiam, non in Apostolo geometriam, non in prophetis arithmeticam nec musicam: quae idcirco despcta sunt a nostris, quia ad salutem non pertinent, sed magis mittunt in errorem, et avocant a Deo; ut dum his student ratiocinationum disputationibus, animae suae curam non agant».

e meu padre sam hieronimo. expoendo, outra espistola de sam pablo ad titum diz assi: se algum souber e aprehender gramatica: ou logica por que sabendo bem falar. julgue perfectamente antre ha verdade e falsidade. nom faz mal. nem menos reprovo diz elle: ho desejo que algum tem de saber geometria. arismetica e musica com as outras artes liberaes que em si tem algúia verdade. Porem juntamente com ysto confesso: que todas estas nom sam sciencias de piedade. que soomente consiste e estaa em saber leer as sagradas escrituras: entender os prophetas: crer no evangelho: e ter conhecimento dos apostolos. E santo augustingo diz: que sendo louvada esta sciencia: proveitosa em algúia maneira: avemos com isto de confessar: que mais hee sciencia de curiosidade que de piedade: nom na culpo. mas digo ser melhor cousa seguyr e estudar philosophia natural, que astrologia porque a philosophia natural he mais conforme a noso entendimento. que per ella sabemos os principios: e propriedades das couzas naturaes: e per ella conhecemos os effectos e razões assi do que vemos no ceo como na terra que quando se fazem sam e parecem a noos (por nom sabermos a causa) maravilhosas: onde se algum erro haa nesta arte e sciencia natural diz pico<sup>30</sup>. sera por vicio e ygnorancia dos que por ella sem saberem usam. mas ho erro da astrologia nom hee por outra causa salvo por ella ser em si viciosa, onde meu padre hieronimo escrevendo a Damaso diz. quod horum perscrutatores oculos in celum levantes: et ultra profundum terrarum in abysso demergentes in vanitate sensus. in obscuritate mentis ingredientes diebus ac noctibus perscrutantur: multa ut sciant: pauca ut sapiant. E santo augustinho. li. xvij. de civi. dei. falando desta sciencia diz: que a astrologia e toda outra disciplina a ella semelhante. mais aproveita e val pera exer[cic]cio dos juyzos e humanos entendimentos do que soe valer nem aproveitar. pera alumiar nossas almas com verdadeira sabidoria: e por este bom exercicio que tem nom hee reprendida em este primeiro sentido nem reprovada per os doutores. Mas somente reprendem aquella parte segunda que ensina lançar juizos das couzas que ham

30 Na margem: *li.i.*

«Nem menos reprovo – diz ele – o desejo que algum tem de saber Geometria, Aritmética e Música, com as outras artes liberais que em si têm alguma verdade. Porém, juntamente com isto, confesso que todas estas não são ciências de piedade, que somente consiste e está em saber ler as Sagradas Escrituras, entender os profetas, crer no evangelho e ter conhecimento dos apóstolos.» E santo Agostinho diz que, sendo louvada esta ciência, proveitosa em alguma maneira, havemos com isto de confessar que mais é ciência de curiosidade que de piedade. Não a culpo, mas digo ser melhor coisa seguir e estudar filosofia natural que Astrologia, porque a filosofia natural é mais conforme a nosso entendimento, que por ela sabemos os princípios e propriedades das coisas naturais, e por ela conhecemos os efeitos e razões assim do que vemos no céu como na terra, que quando se fazem são e parecem a nós (por não sabermos a causa) maravilhosos. Onde, se algum erro há nesta arte e ciência natural, diz Pico<sup>60</sup>, será por vício e ignorância dos que por ela, sem saberem, usam. Mas o erro da Astrologia não é por outra causa, salvo por ela ser em si viciosa. Onde meu padre Jerónimo, escrevendo a Dâmaso, diz: «*Quod horum perscrutatores oculos in celum levantes, et ultra profundum terrarum in abyso demergentes, in vanitate sensus, in obscuritate mentis ingredientes diebus ac noctibus perscrutantur, multa ut sciant, pauca ut sapiant*»<sup>61</sup>. E santo Agostinho, livro 18º *De civitate dei*<sup>62</sup>, falando desta ciência, diz que a Astrologia, e toda outra disciplina a ela semelhante, mais aproveita e vale para exercício dos juízos e humanos entendimentos, do que sói valer nem aproveitar para alumiar nossas almas com verdadeira sabedoria. E por este bom exercício que tem, não é repreendida neste primeiro sentido, nem reprovada pelos doutores; mas somente repreendem aquela parte segunda que ensina lançar juízos das coisas que hão

60 Na margem: liber I.

- 61 Não nos foi possível localizar nesta carta de S. Jerónimo o passo aqui referido. Encontramos, no entanto, nos seus *Commentaria in Epistolam ad Ephesios*, Liber II, c. IV (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 26, 621) o trecho que deverá ser a fonte que António de Beja glosa: «Nonne vobis videtur in vanitate sensus et obscuritate mentis ingredi, qui diebus ac noctibus in dialectica arte torquetur: qui physicus perscrutator oculos trans coelum levat, et ultra profundum terrarum et abyssi quoddam inane demergit [Al. demergitur], qui iambum struit, qui tantam metrorum silvam in suo studiosus corde distinguit et congerit: et (ut alteram partem transeam) qui divitias per fas et nefas quaerit: qui adulatur regibus, haereditates captat alienas, et opes congregat, quas in momento cui sit relicturus, ignorat?».
- 62 Santo Agostinho, *De civitate dei*, Liber decimus octavus, caput XXXI (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 41, 599): «Ipsa porro eorum memorabilis doctrina, quæ appellata est sapientia, quid erat nisi maxime astronomia, et si quid aliud talium disciplinarum magis ad exercenda ingenia, quam ad illuminandas vera sapientia mentes valere solet?»

de vir. por a qual. muitos nom zeloosos da honrra de deos: com pouco temor delle: dizem cousas de tanto alvoroço e danno como experimentamos no desmaio e perda da gente. em Lixbõa este janeiro de .1523. causada de muitas vaidades: e fingimentos vãos: que os sabios desta falsa arte cada dia deziam: a quem nunca se deve crer nem ha seus juizos dar fee por tres razões.

¶ **Tres razões por que se nom deve dar fee aos juyzos dos astrologos.**

A primeira por quem achou esta arte. ha segunda por sua pouca certeza: a terceira por algūas autoridades da sagrada escritura que ha defendem: Lendo eu com diligencia livros de muita antiguydade: por desejo que tinha de saber. quaeas foram os que primeiramente deram azo. e abriram este caminho de maldade. e derramaaram por ho mundo tam cruel pestenença. como tem esta arte (deixando toda outra prolixidade) achey duas cousas Ha. j. que esta sciencia nom foy dada nem revelada por deos: onde pico mirandula. despois de aver reprovado os fingimentos falsos de astrologos diz<sup>31</sup>: nom sey porque se daa fee a cousa de tanta revolta e desconcerto: como vemos nos judiciayros astrolo[go]s. Se hee por ventura: porque cuidam esta sciencia. ser revelada e dada por deos: isto nom poode ser porque as sagradas letras que sam sinaes da voz divinal as reprovam e defendem: e se disserem que nom por isto. mais porque a rrevelou algum demonio. nenhūa fee se lhe deve dar. por esta causa: porque deos disse ho demonio ser padre de mentiras. Donde vem diz elle: que se deve reprovar a opiniam dos que dizem. esta sciencia com as outras humanas que temos: aver sido reveladas por deos ha adam: de quem per sucessam vieram ter a noe: e hum filho deste noe per nome yonico (como conta methodio) disse e prenesticou per ella muitas cousas: e asi per sucesam veo ter a abraam. e per este aos do egipto: e destes aos gregos: de quem aprendderam e tomaram os latinos. ¶ A qual opiniam certo nom he verdadeira: ca ho primeyro que dizem ser esta revelada a adam: bem creo que de muitas scencias e cousas ouve adam per graça divinal conhecimento: mas nom desta judiciaria que nom he sciencia: mas vaidade pera rrijr. e escarnecer por quanto contradiz aos principios das verdadeiras doutrinas. E se asi fosse queria saber destes. por que causa as outras sciencias: nom vieram com esta a noos per sucesam: as quaeas confesam todos serem novamente achadas per diversos homens: postas com s[e]u estudo e diligencia em muita perfeyçam. Se por ventura quis deos isto fazer porque esta he mais necesaria que as outras: isto nom cabe em humano juizo. pois experimentamos cada dia sua

31 Na margem: *l. xii. ca. i.*

de vir, pela qual muitos, não zelosos da honra de Deus, com pouco temor d'Ele dizem coisas de tanto alvoroço e dano como experimentamos no desmaio e perda da gente em Lisboa, este janeiro de 1523, causada de muitas vaidades e fingimentos vãos que os sábios desta falsa arte cada dia diziam, a quem nunca se deve crer nem a seus juízos dar fé, por três razões.

### **Três razões por que se não deve dar fé aos juízos dos astrólogos.**

A primeira, por quem achou esta arte; a segunda, por sua pouca certeza; a terceira, por algumas autoridades da Sagrada Escritura que a defendem.

Lendo eu com diligência livros de muita antiguidade, por desejo que tinha de saber quais foram os que primeiramente deram azo e abriram este caminho de maldade e derramaram pelo mundo tão cruel pestilência como tem esta arte (deixando toda outra prolixidade),achei duas coisas: a primeira, que esta ciência não foi dada nem revelada por Deus. Onde Pico Mirandula, depois de haver reprovado os fingimentos falsos de astrólogos, diz<sup>63</sup>: «Não sei porque se dá fé a coisa de tanta revolta e desconcerto como vemos nos judiciários astrólogos. Se é, porventura, porque cuidam esta ciência ser revelada e dada por Deus, isto não pode ser, porque as Sagradas Letras, que são sinais da voz divinal, as reprovam e defendem. E se disserem que não por isto, mas porque a revelou algum demónio, nenhuma fé se lhe deve dar, por esta causa: porque Deus disse o demónio ser padre de mentiras. Donde vem – diz ele – que se deve reprovar a opinião dos que dizem esta ciência, com as outras humanas que temos, haver sido reveladas por Deus a Adão, de quem por sucessão vieram ter a Noé. E um filho deste Noé, por nome Jónico, (como conta Metódio) disse e prognosticou por ela muitas coisas, e assim, por sucessão, veio ter a Abraão e, por este, aos do Egito; e, destes, aos gregos, de quem aprenderam e tomaram os latinos.

A qual opinião certo não é verdadeira, ca o primeiro que dizem, ser esta revelada a Adão, bem creio que de muitas ciências e coisas houve Adão por graça divinal conhecimento, mas não desta judiciária, que não é ciência, mas vaidade para rir e escarnecer, por quanto contradiz aos princípios das verdadeiras doutrinas.

E se assim fosse, queria saber destes por que causa as outras ciências não vieram com esta a nós por sucessão, as quais confessam todos serem novamente achadas por diversos homens, postas com seu estudo e diligência em muita perfeição. Se porventura quis Deus isto fazer porque esta é mais necessária que as outras, isto não cabe em humano juízo, pois experimentamos cada dia sua

63 Na margem: Iber XII, ca. I.

falsidade e nenhum proveito: e ao que dizem jonio ser primeiro filho de noe: nunca vi cousa mais alheia da verdade: porque ha sagrada escritura falando dos filhos de noe diz que sam tres .s. cham: sem: e jafept: e nam poem jonio nem se deve dar fe nisto a methodio scriptor de pouca autoridade. Ca nom he este methodio aquele de quem fala e poem meu padre hieronimo: em os livros e conto dos ilustres varões. mas outro que aas vezes nomea: petrus comestor em ho livro da historia scolastica. ao qual methodio nom avemos de creer / porque contradiz em seus dictos ha sancta scripture. e assi fica manifesto que esta sciencia nom foy revelada nem dada per deos diz pico mirandula. li. ale

¶ Ha segunda cousa que achey de mais certeza neste caso he. que em duas gentes que procederam e vieram de douis filhos de noe .s. Sem que com sua gente povouou despois do diluvio a terra de caldea: e Cham de quem procederam os cananeus / se exercitaram estas duas partes de astrologia. ca os filhos destes foram inclinados: ao conhecimento das estrellas posto que em diversa maneyra: porque os filhos de sem: de quem por sucessiva geeraçam procedeo Abraam<sup>32</sup>: foram dados a este exercicio. morando em caldea / terra dada a elles pera sua habitaçam despois do diluvio. E tendo muitas gentes nomes diversos por propriedade do lugar em que moram: ou por algüa pessoa que nelles reinasse. como vemos e achamos comunmente: desta caldea. empero nunca li. (trabalhando por isso muito) nem pude saber de certeza por que causa se chamasse chaldea. e os seus moradores chaldeos. e se algum ho sabe myta caridade faraa em ho dizer aos que sam amigos de antiguidades. No genesi<sup>33</sup> achamos algumas terras e lugares que ouveram nome de seus fundadores. e de caldea nom temos outra certeza salvo a que se poem no fim do capitu. xi. em que diz morreo aram yrmão de abraham: antes que

32 Na margem: *ge. xi.*

33 Na margem: *ca. x.*

falsidade e nenhum proveito. E ao que dizem Jónio ser primeiro filho de Noé, nunca vi coisa mais alheia da verdade, porque a Sagrada Escritura, falando dos filhos de Noé, diz que são três, a saber, Cam, Sem e Jafet; e não põe Jónio, nem se deve dar fé nisto a Metódio, escritor de pouca autoridade, ca não é este Metódio aquele de quem fala e põe meu padre Jerónimo nos livros e conto dos ilustres varões, mas outro que às vezes nomeia Petrus Comestor no livro da *Historia Scholastica*, ao qual Metódio não havemos de crer, porque contradiz em seus ditos a Santa Escritura».

E assim fica manifesto que esta ciência não foi revelada nem dada por Deus, diz Pico Mirandula, li[vro] ale[gado]<sup>64</sup>.

A segunda coisa que achei de mais certeza neste caso é que em duas gentes que precederam e vieram de dois filhos de Noé, a saber, Sem, que com sua gente povoou depois do dilúvio a terra de Caldeia, e Cam, de quem procederam os cananeus, se exercitaram estas duas partes de Astrologia, ca os filhos destes foram inclinados ao conhecimento das estrelas, posto que em diversa maneira, porque os filhos de Sem, de quem, por sucessiva geração, procedeu Abraão<sup>65</sup>, foram dados a este exercício morando em Caldeia, terra dada a eles para sua habitação depois do dilúvio. E tendo muitas gentes nomes diversos por propriedade do lugar em que moram, ou por alguma pessoa que neles reinasse, como vemos e achamos comunmente, desta Caldeia, empero, nunca li (trabalhando por isso muito), nem pude saber de certeza por que causa se chamasse Caldeia e os seus moradores caldeus. E se algum o sabe, muita caridade fará em o dizer aos que são amigos de antiguidades.

No *Génesis*<sup>66</sup>, achamos algumas terras e lugares que houveram nome de seus fundadores e de Caldeia não temos outra certeza salvo a que se põe no fim do capítulo 11º, em que diz [que] morreu Arão, irmão de Abraão, antes que

64 António de Beja remete para o Livro 12, capítulo 1, das *Disputationes* de Pico, como tinha assinalado acima. De facto, embora opte pelo recurso ao discurso direto, o autor não traduz literalmente o texto de Pico, preferindo resumir e glossar o conteúdo da primeira metade do capítulo que abre o último Livro do tratado.

A título de exemplo, compare-se o início da “citação” de António de Beja com o original de Pico: «Si fabulamentis astrologorum nec ratio patrocinatur, nec fides esse potest ab experimentis, quid iam superest, cur se illis homo sapiens dedat? an oracula putabantur? et quae velut parum rationalia confutavimus, ea velut divina suscipiemus, astrologos imitati, qui si quid fit ab hominibus praeter rationem referunt stellas. Pari ne igitur nos exemplo hominum deliramenta referemus ad Deos? [...].» Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 717.

65 Na margem: *Génesis*, XI.

66 Na margem: capítulo X.

seu padre thare. em a terra de seu nascimento que se chamava. ur. chaldeorum: empero sancto ysid[o]ro em ho livro nono<sup>34</sup> de suas ethimologias poendo: a causa donde vieram os nomes a tam diversas nações como haa por ho mundo diz. que de dous filhos de sem .s. assur. e arphaxat vieram duas nações ou gentes. s. de assur vieram os assirios: e de arphaxat os chaldeus. e sancto augustinho porque as terras destes yrmãoz estavam juntas: parece sentir que estas terras .s. de assiria e chaldea faziam ambos hum reyno: onde no livro .18. de civitate dei. capi. 2. diz que era jaa nino rey dos assirios. ho qual em aquella real herança avia socedido a seu padre bello: quando abraam naçeo em ha terra dos chaldeus que a meu fraco entender ouveram por ventura aquelle nome de húa cidade chale. que antre outras edificou assur de quem se faz mençam genesis. x. isto confirma isaya. ca. xxij. dizendo Ecce terra chaldeorum: talis populus non fuit. assur fundavit eam. Em que parece dizer que assur fundou a terra dos caldeus e nom se nomea assy como (alguns dizem) de chale filho de nachor yrmão de abrahaam que foi muyto despois. E antes que este naçesse jaa se dezia aquella terra ser dos chaldeus. ge. .xj. e tornando a meu proposito vijndo os filhos de sem viver a esta terra de chaldea ouveram conhecimento das estrellas nam as adorando nem lhes dando tanto poder per que dixessem ser pera elles as cousas do mundo governadas mas somente a. souberam daquelle primeira maneira que dixemos a qual per ventura aprehenderam de seu padre noe / de quem falando albumazar em seu entreactorio diz. que ho diluvio acabado. deçeо noe dos montes darmenia. e veo a chaldea. e vendo naquelle terra disposição pera se dar aa sciencia / fez sua morada e habitaçam nela. em que estava com seus filhos e netos. aos quaes

34 Na margem: *ca.ii.*

seu padre Taré, na terra de seu nascimento, que se chamava *Ur Chaldeorum*<sup>67</sup>. Empero, santo Isidoro, no livro nono<sup>68</sup> de suas *Etimologias*, pondo a causa donde vieram os nomes a tão diversas nações como há pelo mundo, diz que de dois filhos de Sem, Assur e Arfaxat, vieram duas nações ou gentes: de Assur vieram os assírios, e de Arfaxat, os caldeus. E santo Agostinho, porque as terras destes irmãos estavam juntas, parece sentir que estas terras, a saber, de Assíria e Caldeia, faziam ambas um reino; onde, no livro 18º *De Civitate Dei*, capítulo 2, diz que era já Nino rei dos assírios, o qual naquela real herança havia sucedido a seu padre, Belo, quando Abraão nasceu na terra dos caldeus<sup>69</sup>, que, a meu fraco entender, houveram porventura aquele nome de uma cidade, Cale, que, entre outras, edificou Assur, de quem se faz menção [em] *Génesis*, 10<sup>70</sup>. Isto confirma Isaías, capítulo 23, dizendo: «*Ecce terra chaldeorum; talis populus non fuit, assur fundavit eam*». Em que parece dizer que Assur fundou a terra dos caldeus, e não se nomeia assim (como alguns dizem) de Cale, filho de Nacor, irmão de Abraão, que foi muito depois; e antes que este nascesse já se dizia aquela terra ser dos caldeus (*Génesis*, 11).

E tornando a meu propósito, vindo os filhos de Sem viver a esta terra de Caldeia, houveram conhecimento das estrelas, não as adorando nem lhes dando tanto poder por que dissessem ser para eles as coisas do mundo governadas, mas somente a souberam daquela primeira maneira que dissemos, a qual porventura aprenderam de seu padre Noé, de quem falando Albumasar em seu *Introdutório*<sup>71</sup> diz que, o dilúvio acabado, desceu Noé dos montes da Arménia e veio a Caldeia, e vendo naquela terra disposição para se dar à ciência, fez sua morada e habitação nela, em que estava com seus filhos e netos, aos quais

67 *Génesis*, 11:28: «*Mortuusque est Aran ante Thare patrem suum, in terra nativitatis sua, in Ur Chaldaeorum*».

68 Na margem: capítulo II.

San Isidoro de Sevilla, *Etimologías* (Madrid: BAC, 2004, p. 732): «*Fili Sem quinque singulariter gentes singulas procreaverunt. Quorum primus Elam, a quo Elamitae principes Persidis: secundus Assur a quo Assyriorum pullulavit imperium: tertius Arphaxat, a quo gens Chaldaeorum exorta est [...]*

69 Santo Agostinho, *De civitate dei*, Liber decimus octavus, caput II (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 41, 562): «*Ninus ergo jam secundus rex erat Assyriorum, qui patri suo Belo successerat, regni illius primo regi, quando in terra Chaldaeorum natus est Abraham*» .

70 *Génesis*, 10:11-12: «*De terra illa egressus est Assur, et ædificavit Niniven, et plateas civitatis, et Chale. Resen quoque inter Niniven et Chale: haec est civitas magna*».

71 Refere-se à *Introdução à Astrologia*, do astrólogo persa do século IX Abu Ma'shar al-Balkhi, conhecido no Ocidente pela forma latinizada Albumasar.

ensinou astrologia artes machanicas e natural philosophia. e isto / porque levantando por ellas seu pensamento ao conhecimento das cousas do çeo: tivessem virtuoso exercicio. e conhecessem melhor per estas obras a deos. e a razam que teemos de creer isto ser assy he. porque abraham pessoa tam sancta. foy sabio nesta sciencia a qual aprehendeo em chadea terra de seu nascimento. e despois saindo della por mandado de deos: vijndo ha terra de egypto Diz josepho que ensinava elle esta sciencia aos egypciaños e como abraham fosse grande servo de deos: nom he de creer que ensinasse ha aquella gente apartada do conhecimento divinal sciencia de adivinar: e de supersticiosos juyzos continuada: ja delles e amada dos ydolatras. mas aquella somente per cuja consideraçam podessem vir em conhecimento do verdadeiro deos que elle adorava. e posto que a maldade dos homens que de sua condiçam he inclinada ha mal. Estando abraam em chaldea: outra cousa de falsidade nesta arte (que pode ser) achase: nom diremos que abraham aprendesse isto nem menos o ensinasse mas soamente aquelle primeiro exercicio que dixemos.

¶ Ha outra parte de astrologia reprobada ouve principio dos ethiopios os quaes alem do primeiro execicio das estrellas atribuindolhe grande poder fingiram em algúas dellas cousas que adorasem. Estes procederam de cham 2. filho de noe dos quaes falando Lactancio firmiano. em hum livro de origine erroris<sup>35</sup> dirigido a constantino emperador em que lhe mostra donde veo ho principio e causa de muitos errores vindo a este das estrellas diz. que ha primeira gente que nom conheçeo deos achou a sciencia das estrellas: e adorandoas. lhe deu e atribuio mais virtude da que nellas ha e declarando qual foy esta primeira gente que nom conheceo deos depois do diluvio. diz que foram os cananeus que procederam de cham filho de noe. a quem noe maldixe em seu filho chanam por húa descortesia que contra elle cometeo em nom cobrir suas secretas partes. vendolhas huma vez descubertas<sup>36</sup>: por onde cham asi maldito se apartou

35 Na margem: *ca. xiiij.*

36 Na margem: *ge. IX.*

ensinou Astrologia, artes mecânicas e natural filosofia. E isto por que, levantando por elas seu pensamento ao conhecimento das coisas do céu, tivessem virtuoso exercício e conhecessem melhor, por estas obras, a Deus.

E a razão que temos de crer isto ser assim é porque Abraão, pessoa tão santa, foi sábio nesta ciência, a qual aprendeu em Caldeia, terra de seu nascimento, e depois, saindo dela por mandado de Deus, vindo à terra de Egito, diz Josefo que ensinava ele esta ciência aos egípcios. E como Abraão fosse grande servo de Deus, não é de crer que ensinasse, àquela gente apartada do conhecimento divinal, ciência de adivinhar e de supersticiosos juízos, continuada já deles e amada dos idólatras, mas aquela somente por cuja consideração pudessem vir em conhecimento do verdadeiro Deus que ele adorava. E posto que a maldade dos homens, que de sua condição é inclinada a mal, estando Abraão em Caldeia outra coisa de falsidade nesta arte (que pode ser) achasse, não diremos que Abraão aprendesse isto, nem menos o ensinasse, mas somente aquele primeiro exercício que dissemos.

A outra parte de Astrologia, reprovada, houve princípio dos etiópios, os quais além do primeiro exercício das estrelas, atribuindo-lhe grande poder, fingiram em algumas delas coisas que adorassem. Estes procederam de Cam, 2º filho de Noé, dos quais falando Lactâncio Firmiano, num livro *De origine erroris*<sup>72</sup> dirigido a Constantino, imperador, em que lhe mostra donde veio o princípio e causa de muitos erros, vindo a este das estrelas diz que a primeira gente que não conheceu Deus achou a ciência das estrelas; e adorando-as, lhe deu e atribuiu mais virtude da que nelas há. E declarando qual foi esta primeira gente que não conheceu Deus depois do dilúvio, diz que foram os cananeus, que procederam de Cam, filho de Noé, a quem Noé maldisse em seu filho Canã por uma des cortesia que contra ele cometeu em não cobrir suas secretas partes vendendo-lhas uma vez descobertas<sup>73</sup>. Por onde Cam, assim maldito, se apartou

72 Na margem: ca. XIV.

Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio, *Divinarum Institutionum*, Liber II, «De origine erroris», caput XIV (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 6, 327-328): «Quod cum vidisset unus ex filiis, cui nomen fuit Cham, non texit patris nuditatem: sed egressus, etiam fratribus indicavit. At illi sumpto pallio, intraverunt aversis vultibus, patremque texerunt. Quae cum facta recognovisset pater, abdicavit atque expulit filium. At ille, profugus, in ejus terrae parte consedit, quae nunc Arabia nominatur; eaque terra de nomine ejus Chanaan dicta est, et posteri ejus Chananaei. Haec fuit prima gens, quae Deum ignoravit; quoniam princeps ejus et conditor cultum Dei a patre non accepit, maledictus ab eo: itaque ignorantiam divinitatis minoribus suis reliquit».

73 Na margem: *Génesis*, IX.

A narrativa sobre a embriaguez de Noé ocupa os versículos 20-27.

de seu padre e yrmãos e veo ter e morar em aquella parte a que agora chammam arabia. e de seu nome ha chamou chanã. e os que delle procederam chananeus e esta diz lactancio foy a primeira gente que nom conheceo a deos porque maldito per seu padre. nom mereçeo saber nem aprender delle o culto e onrra do verdadeiro deos. E desta sorte deixou chanam a seus sucessores ha ygnorancia do verdadeiro deos. que soomente foy por noe ensinado e demostrado aos do[u]s filhos que com elle ficaram. de quem (specialmente de sem) procedem e vem os judeus. mas estes da geeraçam de chanam diz lactancio crescendo em grande multidadem de gente: derramaramse por diversas terras: e nom tendo conhecimento de deos. adoraram as criaturas fazendo pera si novos custumes e leis conformes ha sua vontade. e viindo os principaes destes: ter ha a terra do egypto. começaram adorar as cousas do çeo os quaes morando sempre no campo nem tendo necessidade de outro recolhimento por ha qualidade e condiçam da terra ser muyto temperada e nunca chover nem aveer nuves nella: começaram a notar os cursos e movimentos das estrellas e teendo muitas vezes os olhos nellas como em cousas que adoravam. começaram fingir em ellias figuras de animaes que adorassem. movidos a isto per alguns prodigios e grandes sinaes que no çeo viam: de que por falta de philosophia natural nom sabia dar razom: e os outros vindos em diversas partes porque nom conheciam a deos adoravam ho çeo. Sol e Luna. Mar e Terra. e os outros elementos sem nenhūas figuras e a estes offereciam sacrificios: atee que depois em processo de tempo vieram muitos reys poderosos: a quem por memoria de suas façanhas e feytos fizeram templos e ymagens que adoravam: em esta geente avia dous custumes .s. ydolatria e cobiça de saber esta mathematica e falsa mostrança do ceo. em a qual todo aquelle que achava algūa novidade logo ho adoravam como deos. E afastandose em esta maneira de deos começaram (diz lactancio) de ser gentios e por tanto erram todos os que dizem e cuidam aver logo no começo do mundo gentios erros nas gentes. quanto a esta parte que he adorarem muitos deoses. que soo depois do diluvio ouve principio e antes nom avia mais que a verdadeira religiam e que se adorava hum soo deos a quem a maldade dos homens tanto offendeo que mereceram ser perdidos per diluvio: que em nos jamais por bondade divinal em aquella maneira nom viraam. vivendo logo a gente do egipto em esta idolatria e outros erros que o demonio achando nelles disposiçam lhes inclinava e mostrava fazer: veo ter abraam

de seu padre e irmãos e veio ter e morar naquela parte a que agora chamam Arábia e, de seu nome, a chamou Canã, e os que dele procederam cananeus. E esta, diz Lactâncio, foi a primeira gente que não conheceu a Deus, porque, maldito por seu padre, não mereceu saber nem aprender dele o culto e honra do verdadeiro Deus. E desta sorte deixou Canã a seus sucessores a ignorância do verdadeiro Deus, que somente foi por Noé ensinado e demonstrado aos dois filhos que com ele ficaram, de quem (especialmente de Sem) procedem e vêm os judeus. Mas estes da geração de Canã, diz Lactâncio, crescendo em grande multidão de gente, derramaram-se por diversas terras e, não tendo conhecimento de Deus, adoraram as criaturas, fazendo para si novos costumes e leis conformes à sua vontade.

E vindo os principais destes ter à terra do Egito, começaram [a] adorar as coisas do céu, os quais, morando sempre no campo nem tendo necessidade de outro recolhimento por a qualidade e condição da terra ser muito temperada e nunca chover nem haver nuvens nela, começaram a notar os cursos e movimentos das estrelas; e tendo muitas vezes os olhos nelas como em coisas que adoravam, começaram [a] fingir nelas figuras de animais que adorassem, movidos a isto por alguns prodígios e grandes sinais que no céu viam, de que, por falta de filosofia natural, não sabiam dar razão. E os outros, vindos em diversas partes, porque não conheciam a Deus, adoravam o Céu, Sol e Lua, Mar e Terra, e os outros elementos sem nenhuma figura. E a estes ofereciam sacrifícios, até que, depois, em processo de tempo, vieram muitos reis poderosos a quem, por memória de suas façanhas e feitos, fizeram templos e imagens que adoravam. Nesta gente havia dois costumes, a saber, idolatria e cobiça de saber esta matemática e falsa mostraança do céu, na qual todo aquele que achava alguma novidade, logo o adoravam como deus. E afastando-se nesta maneira de Deus, começaram, diz Lactâncio, de ser gentios e, portanto, erram todos os que dizem e cuidam haver logo no começo do mundo gentios erros nas gentes quanto a esta parte que é adorarem muitos deuses, que só depois do dilúvio houve princípio, e antes não havia mais que a verdadeira religião e que se adorava um só Deus, a quem a maldade dos homens tanto ofendeu que mereceram ser perdidos por dilúvio, que em nós jamais, por bondade divinal, naquela maneira não virá<sup>74</sup>.

Vivendo, logo, a gente do Egito nesta idolatria e outros erros que o demônio, achando neles disposição, lhes inclinava e mostrava fazer, veio ter Abraão

74 António de Beja repete, glosando-o, o que escreve Lactâncio no capítulo acima referido.

com eles e os ensinou em a primeira parte de astrologia<sup>37</sup> que trata do primeiro mobile e sciencia das cousas que se movem ho qual era continuado muyto em os hebreos. e a elles necessario. por razam do estaado e tempos em que aviam de fazer suas ceremonias: por cuya causa foy na ley encomendado ao tribu de ysachar que estudase e soubesse bem esta. por que nom errase em suas ceremonias: pera cuyo perfeito conhecimento hee muyto necessaria arismetica: porque toda consiste ou esta em contos: e medidas: a qual arismetica juntamente com astrologia verdadeira ensinou Abraam diz josepho. aos do egipto (e digo verdadeira) Ca da falsa nom tinham necessidade. por jaa estarem nella e em suas maldades bem instrutos e ensinados. Donde parece que húa foy astrologia dos chaldeos .s. bôa que abraam soube e ensinou: e outra maa que acharam os que nom conheciam deos em terra do egipro: e assi confesa ptolomeu em ho livro de sua gram composiçam que chamam almajesto. que os do egipro tinham novas regras de adivinar e antes prenesticar: em sua astrologia muy diferentes das regras dos chaldeos. que aprehenderam de abraam: e depois insinaaram a outros porque do egipro ha souberam os gregos primeyramente segundo alguns por orpheo: e destes a tomaram os latinos como adiante direy.

**¶ Donde procedeo ho error dos que dizem nenhúa cousa viir: nem acontecer no mundo senam per influencia de algúia estrella.**

Sendo estes do egipro tanto dados ao culto e onrra das estrellas a seu parecer nenhúa cousa se fazia no mundo sem ellias. Certo nisto eram homens: e alem de nom conhicerem deos. que era o principal: exercitandose nestas mais que em outra cousa: eram inclinados a ellias. pera lhe darem poder sobre tudo quanto faziam. A qual afeyçam e demasiada inclinaçam vemos algúias vezes antre noos. Ca soem aquelles que mais do acustumado se dam. ao exercicio e disciplina de algúia arte reduzir e trazer tudo ho que poodem: de muy bôa vontade a ella ho que nom fazem tanto por cobiça de serem vistos per ella saber tudo: quanto por lhes parecer bem fazer se assi por o custume grande que tem della. Donde veo em uso aos que custumam andar por lugares de neeves e ver cousas brancas: trazendo jaa os olhos a yssso acostumados: tudo quanto veem julgam ser branco. E os que trazen seu pensamento e cuidado posto em algúia cousa que muyto desejam: tudo quanto veem e se lhes oferece. cuydam ser a causa de seu desejo. Ho theologo:

37 Na margem: *picus. li. xii. ca. i.*

com eles e os ensinou na primeira parte de Astrologia<sup>75</sup>, que trata do primeiro móbile e ciência das coisas que se movem, o qual era continuado muito nos hebreus e a eles necessário, por razão do estado e tempos em que haviam de fazer suas cerimónias; por cuja causa foi na lei encomendado à tribo de Issacar que estudasse e soubesse bem esta por que não errasse em suas cerimónias, para cujo perfeito conhecimento é muito necessária Aritmética, porque toda consiste ou está em contos e medidas. A qual Arimética, juntamente com Astrologia verdadeira, ensinou Abraão, diz Josefo, aos do Egito (e digo verdadeira, ca da falsa não tinham necessidade, por já estarem nela e em suas maldades bem instrutos e ensinados. Donde parece que uma foi Astrologia dos Caldeus, a saber, boa, que Abraão soube e ensinou, e outra má, que acharam os que não conheciam Deus em terra do Egito. E assim confessa Ptolomeu, no livro de sua grã composição que chamam *Almagesto*, que os do Egito tinham novas regras de adivinar e antes prognosticar em sua Astrologia, mui diferentes das regras dos caldeus, que aprenderam de Abraão e depois ensinaram a outros, porque do Egito a souberam os gregos primeiramente, segundo alguns por Orfeu, e destes a tomaram os latinos, como adiante direi.

**Donde procedeu o error dos que dizem nenhuma coisa vir nem acontecer no mundo, senão por influência de alguma estrela.**

Sendo estes do Egito tanto dados ao culto e honra das estrelas, a seu parecer nenhuma coisa se fazia no mundo sem elas. Certo nisto eram homens, e além de não conhecerem Deus, que era o principal, exercitando-se nestas mais que em outra coisa, eram inclinados a elas, para lhe darem poder sobre tudo quanto faziam. A qual afeição e demasiada inclinação vemos algumas vezes entre nós, ca soem aqueles que mais do acostumado se dão ao exercício e disciplina de alguma arte reduzir e trazer tudo o que podem de mui boa vontade a ela, o que não fazem tanto por cobiça de serem vistos por ela saber tudo, quanto por lhes parecer bem fazer-se assim pelo costume grande que têm dela. Donde veio em uso aos que costumam andar por lugares de neves e ver coisas brancas, trazendo já os olhos a isso acostumados, tudo quanto veem julgam ser branco. E os que trazem seu pensamento e cuidado posto em alguma coisa que muito desejam, tudo quanto veem e se lhes oferece cuidam ser a causa de seu desejo. O teólogo

75 Na margem: Picus, liber XII, ca. I.

«[...] Abraham Patrircham qui docuerit eam *Ægyptios teste Iosepho, & ab Ægyptiis ad Græcos, a Græcis ad Latinos devolutam*». Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 717.

todas as cousas poem a deos. Ho medico: haa disposiçam do corpo. E ho philosofo: reduze tudo aos naturaes principios das cousas. E os mathematicos aas figuras e numeros como fingiam os phitagoricos. E desta maneira acontece a estes do egipto: que sendo dados com muyta continuaçam a oulhar e contemplar os movimentos e cursos das estrelas: em maneira que nenhüa outra cousa mais tinham em sua fantesia e pensamento. tudo a elles eram estrelas. quero dizer: que tudo diziam ser feyto por ellas. Moviamse tambem a cuydar isto por húa razam que aos homens de noosos tempos faz creer aver hi astrologia .s. celestial influençā: de algūa particular estrella sobre nos: os quaes vendo acontecer muitas cousas no mundo. nom sabendo as causas dellas dizem procede de algūa estrella. E a multidam desvayrada dos acontecimentos que vemos cada dia que nom podemos por ha fraqueza de nosso juyzo alcançar nem conhecer: daa mais occasiam de se isto cuydar. Ca vemos ser feitas muitas cousas: que excendem as forças de nosso entender outras experimentamos que vem sem razam: nem merecimento. E muitas outras alem da ordenança e ley de nossa humana condiçam: as quaes sendo feytas per ordenança divinal: ou algūa bôa razam natural a nos oculta. Cuydamos nom ser disto outra algūa causa salvo ho çeo e estrellas. Vemos nascer hum com muita disposicam: e abilidade pera ho estudo da philosophia: outro pera poesia: e outro tam fora desta inclinaçam: que despreza e nom quer ver letra: tratando de mui bôa vontade outro qualquer negocio do mundo: ou militar exercicio: que certo he cousa de maravilhar por nom sabermos a causa de tam desvairados juyzos. ha y alguuns que nenhüa cousa extimam as riquezas: dando outros alma e vida por ellas. huns sam honestos: outros maaos: huns ousados outros muy cheos de medo e temor. em tanta maneyra que nos põe em confusam: esta desemelhança tam desvairada de custumes: quando leemos as historias que falando de alexandre dizen que veendo as partes de oriente. logo como as vyo. as venceo e tomou. Faznos isto desejar saber ha causa de tam ditoso impeto. Quem deu ao aristoteles (mestre de alexandre) tanto poder: e tambem a platam: e primeyro a pythagoras e socrates e outros philosophos. pera nos abrirem e manifestarem os segredos da natureza antes nom sabidos? Certo mais parece vir isto de outra parte algūa celestial que da força e poder do proprio juyzo natural. Quem nom diria aver hi influencia e poder nas estrellas:

todas as coisas põe a Deus; o médico, à disposição do corpo; e o filósofo reduz tudo aos naturais princípios das coisas; e os matemáticos às figuras e números, como fingiam os pitagóricos.

E desta maneira aconteceu a estes do Egito que, sendo dados com muita continuação a olhar e contemplar os movimentos e cursos das estrelas em maneira que nenhuma outra coisa mais tinham em sua fantasia e pensamento, tudo a eles eram estrelas, quero dizer que tudo diziam ser feito por elas. Moviam-se também a cuidar isto por uma razão que aos homens de nossos tempos faz crer haver aí Astrologia, a saber, celestial influência de alguma particular estrela sobre nós; os quais, vendo acontecer muitas coisas no mundo, não sabendo as causas delas, dizem [que] procede de alguma estrela. E a multidão desvairada dos acontecimentos que vemos cada dia que não podemos, pela fraqueza de nosso juízo, alcançar nem conhecer dá mais ocasião de se isto cuidar; ca vemos ser feitas muitas coisas que excedem as forças de nosso entender, outras experimentamos que vêm sem razão nem merecimento, e muitas outras além da ordenança e lei de nossa humana condição, as quais, sendo feitas por ordenança divinal ou alguma boa razão natural a nós oculta, cuidamos não ser disto outra alguma causa, salvo o céu e estrelas.

Vemos nascer um com muita disposição e habilidade para o estudo da filosofia, outro para poesia, e outro tão fora desta inclinação que despreza e não quer ver letra, tratando de mui boa vontade outro qualquer negócio do mundo ou militar exercício que, certo, é coisa de maravilhar, por não sabermos a causa de tão desvairados juízos. Há aí alguns que nenhuma coisa estimam as riquezas, dando outros alma e vida por elas. Uns são honestos, outros maus; uns ousados, outros mui cheios de medo e temor, em tanta maneira que nos põe em confusão esta dissemelhança tão desvairada de costumes. Quando lemos as histórias que, falando de Alexandre<sup>76</sup>, dizem que vendo as partes de Oriente, logo como as viu, as venceu e tomou, faz-nos isto desejar saber a causa de tão ditoso ímpeto. Quem deu ao Aristóteles (mestre de Alexandre) tanto poder, e também a Platão, e primeiro a Pitágoras<sup>77</sup> e Sócrates e outros filósofos, para nos abrirem e manifestarem os segredos da natureza antes não sabidos? Certo mais parece vir isto de outra parte alguma celestial, que da força e poder do próprio juízo natural. Quem não diria haver aí influência e poder nas estrelas,

<sup>76</sup> Alexandre III da Macedónia, mais conhecido como Alexandre Magno (356 a.C.–323 a.C.).

<sup>77</sup> Pitágoras de Samos (c. 570–c. 495 a.C.). Filósofo e matemático grego cujo nome está sobretudo associado ao célebre teorema que afirma: “Em todo triângulo retângulo, a soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa”.

quando vee ho inocente e sem culpa. ser condenado e maltratado: ficando ho maao e culpado cheo de premios e galardões? vemos huns trabalhar toda sua vida: mostrando sua diligencia: engenho e saber: e nom podendo alcançar nada peedem enfim por amor de deos: e outros nom sabendo nem fazendo por que: sam cheos e avondados de riquezas: no mar vimos muitos cosairos grandemente cheos de sangue humano: os quaes escapando de mil perijgos vem gozar e acabar os dias de sua velhiça em sua repousada casa e antre os seus. e por otra parte vemos muitos homeens e pessoas de bem: cheos de mansidam e virtude fazerem fim em cousas que a nosso parecer lhe nom podiam fazer danno. sendo logo a vida dos mortaes chea destas diferenças feitas per algúia causa divinal que nom sabemos: da ousadia: aos que muyto nom sabem de cuidar e dizer ser isto feito e causado da influencia e movimento das estrellas o que tambem podia ser nos do egypto por onde cuydaram que os acontecimentos e cousas que soem vir aos homens ora fossem forças do corpo e coraçam ora cousas de fortuna tudo criam vijr e proceder das estrellas. E se os christãos que tem assi tam familiar ho conhecimento de deus que confessam ser causador de tudo quanto no mundo há: creem as vezes isto. estando com algúia paixam: e agora por nossos pecados muitos sem ella que cuidariam aquelles a quem deus nom foy servido dar azo pera que ho conhecesem. Eram provocados tambem cuidar isto por húa escusada diligencia que a muitos dos que agora vivem move e poem defeito de saberem o que ha de vijr e acontecer aos homens: porque facilmente cremos poder ser feito: aquilo que muyto desejamos Item mais por ho vicio e grande fantesia que os homens tinham naquelle tempo parecendolhes que podiam adivinhar: da qual cousa usando pera muitas maneiras feas dadas e mostradas a elles per o demonio em tanto que este error das estrellas antre as outras baixas falsidades seria extimado por gram saber. Item a ydolatria a que eram muyto sogeitos: e mais a gloria: fama: e proveyto temporal que por ysto lhe davam. e agora creo eu que por esta causa algúias pessoas de habito virtuoso divulgam e dizem saber esta arte por que dizendo muitos erros conformes ao desejo dos pouco sabios sejam delles tidos em muyta honra e estima: e alcançem por isto algum proveyto temporal. que despois penaram no inferno. E sobre todo eram incitados ao estudo desta falsa arte per engano dos diabos que aviam gram poder naquelle tempo. os quaes vendo naquelle gente disposiçam os moviam a isso: por onde lactancio firmiano<sup>38</sup>:

38 Na margem: *li. ij. de origine erroris. ca. xvij.*

quando vê o inocente e sem culpa ser condenado e maltratado, ficando o mau e culpado cheio de prémios e galardões?

Vemos uns trabalhar toda sua vida, mostrando sua diligência, engenho e saber, e, não podendo alcançar nada, pedem enfim por amor de Deus; e outros, não sabendo nem fazendo por quê, são cheios e avondados de riquezas. No mar, vimos muitos corsários grandemente cheios de sangue humano, os quais, escapando de mil perigos, vêm gozar e acabar os dias de sua velhice em sua repousada casa e entre os seus. E, por outra parte, vemos muitos homens e pessoas de bem, cheios de mansidão e virtude, fazerem fim em coisas que a nosso parecer lhes não podiam fazer dano. Sendo, logo, a vida dos mortais cheia destas diferenças feitas por alguma causa divinal que não sabemos, dá ousadia aos que muito não sabem de cuidar e dizer ser isto feito e causado da influência e movimento das estrelas. O que também podia ser nos do Egito, por onde cuidaram que os acontecimentos e coisas que soem vir aos homens, ora fossem forças do corpo e coração, ora coisas de fortuna, tudo criam vir e proceder das estrelas. E se os cristãos, que têm assim tão familiar o conhecimento de Deus que confessam ser causador de tudo quanto no mundo há, creem às vezes isto estando com alguma paixão – e agora, por nossos pecados, muitos sem ela – que cuidariam aqueles a quem Deus não foi servido dar azo para que o conhecessem?

Eram provocados também cuidar isto por uma escusada diligência que a muitos dos que agora vivem move e põe defeito de saberem o que há de vir e acontecer aos homens, porque facilmente cremos poder ser feito aquilo que muito desejamos. *Item* mais pelo vício e grande fantasia que os homens tinham naquele tempo, parecendo-lhes que podiam adivinhar, da qual coisa usando para muitas maneiras feias dadas e mostradas a eles pelo demónio, em tanto que este error das estrelas, entre as outras baixas falsidades, seria estimado por grão saber. *Item* a idolatria, a que eram muito sujeitos, e mais a glória, fama e proveito temporal que por isto lhe davam. E agora, creio eu que por esta causa algumas pessoas de hábito virtuoso divulgam e dizem saber esta arte, por que, dizendo muitos erros conformes ao desejo dos pouco sábios, sejam deles tidos em muita honra e estima. E alcancem por isto algum proveito temporal, que depois penarão no inferno. E sobretudo eram incitados ao estudo desta falsa arte por engano dos diabos, que haviam grão poder naquele tempo, os quais, vendo naquela gente disposição, os moviam a isso. Por onde Lactâncio Firmiano<sup>78</sup>,

78 Na margem: liber II. De origine erroris, ca. XVII.

Como deixamos já assinalado anteriormente, trata-se do Livro II da obra *Divinarum Institutionum*. O capítulo XVII, que António de Beja aqui aproveita, intitula-se «Astrologiam,

falando das maldades que o diabo cada dia semea no mundo diz: que estes exer[ci]cios de maldade .s. Astrologia. adivinar: agoiros: nigromancia: arte magica e toda outra cousa que os homens exercitam pera fazerem mal todo he falsa invençam do diabo. e confirma isto per hum dito de sybylla eritheia que em grego diz: epiplanni panda tade estin aperaphrones andres creunosi cata ymar: que em latim quer dizer todas estas couzas .s. (ensinadas por ho demonio) sam error: e os homens doudos as buscam cada dia. A estas he ho demonio sempre presente por que faça crer que he verdade ho que se faz nellas: estes .s. demônios sam diz lanctancio: os que ensinaram fingir ymagens assi na terra como no ceo por que apartasem os homens do culto e onra do verdadeiro deos: estes por que dem torvaçam ao mundo: metem nos peytos e coraçam dos homens: diversos errores aos quaes com falsidades misturam verdades. por que com huñas façam crer as outras: muitas vezes fazem prodigios e sinaes por que os homens maravilhados dem fe a suas couzas: nos oragos e conselhos que lhe peedem sam tam confusos con seus enganos e responder: que se nom poode entender a verdade. Donde vem que os sabedores desta falsa arte. atribuiem e dam aas estrellas (incitados por estes) ho poder dar imperios: reinos: victorias: riquezas e prosperos acontecimentos de couzas: o que adivinham muitas vezes os que tem pacto e amizade com elles. E assi lemos que muitas cidades foram por seus conselhos livres de muitos perigos: os quaes perigos. declaravam em respostas. e fingiam elles tirar porque eram amansados com sacrificios. o que tudo sam enganos. e ho demonio nestas couzas. nom mostra mais que sua sotil maldade. O qual sentindo e sabendo (porque foy servo de deos) as couzas com que elle deos tem determinado. e quer dispoer e ordenar as couzas do mundo. ora sejam bonanças: quer castigos: metese elle nestas couzas por que tudo o que for e ouver de ser feito per deos. diga ser feyto per elle. E querendo deos fazer e dar algua cousa de bem: a algum povo ou cidade. digam elles em sonhos ou sinaes. serem causa disto por que os onrrem. Donde parece que a ygnorância de deos e ho conselho diabo[li]co fez achar tantas artes de maldade em as quaes se poem esta que pertence ha parte de astrologia falsa. por onde nom avemos: por ser achada de gente de tam pouca autoridade crer nenhúa cousa que per ella nos seja dito.

falando das maldades que o diabo cada dia semeia no mundo, diz que estes exercícios de maldade, a saber, Astrologia, adivinhar, agoiros, nigromância, arte mágica e toda outra coisa que os homens exercitam para fazerem mal, tudo é falsa invenção do diabo. E confirma isto por um dito de sibila Eritreia, que em grego diz: «*Epiplanni panda tade estin aporaphrones andres creunosi cata ymar*»; que em latim quer dizer: «Todas estas coisas (a saber, ensinadas pelo demónio) são error, e os homens doidos as buscam cada dia»<sup>79</sup>. A estas é o demónio sempre presente, por que faça crer que é verdade o que se faz nelas.

Estes, a saber, demónios, são, diz Lactâncio, os que ensinaram [a] fingir imagens, assim na terra como no céu, por que apartassem os homens do culto e honra do verdadeiro Deus. Estes, por que deem torvação ao mundo, metem nos peitos e coração dos homens diversos erros, aos quais com falsidades misturam verdades por que com umas façam crer as outras. Muitas vezes fazem prodígios e sinais, por que os homens, maravilhados, deem fé a suas coisas. Nos oragos e conselhos que lhe pedem são tão confusos com seus enganos e responder, que se não pode entender a verdade. Donde vem que os sabedores desta falsa arte atribuem e dão às estrelas (incitados por estes) o poder dar impérios, reinos, vitórias, riquezas e prósperos acontecimentos de coisas, o que adivinharam muitas vezes os que têm pacto e amizade com eles. E assim, lemos que muitas cidades foram por seus conselhos livres de muitos perigos, os quais perigos declaravam em respostas e fingiam eles tirar porque eram amansados com sacrifícios, o que tudo são enganos, e o demónio nestas coisas não mostra mais que sua subtil maldade. O qual, sentindo e sabendo (porque foi servo de Deus) as coisas com que ele, Deus, tem determinado e quer dispor e ordenar as coisas do mundo, ora sejam bonanças, quer castigos, mete-se ele nestas coisas, por que tudo o que for e houver de ser feito por Deus diga ser feito por ele. E querendo Deus fazer e dar alguma coisa de bem a algum povo ou cidade, digam eles em sonhos ou sinais serem causa disto, por que os honrem. Donde parece que a ignorância de Deus e o conselho diabólico fez achar tantas artes de maldade, nas quais se põe esta que pertence à parte de Astrologia falsa. Por onde não havemos, por ser achada de gente de tão pouca autoridade, crer nenhuma coisa que por ela nos seja dito.

aruspincinam et similes artes esse daemonum inventa», cf. Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio, *Divinarum Institutionum*, in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 6, 336.

79 A tradução latina seria: «Quoniam erronea omnia haec sunt, quae stulti homines scrutantur quotidie».

**¶ Segunda causa porque nom devemos crer em astrologia.**

A segunda causa porque nom avemos de crer aos publicadores desta arte he por sua incerteza. Tres cousas dizem elles se requerem pera tirar algum certo juyzo .s. hora certa: estado e ordenança do ceo: quero dizer de que maneira estam as estrellas e cousas do ceo ordenadas em aquela hora que isto querem saber e o terceiro (sabido isto) ham se de notar a propriedade das estrellas: e oulhar per bôa razam e antigua experienzia ho poder e força que cada húa tem: as quaes tres cousas envorilham com tantas meudezas e particularidades tam dificultoosas que certo ainda que confessasemos aver algum poder nas estrellas pera julgar as cousas de baxo. Como ho ceo nunca estee quedo e sempre ande e se move per continuo movimento: nunca podemos usar do astrolabio e outros instrumentos que elles mandam ter pera saberem isto em tanta destreza: que ja quando acodimos achemos ho ceo e estrellas naquelle lugar que era necesario: e como a mudança do lugar faça nas estrellas. segundo elles nova influencia e poder. daqui vem que nenhúa cousa destas se poode saber de certo: nem atee oje ouve pesoa: que ho pudese alcançar como os verdadeiros experimentadores desta arte (se algúia paixam os nom ocupar) poderam dizer. E pico mirandula. ho manifesta em o livro. 9. e. X . que fez contra elles:<sup>39</sup> asi que da hora nom ay duvida que nunca se poode saber a certeza do momento necesario a qualquer juyzo. E por que entendamos o mais que dizem .s. que he necessário oulhar ho poder e força das estrelas tratemos húa questam nesta maneira. ¶ Pergunto se tem as estrellas algum poder. ou influencia sobre as cousas deste mundo inferior em que vivemos. de maneira que posamos fazer juízos per elles. Em a qual questam: determinando sancto thomas em sua. 2.2.<sup>40</sup> se he licito julgar e adivinhar per estrellas diz. que se algum usa do juyzo das estrellas: pera conhecer per ellas: os fortuitos acontecimentos: e casos que poodem vir. Ou tambem se usa dellas pera saber per certeza. as futuras obras dos homens: este tal juyzo diz elle: he mao e procede de falsa opiniam. e he pecado por que nenhúa [e]strella tem poder sobre as obras humanas que procedem do libero arbitrio. pera lhe poer força a que de necesidade as aja de fazer e obrar.

39 Na margem: *Declara se ay nas estrellas algum poder sobre as cousas de baxo.*

40 Na margem: *q. xcv. ar. v. in fine.*

### Segunda causa porque não devemos crer em Astrologia.

A segunda causa porque não havemos de crer aos publicadores desta arte é por sua incerteza. Três coisas dizem eles se requerem para tirar algum certo juízo, a saber, hora certa, estado e ordenança do céu – quero dizer, de que maneira estão as estrelas e coisas do céu ordenadas naquela hora que isto querem saber – e o terceiro, sabido isto, hão-se de notar a propriedade das estrelas e olhar, por boa razão e antiga experiência, o poder e força que cada uma tem. As quais três coisas embrulham com tantas miudezas e particularidades tão dificultosas, que, certo, ainda que confessássemos haver algum poder nas estrelas para julgar as coisas de baixo, como o céu nunca esteja quedo e sempre ande e se move por contínuo movimento, nunca podemos usar do astrolábio e outros instrumentos, que eles mandam ter para saberem isto em tanta destreza, que já quando acudimos achemos o céu e estrelas naquele lugar que era necessário. E como a mudança do lugar faça nas estrelas, segundo eles, nova influência e poder, daqui vem que nenhuma coisa destas se pode saber de certo, nem até hoje houve pessoa que o pudesse alcançar, como os verdadeiros experimentadores desta arte (se alguma paixão os não ocupar) poderão dizer e Pico Mirandula o manifesta no livro 9º e 10º que fez contra eles<sup>80</sup>. Assim que da hora não há dúvida que nunca se pode saber a certeza do momento necessário a qualquer juízo.

E, por que entendamos o mais que dizem, a saber, que é necessário olhar o poder e força das estrelas, tratemos uma questão nesta maneira:

Pergunto se têm as estrelas algum poder ou influência sobre as coisas deste mundo inferior em que vivemos, de maneira que possamos fazer juízos por eles?

Na qual questão, determinando santo Tomás em sua *Secunda Secundae*<sup>81</sup> se é lícito julgar e adivinhar por estrelas, diz que se algum usa do juízo das estrelas para conhecer por elas os fortuitos acontecimentos e casos que podem vir; ou, também, se usa delas para saber por certeza as futuras obras dos homens, este tal juízo, diz ele, é mau e procede de falsa opinião e é pecado, porque nenhuma estrela tem poder sobre as obras humanas que procedem do livre arbítrio para lhe pôr força a que de necessidade as haja de fazer e obrar.

80 Na margem: Declara se há nas estrelas algum poder sobre as cousas de baixo.

António de Beja parece ter especialmente presente o capítulo II do Livro IX, cujo título é bastante elucidativo: «Astrologum certe geniturea horam neque semper scire posse, neque per veram regulam explorare». Cf. Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 660.

81 Na margem: questão XCV, artigo V, *in fine*.

E posto que pera isso bem concede. que os podem mover e inclinar algúas couas: nom empero em tanta maneira que os constranga fazellas se elles non quiserem. Mas se algum usa do juizo das estrellas pera por ellas saber alguñas couas futuras que se causam e procedem dos corpos celesteiaes. Como sam securas e chuivas: e outras couas semelhantes em este caso tal. diz elle: nom he ilicito usar do conhecimento e uso das estrellas. E falando mais claramente. sobre isto. em ho .26. de seus opusculos. respondendo a huum seu amigo que lhe avia perguntado se era licito usar dos juyzos dos astrologos confirma esta sentença<sup>41</sup>. e em suas palavras parece sentir este santo doutor .ij. couas grandes. A primeira que he grave pecado usar de conselho e juízo de astrologos. em as couas que pertencem: haa vontade lyvre do homem. Por onde julgamos em quanto perigo e danaçam de suas almas vivem todas aquellas pesoas: que logo em lhe nascendo filho ou filha dam grandes peytas e dões aos falsos sabedores destas artes. por que saibam per elles ha fortuna e couas que lhe ham de acontecer em sua vida: certo cousa abominavel e falsa. Onde se dizem (por ganhaarem preços temporaaes: e satisfazerem: aos fracos appetitos) tam falsas couas como cada dia experimentamos. porque ha huns dam em reposta. estes falsos sabedores que ham de viver muitos annos: que nom chegam ha hum mes seguinte. A outros falsamente profetizam e prometem per seus nascimentos prosperidades grandes: que caen muy cedo em graves prisoões e desonrradas pobrezas. E a outros grandes e victoriosas onrras: que acabam em muy choroosas: breves e desestradas mortes. como sintem os desaventurados parentes: por verem assi faltar sua esperança. E por ventura se isto antes nom fizeram: nom tiveram tanto sentimento de sua perda. A estes certo reprehende muito ha sagrada escritura. quando em ho deutonomio diz. Non inveniatur in te qui lustret filium suum aut filiam dicens per ignem: aut qui ariolos scicitetur et observet sonnia atque auguria. nec sit maleficus aut incantator: nec phitones consulat nec divinos. et quaerat a mortuis veritatem. Ha segunda cousa que notamos em as palavras deste santo doutor. hee que bem podem alguns usar do juyzo das estrellas pera por ellas saber: se ha de chover ou nam: e assi tambem pera saber quaesquer outros acontecimentos que em noos se podem causar: das couas naturaes. Ho que eu com outros mays sabios nesta parte confesso ser verdade dos doux luzeiros do mundo. convem a saber

41 Na margem: *nota:*

E, posto que para isso bem concede que os podem mover e inclinar alguma coisa, não empero em tanta maneira que os constranja fazê-las, se eles não quiserem. Mas se algum usa do juízo das estrelas para por elas saber algumas coisas futuras que se causam e procedem dos corpos celestiais, como são securas e chuvas e outras coisas semelhantes, em este caso tal, diz ele, não é ilícito usar do conhecimento e uso das estrelas. E falando mais claramente sobre isto no 26º de seus *Opúsculos*, respondendo a um seu amigo que lhe havia perguntado se era lícito usar dos juízos dos astrólogos, confirma esta sentença<sup>82</sup>.

E em suas palavras parece sentir este santo doutor duas coisas grandes. A primeira, que é grave pecado usar de conselho e juízo de astrólogos nas coisas que pertencem à vontade livre do homem. Por onde julgamos em quanto perigo e danação de suas almas vivem todas aquelas pessoas que, logo em lhe nascendo filho ou filha, dão grandes peitas e dons aos falsos sabedores destas artes, por que saibam por eles a fortuna e coisas que lhe hão de acontecer em sua vida, certo coisa abominável e falsa. Onde, se dizem (por ganharem preços temporais e satisfazerem aos fracos apetites) tão falsas coisas como cada dia experimentamos, porque a uns dão em reposta estes falsos sabedores que hão de viver muitos anos, que não chegam a um mês seguinte; a outros falsamente profetizam e prometem, por seus nascimentos, prosperidades grandes, que caem mui cedo em graves prisões e desonradas pobrezas; e a outros, grandes e vitoriosas honras, que acabam em mui chorosas, breves e desastradas mortes, como sentem os desaventurados parentes por verem assim faltar sua esperança. E porventura, se isto antes não fizeram, não tiveram tanto sentimento de sua perda. A estes, certo, repreende muito a Sagrada Escritura quando, no *Deuteronómio*, diz: «*Non inveniatur in te qui lustret filium suum aut filiam ducens per ignem, aut qui ariolos scicitetur et observet sonnia atque auguria. nec sit maleficus aut incantator, nec phitones consulat nec divinos et quaerat a mortuis veritatem*»<sup>83</sup>.

A segunda coisa que notamos nas palavras deste santo doutor é que bem podem alguns usar do juízo das estrelas para por elas saber se há de chover ou não, e assim também para saber quaisquer outros acontecimentos que em nós se podem causar das coisas naturais. O que eu, com outros mais sábios, nesta parte confesso ser verdade dos dois luzeiros do mundo, convém a saber:

82 Na margem: nota:

83 *Deuteronómio*, 18:10-11: «*Nec inveniatur in te qui lustret filium suum, aut filiam, ducens per ignem: aut qui ariolos scicitetur, et observet sonnia atque auguria, nec sit maleficus, nec incantator, nec qui pythones consulat, nec divinos, aut quaerat a mortuis veritatem*».

ho sol e lúa que soomente ham poder de fazer estas mudanças de tempos e couisas temporaes. ca as outras estrellas sem estos pouco ou nada obram em noos como diz pico li.3.ca.x. e se o fazem nom se sabe. Onde aristote. segundo de generacione. diz quod propter recesium solis a círculo oblico: fiunt generaciones et corruptiones in his inferioribus. E nom fala de nenhūa outra estrella que aja este poder. nem acharam em seus livros que falase de estrellas a que dese algum poder senam ao sol. unde primo metauros: dicitem necese hunc mundum inferiorem etc. E a sagrada escritura. gene. I. diz falando destas: duas: fiant duo luminaria in firmamento celli et dividant diem ac noctem et sint in signa: et tempora: et dies: et annos: ut luceant in firmamento celi et illumient terram: e foy feyto assy: e vindo aas estrellas diz. Quod possuit eas in firmamento celli: ut lucerent super terram. e pressent diei ac nocti. ut dividerent lucem ac tenebras. Por onde parece que dando grandes poderes ao sol e lúa: aas estrellas nom deu outro senam que alumiasem sobre a terra: e sendo presentes ao dia e noute: fizessem divisam antre a luz e trevas.<sup>42</sup> por onde alguns nom querem conceder que as estrellas tem algúia outra couisa mais que luz: e movimento do ceo em que estam. E posto que favorecendo nesta parte a este sancto doutor dixessemos que as estrellas alem do sol tem poder pera mudarem os tempos e fazerem chivias. nom por isso se segue que ham de ter tal licença os astrologos que deitem tam feos juyzos como he este que divulgam aver de ser no anno de .24. e outras vaidades que dizem: porque estes taes effectos nunca se ham de julgar senam quasi presentes. como julgan os medicos: marinheiros e lavradores a quem muitas vezes ouvimos dizer mais verdade na mudança dos tempos e couisas temporais que aos astrologos. como diz pico. li. 3. c. 19. E nom cooncede que tenham os astrologos poder. nem saber pera dizer isto quatro

42 Na margem: *picus. lj. 3. ca. 5.*

o Sol e Lua, que somente hão poder de fazer estas mudanças de tempos e coisas temporais, ca as outras estrelas, sem estes, pouco ou nada obram em nós, como diz Pico (livro 3º, capítulo X)<sup>84</sup> e, se o fazem, não se sabe. Onde Aristóteles (Segundo *De generatione*)<sup>85</sup> diz: «*Quod propter recessum solis a circulo oblico: fiant generaciones et corruptiones in his inferioribus*». E não fala de nenhuma outra estrela que haja este poder, nem acharão em seus livros que falasse de estrelas a que desse algum poder senão ao sol, *unde primo Meteora*: «*Dicitem necesse hunc mundum inferiorem, etc.*» E a Sagrada Escritura (*Génesis*, I) diz, falando destas duas: «*Fiant duo luminaria in firmamento celi et dividant diem ac noctem et sint in signa et tempora et dies et annos, ut luceant in firmamento celi et illuminent terram*», e foi feito assim<sup>86</sup>. E vindo às estrelas, diz: «*Quod posuit eas in firmamento celi, ut luceant super terram et pressent diei ac nocti, ut dividerent lucem ac tenebras*<sup>87</sup>.» Por onde parece que, dando grandes poderes ao Sol e Lua, às estrelas não deu outro senão que alumiassem sobre a terra e, sendo presentes ao dia e noite, fizessem divisão entre a luz e trevas<sup>88</sup>. Por onde alguns não querem conceder que as estrelas têm alguma outra coisa mais que luz e movimento do céu em que estão.

E posto que, favorecendo nesta parte a este santo doutor, disséssemos que as estrelas, além do Sol, têm poder para mudarem os tempos e fazerem chuvas, não por isso se segue que hão de ter tal licença os astrólogos que deitem tão feios juízos como é este que divulgam haver de ser no ano de 24 e outras vaidades que dizem, porque estes tais efeitos nunca se hão de julgar senão quase presentes, como julgam os médicos, marinheiros e lavradores, a quem muitas vezes ouvimos dizer mais verdade na mudança dos tempos e coisas temporais que aos astrólogos, como diz Pico (livro 3º, capítulo 19)<sup>89</sup>. E não concede que tenham os astrólogos poder nem saber para dizer isto quatro

84 Pico enuncia claramente a tese que defende logo no título do capítulo: «*Stellas alias a sole et luna aut nihil aut certe parum in nos agere*». Cf. Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 470.

85 Aristóteles, *De generatione Animalium*, Livro II.

86 *Génesis*, 1, 14-15: *Dixit autem Deus: fiant luminaria in firmamento cœli ut dividant diem ac noctem et sint in signa et tempora et dies et annos ut luceant in firmamento cœli et inluminent terram et factum est ita.*

87 *Génesis*, 1, 17-18: *Et posuit eas in firmamento cœli ut lucerent super terram et præsenterent diei ac nocti et dividerent lucem ac tenebras.*

88 Na margem: Picus, liber III, ca. V.

89 «*Quae quantum a gregariis his quas dictabamus artibus in futurorum præsentione vincatur, vel hinc innotescat, quod inter nauticos & agricolas, & pastores, decorum pronosticis mire*

nem cinquo annos ante que ysto venha (como estes tantos tempos haa dizem) e querendo este sancto doutor declarar isto em sua 2. 2.<sup>43</sup> tratando elle se ho adivinhar he pecado diz. que neste nome adivinhar se entende húa declaraçam de cousas futuras. as quaes se podem antes que venham conhecer em duas maneiras. primeira em si. segunda em suas causas. E querendo mais declarar isto diz: que as causas das cousas futuras e que estam por vir sam em tres maneiras. húa s. produzem sempre e de necesidade os seus effectos. e estes taes se poodem prenunciar e dizer antes com muita certeza considerando e sabendo suas causas: e desta maneira se dizem os eclypses do sol e lúa: muitos dias antes que venhaam: porque sendo ho sol e lúa causas necesarias: ham de fazer de necesidade algúas vezes este efecto. Hay outras causas diz sancto thomas. que produzem seus effectos nom de necesidade: nem sempre. mas muitas vezes e poucas desfaleçem: e per estas causas se poodem conhecer os futuros effectos. nom per certeza: mas por conjecturas assy (diz elle) como fazem os astrologos: os quaes. per consideraçam e conhecimento das estrellas. poodem dizer se chovera ou fara tempo seco e enxuto. e os medicos poodem julgar da saude e morte corporal. E falando de outras causas que produzem e fazem alguñas cousas que poode ser e nom ser como sam as potencias de nossa alma: que se hennt ad opposita. concluindo diz: que nom devem os homens julgar com nehnña certeza estas cousas futuras contingentes que poodem ser e nom ser. antes que as vejam presentes. porque considerar e saber isto se sera. ou nam. antes que seja feito pertence soomente a deos. ho qual soo em sua eternidade. vee e sabe as coussas futuras como presentes. Donde vem. diz elle: que se algum presumir per algúia maneira e arte: conhecer antes ou dizer estas cousas futuras. que ellas venham: sem pera isto ter algúia revelaçam de deos usurpa e toma pera si ho que he de deos: e he feito falsamente adivinhador. Dos quaes falando sancto Ysydoro libro octavo ethimologiarum. capi 9. diz. que os adivinhadores sam dictos. quasi. cheos de deos. Ca fingem estar cheos de divindade. e com húa enganoossa astucia dizem e pregam aos homens cousas que ham de vijr:

43 Na margem: *q. xcv. ar. j.*

nem cinco anos antes que isto venha (como estes tantos tempos há dizem). E querendo este santo doutor declarar isto, em sua *Secunda Secundae*<sup>90</sup> tratando ele se o adivinhar é pecado, diz que neste nome “adivinhar” se entende uma declaração de coisas futuras, as quais se podem, antes que venham, conhecer em duas maneiras: primeira, em si; segunda, em suas causas. E querendo mais declarar isto, diz que as causas das coisas futuras e que estão por vir são em três maneiras: umas, a saber, produzem sempre e de necessidade os seus efeitos e estes tais se podem prenunciar e dizer antes com muita certeza, considerando e sabendo suas causas; e desta maneira se dizem os eclipses do Sol e Lua muitos dias antes que venham, porque, sendo o Sol e Lua causas necessárias, hão de fazer de necessidade algumas vezes este efeito. Há outras causas, diz santo Tomás, que produzem seus efeitos não de necessidade, nem sempre, mas muitas vezes, e poucas desfalecem; e por estas causas se podem conhecer os futuros efeitos, não por certeza, mas por conjecturas, assim (diz ele) como fazem os astrólogos, os quais, por consideração e conhecimento das estrelas, podem dizer se choverá ou fará tempo seco e enxuto, e os médicos podem julgar da saúde e morte corporal.

E falando de outras causas que produzem e fazem algumas coisas que pode[m] ser e não ser, como são as potências de nossa alma, que se *hent ad opposita*, concluindo diz que não devem os homens julgar com nenhuma certeza estas coisas futuras contingentes, que podem ser e não ser, antes que as vejam presentes. Porque considerar e saber isto se será ou não antes que seja feito pertence somente a Deus, o qual só em sua eternidade vê e sabe as coisas futuras como presentes. Donde vem, diz ele, que, se algum presumir por alguma maneira e arte conhecer ou dizer estas coisas futuras antes que elas venham, sem para isto ter alguma revelação de Deus, usurpa e toma para si o que é de Deus, e é feito falsamente adivinhador. Dos quais falando santo Isidoro (livro oitavo *Etimologiarum*, capítulo 9),<sup>91</sup> diz que os adivinhadores são ditos quase cheios de Deus, ca fingem estar cheios de divindade e, com uma enganosa astúcia, dizem e pregam aos homens coisas que hão de vir.

convenit, inter astrologos nihil». Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 504.

90 Na margem: questão XCV, artigo 1. *Suma de teologia* de Tomás de Aquino.

91 San Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, (Madrid: BAC, 2004, p. 704): «Divini dicti, quasi deo pleni: divinitate enim se plenos adsimulant et astutia quadam fraudulenta hominibus futura coniectant».

e assy parece dos dictos deste santo doutor. que posto (ho que geralmente se nom haa de confessar) que nas estrellas ouvesse algum poder: nom por isto se ham de deytar juyzos. tam feos e de tanto alvoroço como sam estes que dizem aver de ser diluvio.

¶ **Sentença descoto sobre a incerteza dos astrologos.**

Falando tambem ho doutor solil escoto sobre esta materia da virtude e poder das estrellas. Em ho .2. li. das sentenças<sup>44</sup> diz: que as estrellas tem virtude e poder. pera influirem e obrarem em quatro couzas que estam debaxo do ceo. Primeiramente sobre os elementos. segundo em algūas couzas mixtas perfeictas que nom tem alma como sam os metaes: e sobre as que sam mixtas nom perfeitas assi como impresões e cometas que se geram no aar: e sobre as couzas que tem alma. Tem primeiramente poder sobre os elementos en duas couzas. diz elle .s. pera os alterar. e pera por elles criar e geerar algūa cousa: cuya esperiencia vemos em esta maneira. que achegandose ho sol e outras estrellas de quente propriedade ao zenith de algūa regiam: poendose direitamente e lançando seus raios direitos sobre ella: logo os elementos superiores e mais altos .s. ho fogo e aar se aumentam e crescem avendo mayor poder. e os mais baixos .s. agoa e terra. mingoam e sam convertidos em os dous de cima. E por o contrario apartandosse ho sol. e achegandose as estrellas que ham propriedade de fazer frio. como saturno e mercurio: logo vem ha geraçam nos dous elementos .s. agoa e terra. Tem mais este poder diz escoto: sobre os elementos pera os alteraarem e fazerem mudar em seus lugares. e isto. porque a parte superior do aar movese circularmente: conforme ao movimento do çeo como vemos claramente nas impresoies ygnitas e acesas como sam os cometas e outras couzas desta maneira. que se geeram em os altos lugares do ar e se movem circularmente como vemos cada dia: e muito mais se experimenta isto (diz elle) na sphera do fogo que sendo mais chegada ao çeo he movida em circuito e derredor: como se move o corpo e redondeza celestial. E nom soomente causam as estrellas este movimento e alteraçam nos elementos. diz escoto: a elles chegados: mas tanbem ho fazem. em os que estam longe e apartados. como he agoa. no recolhimento da qual: que hee ho mar faz a lúa alteraçam e movimento: a que chamam fluxo e refluxo que he vazar e

44 Na margem: *di. 14. q. ii.*

E, assim, parece dos ditos deste santo doutor que, posto (o que geralmente se não há de confessar) que nas estrelas houvesse algum poder, não por isto se hão de deitar juízos tão feios e de tanto alvoroço como são estes que dizem haver de ser dilúvio.

### **Sentença de Escoto sobre a incerteza dos astrólogos.**

Falando também o doutor subtil Escoto sobre esta matéria da virtude e poder das estrelas, no 2º livro das *Sentenças*<sup>92</sup>, diz que as estrelas têm virtude e poder para influírem e obrarem em quatro coisas que estão debaixo do céu. Primeiramente, sobre os elementos; segundo, em algumas coisas mistas perfeitas que não têm alma, como são os metais, e sobre as que são mistas não perfeitas, assim como impressões e cometas que se geram no ar, e sobre as coisas que têm alma. Têm primeiramente poder sobre os elementos em duas coisas, diz ele, a saber, para os alterar e para por eles criar e gerar alguma coisa, cuja experiência vemos nesta maneira: que, achegando-se o Sol e outras estrelas de quente propriedade ao zénite de alguma região, pondo-se diretamente e lançando seus raios direitos sobre ela, logo os elementos superiores e mais altos, a saber, o fogo e ar, se aumentam e crescem, havendo maior poder, e os mais baixos, a saber, água e terra, minguam e são convertidos nos dois de cima. E pelo contrário, apartando-se o Sol e achegando-se às estrelas que hão propriedade de fazer frio, como Saturno e Mercúrio, logo vem a geração nos dois elementos, a saber, água e terra. Têm mais este poder, diz Escoto, sobre os elementos para os alterarem e fazerem mudar em seus lugares; e isto, porque a parte superior do ar move-se circularmente conforme ao movimento do céu, como vemos claramente nas impressões ignitas e acesas, como são os cometas e outras coisas desta maneira que se geram nos altos lugares do ar e se movem circularmente, como vemos cada dia. E muito mais se experimenta isto, diz ele, na esfera do fogo que, sendo mais chegada ao céu, é movida em circuito e derredor, como se move o corpo e redondeza celestial. E não somente causam as estrelas este movimento e alteração nos elementos, diz Escoto, a eles chegados, mas também o fazem nos que estão longe e apartados, como é água, no recolhimento da qual, que é o mar, faz a Lua alteração e movimento a que chamam fluxo e refluxo, que é vazar e

92 Na margem: di[stinctio]. 14. q[uestio]. ii.

António de Beja refere-se a um trecho do Livro II da *Lectura Oxoniensis* (Comentário das Sentenças) que já tinha utilizado anteriormente, mas a anotação marginal deveria remeter para a *questio* III da *Distinctio* 14 («Utrum elementa agant in haec inferiora?»). Cf. Johannes Duns Scotus O.F.M., *Resolutiones in quatuor libros Sententiarum*, Parisiis: apud Guillelmum de La Noué, 1600, fo. 128r-128v.

encher. E por tanto diz escoto trazem os astrologos por regra e dizer comum e quasi muitas vezes experimentado. que a lúa tem dominio e senhorio sobre as cousas humidas: assi como tem ho sol sobre as secas e assi procedendo nesta parte. em philosophico e natural proceso poem algūas opiniões. e cousas das alterações e mudanças do mar: porque enche e vaza duas vezes cada dia e assi prova per esta maneira. o primeiro que disse que as strellas tem poder pera fazerem mudança e alteraçam nos elementos. ¶ Tem mais as estrellas ho segundo poder. diz elle: pera fazerem algūas mixturas imperfectas: como sam as novas claridades e rayos que muitas vezes vemos no aar: que se nom podem fazer sem virtude dellas. porque ha materia daquelas impressões e rayos. que hee vapor: nom se levanta da terra pera ho lugar em que aquellas cousas se geeram: senam per algūa quentura celestial que ho encorporea: e traz assi: ou per virtude de algūa estrella: ho que experimentamos nos cometas e seus movimentos: que fazem do aguiam ao austro seguindo ho movimento do cometa e parte celestial per que sam geerados. ¶ Tem tambem as estrellas este poder terceiro sobre as cousas myxtas perfeitas que nom tem alma. como sam os metaaes que sam geerados em algūas regiões por algūa virtude e costelaçam celestial que daa e lança feos rayos e poder sobre aquela regiam mais que em outra e pereçe: diz escoto: que o produzir e geerar estas cousas he de algūa virtude: porque a terra nom poode ser causa de tanta diversidade. ¶ Mais tem ho quarto poder as estrellas sobre as cousas que tem alma: alterando os coorpos em alguña qualidade conveniente: ou desconveniente aaquelle alma que daa perfeçam ao tal corpo: e com outras cousas diz que poodem as estrellas e virtude superior causar algūa desordenança em nossa vontade: alterando nosso appetito sensitivo: a que mais se encline a hūa cousa que ha outra: mas nom em tal feiçam que ponha necesidade a que ha vontade aja de fazer aquillo a que he inclinada se nom quisser: mas por quanto ha vontade rational do homem. todo ho tempo que vive nesta miseravel vida sempre por sua fraqueza he inclinada ha seguir os desejos de seu appetito sensitivo. e a este mao desejo poodem ajudar as influencias e corpos celestiaes portanto: diz elle: acertam os astrologos algūas cousas falando e prenesticando dos costumes humanos. dizendo que seram luxuriosos. tafuys. e outras cousas desta sorte. e isto nam porque ponham necessidade [de] ser assy e nom poder ser outra cousa se ho homem se quiser mais reger por ley de bōa razam: que nam por sua sensualidade. mas porque os pensamentos humanos sam de sua natureza e condiçam inclinados a mal como se diz gene. 8. em tanta maneira diz salamam no ecclesiastes ca.1. que os maaos com muyta dificultade se enmendam por onde crece ho numero dos

encher. E portanto, diz Escoto, trazem os astrólogos por regra e dizer comum, e quase muitas vezes experimentado, que a Lua tem domínio e senhorio sobre as coisas húmidas, assim como tem o Sol sobre as secas. E assim procedendo nesta parte em filosófico e natural processo, põe algumas opiniões e coisas das alterações e mudanças do mar (porque enche e vaza duas vezes cada dia) e assim prova, por esta maneira, o primeiro que disse, que as strelas têm poder para fazerem mudança e alteração nos elementos.

Têm mais as estrelas o segundo poder, diz ele, para fazerem algumas misturas imperfeitas, como são as novas claridades e raios que muitas vezes vemos no ar, que se não podem fazer sem virtude delas. Porque a matéria daquelas impressões e raios, que é vapor, não se levanta da terra para o lugar em que aquelas coisas se geram, senão por alguma quentura celestial que o incorpora e traz a si, ou por virtude de alguma estrela, o que experimentamos nos cometos e seus movimentos que fazem do aguião ao austro, seguindo o movimento do cometa e parte celestial por que são gerados.

Têm também as estrelas este poder terceiro sobre as coisas mistas perfeitas que não têm alma, como são os metais que são gerados em algumas regiões por alguma virtude e constelação celestial que dá e lança feios raios e poder sobre aquela região mais que em outra. E parece, diz Escoto, que o produzir e gerar estas coisas é de alguma virtude, porque a terra não pode ser causa de tanta diversidade.

Mais têm o quarto poder as estrelas sobre as coisas que têm alma, alterando os corpos em alguma qualidade conveniente ou desconveniente àquela alma que dá perfeição ao tal corpo. E com outras coisas, diz, que podem as estrelas e virtude superior causar alguma desordenação em nossa vontade, alterando nosso apetite sensitivo a que mais se incline a uma coisa que a outra, mas não em tal feição que ponha necessidade a que a vontade haja de fazer aquilo a que é inclinada, se não quiser. Mas, por quanto a vontade racional do homem todo o tempo que vive nesta miserável vida sempre por sua fraqueza é inclinada a seguir os desejos de seu apetite sensitivo, e a este mau desejo podem ajudar as influências e corpos celestiais, portanto, diz ele, acertam os astrólogos algumas coisas falando e prognosticando dos costumes humanos, dizendo que serão luxuriosos, tafúis e outras coisas desta sorte. E isto não porque ponham necessidade [de] ser assim e não poder ser outra coisa se o homem se quiser mais reger por lei de boa razão que não por sua sensualidade, mas porque os pensamentos humanos são de sua natureza e condição inclinados a mal, como se diz *Génesis*, 8, em tanta maneira. Diz Salomão no *Eclesiastes* (capítulo 1) que os maus com muita dificuldade se emendam, por onde cresce o número dos

doudos em grande multidam/ e asi conformando sancto tho. com escoto em este caso<sup>45</sup> diz. que os astrologos por juizo das estrellas denunciam algūas verdades na condiçān dos homens. porque muitos dos humanos somos tam fracos que seguimos nossos apetitos e corporaes. paixões. em maneira que nos- sos autos sam despostos (dando noos pera isso azo) per inclinaçām celestial. e muy poucos .s. os sabios refream estas maas inclinaçōes. e por melhor dizer confessa sancto thomas que se pode isto saber por virtude diabolica como ja dixe. e assi tiramos desta doutrina de scoto que nom tem as estrellas poder necessario sobre os homens: mas bem confessa que tem poder sobre as outras cousas que vistes: a quem eu digo isto ser verdade do sol e lūa soomente. porque nestes doux poem elle exemplo .s. na lūa que altera ho mar. e cousas frias e no sol que causa as impresōes e rayos que veemos no ar nem a escriptura sagrada deu tam larga liçēnça as estrellas: como elle alegando hūa autoridade que esta gene. primeiro. diz que as estrellas sam postas no firmamento por que fossem em sinaes. e tempos. nom soomente do ar e da terra: mas de outras cousas. A qual autoridade ocupado porventura scoto em suas acustumadas sotilezas nom leo bem: porque a escriptura falando das estrellas como ja dixemos: nom diz as palavras que elle põe que ao sol e lūa foram dadas: mas soomente diz: que as pos deos no firmamento pera que alumiasem: e posto que em algūa maneira confessasemos isto pera seu favor. nom por isso daa escoto lecença pera que os astrologos por influencia das estrellas ditem juyzos. porque se algūas tem: sam muy ignotas e pouco conhecidas aos homens. E portanto falando elle da incerteza destes juyzos<sup>46</sup> diz que nom sam os astrologos verdadeiros em seos juyzos porque nom sabem prefeytamente as qualidades e virtudes dos ceeos e estrellas que concorren em ho effecto e cousas que per seus juyzos querem saber. Ca se elles estas propriedades e virtudes conhecesem poderiam com certeza saber o que quisesem. por onde creo diz elle: que os anjos tem perfecta noticia destas cousas secretas em maneyra que podem bem julgar per

45 Na margem: *ij. ij q. xcv. ar. v. ad. ij.*

46 Na margem: *loco a legato.*

doidos em grande multidão. E assim, conformando santo Tomás com Escoto neste caso<sup>93</sup>, diz que os astrólogos por juízo das estrelas denunciam algumas verdades na condição dos homens, porque muitos dos humanos somos tão fracos que seguimos nossos apetites e corporais paixões, em maneira que nossos atos são dispostos (dando nós para isso azo) por inclinação celestial, e mui poucos, a saber, os sábios, refreiam estas más inclinações. E por melhor dizer, confessa santo Tomás que se pode isto saber por virtude diabólica, como já disse.

E assim tiramos desta doutrina de Escoto que não têm as estrelas poder necessário sobre os homens, mas bem confessa que têm poder sobre as outras coisas que vistes. A quem eu digo isto ser verdade do Sol e Lua somente, porque nestes dois põe ele exemplo, a saber, na Lua, que altera o mar e coisas frias, e no Sol, que causa as impressões e raios que vemos no ar. Nem a Escritura Sagrada deu tão larga licença às estrelas como ele, alegando uma autoridade que está [em] *Génesis*, primeiro, diz que as estrelas são postas no firmamento por que fossem em sinais e tempos, não somente do ar e da terra, mas de outras coisas. A qual autoridade, ocupado porventura Escoto em suas acostumadas subtilezas, não leu bem, porque a Escritura, falando das estrelas, como já dissemos, não diz as palavras que ele põe que ao Sol e Lua foram dadas, mas somente diz que as pôs Deus no firmamento para que alumiassem. E, posto que em alguma maneira confessásemos isto para seu favor, não por isso dá Escoto licença para que os astrólogos, por influência das estrelas, ditem juízos, porque, se algumas têm, são mui ignotas e pouco conhecidas aos homens. E portanto, falando ele da incerteza destes juízos<sup>94</sup>, diz que não são os astrólogos verdadeiros em seus juízos, porque não sabem perfeitamente as qualidades e virtudes dos céus e estrelas que concorrem no efeito e coisas que por seus juízos querem saber, ca se eles estas propriedades e virtudes conhecessem, poderiam com certeza saber o que quisessem. Por onde creio, diz ele, que os anjos têm perfeita notícia destas coisas secretas em maneira que podem bem julgar por

93 Na margem: II, II, q. XCV, ar. V, ad. II.

94 Na margem: loco alegato

António de Beja remete novamente para o Livro II do *Comentário das Sentenças*, agora para a *Distinctio XIV, Quæstio 3*, onde Duns Escoto argumenta: «Haec idcirco pronitas voluntatis ad insequendum appetitum sensituum contra dictamen rationis in causa est, quare Astrologi prognosticant de moribus hominum, quod sint alicui dedit sceleri aut virtuti, quia considerantur constellationes nativitatis ipsorum. Sapiens autem dominabitur astris: Unde Hieremias, A signis coeli nolite timere: Et apud Apostolum, Nulla creatura potest nos separare. Item in genesi, Sub te erit appetitus tuus &c. Et sic nullus planeta dominabitur voluntati, licet possit eam alicere ad illicita». Johannes Duns Scotus O.F.M., *Resolutiones in quatuor libros Sententiarnum*, Parisiis: apud Guillelmum de La Noué, 1600, fo. 128v.

ellas: assy dos tempos em que podem acontecer aquelles effectos como da. qualidade e quantidade: e tambem podem saber se se pode impidir isto per algúia. outra estrella: e podem saber quanta materia sobe da terra pera geerar e mostrar alguñas cousas no ar. E assy podem saber se avera hy ventos ou algúia outra causa que lhe ponha empeditimento. E porquanto os astrologos nom podem saber inteiramente tudo isto. portanto: nem compridamente nem perfeitamente: nem com segurança podem julgar nem saber por ellas o que querem. Ca tem necessidade de saber tantas cousas necessarias pera o tal juízo: quantas nom podemos naturalmente alcançar e conhecer por onde he causa muy dificultosa fazer os juyzos. e asi parece por estas palavras do soutil doutor quanto presuntuosos sejam estes astrologos pois querem julgar e saber cousas per seus juyzos que os anjos soomente sabem. e nam humano poder. E assi fica nesta parte maniffesta sua incerteza.

#### **¶ Sentença de altisidiorense e de outros doutores sobre a incerteza da scien- cia astrologica.**

Nom calarey hūas palavras: poucas de notar: de altisidiorense doutor sapientissimo. em que falando elle no seu .2. livro das sentenças<sup>47</sup> da pouca certeza dos juyzos astrologicos diz. que nenhuum pode ser tam douto e sabio nesta arte: que se nom engane muy ameude por nom saber infindas particularidades que de nescessidade se devem guardar em seus juyzos. e isto permite e faz ho senhor a estes. pera sua ensinança e por que abaixem suas fantesias: e conhecām sua pouca perfeiçam e poder neste caso e mais adiante no mesmo .2. li. em a fim do 7. tratado. diz que todos aquelles que presumem saber as cousas vindoyras. e per seus juyzos declararam cousas futuras. hanse de reprehender de muyto curiosos: porque guastam e põe muyto estudo e vâmente presumem saber cousas. cuya certeza he imposivel poderse nesta vida presente alcançar. Porque ainda que confessasemos alguñas cousas das inferiores: serem causadas. das superiores/ sam empero tantos os impedimentos. que isto podem estorvar que sera maravilha poderse neste caso saber a verdade. Nem ptholomeu principe dos astrologos.

47 Na margem: *tra. v.*

elas, assim dos tempos em que podem acontecer aqueles efeitos, como da qualidade e quantidade, e também podem saber se se pode impedir isto por alguma outra estrela, e podem saber quanta matéria sobe da terra para gerar e mostrar algumas coisas no ar. E assim podem saber se haverá aí ventos ou alguma outra coisa que lhe ponha impedimento. E, por quanto os astrólogos não podem saber inteiramente tudo isto, portanto, nem comvidamente<sup>95</sup>, nem perfeitamente, nem com segurança podem julgar nem saber por elas o que querem, ca têm necessidade de saber tantas coisas necessárias para o tal juízo quantas não podemos naturalmente alcançar e conhecer, por onde é coisa mui dificultosa fazer os juízos. E assim parece, por estas palavras do subtil doutor, quanto presuntuosos sejam estes astrólogos, pois querem julgar e saber coisas por seus juízos que os anjos somente sabem e não humano poder. E assi fica nesta parte manifesta sua incerteza.

### **Sentença de Altissiodorens<sup>96</sup> e de outros doutores sobre a incerteza da ciência astrológica.**

Não calarei umas palavras poucas de notar de Altissidiorense, doutor sapiéntíssimo, em que falando ele no seu 2º livro das *Sentenças*<sup>97</sup> da pouca certeza dos juízos astrológicos, diz que nenhum pode ser tão douto e sábio nesta arte que se não engane mui amiúde, por não saber infindas particularidades que de necessidade se devem guardar em seus juízos. E isto permite e faz o Senhor a estes, para sua ensinança e por que abaixem suas fantasias e conheçam sua pouca perfeição e poder neste caso. E mais adiante, no mesmo 2º livro, no fim do 7º tratado, diz que todos aqueles que presumem saber as coisas vindoiras e por seus juízos declararam coisas futuras hão-se de repreender de muito curiosos, porque gastam e põem muito estudo e vãmente presumem saber coisas cuja certeza é impossível poder-se nesta vida presente alcançar. Porque, ainda que confessássemos algumas coisas das inferiores serem causadas das superiores, são empero tantos os impedimentos que isto podem estorvar, que será maravilha poder-se neste caso saber a verdade. Nem Ptolomeu, príncipe dos astrólogos,

95 Este advérbio, derivado do verbo latino *complere*, é aqui utilizado no seu sentido etimológico, significando “completamente”, “inteiramente”.

96 Guillaume d'Auxerre (Guilhelmus Autissiodorensis ou Altissiodorensis, †1230). Teólogo francês, autor da obra *Summa Aurea ... in quatuor sententiarum libros*, composta provavelmente entre 1215 e 1229, ed. crítica: Magistri Guillelmi Altissiodorensis *Summa Aurea*, 7 vol., ed. Jean Ribaillier, Roma: Collegii S. Bonaventurae Ad Claras Aquas, 1980-1987.

97 Na margem: tratado V.

he muyto longe desta opiniam. Ca elle confessando muitas vezes. serem os juyzos dos astrologos mentirosos por vicio e falta de quem os tira e faz: diz<sup>48</sup>. isto certo esta manifesto. que seendo algum tam diligente e sabio nesta disciplina e arte/ que poendo todas suas forças e saber obre por ella: he nescessario que muitas vezes offendia e nom acerte nada do que quer. E isto nom por outra cousa: salvo por a natureza das estrellas e arte ser desta condiçam. ou porque he tanta nossa fraqueza que se nom pode ygualar haa grandeza do artificio desta arte. E no livro que chamam centiloquio<sup>49</sup>/ falando este ptolomeu da sciencia astrologica diz. (nom em a transladaçam de avenrrodam falsa: mas em a verdade do grego. em que ptholomeu escreveo.) que sendo alguum sabio nesta arte nom pode ser elle [a] pronunciar e declarar as particularidades della. donde vem que ho exercitador della nom dira cousas de certeza. mas por conjecturas. e se acertar alguña particular. sera por alguña outra causa e nam por estrellas. E acerca dos hebreos e mouros astrologos se diz comunmente: como traz pico mirandula.<sup>50</sup> que muitas cousas prometem as estrellas. que podem nom vijr. ou por a materia nom ter disposiçam pera receber sua influencia. ou porque muitos dos autos humanos procedem do livre arbido. ou porque a divina providencia tem mayor poder que ho çeo (que eu confesso) a qual muitas vezes ordena e quer que venham outras cousas ao mundo e nom aquellas que a revoluçam ordinaria do çeo promete. Estas e outras cousas poderaa ler juntas/ quem tiver aveznarram em ho capitulo primeiro. do livro seu das nacenças. E outro doutor theologo tratando desta incerteza per dictos antigos. traz hum de alpharabio<sup>51</sup> em que diz: Esta arte de astrologia ser mintirosa e ygnota aos homeens: qual dos mortaes: diz

48 Na margem: *in primo apotelesmatum.*

49 Na margem: *anunciato .j.*

50 Na margem: *li. ij. c. j.*

51 Na margem: *Rodericus in speculo vite humane ca. xxx. viij. li. j: i.*

é muito longe desta opinião, ca ele, confessando muitas vezes serem os juízos dos astrólogos mentirosos por vício e falta de quem os tira e faz, diz<sup>98</sup>: «Isto certo está manifesto, que sendo algum tão diligente e sábio nesta disciplina e arte que pondo todas suas forças e saber obre por ela, é necessário que muitas vezes ofenda e não acerte nada do que quer. E isto não por outra coisa, salvo pela natureza das estrelas e arte ser desta condição, ou porque é tanta nossa fraqueza, que se não pode igualar à grandeza do artifício desta arte». E no livro que chamam *Centilóquio*<sup>99</sup>, falando este Ptolomeu da ciência astrológica, diz (não na transladação de Abenrudian<sup>100</sup> falsa, mas na verdade do grego em que Ptolomeu escreveu) que, sendo algum sábio nesta arte, não pode ser ele [a] pronunciar e declarar as particularidades dela. Donde vem que o exercitador dela não dirá coisas de certeza, mas por conjecturas, e se acertar alguma particular será por alguma outra causa e não por estrelas. E acerca dos hebreus e mouros astrólogos se diz comumente, como traz Pico Mirandula<sup>101</sup>, que muitas coisas prometem as estrelas que podem não vir, ou por a matéria não ter disposição para receber sua influência, ou porque muitos dos atos humanos procedem do livre arbítrio, ou porque a divina providência tem maior poder que o céu (que eu confesso) a qual muitas vezes ordena e quer que venham outras coisas ao mundo e não aquelas que a revolução ordinária do céu promete.

Estas e outras coisas poderá ler juntas quem tiver Aveznarram<sup>102</sup> no capítulo primeiro do livro seu *Das nascenças*. E outro doutor teólogo, tratando desta incerteza por ditos antigos, traz um de Alfarabio<sup>103</sup> em que diz esta arte de Astrologia ser mentirosa e ignota aos homens. «Qual dos mortais – diz

98 Na margem: In primo *Apotelesmatum*.

99 Na margem: anunciatu I.

A sentença I estabelece: «Fieri enim nequit, ut qui sciens est, particulares rerum formas pronunciet: sicuti nec sensus particularem, sed generalem quandam suscipit sensibilis rei formam: oportetque tractantem haec rerum conjectura uti. Solia ute numine afflati prae dicunt particularia». Cf. Giovanni Pontano, *Io. Ioviani Pontani commentariorum in centum Claudii Ptolemaei sententias, libri duo*. [Basileae]: Apud And. Cratandrum, 1531, p. 2.

100 Ali ibn Radwan (c. 988 – c. 1061), físico, astrólogo e astrónomo árabe de origem egípcia, nascido em Giza. Na Europa é mais conhecido como Haly Heben Rodan ou Haly Abenrudian.

101 Na margem: liber II, ca. I.

102 Abraham ibn 'Ezra (1092-1167), importante escritor judeu ibérico também conhecido como Abraham Avenare ou Avenezra. António de Beja segue Pico, que o cita como "Avenazram", e, tal como Mirandola, remete para o seu *Liber de revolutionibus et nativitatibus*.

103 Na margem: Rodericus, in *Speculo vite humanae*, ca. XXXVIII, Liber I.

Trata-se do célebre *Speculum vitae humanae* de Rodrigo Sánchez de Arévalo (1404-1470).

elle: tem tanto saber que conheça as naturezas e propriedades de tam diversas estrellas e suas misturadas virtudes. em maneyra que determinando com certeza as cousas que ham de vijr. diga. que tal conjunçam destrellas fara de necessidade tempos secos e tal fara avondança de agoas. e tal fara peste. e outras cousas semelhantes: Certo e sem duvida nunca conheceo alguum estes segredos pera dizer verdade. mas por conjecturas falsas afirmam: alguñas cousas das que jaa aconteceram. Assy confesssa este douctor que ha sciencia judiciaria dos astrologos he sandia e desconçertada e faz doudos aos que a studam. e certo tem razam de escarnecer daquelles que tanto estam fora de si: que querem conhecer e saber o que se faz no ceo: como se fossem presentes ao conselho celestial. e novamente viensem de cima. nom podendo elles saber o que se faz na terra. nem ainda em sua propria casa. Eu conheci alguns astrologos tam foora de razam que tendo suas casas nom muito honestas. nem bem regydas. deitavam juyzos sobre a honestidade e cousas dos outros. E asi fica manifesto quam pouca fee devemos dar aos juizos dos astrologos: por serem tam incertos e terem em si tam pouca verdade.

**¶ Do perigo desta arte e dos erros escandalosos que gera na fe e danno que faz a quem ha usa.**

Quisera (excelentissima senhora) ter facundia e avondança de bom falar por que em largo processo contaara os erros e males que os ensinadores desta falsa arte por sua pouca certeza e verdade poseram e derramaram no mundo. Ca estes nom se contentando de saberem sua falsa ensinanza: paasam aas vezes os termos e regras de sua doutrina: e cobiçoosos de saber as cousas futuras. com suas secretas regras sam trazidos ha diversas vaidades: estes dilatam seos juizos mais do que ha arte requere: e dam aos planetas e costellações per elles fingidas tanta virtude e poder (e nom sey por cuya autoridade) dizem cousas de muyta offensa e contumelia de nosso sumo deos e criador.

ele – tem tanto saber que conheça as naturezas e propriedades de tão diversas estrelas e suas misturadas virtudes, em maneira que, determinando com certeza as coisas que hão de vir, diga que tal conjunção de estrelas fará de necessidade tempos secos, e tal fará avondança de águas, e tal fará peste, e outras coisas semelhantes? Certo e sem dúvida nunca conheceu algum estes segredos, para dizer verdade, mas por conjecturas falsas afirmam algumas coisas das que já aconteceram»<sup>104</sup>. Assim confessa este doutor que a ciência judiciária dos astrólogos é sandia e desconcertada e faz doidos aos que a estudam. E certo tem razão de escarnecer daqueles que tanto estão fora de si, que querem conhecer e saber o que se faz no céu como se fossem presentes ao conselho celestial e novamente viesssem de cima, não podendo eles saber o que se faz na terra, nem ainda em sua própria casa. Eu conheci alguns astrólogos tão fora de razão que, tendo suas casas não muito honestas nem bem regidas, deitavam juízos sobre a honestidade e coisas dos outros.

E assim fica manifesto quão pouca fé devemos dar aos juízos dos astrólogos, por serem tão incertos e terem em si tão pouca verdade.

### **Do perigo desta arte e dos erros escandalosos que gera na fé e dano que faz a quem a usa.**

Quisera, excelentíssima senhora, ter facúndia e avondança de bom falar, por que em largo processo contara os erros e males que os ensinadores desta falsa arte, por sua pouca certeza e verdade, puseram e derramaram no mundo. Ca estes, não se contentando de saberem sua falsa ensinançā, passam às vezes os termos e regras de sua doutrina e, cobiçosos de saber as coisas futuras, com suas secretas regras são trazidos a diversas vaidades.

Estes dilatam seus juízos mais do que a arte requer e dão aos planetas e constelações por eles fingidas tanta virtude e poder, e não sei por cuja autoridade dizem coisas de muita ofensa e contumélia de nosso sumo Deus e criador.

104 «Quis enim hominum hodie novit omnium et tam diversarum stellarum diversas naturas et effectus; et postea virtutes ex omnibus mixtas: ut cum certitudine determinet eventus. etiam naturales in elementis et elementatis contingentes: ut absque dubio dicere possit: talium stellarum coniunctio facit necessario siccitatem: et talium coniunctio facit aquarum abundantiam: et talium pestilentiam: et talium mortem diurnam: et talium mortem celarem. indubie nemo novit circa arcana ista certum dicere: sed per conjecturas fallaces asserunt aliqua ex his que contigerunt aliquando et non accidit uniformiter sicut dicunt». Rodrigo Sánchez de Arévalo, *Speculum vitae humanae*, Roma: Conradus Suueynheim Arnoldusq[ue] Pannartz, 1468, fo. 65r-65v.

Ca elles: nom sapientes ad sobrietatem (segundo paulo) stulti facti sunt. em tanta maneira que atribuiem e dam poder aas estrellas sobre a vida e moorte: e presumem por ellas dizer outros muytos futuros acontecimentos que ho padre celestial soomente pos em seu poder. estes asi escarnecem o entendimento e alma dos fracos mortaes desejoosos de saber as cousas vindoyras: que presumem com seus juyzos destruir em elles ho poder do libero arbitrio: que he nossa vontade. os quaes com esta fee que dam aos astrologos prouesse a deos que oulhasssem e creessem que o fazedor das estrellas tanta força e poder pos em ellas quanto quis. reservando pera si ho principado e senhorio sobre todo ho que criou: e que pera mais as nom fez salvo pera servirem a deos e pera mostrar em ellas seu poder acerca do que diz david. Celi enarrant glorian dei: et opera eius anuunciat firmamentum. Estes tiram com suas falsas ymaginações tanto poder ha providencia e bondade divinal que afirmam algum ser bem fortunado e prosperado nesta vida soo por a influencia e constellaçam da estrella de seu nascimento. e outros muytos erros de que os nefandissimos livros de suas escrituras estam cheos: quam falsos e enganosos sejam os juyzos que estes cada dia deitam pera saberem ha boña e maa fortuna que cada hum ha de aver em esta vida. testemunhas sejam os que a isto sam dados. e eu se tivera lugar dixer a alguns de nossos tempos que acabaram em muy desvayrados e contrayros fins. daquelles que os astrologos lhe tinham prometido. dos antijgos enganados per esta falsa arte/ nom falo: mas por exemplo nosso digamos e nomeemos tres varões de grande memoria em todo mundo .s. Pompeyo: Crasso: e Cessar aos quaes como diz tulio. Os astrologos e feitiçeyros: aviam prometido: alem de suas prosperidades: muy descansado fim em suas casas. ho qual quanto seja longe da verdade: he triste cousa contar. ca todos morreram a ferro. e dous delles muy longe da ytalia. sem serem enterrados foram despedaçados das feeras bestas: e aves do çeo.

Ca eles, não *sapientes ad sobrietatem* – segundo Paulo – *stulti facti sunt*<sup>105</sup> em tanta maneira, que atribuem e dão poder às estrelas sobre a vida e morte, e presumem por elas dizer outros muitos futuros acontecimentos que o padre celestial somente pôs em seu poder. Estes assim escarneçem o entendimento e alma dos fracos mortais, desejosos de saber as coisas vindoiras, que presumem com seus juízos destruir neles o poder do livre arbítrio, que é nossa vontade. Os quais, com esta fé que dão aos astrólogos, prouvesse a Deus que olhassem e cressem que o fazedor das estrelas tanta força e poder pôs nelas quanto quis, reservando para si o principado e senhorio sobre tudo o que criou. E que para mais as não fez, salvo para servirem a Deus e para mostrar nelas seu poder; acerca do que diz David: «*Celi enarrant gloriam dei: et opera eius annuntiat firmamentum*»<sup>106</sup>.

Estes tiram, com suas falsas imaginações, tanto poder à providência e bondade divinal, que afirmam algum ser bem fortunado e prosperado nesta vida só pela influência e constelação da estrela de seu nascimento, e outros muitos erros de que os nefandíssimos livros de suas escrituras estão cheios. Quão falsos e enganosos sejam os juízos que estes cada dia deitam para saberem a boa e má fortuna que cada um há de haver nesta vida, testemunhas sejam os que a isto são dados. E eu, se tivera lugar, dissera alguns de nossos tempos que acabaram em mui desvairados e contrários fins daqueles que os astrólogos lhe tinham prometido. Dos antigos enganados por esta falsa arte não falo; mas, por exemplo nosso, digamos e nomeemos três varões de grande memória em todo mundo, a saber, Pompeu, Crasso e César<sup>107</sup>, aos quais, como diz Túlio,<sup>108</sup> os astrólogos e feiticeiros haviam prometido, além de suas prosperidades, mui descansado fim em suas casas, o qual quanto seja longe da verdade é triste coisa contar. Ca todos morreram a ferro e dois deles, mui longe da Itália, sem serem enterrados foram despedaçados das feras bestas e aves do céu.

105 *Romanos*, 1, 22: «dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt».

106 Salmo 18, 2: «Cæli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum».

107 Trata-se dos políticos romanos que constituíram o primeiro triunvirato, Júlio César, Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso, estabelecido em 60 a.C. e que terminaria após a morte do último, em 53 a.C.

108 Marco Túlio Cícero (106–43 a.C.). Foi um dos maiores oradores e escritores em prosa da Roma Antiga, mas a sua enorme influência prolonga-se ao longo dos séculos, servindo de modelo a toda a prosa posterior, não apenas no Latim, mas também nas línguas europeias. A redescoberta das suas cartas por Petrarca é geralmente considerada como um dos eventos mais marcantes do Humanismo renascentista, no século XIV.

Estas e outras cousas mayores vemos acontecer cada dia aos desaventurados que os astrologos dizem e profetizam lisonjeiras prosperidades e bôas fortunas. E he de maravilhar de nossa leviandade (ou por que melhor diga) pouco siso: que veendo cada dia os mortaes: estes dizerem grandes falsidades. nom podemos apartar nossa vontade de os creer e buscar. onde tulio diz que nom sabe donde vem tam pouco juízo: crermos mais neste caso aos falsos que aos verdadeiros. Aos outros homens diz elle: sendo de muyta verdade e bondade se nos dizem húa mentira logo os avorecemos e estes nom poodem avorecer: dizendo cada dia mil falsidades. Ca húa soo verdade pequena que acertem acaso ou per virtude diabolica que sempre mora nelles: faz relevar suas falsidades. e lhes da licença pera outras vezes mintirem: onde petrarcha diz: Cuidam que sem sospeita podem livremente mentir: porque húa vez soo dixearam verdade: a qual nunca puderam nem poderaam saber por sua incerteza como antes dixemos.

#### ¶ Erros mayores de astrologos.

Estes vam com suas vaidades em tanto crecimiento que nom satisfeitos da terra sobem ao çeo pondo o dedo em deos, ca presumem con suas falsas contas. saber em que ponto estava ho çeo quando deos criou as cousas do mundo inferior. e a ordenança dos signos e planetas: como se estes podeessem naquelle tempo nem em outro ajudar em algúia cousa a seu criador. E vijndo ao diluvio geeral que foy em tempo de noe.<sup>52</sup> Fingem estar ho çeo com seus signos e planetas em tal ordenança e feiçam que podeera virj aquelle gram diluvio naturalmente. e nam per virtude miraculosa de deos. Como a escriptura sancta confessa. As vaidades que dizem nas diversidades das leis nom se podem contar sem boca blasphemica. Ca elles confessam procederem as diversidades das leis do çeo e das estrellas: assy como confessam ser ha condiçam dos homens: onde põe que a ley dos judeus ouve principio de saturno e portanto elles onrravam muyto ho sabado. que era dia didicado a este planeta. E a ley e secta de mafamede dizem aver principio de venus. e por isto honrram elles ho dia de sesta feira que he dado ha este planeta. E a ley christãa que he ley perfecta: honesta e de sanctidade. dizem que he ley do sol: e portanto honrram os christãos ho domingo que he dia do sol. e com isto screvem outras muitas blasfemias que o sapientissimo Guilhelmo bispo de paris reprehende e destruy em hum livro<sup>53</sup> que fez da ley.

52 Na margem: *Picus .li. v. ca. xj.*

53 Na margem: *In compendio theologico parte prima.*

Estas e outras coisas maiores vemos acontecer cada dia aos desventurados [a] que os astrólogos dizem e profetizam lisonjeiras prosperidades e boas fortunas. E é de maravilhar de nossa leviandade – ou, por que melhor diga, pouco siso – que, vendo cada dia os mortais estes dizerem grandes falsidades, não podemos apartar nossa vontade de os crer e buscar. Onde Túlio diz que não sabe donde vem tão pouco juízo, crermos mais neste caso aos falsos que aos verdadeiros. Aos outros homens, diz ele, sendo de muita verdade e bondade, se nos dizem uma mentira logo os aborrecemos; e estes não podem aborrecer, dizendo cada dia mil falsidades. Ca uma só verdade pequena que acertem, acaso ou por virtude diabólica que sempre mora neles, faz relevar suas falsidades e lhes dá licença para outras vezes mentirem. Onde Petrarca diz: «Cuidam que sem suspeita podem livremente mentir, porque uma vez só disseram verdade, a qual nunca puderam, nem poderão, saber por sua incerteza, como antes dissemos.

### **Erros maiores de astrólogos.**

Estes vão com suas vaidades em tanto crescimento que, não satisfeitos da terra, sobem ao céu pondo o dedo em Deus, ca presumem, com suas falsas contas, saber em que ponto estava o céu quando Deus criou as coisas do mundo inferior e a ordenança dos signos e planetas, como se estes pudessesem naquele tempo, nem em outro, ajudar em alguma coisa a seu criador. E vindo ao dilúvio geral que foi em tempo de Noe<sup>109</sup>, fingem estar o céu com seus signos e planetas em tal ordenança e feição que pudera vir aquele grão dilúvio naturalmente, e não por virtude miraculosa de Deus como a Escritura Santa confessa. As vaidades que dizem nas diversidades das leis não se podem contar sem boca blasfema, ca eles confessam procederem as diversidades das leis do céu e das estrelas, assim como confessam ser a condição dos homens. Onde põem que a lei dos judeus houve princípio de Saturno e, portanto, eles honravam muito o sábado, que era dia dedicado a este planeta. E a lei e seita de Mafamede dizem haver princípio de Vénus, e por isto honram eles o dia de sexta-feira, que é dado a este planeta. E a lei cristã, que é lei perfeita, honesta e de santidade, dizem que é lei do Sol e, portanto, honram os cristãos o domingo, que é dia do Sol. E com isto escrevem outras muitas blasfêmias que o sapientíssimo Guilhelmo, bispo de Paris, repreende e destrói num livro<sup>110</sup> que fez da lei.

109 Na margem: Picus liber V, ca. XI.

110 Na margem: In compendio theologicó parte prima.

Referência a *De fide et legibus*, parte da obra *Magisterium divinale et sapientiale* de Guillaume d'Auvergne (1180-1249) e incluída nos seus *Opera Omnia* (Paris, Ludovicus Billaine, 1674, vol. 1).

Despois disto veyo abraham (nom ho sancto e antigo padre: mas huum a quem os judeus chamavam principe: cujo discipulo foy abraham avenazrre) que compos e intitulou huum livro da redençam de israel (em ho qual sendo seu proposito saber por arte astrologica o tempo e vinda do messias christo)<sup>54</sup> poê nom sey quantos ajuntamentos de planetas: a quem atribuye. a vinda de moyses e dada da ley. e afirma que ho tempo do messias e milagres que chysto avia de fazer. Aviam de vir em outra conjunçam como se por ella ouvesse de ser tudo feito ho que mostra pico mirandula ser falso:<sup>55</sup> outros nom fartos de suas mentiras. cuydando nisto favorecer aos verdadeyros christãos. Dizem que christo jhesu naceo em a primeira façe de virgo ascendente: da qual falando albumasar diz. que no signo de virgo estava huña virgem fermosa com duas spigas na maão e criava huum minino ha que huña gente chama ihesu. E mays dizem que naquelle hora de seu nascimento estava juncto a virgo. outro planeta que chamam mars que significava elle aver de morrer morte de cruz: certo nom pode ser mayor blasfemia. que atribuir ao çeo huum milagre e tam grande como foy ho filho de deos tomar nossa fraca naturaleza humana: e dizerem que aquelle de quem ysayas diz. que *oblatus est quia ipse voluit.* portanto recebeu morte da cruz porque em seu nascimento ouve huum signo e planeta que a ysto ho inclinava ho qual erro tambem destruye pico mirandula e desta maneyra julgam a vijnda do antichristo: e poê muitas diversidades de leys e condições de gentes: procederem da diversidade dos planetas: todos estes

54 Na margem: *picus li. v. capi. xij.*

55 Na margem: *li. v. ca. v.*

Depois disto, veio Abraão (não o santo e antigo padre, mas um a quem os judeus chamavam príncipe, cujo discípulo foi Abraão Avenazre) que compôs e intitulou um livro da redenção de Israel, no qual, sendo seu propósito saber por arte astrológica o tempo e vinda do Messias Cristo<sup>111</sup>, põe não sei quantos ajuntamentos de planetas a quem atribui a vinda de Moisés e dada da Lei, e afirma que o tempo do Messias e milagres que Cristo havia de fazer haviam de vir noutra conjunção, como se por ela houvesse de ser tudo feito, o que mostra Pico Mirandula ser falso<sup>112</sup>.

Outros, não fartos de suas mentiras, cuidando nisto favorecer aos verdadeiros cristãos, dizem que Cristo Jesus nasceu na primeira face de *Virgo* ascendente, da qual falando Albumasar diz que no signo de *Virgo* estava uma virgem formosa com duas espigas na mão e criava um menino a que uma gente chama Jesus. E mais dizem que naquela hora de seu nascimento estava junto a *Virgo* outro planeta que chamam *Mars*, que significava ele haver de morrer morte de cruz. Certo não pode ser maior blasfémia que atribuir ao céu um milagre, e tão grande como foi o filho de Deus tomar nossa fraca natureza humana, e dizerem que aquele de quem Isaías diz que *oblatus est quia ipse voluit*<sup>113</sup>, portanto, recebeu morte da cruz porque em seu nascimento houve um signo e planeta que a isto o inclinava, o qual erro também destrói Pico Mirandula<sup>114</sup>. E desta maneira julgam a vinda do Anticristo e põem muitas diversidades de leis e condições de gentes procederem da diversidade dos planetas. Todos estes

111 Na margem: Picus, liber V, ca. XII.

«Abraam princeps (ita apud Hebreos cognominatur) cuius auditor fuit Abraam Avenazre librum composuit quem prætitulavit de Redemptione Israel quoniam illud operis propositum ut astrologica via tempus venturi Messiae investigaret». Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 571.

112 Na margem: liber V, ca. V.

Pico ocupa-se deste assunto, efetivamente, mas no mesmo capítulo XII, na sequência do que ficou referido na nota anterior (cf. Pico della Mirandola, *idem*, p. 572).

113 *Isaías*, 53:7: «Oblatus est quia ipse voluit, et non aperuit os suum; sicut ovis ad occisionem ducetur, et quasi agnus coram tondente se obmutescat, et non aperiet os suum».

114 Pico, *Disputationes adversum astrologiam...*, liber V, ca. XIV. In Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 574-576. António de Beja destaca, em particular, os trechos referentes ao nascimento e à morte de Cristo: «Movere autem solent nonnullos quae de genitura ipsius Iesu nugantur isti divinaculi; natus enim est, inquit, prima facie virginis (sic decanos vocant) ascidente, de qua scribit Albumasar, esse in ea virginem formosam duas manu spicas gerentem puerumque nutrientem, quae gens quaedam vocat Iesum. [...] Unde illud etiam falsum ostenditur, quod blasphema voce disseminant, fuisse in ea genitura Marte in domo mortis, unde illi per crucis supplicium fuerit moriendum».

erros e outros que nom digo: porque cada dia os vemos: nom procederam alem da maldade humana: senam de pouca certeza desta falsa arte.

**¶ Erram os que dizem esta arte ser proveytosa ha religiam christaã.**

O que alguuns que cegos de alguña inclinaçam natural disseram e cuydaram ser esta falsa arte proveytosa ha religiam christaã e portanto studaaram e trouveram e trazem cada dia com este pensamento a muytos dos christãos pera que gastem tempo em seu estudo. Dos quaes falando. ho sabio. Conde pico mirandula<sup>56</sup> destruindo esta fantesia: e mostrando quanto dano traz esta arte e quam pestifera seja aos christãos diz. buscando eu com muyta diligencia os imijgos da sancta ygreja/ nom achey antre todos: cousa donde mais armas pera combater a verdade se podessem achar: que nesta falsa arte: por esta diz elle: facilmente caimos em maldade: falsa religiam: e heresia. esta nos traz ha vaãs superstiçãoes em maneyra que perdendo nossos boons custumes: postos em algum mal nunca mais podemos tornar a elles: que mayor seita contra a religiam christaã pode fabricar ha maldade que dizer (todos os milagres per que ha religiam de christo se confirmam) procederem da virtude e influencia das estrellas: E com outras muytas couosas pondo os errores que dixemos: em fim diz. e jaa prouesse a deos que soomente os antigos que dixemos fossem metidos nas trevas e escuridade desta arte: e nom tocara tanto mal nos que vivem na luz e verdade de christo. prouvera a deos que os nossos christãos vivendo na luz do evangelho: nom se tornaram cegos e nom sentiram nem julgaram pior do que aquelles da sua e nossa religiam disseram. mas tanta cegueira occopou a muitos dos nossos que os fez dizer couosas que nam sam de ouvir. Ca hum .s. bonato expoendo

56 Na margem: *li. ij. ca. iiij. e v.*

erros e outros que não digo, porque cada dia os vemos, não procederam além da maldade humana, senão de pouca certeza desta falsa arte.

**Erram os que dizem esta arte ser proveitosa à religião cristã.**

O que alguns, cegos de alguma inclinação natural, disseram e cuidaram ser esta falsa arte proveitosa à religião cristã e, portanto, estudaram e trouxeram e trazem cada dia com este pensamento a muitos dos cristãos para que gastem tempo em seu estudo. Dos quais falando o sábio Conde Pico Mirandula<sup>115</sup>, destruindo esta fantasia e mostrando quanto dano traz esta arte e quão pestífera seja aos cristãos, diz: «Buscando eu com muita diligência os inimigos da Santa Igreja, não achei entre todos coisa donde mais armas para combater a verdade se pudessem achar que nesta falsa arte. Por esta – diz ele – facilmente caímos em maldade, falsa religião e heresia. Esta nos traz a vãs superstições em maneira que, perdendo nossos bons costumes, postos em algum mal, nunca mais podemos tornar a eles. Que maior seita contra a religião cristã pode fabricar a maldade, que dizer todos os milagres por que a religião de Cristo se confirmam procederem da virtude e influência das estrelas?» E, com outras muitas coisas pondo os erros que dissemos, enfim, diz: «E já prouvesse a Deus que somente os antigos que dissemos fossem metidos nas trevas e escuridade desta arte, e não tocara tanto mal nos que vivem na luz e verdade de Cristo! Prouvera a Deus que os nossos cristãos, vivendo na luz do evangelho, não se tornaram cegos e não sentiram nem julgaram pior do que aqueles da sua e nossa religião disseram! Mas tanta cegueira ocupou a muitos dos nossos, que os fez dizer coisas que não são de ouvir. Ca um, a saber, Bonato<sup>116</sup>, expondo

115 Na margem: liber II, ca. IV e V.

António de Beja traduz o começo do cap. V: «Sane lustranti mihi undique omnia et ecclesiae hostes exploranti, non video unde omnibus pariter plus copiarum, plus armorum, adversus veritatem suppeditetur, quam ex ista professione. Hinc enim ad impietatem, hinc ad malam religionem, hinc ad vanam superstitionem, hinc ad perditos mores irrevocabilemque malitiam præcepit et facillimus lapsus. Unde enim se potius adversus tela religionis armabit impietas, quam ut divina miracula, quibus omnis potissimum religio confirmatur, ad coelum pertendat esse referenda.» (Pico della Mirandola, *idem*, p. 436-437).

116 Guido Bonatti († c. 1296). Matemático, astrónomo e astrólogo italiano, cuja obra mais conhecida é o *Liber Astronomiae*, elaborado por volta de 1277. É neste seu trabalho que podemos encontrar as afirmações aqui severamente criticadas por António de Beja, repetindo Pico. Cf. Guido Bonatti, *Liber Astronomiae*, Tradução inglesa de Robert Zoller, Berkeley Springs: The Golden Hind Press, 1994, Parte I, Tratado I, cap. 13, p. 34: «Indeed the Lord Himself when he said to the Apostles “Let us go on the road to Judaea.” And they said to him, ‘Now they sought to stone you in Judaea and you walk the road to there?’ And he, responding, said, ‘Are there not 12 hours in a day?’ as if He had said one hour is good and another is

aquelle passo do evangelho. em que (aconselhando os discipulos a christo que nom tornasse a judea respondeu ho dia ter .12. horas) disse: que escolheo christo hora em ha qual lhe nom podessem os judeus fazer mal: nom sendo lembrado que teve christo poder de os fazer com sua palavra cayr no chão quando ho queriam prender: e que saio per meo delles em meo do dia sem ho verem quando ho queriam apedreyar. Outros cheos de blasfemia e doudice atribuyem ao planeta de mars: ho milagre de grandissimo amor. que christo mostrou ao beatissimo franscisco quando emprimio e pos em suas felicissimas mãos. e pes os sinaes de suas sagradas chagas. Outros sam trazidos cada dia em tanto descuydo de sua salvaçam que nom cesan lançar juizos sobre as cousas que nos ham de vir julgando per elles e dizendo quanto lhe veem haa vontade. E alem dos que diseram a ley de christo ser e proceder de mercurio: e ho nacimiento seu ser feyto em ho signo de virgo: que eu nom sey com que oolhos poode ler ho verdadeiro christião. Ouve hum rogerio bacho tam dado a este mal e arte: que disse e escrevo errarem os christãos que nom guardam o dia do sabado como faziam os judeus: e dava em sua razam: que ho deviam fazer porque este dia era de saturno. estrella pouco proveitosa pera obrar nem fazer algüa cousa: em ho qual nom somente acusa aos christãos mas faz de moyses (profeta

aquele passo do Evangelho em que, aconselhando os discípulos a Cristo que não tornasse a Judeia, respondeu o dia ter 12 horas, disse que escolheu Cristo hora em a qual lhe não pudessem os judeus fazer mal, não sendo lembrado que teve Cristo poder de os fazer com sua palavra cair no chão quando o queriam prender, e que saiu por meio deles em meio do dia sem o verem, quando o queriam apedrejar»<sup>117</sup>.

Outros, cheios de blasfémia e doidice, atribuem ao planeta de *Mars* o milagre de grandíssimo amor que Cristo mostrou ao beatíssimo Franscisco<sup>118</sup>, quando imprimiu e pôs em suas felicíssimas mãos e pés os sinais de suas sagradas chagas. Outros são trazidos cada dia em tanto descuido de sua salvação, que não cessam [de] lançar juízos sobre as coisas que nos hão de vir, julgando por eles e dizendo quanto lhe vem à vontade.

E, além dos que disseram a lei de Cristo ser e proceder de Mercúrio e o nascimento seu ser feito no signo de *Virgo* – que eu não sei com que olhos pode ler o verdadeiro cristão – houve um Rogério Bacon<sup>119</sup>, tão dado a este mal e arte, que disse e escreveu errarem os cristãos que não guardam o dia do sábado, como faziam os judeus; e dava em sua razão que o deviam fazer, porque este dia era de Saturno, estrela pouco proveitosa para obrar nem fazer alguma coisa. No qual não somente acusa aos cristãos, mas faz de Moisés (profeta santíssimo)

evil, because in the evil hour they had ill will towards him but that hour had passed. Now, however, the good hour had arrived, wherefore He, knowing this, knew that ill will would go from their hearts. He wished to elect that hour in which they would not injure Him. And by this it is apparent that He used na election nor did He blaspheme astrology as certain unseeing men and detractors do today».

117 «Insanus ille Bonatus usum ait Dominum Iesum horarum electione cum, Apostolis consulentibus ne in Iudæam rediret, respondit XII esse horas diei. Horam enim, inquit, sibi elegit qua illi eum lædere non possent, quasi illos cum voluit non prosteverit et inter eos in luce diei melius transiens eos non latuerit». (Pico della Mirandola, *idem*, p. 438).

118 S. Francisco de Assis. «Mitto quam temerarie, quam blaspheme de Divina Francisci familia loquunt, & Divini amoris miraculum Martis opus fuisse fabuletur». Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 438.

119 Rogério Bacon, OFM (1214–1294), também conhecido como *Doctor Mirabilis*. Célebre cientista, filósofo e teólogo inglês. António de Beja, através de Pico, verbera as seguintes afirmações de Bacon: «in die sabbati, et maxime in hora prima, non esset minuendum, nec aliquod dignum incipiendum quod ad complexionem pertinet, sive primo in naturalibus, sive secundario ut in voluntariis, et hoc propter malitiam Saturni, qui in omnibus generat infortium quantum est ex parte sui, nisi aliud impedit. Et tamen ex errore omnes homines faciunt se minui in die sabbati, quod faciunt propter quietem diei dominici ab occupacionibus et laboribus» (R. Bacon, *Opus majus*, edited, with Introduction and Analytical Table, by John Henry Bridges, Oxford: at the Clarendon Press, 1897, vol. I, p. 383).

santissimo) astrologo: dizendo que elle deu aos judeus ho dia do sabado: nom porque tyvesse algum misterio: mas porque segundo astrologia nom era bom pera trabalhar. Cousa certo com que muito se offende a religiam christiā. Donde se cree se os astrologos ouvesem de tomar religiam algūa seria ydolatria. ca por esta vieram e cairam muitos em ella: onde as heressias dos manicheos que negavam a liberdade de nosso livre arvidro nom se cree que procedeo de outra cousa salvo do fado e falsa opiniam dos astrol[og]os. Outras myntas vaydades e superstições/ nom he duvida/ que vieram todas e procederam desta falsa arte. ca todas diz varro: sam em ella ençarradas e conteudas e ham a ella por senhora. Da geomancia que he adivinhar per sinaes de couosas da terra: dizem os mestres della ser filha dastrologia. E os feiticeiros cuydam ser ho uso dastrologia a elles tam necessario que dizem ella ser a chave da sciencia e arte magica. Os chiromanticos que sam adivinhadores por os sinaes das mãos (de que alguns usam nom sem pecado em nossos dias neste reyno) fingem na palma das mãos os sete planetas e das linhas e riscos que estam nellas dizem couosas futuras e que ham de vir a quem querem. Com outras infindas doudices que ha maldade dos homens cada dia acha: que todos fundam sobre esta falsa astrologia: porque em todas guardam dias e horas e outros tempos que soo por esta se sabem. E destes ditos que sam pesoas de pouca sustancia nom he muyto de maravilhar se algūas vezes por necessidade ou por seguir em seus apetitos usam desta vaydade e arte. soo húa pesoa pos neste caso grande confussam assi por sua autorizada dinidade. como por ser homem douto em as letras sagradas e gram theólogo que hee petrus alliacensis. cardeal camaracensi: este diz pico mirandula despois de muitos annos gastados em Paris no estudo da theologia: sendo jaa velho começou gostar da doçura falsa desta arte astrologica: e antes que conhecesse quam falsa era: fez douis livros: que depois dizem que retratou:

astrólogo, dizendo que ele deu aos judeus o dia do sábado, não porque tivesse algum mistério, mas porque, segundo Astrologia, não era bom para trabalhar, coisa, certo, com que muito se ofende a religião cristã. Donde se crê [que] se os astrólogos houvessem de tomar religião alguma seria idolatria, ca por esta vieram e caíram muitos nela; onde a heresia dos maniqueus, que negavam a liberdade de nosso livre arbítrio, não se crê que procedeu de outra coisa, salvo do fado e falsa opinião dos astról[og]os<sup>120</sup>.

Outras muitas vaidades e superstições não é dúvida que vieram todas e procederam desta falsa arte, ca todas, diz Varro, são nela encerradas e contidas, e hão a ela por senhora. Da geomância, que é adivinhar por sinais de coisas da terra, dizem os mestres dela ser filha da Astrologia. E os feiticeiros cuidam ser o uso da Astrologia a eles tão necessário, que dizem ela ser a chave da ciência e arte mágica. Os quiromânticos, que são adivinhadores pelos sinais das mãos (de que alguns usam não sem pecado em nossos dias neste reino), fingem na palma das mãos os sete planetas, e das linhas e riscos que estão nelas dizem coisas futuras e que hão de vir a quem querem, com outras infindas doidices que a maldade dos homens cada dia acha, que todos fundam sobre esta falsa Astrologia, porque em todas guardam dias e horas e outros tempos que só por esta se sabem.

E destes ditos, que são pessoas de pouca substância, não é muito de maravilhar se algumas vezes, por necessidade ou por seguir em seus apetites, usam desta vaidade e arte. Só uma pessoa pôs neste caso grande confusão, assim por sua autorizada dignidade, como por ser homem douto nas Letras Sagradas e grão teólogo, que é Petrus Alliacensis<sup>121</sup>, cardeal cameracensis. Este, diz Pico Mirandula, depois de muitos anos gastados em Paris no estudo da teologia, sendo já velho, começou [a] gostar da doçura falsa desta arte astrológica e, antes que conhecesse quão falsa era, fez dois livros que depois dizem que retratou.

120 Embora não o cite explicitamente, António de Beja continua, ao longo de todo este capítulo, a assumir como suas algumas das afirmações que Pico faz no seu tratado (cf. *Liber secundus*, ca. V), seja a que sugere que os astrólogos poderiam ser considerados idólatras («Quod si qua astrologo capessenda religio sit, ad quam erit propensior quam ad idolatriam, ut eos potissimum deos et colat et revereatur, a quibus omnia hominibus et bona et mala putet provenire?») e a sua responsabilidade na heresia dos maniqueus, seja a alusão a Varro ou às controversas posições de Pierre d'Ailly.

121 Pierre d'Ailly (1351-1420). Sendo uma das figuras mais ilustres da Igreja no seu tempo, escreveu, em 1414, duas obras cujo conteúdo despertou uma intensa e duradoura polémica: *De concordia astronomice veritatis et narrationis historice* e *Tractatus de discordantia theologie et astronomie*. É sobre estes dois textos de teor astrológico que recai a crítica de Pico della Mirandola, a qual António de Beja repete aqui sem modulações.

hum pera saber por as conjunções: a verdade dos annos que passaram no mundo desde Adam tee Christo sobre que ha a grande discordia nos doutores: e elle por suas contas ha fez mayor. como diz pico. E outro livro chamado concordia astrologie et theologie em que mostra que os dictos e profecias dos prophetas. alem da graça de deos foram por influencia de alguña estrella. Cousa digna de maravilhar especialmente por ser dito de pessoa que era esteo da ygreja. Cuya doutrina em esta parte com muyta razam desfaz pico em ho seu quinto livro<sup>57</sup>. Todas estas cousas dixe (christianissima senhora) por saberem todos os males que esta falsa arte por sua incerteza faz fazer: e mays por que creamos e tenhamos de certo que assy como elles nunca em ho dito dixeram verdade menos ha diram nisto que agora divulgam do diluvio do anno de vinte e quatro: porque muy poucas vezes vemos acontecer: nem vir aquellas cousas que os astrologos dizem especialmente das mudanças dos tempos como mostra pico no .2. li. capítulo .9. e noos experimentamos este mes de janeiro de quinhentos e vinte tres que disseram elles que avia de chover e ser alagada. Lixbõa com agoa hum dia: no qual dia fez muy grande sol. E permitio deos que se alagase ho anno passado a vinte e dous de outubro gram parte da ilha de sam miguel. E dia de santa barbora seguiente com terremotos diabolicos começando em veiras ate sacavem se fizesse tanta perda como se fez. alem dos que ho merecem por nos mostrar que assi como os astrologos isto que era presente nom adivinharam. menos diram verdade. no anno de .24. que a de vir.

#### **¶ Porque consinte deos que ajá estes adivinhadores falsos.**

Muytos vendo os falsos e vãos juyzos destes prerguntam porque consinte deos aver no mundo pesoas que com suas maas novas dam tanta torvaçam aas gentes: e porque nom socore a tantos erros: respondo: que faz isto o nosso fazedor por provar nossa fe: que certo neste caso he bem pouca: poys qualquer pequena falsidade destes nos põe tanto alvoroço e tam danoso como se

57 Na margem: *capi. viij. viij e ix.*

Um para saber pelas conjunções a verdade dos anos que passaram no mundo desde Adão até Cristo, sobre que há grande discórdia nos doutores; e ele, por suas contas, a fez maior como diz Pico. E outro livro, chamado *Concordia astrologie et theologie*, em que mostra que os ditos e profecias dos profetas, além da graça de Deus, foram por influência de alguma estrela. Coisa digna de maravilhar, especialmente por ser dito de pessoa que era esteio da Igreja, cuja doutrina, nesta parte, com muita razão desfaz Pico no seu quinto livro.<sup>122</sup>

Todas estas coisas disse, cristianíssima senhora, por saberem todos os males que esta falsa arte, por sua incerteza, faz fazer; e mais por que creiamos e tenhamos de certo que, assim como eles nunca no dito disseram verdade, menos a dirão nisto que agora divulgam do dilúvio do ano de vinte e quatro. Porque mui poucas vezes vemos acontecer, nem vir, aquelas coisas que os astrólogos dizem, especialmente das mudanças dos tempos, como mostra Pico no 2º livro, capítulo 9, e nós experimentamos este mês de janeiro de quinhentos e vinte três, que disseram eles que havia de chover e ser alagada Lisboa com água um dia no qual dia fez mui grande sol. E permitiu Deus que se alagasse o ano passado, a vinte e dois de outubro, grã parte da ilha de São Miguel e, dia de Santa Bárbara seguinte, com terramoto diabólico, começando em Veiras até Sacavém, se fizesse tanta perda como se fez além dos que o merecem, por nos mostrar que, assim como os astrólogos isto que era presente não adivinharam, menos dirão verdade no ano de 24 que há de vir.

### **Porque consente Deus que haja estes adivinhadores falsos.**

Muitos, vendo os falsos e vãos juízos destes, perguntam porque consente Deus haver no mundo pessoas que com suas más novas dão tanta torvação às gentes e porque não socorre a tantos erros. Respondo que faz isto o nosso fazedor por provar nossa fé, que, certo, neste caso é bem pouca, pois qualquer pequena falsidade destes nos põe tanto alvoroço e tão danoso, como se

122 Na margem: ca. VII, VIII e IX.

Pelos subtítulos dados aos capítulos referidos, podemos ter uma noção da crítica a que Pico submete as ideias de Pierre d'Ailly: cap. VII – «Quis ordo servandus, et Alliacensem aliud alias sensisse»; cap. VIII – «Tempus rerum non ab astrologia, ut putat Alliacensis, sed ab historia esse petendum»; cap. IX – «Summa sententiae Alliacensis in libro quem de concordia astrologiae et historiae prætitulavit» (Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 563-566).

Fica por saber a razão que terá levado o autor das notas marginais a deixar de fora o capítulo X, no qual Pico conclui a sua crítica. Deixamos aqui o subtítulo, tal como fizemos com os anteriores: «Errasse multifariam Alliacensem, et ut quæcumque supponit concedantur, non tamen efficere eum quod vult» (*idem*, p. 566-568).

mostrou na gente de Lixbōa que com medo dos juizos que diziam averse lixbōa de alagar fugiram todos e despovoaram a cidade nom pode ser menos fee. E que faram estes no tempo de antichristo ho qual alem dos medos e penas temporaes. ha de dar e fazer grandes merçes a quem no seguir: certo eu creo que portanto nom quer a benignidade de deos que venha em nossos tempos aquelle spantoso dia. porque segundo nossa pouca fe que agora mostramos todos ho negariam e se hyriam ao antichristo. pois os ditos falsos de seus discipulos que sam os astrologos: pos nelles tanta torvaçam. Lactancio firmiano em ho livro *de origene erroris*<sup>58</sup> respondendo a esta questam diz: que permite deos estes falsos prophetas e seus erros. pera exercitio dos boons. e pena dos maaos. E porque tendo as virtudes guerra com os vicos. em fim recebam os maaos penas: e os boons gualardões: que sera feito no dia do juizo: pera o qual dia dilata tudo. sofrendo agora os maos (con sua justa mansidam e pacienza) por que entam gravemente os castigue: e mostrando quasi descuydado pera os justos deixandoos agora ser destes tentados receber afrontas por que despois lhe de dobrados galardões na gloria. E nom he de duvidar diz. santo thomas.<sup>59</sup> que usa nosso deos dos maaos em esta vida pera comprar algum proposito de sua vontade: como parece nos tyranos. de cuja maldade e crueldade usou pera fazer grandes coroas aos martyres. e desta maneyra usa dos demonios e falsas artes pera exercicio dos boons e virtuosos.

**¶ Por cuya causa veo ter esta falsa sciencia aos christaños: e porque floreceo em espanha.**

A isto responde pico mirandula no fim de seu livro duodecimo<sup>60</sup> que fez contra os astrologos dizendo. que dos chaldeus e egipciões. veo ter aos gregos

58 Na margem: *ca. xvij.*

59 Na margem: *opus. xxv de sortibus. c. iiij. in fine.*

60 Na margem: *ca. vij.*

mostrou na gente de Lisboa que, com medo dos juízos que diziam haver-se Lisboa de alagar, fugiram todos e despovoaram a cidade. Não pode ser menos fé. E que farão estes no tempo de Anticristo, o qual, além dos medos e penas temporais, há de dar e fazer grandes mercês a quem o seguir? Certo eu creio que, portanto, não quer a benignidade de Deus que venha em nossos tempos aquele espantoso dia, porque, segundo nossa pouca fé que agora mostramos, todos o negariam e se iriam ao Anticristo, pois os ditos falsos de seus discípulos, que são os astrólogos, pôs neles tanta torvação.

Lactâncio Firmiano, no livro *De origene erroris*<sup>123</sup>, respondendo a esta questão, diz que permite Deus estes falsos profetas e seus erros para exercício dos bons e pena dos maus. E porque, tendo as virtudes guerra com os vícios, enfim recebam os maus penas e os bons galardões, que será feito no dia do juízo, para o qual dia dilata tudo, sofrendo agora os maus (com sua justa mansidão e paciência) por que então gravemente os castigue; e mostrando-se quase descuidado para os justos, deixando-os agora ser destes tentados, receber afrontas, por que depois lhe dê dobrados galardões na glória. E não é de duvidar, diz santo Tomás<sup>124</sup>, que usa nosso Deus dos maus nesta vida para cumprir algum propósito de sua vontade, como parece nos tiranos, de cuja maldade e crueldade usou para fazer grandes coroas aos mártires. E desta maneira, usa dos demónios e falsas artes para exercício dos bons e virtuosos.

### **Por cuja causa veio ter esta falsa ciência aos cristãos; e porque floresceu em Espanha.**

A isto responde Pico Mirandula no fim de seu livro duodécimo<sup>125</sup> que fez contra os astrólogos, dizendo que dos caldeus e egípcios veio ter aos gregos

123 Na margem: ca. XVIII.

António de Beja glosa o texto de Lactâncio e aplica-o aqui aos astrólogos. No original, pode ler-se: «Dicet aliquis: Cur ergo Deus hæc fieri patitur, nec tam malis succurrit erroribus? Ut mala cum bonis pugnant; ut vitia sint adversa virtutibus; ut habeat alios, quos puniat; alios quos honoret. Ultimis enim temporibus statuit de vivis ac mortuis judicare», Lúcio Cecílio Firmiano Lactâncio, *Divinarum Institutionum*, Liber II, «De origine erroris», caput XVIII, in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 6, 341.

124 Na margem: Opus, xxv, *De sortibus*, ca. IV, in fine.

António de Beja traduz S. Tomás: «Sunt tamen quidam deceptores spiritus, quos demones nominamus, qui, quamvis quantum in ipsis est dispositioni diuine renitantur, utitur tamen Deus eis ad sue dispositionis impletionem, sicut et malis hominibus utitur ad implendum sue propositum uoluntatis, ut patet in tyrannis quorum nequitia usus est ad coronas martiribus fabricandas». (<https://www.corpusthomisticum.org/otr.html>).

125 Na margem: ca. VII.

per doutores despreziveis e de pouca maneyra e feiçam. como agora sam alguns em nosso tempo. porque sendo os mestres das outras sciencias tidos em muyta extima. soomente os desta sam e seram sempre pobres e desprezados. E em os gregos floreco per tholomeu e outros. e na espanha ouve vigor e autoridade em tempo delrey don afonso. quarto. dado e inclinado mujto a estas cousas de mathematica e movimentos do çeo. por cuja causa muytos estrangeiros .s. mouros e judeus estudavam nesta arte demasiadamente como em cousa de que tam grande principe levava falso contentamento. e assy dizendo muytas e vaãs cousas ha derramaram per muytas partes. Neste tempo a ouvio e aprendeo alberto magno. como arte e sciencia nova. e sendo mançebo usou della: mas despois de velho estando recolhido em hum moestiero da ordem dos pregadores fazendo vida sanctissima com outros vicios e falsidades tambem reprovou esta e dalli creçeo pouco e pouco e em tanta maneira se divulgo[u] antre os christaos que por seu uso nom sabiam nem queriam determinar se era sciencia ou falsa supersticam: mas posto que sempre amada fosse de algúas pessoas vijs e de pouco juyzo. empero dos varões sabios e christaos verdadeiros sempre foy escarnecida e reprovada. ca seendo primeiro no egipto extimada em muyta veneraçam era acerca dos hebreus honradores do verdadeiro deos per moysem ysayas e hieremias e outros prophetas assy per voz como por escrituras danada e reprovada vindo em greçia. nom aprouve a pythagoras como diz diogenes laercio. Os platonicos e peripateticos. em tanto ha desprezaaram que ha julgaram por digna de nom falarem nella. quantas vezes vinham ha roma: estes adivinhadores de toda parte que viensem logo eram lancados per roma na providencia com leys crueys da cidade. E quando primeiramente apareçeo e se divulgou em paris logo a julgaram por digna e merecedora cousa que fosse queimada: e querendoa despois de alguns annos Rogerio bacho restituir e juntamente com outras ensinar. resistiramlhe muytos varões doutissimos que enconces eram .s. Guilhermo alvernio bispo de paris. e Nicolao oresmo

por doutores desprezíveis e de pouca maneira e feição, como agora são alguns em nosso tempo; porque, sendo os mestres das outras ciências tidos em muita estima, somente os desta são e serão sempre pobres e desprezados. E nos gregos floresceu por Ptolomeu e outros, e na Espanha houve vigor e autoridade em tempo del-rei dom Afonso quarto, dado e inclinado muito a estas coisas de matemática e movimentos do céu. Por cuja causa, muitos estrangeiros, a saber, mouros e judeus, estudavam nesta arte demasiadamente, como em coisa de que tão grande príncipe levava falso contentamento. E assim, dizendo muitas e vãs coisas, a derramaram por muitas partes.

Neste tempo a ouviu e aprendeu Alberto Magno como arte e ciência nova e, sendo mancebo, usou dela; mas depois de velho, estando recolhido num mosteiro da Ordem dos Pregadores fazendo vida santíssima, com outros vícios e falsidades também reprovou esta. E dali cresceu pouco e pouco, e em tanta maneira se divulgo[u] entre os cristãos, que por seu uso não sabiam nem queriam determinar se era ciência ou falsa superstição. Mas, posto que sempre amada fosse de algumas pessoas vis e de pouco juízo, empero dos varões sábios e cristãos verdadeiros sempre foi escarneida e reprovada. Ca, sendo primeiro no Egito estimada em muita veneração, era acerca dos hebreus honradores do verdadeiro Deus, por Moisés, Isaías e Jeremias e outros profetas, assim por voz como por escrituras, danada e reprovada.

Vindo em Grécia, não aprouve a Pitágoras, como diz Diógenes Laércio.<sup>126</sup> Os platónicos e peripatéticos em tanto a desprezaram, que a julgaram por digna de não falarem nela. Quantas vezes vinham a Roma, estes adivinhadores, de toda parte que viessem, logo eram lançados por Roma na providência, com leis cruéis da cidade. E quando primeiramente apareceu e se divulgou em Paris, logo a julgaram por digna e merecedora coisa que fosse queimada. E querendo-a, depois de alguns anos, Rogério Bacon restituir e juntamente com outras ensinar, resistiram-lhe muitos varões doutíssimos que entonces eram, a saber, Guilherme Alvérnio<sup>127</sup>, bispo de Paris, e Nicolau Oresmo<sup>128</sup>,

126 Diógenes Laércio (200 – 250) foi um historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos. A sua obra mais conhecida, e aqui citada, é: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*.

127 Guillaume d'Auvergne, bispo de Paris entre 10 de abril 1228 e 30 de março de 1249.

128 Nicolau de Oresme (c. 1320- 1382) foi filósofo, matemático, economista, astrónomo, musicólogo, professor, psicólogo, tradutor, físico, teólogo... Conselheiro do rei Carlos V de França, foi também bispo de Lisieux. Foi um dos pensadores mais importantes da Europa do século XIV, sendo mesmo considerado um dos principais fundadores e divulgadores das ciências modernas.

excelente mathematico e Anrique de hassia. e Joannes catom: julgando toda astrologia ser vã e falsa. nom soomente naquelle parte que expresamente se mostra contra a religiam christãa: mas tambem na outra que dixemos primeiro ser de alguns louvada: em maneira que nunca teve em nenhüa parte vigor: e porventura quis ho sumo deos que este pequeno livro em nosso portugal se fizesse agora: por que sendo por elle sabida ha verdade: nom ouvesse em os bellicosos portugueses. menos poder pera resistir aos publicadores de tanto alvoroço: do que ouve nas outras partes e reynos de que sempre foy lançada. E isto nom por outra causa salvo porque por sua incerteza era geeradora de muitos alvoroços e falsidades: que he ha segunda causa porque lhe nom devemos crer nem menos a quem algüa cousa diz della. mostrando seu pouco saber: nom se lembrando que diz sam gregorio. qui sapienter loqui nititur: magnopere metuat. ne eius eloquio audientium unitas confundatur: prae- sertim cum ex dictis suis errores generentur inter gentes. E prouesse a deos que oulhassem estes a hum dito do sabio que pera sua doutrina e de quaes- quer outros falsos alvorocadores do povo diz. si tibi est intellectus responde prouximo tuo: sin autem: sit manus tua super os tuum ne capiaris in verbo indiciplinato et confundaris: a qual doutrina se estes guardasem e fizessem salvariam suas almas e nom poriam escandalo com seus juizos no povo.

excelente matemático, e Henrique de Hesse<sup>129</sup>, e Joannes Catom<sup>130</sup>, julgando toda Astrologia ser vã e falsa, não somente naquela parte que expressamente se mostra contra a religião cristã, mas também na outra, que dissemos primeiro ser de alguns louvada.

Em maneira que nunca teve em nenhuma parte vigor e, porventura, quis o sumo Deus que este pequeno livro em nosso Portugal se fizesse agora por que, sendo por ele sabida a verdade, não houvesse nos belicosos portugueses menos poder para resistir aos publicadores de tanto alvoroço do que houve nas outras partes e reinos de que sempre foi lançada. E isto, não por outra causa, salvo porque por sua incerteza era geradora de muitos alvoroços e falsidades, que é a segunda causa porque lhe não devemos crer nem menos a quem alguma coisa diz dela, mostrando seu pouco saber, não se lembrando que diz São Gregório: «*Qui sapienter loqui nititur: magnopere metuat, ne eius eloquio audientium unitas confundatur: praesertim cum ex dictis suis errores generentur inter gentes*»<sup>131</sup>. E prouesse a Deus que olhassem estes a um dito do sábio que, para sua doutrina e de quaisquer outros falsos alvoroçadores do povo, diz: «*Si tibi est intellectus responde proximo tuo; sin autem, sit manus tua super os tuum, ne capiaris in verbo indisciplinato, et confundaris*»<sup>132</sup>. A qual doutrina se estes guardassem e fizessem, salvariam suas almas e não poriam escândalo com seus juízos no povo.

129 Henrique de Langenstein, também conhecido como Henrique de Hesse, o Velho (c. 1325–1397), foi um filósofo escolástico alemão, teólogo e matemático. Estudou na Universidade de Paris e aí foi professor entre 1363 e 1382. A partir de 1384 ocupou uma cátedra na recém-criada Faculdade de Teologia da Universidade de Viena.

130 Não foi ainda identificado quem seja o “Joannes Catom(us)” citado por Pico della Mirandola e aqui retomado; segundo uma das hipóteses já propostas poderá ser a corruptela de algum nome, por exemplo de Joannes Chrysostomus, mas a sequência de nomes inclui apenas autores dos séculos XIII e XIV. Pico della Mirandola acrescenta, ainda, um Brenlanlius Britanus, que António de Beja decidiu ignorar.

131 Sancti Gregorii Magni, *Regule pastoralis Liber*, Pars secunda, cap. IV (in Migne, Patrologia Latina, vol. 77, 31): «*Qui igitur loqui sapienter nititur, magnopere metuat, ne ejus eloquio audientium unitas confundatur*». António de Beja parece, no entanto, citar a partir de S. Tomás de Aquino, *Catena aurea in quatuor Evangelia. Expositio in Marcum*, ca. 9, lectio 6: «*Qui etiam loqui sapienter nititur, magnopere metuat ne eius eloquio audientium unitas confundatur; ne dum sapiens videri desiderat, unitatis compagem insipienter absindat*» (<https://www.corpusthomisticum.org/cmc01.html#85674>). Ainda assim, não encontrámos a segunda parte da frase citada por António de Beja («*praesertim cum ex dictis suis errores generentur inter gentes*»).

132 *Eclesiástico*, 5:14: «*Si est tibi intellectus, responde proximo: sin autem, sit manus tua super os tuum, ne capiaris in verbo indisciplinato, et confundaris*».

**¶ Da terceyra causa porque se nam ham de crer os ditos e juyzos dos astrologos convem a saber autoridades da escritura que ha defendem.**

Por tres razões dixe que nom aviamos de crer a estes .s. por a pouca autoridade dos achadores desta sciencia. A segunda por sua incerteza. A terceira he por algūas autoridades da sagrada escritura que ho mandam. A primeira antre outras escreve hieremias aconselhandonos que nom creamos as ceremonias e custumes dos gentios hum dos quaes era este que criam nos signos e planetas do ceo aver alguña virtude sobre as cousas deste mundo inferior. Por onde no capitulo X. de suas prophecias diz: nom queirais andar por os caminhos dos gentios: nem queirais temer que venham dos signos celestiaes aquelas cousas que os gentios cuidam com sua ymaginaçam. poder vir dellas: porque as suas leis e ordenações com que atribuyram e deeram algum poder as estrellas: sam vāos e nenhuns. E no deuteronomio<sup>61</sup>. que hee ho livro quinto da ley antiga: mandava deos e manda que soo nelle creamos. e guardemos seus preceptos. E isto digo (diz deos aly per moyses) porque levantando vossos olhos ao ceo: e vendo sol e lūa e todas as estrellas enganados por algum error creais aver nellas virtude pera que mereeçam serem de vos adoradas: ou darle algūa onrra/ as quaes estrellas soomente (diz aly ho texto) criou Deos pera uso e servicio das gentes: ho qual uso noos nom avemos de crer ser outro: salvo ho que se diz no primeiro .ca. do gene. que foram criadas pera darem luz: e fazerem diferencia do dia e noite. E porquanto nestes casos hay sempre algūas pesoas que esquecidas da sua salvaçam: com pouco temor de deos: ou porque dizendo cousas pera os pouco sabios novas: sejam honrados e extimados delles. como agora vemos em nossos dias (certo cousa pera chorar) pesoas de religioso e virtuoso habito que deixam de expoer e pregar a verdadeyra ley de Deos por se darem a estas vaidades com que cada dia alvoraçam os povos: porque a estes non cressemos. e sempre postos em deos nunca desemos fe a suas vāas palavras. no capi. 13.

61 Na margem: *ca. iiiij.*

**Da terceira causa por que se não hão de crer os ditos e juízos dos astrólogos, convém a saber, autoridades da Escritura que a defendem.**

Por três razões disse que não havíamos de crer a estes, a saber, pela pouca autoridade dos achadores desta ciência; a segunda, por sua incerteza; a terceira é por algumas autoridades da Sagrada Escritura que o mandam.

A primeira, entre outras, escreve Jeremias aconselhando-nos que não creiamos as cerimónias e costumes dos gentios, um dos quais era este, que criam nos signos e planetas do céu haver alguma virtude sobre as coisas deste mundo inferior. Por onde, no capítulo X de suas profecias, diz: «Não queirais andar pelos caminhos dos gentios, nem queirais temer que venham dos signos celestiais aquelas coisas que os gentios cuidam com sua imaginação poder vir delas; porque as suas leis e ordenações com que atribuíram e deram algum poder às estrelas são vãos e nenhum<sup>133</sup>.» E no *Deuteronómio*,<sup>134</sup> que é o livro quinto da Lei Antiga, mandava Deus, e manda, que só nele creiamos e guardemos seus preceitos. «E isto digo – diz Deus ali por Moisés – porque, levantando vossos olhos ao céu e vendo Sol e Lua e todas as estrelas, enganados por algum error, creiais haver nelas virtude para que mereçam serem de vós adoradas, ou dar-lhe alguma honra, as quais estrelas somente – diz ali o texto – criou Deus para uso e serviço das gentes»<sup>135</sup>. O qual uso nós não havemos de crer ser outro, salvo o que se diz no primeiro capítulo do *Génesis*, que foram criadas para darem luz e fazerem diferença do dia e noite.

E porquanto nestes casos há sempre algumas pessoas que, esquecidas da sua salvação, com pouco temor de Deus, ou por que, dizendo coisas para os pouco sábios novas, sejam honrados e estimados deles, como agora vemos em nossos dias (certo, coisa para chorar) pessoas de religioso e virtuoso hábito que deixam de expor e pregar a verdadeira lei de Deus, por se darem a estas vaidades com que cada dia alvoroçam os povos. Por que a estes não crêssemos e, sempre postos em Deus, nunca déssemos fé a suas vãs palavras, no capítulo 13

133 António de Beja glosa os versículos 2-5 do capítulo X do *Livro de Jeremias*, cujo texto é o seguinte: «haec dicit Dominus iuxta vias gentium nolite discere et a signis caeli nolite metuere quae timent gentes / quia leges populorum vanae sunt, quia lignum de saltu praecidit opus manuum artificis in ascia / argento et auro decoravit illud clavis et malleis conpegit ut non dissolvatur / in similitudinem palmae fabricata sunt et non loquentur portata tollentur quia incedere non valent nolite ergo timere ea quia nec male possunt facere nec bene».

134 Na margem: ca. IV.

135 António de Beja traduz livremente o versículo 19: «Ne forte oculis elevatis ad caelum videas solem et lunam et omnia astra caeli et errore deceptus adores ea et colas quae creavit Dominus Deus tuus in ministerium cunctis quae sub caelo sunt».

do deuteronomio diz. Se se levantar em meo de vos outros algum propheta .s. de maldade: ou algua pessoa que dixer aver visto sonho e revelaçam. per que vos diga aver de vir sobre vos algum sinal e maravilha grande: ou cousa nunca vista. e for assi: ou vier aquello que diz: nom creais por isso aas palavras do tal profeta e sonhador: porque quer deos que ho tal aconteça: pera vos tentar: e experimentar manifestamente se ho amaaís ou nam: e abaxo diz seguy vosso deos temeyo: guarday seus preceptos: ouvy sua voz servio sempre: e a elle vos chegai e o tal propheta: ou fingidor de sonhos seja de vos lançado e morto. Palavras certo bem pera notar e trazer sempre em nossos corações pera nom crermos quantas vaydades se dizem cada dia. (Se se levantar diz deos algum propheta em meo de vos) alem dos prophetas da verdade que sam denuncidores dos misterios do verdadeiro deos. Hay outros profetas falsos da maldade: a que christo no evangelho chama pseudo profete. e destes entende aqui: (se este logo vos disser algua cousa grande): que cousa mayor e de mais grande torvaçam pode ser que as novas que se pregam e dizem com tanta efficacia: que ha de ser grande diluvio ho anno de .24. (e vier como elles dizem). Se somos christãos verdadeiros bem devemos crer que jamays ha de vir diluvio sobre a terra. porque assy ho prometeo deos: desploys daquelle grande que foy em tempo de noe. Nem menos viram tam grandes agoas que façam tanto dano como elles dizem. mas posto que algua cousa venha da maneira que elles profetizam nom avemos de crer que vem ysto porque ho elles dizem ou por aver alguña virtude nas estrellas que ho faça. Onde he de notar que muitas couisas poodem vir pera nosso castigo: porque nunca cessa deos segundo nossos merecimentos mandar desvairados açoutes. E portanto nom he de duvidar que poodem sempre vir e acontecer as couisas de mal que cada dia experimentamos pera nossa enmenda: e como nunca cessamos de fazer males. nom cesa deos de mandar castigos. e portanto podem vir e acontecer o[s] que elles dizem. Mas nom por isso avemos de crer que vem por ho elles dizerem:

do *Deuteronómio* diz: «Se se levantar em meio de vós outros algum profeta, a saber, de maldade, ou alguma pessoa que disser haver visto sonho e revelação por que vos diga haver de vir sobre vós algum sinal e maravilha grande ou coisa nunca vista, e for assim, ou vier aquilo que diz, não creiais por isso as palavras do tal profeta e sonhador; porque quer Deus que o tal aconteça para vos tentar, e experimentar manifestamente se O amais ou não»<sup>136</sup>. E abaixo diz: «Segui vosso Deus, temei-O, guardai seus preceitos, ouvi sua voz, servi-O sempre e a ele vos chegai; e o tal profeta ou fingidor de sonhos seja de vós lançado e morto»<sup>137</sup>.» Palavras certo bem para notar e trazer sempre em nossos corações, para não crermos quantas vaidades se dizem cada dia.

«Se se levantar, diz Deus, algum profeta em meio de vós». Além dos profetas da verdade, que são denunciadores dos mistérios do verdadeiro Deus, há outros profetas falsos, da maldade, a que Cristo no Evangelho chama pseudo-profetas e destes entende aqui.

«Se este logo vos disser alguma coisa grande». Que coisa maior e de mais grande torvação pode ser que as novas que se pregam e dizem com tanta eficácia, que há de ser grande dilúvio o ano de 24?

«E vier como eles dizem». Se somos cristãos verdadeiros, bem devemos crer que jamais há de vir dilúvio sobre a terra, porque assim o prometeu Deus, depois daquele grande que foi em tempo de Noé. Nem menos virão tão grandes águas que façam tanto dano como eles dizem. Mas, posto que alguma coisa venha da maneira que eles profetizam, não havemos de crer que vem isto porque o eles dizem, ou por haver alguma virtude nas estrelas que o faça. Onde é de notar que muitas coisas podem vir para nosso castigo, porque nunca cessa Deus, segundo nossos merecimentos, [de] mandar desvairados açoites. E portanto, não é de duvidar que podem sempre vir e acontecer as coisas de mal que cada dia experimentamos para nossa emenda. E, como nunca cessamos de fazer males, não cessa Deus de mandar castigos e, portanto, podem vir e acontecer o[s] que eles dizem. Mas não por isso havemos de crer que vem por o eles dizerem.

136 *Deuteronómio*, 13:1-3: «Si surrexerit in medio tui prophetes aut qui somnium vidisse se dicat et praedixerit signum atque portentum / et evenerit quod locutus est et dixerit tibi eamus et sequamur deos alienos quos ignoras et serviamus eis / non audies verba prophetae illius aut somniatoris quia temptat vos Dominus Deus vester ut palam fiat utrum diligatis eum an non in toto corde et in tota anima vestra».

137 *Deuteronómio*, 13:4-5: «Dominum Deum vestrum sequimini et ipsum timete mandata illius custodite et audite vocem eius ipsi servietis et ipsi adhreibitis / propheta autem ille aut fuctor somniorum interficietur quia locutus est ut vos averteret a Domino Deo vestro [...]».

e se nisto acertarem dizer alguña verdade nom sera por virtude desta arte. mas por virtude de sathanas: que lho revella: ho qual sabe as cousas futuras: por quatro maneiras. Como diz santo augustinho. *sup. gene. ad litteram*<sup>62</sup>: Ha primeira por ha limpa sotileza de suas forças naturais: que enteiramente ficaram nelle despois do pecado como aos anjos boons: ca os demonios por a ofensa que fizeram a deos nom ouveram outra pena. salvo perder a graça e nom verem deos e nas outras cousas ficaram assi perfectos em sua naturaleza como os outros anjos: por onde diz santo agustinho que podem saber algūas cousas futuras por sua sotileza e por algūas conjecturas e sinaes.

¶ Ho segundo poode saber ysto por sua experientia. ca sendo muyto antigo e tendo visto muitas cousas passadas. poode por ellas julgar ho que ha de vijr.

¶ Ho terceiro diz augustinho sabe ysto por revelaçam dos santos anjos que por divinal permissam lhe poodem revelar algūas cousas pera escarnio dos maaos. e pera exercicio dos boons. Onde santo thomas diz que a divinal disposiçam obra e faz suas cousas per alguuns anjos.<sup>63</sup> Acerca do que diz david. bem[di]zeey: ao senhor todos os seus anjos: servidores delle e que fazeis em todalas cousas sua vontade: e posto que ysto se entenda dos anjos boons. (diz santo thomas) cuyas obras sempre sam conformes haa divinal disposiçam e nunca he cousa feyta per elles sem vontade de deos. Haay empero outros spiritus enganadores ha que chamamos demonios: os quaes posto que quanto nelles he. procurem contradizer haa vontade divinal. porem usa deos algūas vezes delles querendo que ho sirvam em comprir cousas de sua vontade. e desta maneyra diz sancto augustinho: que podem os astrologos dizer a certeza de algūas cousas futuras

62 Na margem: *vi. altisi. li. ij. in fine. vij. tratatus.*

63 Na margem: *opus. xxv de sortibus. ca. iiij. in fine.*

E, se nisto acertarem dizer alguma verdade, não será por virtude desta arte, mas por virtude de Satanás que lho revela, o qual sabe as coisas futuras por quatro maneiras, como diz santo Agostinho, *Super Genesim ad litteram*<sup>138</sup>.

A primeira, pela limpa subtileza de suas forças naturais, que inteiramente ficaram nele depois do pecado, como aos anjos bons, ca os demónios, pela ofensa que fizeram a Deus, não houveram outra pena, salvo perder a graça e não verem Deus e nas outras coisas ficaram assim perfeitos em sua natureza como os outros anjos. Por onde diz santo Agostinho que podem saber algumas coisas futuras por sua subtileza e por algumas conjecturas e sinais.

O segundo, pode saber isto por sua experiência, ca, sendo muito antigo e tendo visto muitas coisas passadas, pode por elas julgar o que há de vir.

O terceiro, diz Agostinho, sabe isto por revelação dos santos anjos, que por divinal permissão lhe podem revelar algumas coisas para escárnio dos maus e para exercício dos bons. Onde santo Tomás diz que a divinal disposição obra e faz suas coisas por alguns anjos<sup>139</sup>. Acerca do que diz David: «Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, servidores dele e que fazeis em todas coisas sua vontade».<sup>140</sup> E, posto que isto se entenda dos anjos bons, diz santo Tomás, cujas obras sempre são conformes à divinal disposição e nunca é coisa feita por eles sem vontade de Deus, há, empero, outros espíritos enganadores a que chamamos demónios, os quais, posto que quanto neles é procurem contradizer à vontade divinal, porém usa Deus algumas vezes deles querendo que O sirvam em cumprir coisas de sua vontade. E desta maneira diz santo Agostinho que podem os astrólogos dizer a certeza de algumas coisas futuras,

138 Na margem: vi. altisi. li. ij. in fine. vij. tratatus.

Santo Agostinho, *De genesi ad litteram*, Liber secundus, cap. XVII (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 34, 278-279): «Ideoque fatendum est, quando ab istis vera dicuntur, instinctu quodam occultissimo dici, quem nescientes humanæ mentes patiuntur. Quod cum ad decipiendos homines sit, spirituum seductorum operatio est: quibus quædam vera de temporalibus rebus nosse permittitur, partim quia subtilioris sensus acumine, partim quia corporibus subtilioribus vigente, partim experientia callidiore propter tam magnam longitudinem vitæ, partim sanctis Angelis quod ipsi ab omnipotente Deo discunt, etiam jussu ejus sibi revelantibus, qui merita humana occultissimæ justitiae sinceritate distribuit. Aliquando autem iidem nefandi spiritus etiam quæ ipsi facturi sunt, velut divinando prædicunt. Quapropter bono christiano, sive mathematici, sive quilibet impie divinantium, máxime dicentes vera, cavendi sunt, ne consortio dæmoniorum animam deceptam, pacto quodam societatis irretiant».

139 Na margem: Opus xxv, *De sortibus*, ca. IV, *in fine*.

140 Salmo 102:20-21: «Benedicite Domino, omnes angeli ejus: potentes virtute, facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus. Benedicite Domino, omnes virtutes ejus; ministri ejus, qui facitis voluntatem ejus».

nom por regras de sua arte mas por ho demonio a quem os boons anjos por divinal permissam revealam alguñas couosas pera escarnio dos maos: e exercicio dos boons. Podem mais ho quarto saber os demonios e dizer couosas futuras: nom todas mas somente aquellas que elle pode fazer. E como seu poder seja muy grande pera o mal. Quia nulla est potestas super terram. diz job<sup>64</sup>. que ei possit equari. Daqui vem que os astrologos uunca profetizam nem dizem senam maas novas .s. mortes. pestes. discordias. fomes e outras couosas que elle poode causar. ou deseja vir: por que as gentes cayam por isto em algua triste desesperaciom e se vam com elle ao inferno. E portanto nom he de maravilhar se os astrologos ensinados por estes acertam alguñas vezes/ onde este sanctissimo Augustinho no livro quinto da cidade de deos:<sup>65</sup> falando de muytas couosas que vemos acontecer e vijr assy como ho dizem os astrologos. diz. Non inmerito creditur: cum astrologi mirabiliter multa vera respondeant: et occulto instinctu spirituum: non bonorum quorum cura est: has falsas et noxias opiniones de astralibus fatis inserere humanis mentibus atque firmare. Nom se cree sem causa quando os astrologos respondem e dizem muytas verdades ser isto feito per oculto e secreto instinto dos spiritos maaos. Cui cuidado he poer em os corações humanos. estas falsas e tam danosas opiniões dos faados e poder das estrellas: nom creamos logo suas maldades: nem as tristes novas que estes discipulos de sathanas movidos per elle publicam aos

64 Na margem: *ca. xlj.*

65 Na margem: *ca. viij.*

não por regras de sua arte, mas pelo demónio, a quem os bons anjos por divinal permissão revelam algumas coisas, para escárnio dos maus e exercício dos bons.<sup>141</sup>

Podem mais, o quarto, saber os demónios e dizer coisas futuras, não todas, mas somente aquelas que ele pode fazer. E, como seu poder seja mui grande para o mal, *quia nulla est potestas super terram* – diz Job<sup>142</sup> – *que ei possit equari*. Daqui vem que os astrólogos nunca profetizam nem dizem senão más novas, a saber, mortes, pestes, discórdias, fomes e outras coisas que ele pode causar ou deseja vir, por que as gentes caiam por isto em alguma triste desesperação e se vão com ele ao inferno.

E portanto, não é de maravilhar se os astrólogos, ensinados por estes, acertam algumas vezes. Onde este santíssimo Agostinho, no livro quinto da *Cidade de Deus*<sup>143</sup>, falando de muitas coisas que vemos acontecer e vir assim como o dizem os astrólogos, diz: «*Non inmerito creditur, cum astrologi mirabiliter multa vera respondeant, et occulto instinctu spirituum non bonorum, quorum cura est has falsas et noxias opiniones de astralibus fatis inserere humanis mentibus atque firmare*». Não se crê sem causa, quando os astrólogos respondem e dizem muitas verdades, ser isto feito por oculto e secreto instinto dos espíritos maus, cujo cuidado é pôr nos corações humanos estas falsas e tão danosas opiniões dos fados e poder das estrelas. Não creiamos, logo, suas maldades, nem as tristes novas que estes discípulos de Satanás, movidos por ele, publicam aos

141 António de Beja continua a citar S. Tomás de Aquino, glosando o que este escreve no seu tratado *De sortibus* (capítulo IV), com recurso à autoridade de S. Agostinho: «Similiter autem cum per sortes uel quolibet alio modo homines preter debitum ordinem occulta exquirunt, ingerunt se demones ut diuinationis pretextu homines in errorem inducant; unde Augustinus dicit in II Super Genesim ad litteram, de mathematicis loquens qui per astra futuros euentus prenuntiant, fatendum est, inquit, quando ab istis uera dicuntur, instinctu quodam occultissimo dici quem nescientes humane mentes patiuntur; quod cum ad decipiendos homines fit, spirituum immundorum et seductorum operatio est, et in II De doctrina christiana dicit omnia huiusmodi diuinationum genera ad pacta quedam cum demonibus inita pertinere» (<https://www.corpusthomisticum.org/otr.html>).

142 Na margem: ca. XLI.

Trata-se do versículo 24 do capítulo 41. O texto, contudo, não corresponde exatamente ao da Vulgata Clementina, onde tem a seguinte formulação: «Non est super terram potestas quae comparetur ei».

143 Na margem: ca. VII.

António de Beja cita a última frase deste capítulo: «[His omnibus consideratis] non inmerito creditur, cum astrologi mirabiliter multa vera respondent, occulto instinctu fieri spirituum non bonorum, quorum cura est has falsas et noxias opiniones de astralibus fatis inserere humanis mentibus atque firmare, non horoscopi notati et inspecti aliqua arte, quae nulla est».

mortaaes. nem creamos que diluvio nem outro mal pode vijr em nos senam por virtute de deos. de cuja maão vem todos os beens pera nossa consolaçam e os males pera nossa emmenda.

**¶ Prova por auctoridades da sagrade escriptura que tudo ho que temos vem da maão de deos.**

Onde sancto thomas. em huum livro que fez contra ho uso deshonesto das sortes.<sup>66</sup> tratando muitas opiniões e diversas maneiras de dizer sobre quem hee a causa por onde vem e donde procedem as cousas e acontecimentos que cada dia nos vem e vemos. diz que he verdade que procedem do superior entendimento que he deos. ho qual assy como com sua sabedoria criou e deu ser ha todas as cousas assy com essa sabedoria as move e conserva ordenandoas pera devido fim acerca daquilo que esta escripto no livro da sabedoria toca deos com sua virtude e fortaleza des hum cabo do mundo tee ho outro. e dispõe todas as cousas delle com muyta suavidade. per divinal disposiçam nom soomente sam movidos nossos corpos. mas tambem per ella he movida nossa vontade pera fazer suas propias obras: per deos he alumiado ho entendimento humano pera conhecer a verdade: acerca do que diz david. Alumia senhor os meus olhos. *Ne unquam obdormiam in morte.* e per sua virtude sam movidas as vontades dos homens pera desejar e obrar segundo aquillo de sam paulo<sup>67</sup>. deos he ho que obra em nos assy ho querer como ho acabar per boña vontade: e como ho entendimento e voontade sejam principaes e proprios principios de nossos autos. Diz thomas he de necessydate que nossas obras: sejam tambem com estes principios de que procedem subjectas a deos e a sua divinal disposiçam segundo aquillo de ysayas.<sup>68</sup> todas nossas obras senhor obraste em nos. E seendo estas cousas ditas .s. ho entendimento e vontade. e os movimentos e autos exteriores dellas: subgetas a deos toda causa que a cada hum destes acontecer pera obrar algum fim. tambem sera de Deos e portanto sabendo

66 Na margem: *opus. xxv. ca. iiiij.*

67 Na margem: *ad. phi. ij.*

68 Na margem: *ca. xxvj.*

mortais. Nem creiamos que dilúvio, nem outro mal, pode vir em nós, senão por virtute de Deus, de cuja mão vêm todos os bens para nossa consolação, e os males para nossa emenda.

**Prova por autoridades da Sagrade Escritura que tudo o que temos vem da mão de Deus.**

Onde santo Tomás, num livro que fez contra o uso desonesto das sortes<sup>144</sup>, tratando muitas opiniões e diversas maneiras de dizer sobre quem é a causa por onde vem e donde procedem as coisas e acontecimentos que cada dia nos vêm e vemos, diz que é verdade que procedem do superior entendimento que é Deus, o qual, assim como com sua sabedoria criou e deu ser a todas as coisas, assim com essa sabedoria as move e conserva, ordenando-as para devido fim. Acerca daquilo que está escrito no *Livro da Sabedoria*, toca Deus com sua virtude e fortaleza desde um cabo do mundo até o outro e dispõe todas as coisas dele com muita suavidade por divinal disposição, não somente são movidos nossos corpos, mas também por ela é movida nossa vontade para fazer suas próprias obras, por Deus é alumiado o entendimento humano para conhecer a verdade, acerca do que diz David: «Alumia, Senhor, os meus olhos, *ne unquam obdormiam in morte*»<sup>145</sup>, e por sua virtude são movidas as vontades dos homens para desejar e obrar, segundo aquilo de São Paulo<sup>146</sup>: «Deus é o que obra em nós assim o querer como o acabar por boa vontade». E como o entendimento e vontade sejam principais e próprios princípios de nossos atos, diz Tomás, é de necessidade que nossas obras sejam também, com estes princípios de que procedem, sujeitas a Deus e a sua divinal disposição, segundo aquilo de Isaías<sup>147</sup>: «Todas nossas obras, Senhor, obraste em nós».

E sendo estas coisas ditas, a saber, o entendimento e vontade e os movimentos e atos exteriores delas sujeitas a Deus, toda coisa que a cada um destes acontecer para obrar algum fim também será de Deus e, portanto, sabendo

144 Na margem: opus. xxv. ca. iiiij.

145 Salmo 12:5.

146 Na margem: ad. Philippenses, II.

António de Beja traduz o versículo 13: «Deus est enim, qui operatur in vobis et velle, et perficere pro bona voluntate».

147 Na margem: ca. xxvj.

António de Beja faz a tradução literal da segunda parte do versículo 12: «Domine, dabis pacem nobis: omnia enim opera nostra operatus es nobis».

isto david dezia: e pedia. Enderençame senhor em tua verdade. e algūas vezes per disposiçam divinal vem aos homens algūas cousas: sem ho elles cuidarem nem terem em proposito. por onde dezia sam paulo.<sup>69</sup> que deos he poderoso pera fazer todas as cousas com mayor avondança do que as nos pedimos e entendemos. E desta maneyra tambem dizemos, que da disposiçam divinal porocede desfalecerem as vezes os homens daquillo que tem em seu proposito. e nom poerem suas vontades e desejos em effecto. Onde job<sup>70</sup> diz: que deos destruye os pensamentos dos maos. por que non possam comprir as obras que começaram. Per esta divinal disposiçam diz sancto thomas sam alguuns postos em adversidades que nom poderam vitar. segundo aquilo qua diz Ysayas.<sup>71</sup> guiaraam a ella seus pees. pera que vaa muy longe. Quem cuidou poder vijr isto a cidade de tyro em outro tempo muj prosperada,: certo diz ho texto: ho senhor dos exercitos ho cuidou e fez/ por onde hieremias dizia.<sup>72</sup> Eu sey senhor que nom estaa no homem poderse mover ha nenhūa parte: nem he do homem andar nem pode mover seus pees sem ty. donde parece diz santo thomas que os acontecimentos das cousas humanas nom sam sujeitas ao homem. mas de todo a deos. e daqui procede e vem que alguuns alcançam mayores beens do que elles cuidavam e sam ditos bem fortunados.

69 Na margem: *ad ephe. iij.*

70 Na margem: *ca. v.*

71 Na margem: *ca. xxv.*

72 Na margem: *capi. x.*

isto, David dizia e pedia: «Endereça-me, Senhor, em tua verdade»<sup>148</sup>. E, algumas vezes, por disposição divinal vêm aos homens algumas coisas sem o eles cuidarem, nem terem em propósito, por onde dizia são Paulo<sup>149</sup> que Deus é poderoso para fazer todas as coisas com maior avondança do que as nós pedimos e entendemos. E desta maneira, também dizemos que da disposição divinal porocede desfalecerem às vezes os homens daquilo que têm em seu propósito e não porem suas vontades e desejos em efeito. Onde Job<sup>150</sup> diz que Deus destrói os pensamentos dos maus, por que não possam cumprir as obras que começaram.

Por esta divinal disposição, diz santo Tomás, são alguns postos em adversidades que não poderão evitar, segundo aquilo que diz Isaías<sup>151</sup>: «Guirão a ela seus pés para que vá mui longe. Quem cuidou poder vir isto à cidade de Tiro noutro tempo mui prosperada? Certo – diz o texto – o senhor dos exércitos o cuidou e fez». Por onde Jeremias dizia<sup>152</sup>: «Eu sei, Senhor, que não está no homem poder-se mover a nenhuma parte; nem é do homem andar, nem pode mover seus pés sem ti».

Donde parece diz santo Tomás, que os acontecimentos das coisas humanas não são sujeitas ao homem, mas de todo a Deus; e daqui procede e vem que alguns alcançam maiores bens do que eles cuidavam, e são ditos bem fortunados,

148 António de Beja parece ter feito uma tradução livre do Salmo 142:10: «Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu. Spiritus tuus bonus deducet me in terram rectam».

149 Na margem: ad Ephesios, III.

António de Beja retém a ideia essencial dos versículos finais (20-21): «Ei autem, qui potens est omnia facere superabundanter quam petimus aut intelligimus, secundum virtutem, quæ operatur in nobis: ipsi gloria in Ecclesia, et in Christo Jesu, in omnes generationes sæculi sæculorum.»

150 Na margem: ca. v.

António de Beja resume, numa frase simples, a ideia expressa nos versículos 12-14: «[Deus] qui dissipat cogitationes malignorum, ne possint implere manus eorum quod cœperant; qui apprehendit sapientes in astutia eorum, et consilium pravorum dissipat. Per diem incident tenebras, et quasi in nocte, sic palpabunt in meridie».

151 Na margem: ca. xxv [aliás, XXIII].

António de Beja parece glosar os versículos 7-9 do capítulo 23: «numquid non haec vestra est quae gloriabatur a diebus pristinis in antiquitate sua ducent eam pedes sui longe ad peregrinandum / quis cogitavit hoc super Tyrum quondam coronatam cuius negotiatorum principes institores eius incliti terrae / Dominus exercituum cogitavit hoc ut detraheret superbiam omnis gloriae et ad ignominiam deduceret universos inclitos terrae».

152 Na margem: capi. X.

António de Beja opta, uma vez mais, por glosar o trecho de *Jeremias* (versículo 23): «scio Domine quia non est hominis via eius nec viri est ut ambulet et dirigat gressus suos».

e outros desfalecem daquillo que buscam com muyta prudencia. E caindo per divinal disposiçam em os males que nom cuydavam. sam ditos mal fortunados. donde fica manifesto que toda cousa que nos pertence assy spiritual como temporal. nos vem nom de influencia de algūa estrella: mas de deos. onde aristoteles em o livro da bōa fortuna diz asi ho principio do homem. ou que move o homem pera fazer algūa cousa nom he razam. (qui primi motus non sunt in nobis: os primeiros movimentos nom sam nossos) mas he algūa cousa melhor e por quanto nom hay outra cousa sobre ho entendimento que melhor seja que deos. portanto sam chamados bem fortunados os que com forçoso impeto fizeeram algūa cousa bōa sem na cuidarem. nem se moverem a isso per razam: porque estes foram movidos pera isto fazerem per deos que val mais que todo boom conselho e razam: e assy avemos de creer pois tudo nos vem da maão de deos. que elle nos ordenara os tempos conformes aas couosas que nos sam necessárias: e asi como diz ho evangelho que nom cae hūa folha da arvore sem vontade de deos. assi se nom movera ho tempo pera chover: nem fazer sol senam quando elle quiser: onde job diz. ca. 5. Deus dat pluviam super faciem terre: et irrigat aquis universa e ca. 38. dicit deus est pluvie pater et ipse genuit stillas roris que quer dizer: que deos he padre das agoas e nom chove senam quando elle quer. Nom temamos logo este juizo do diluvio que dizem aver de vijr. porque deos tem poder em tudo e as estrellas nam. Muytas vezes sam os homens sollicitos e põe muyta diligencia em saber as couosas que lhe pode acontecer: por que conhecendoas e sabendoas ordenem bem sua vida.<sup>73</sup> Mas he imposivel poderse saber o que ha de vijr. porque ho conhecimento das couosas futuras excede ha industria e saber humano. segundo que diz salamam no eclesiastes ca. 8. Grande he a afliçam do homem: ho qual nom sabe as couosas passadas. nem pode

73 Na margem: *tho. opus de sortibus ca. ij. in fine.*

e outros desfalecem daquilo que buscam com muita prudência e, caindo por divinal disposição nos males que não cuidavam, são ditos mal fortunados. Donde fica manifesto que toda coisa que nos pertence, assim espiritual como temporal, nos vem, não de influência de alguma estrela, mas de Deus. Onde Aristóteles, no *Livro da boa fortuna*<sup>153</sup>, diz assim: «O princípio do homem, ou que move o homem, para fazer alguma coisa não é razão (*qui primi motus non sunt in nobis*: os primeiros movimentos não são nossos), mas é alguma coisa melhor». E, porquanto não há outra coisa sobre o entendimento que melhor seja que Deus, portanto são chamados bem fortunados os que, com forçoso ímpeto, fizeram alguma coisa boa sem a cuidarem, nem se moverem a isso por razão, porque estes foram movidos para isto fazerem por Deus, que vale mais que todo bom conselho e razão. E assim havemos de crer, pois tudo nos vem da mão de Deus, que Ele nos ordenará os tempos conformes às coisas que nos são necessárias. E, assim como diz o Evangelho que não cai uma folha da árvore sem vontade de Deus, assim se não moverá o tempo para chover nem fazer sol, senão quando Ele quiser. Onde Job diz, capítulo 5: *Deus dat pluviam super faciem terre, et irrigat aquis universa*; e capítulo 38: *Dicit Deus est pluvie pater et ipse genuit stillas roris* (que quer dizer que Deus é padre das águas e não chove senão quando Ele quer)<sup>154</sup>.

Não temamos, logo, este juízo do dilúvio que dizem haver de vir, porque Deus tem poder em tudo e as estrelas não. Muitas vezes são os homens solícitos e põem muita diligência em saber as coisas que lhe podem acontecer, por que, conhecendo-as e sabendo-as, ordenem bem sua vida<sup>155</sup>. Mas é impossível poder-se saber o que há de vir, porque o conhecimento das coisas futuras excede a indústria e saber humano, segundo [o] que diz Salomão no *Eclesiastes*, capítulo 8: «Grande é a aflição do homem, o qual não sabe as coisas passadas,

153 O *Liber de bona fortuna* é uma obra pseudo-epígrafa atribuída a Aristóteles, composta por dois capítulos sobre a boa fortuna extraídos de duas obras deste autor, os *Magna moralia* e a *Ética a Eudemo*, traduzidas para latim por Guilherme de Moerbeke c. 1260. A compilação deve ter sido realizada pouco depois, em Paris. Cf. V. Cordonier, «Réussir sans raison(s). Autour du texte et des gloses du “Liber de bona fortuna Aristotelis” dans le manuscrit de Melk 796 (1308)», in A. Speer-D. Wirmer (Hrsg.), 1308. Eine Topographie historischer Gleichzeitigkeit, Berlin-New York: De Gruyter, 2010, pp. 704-770.

154 *Job*, 5:10 (qui dat pluviam super faciem terræ, et irrigat aquis universa) e 38:28 (Quis est pluviae pater? vel quis genuit stillas roris?).

155 Na margem: Tho. opus *De sortibus* ca. ij. in fine.

António de Beja não traduz literalmente, preferindo integrar o sentido do texto de S. Tomás no seu próprio discurso: «Sollicitantur etiam plerumque homines de futuris euentibus, ex quorum cognitione homo in pluribus agendis uel uitandis dirigi potest».

por nenhum nuncio e mensageiro saber as couosas que ham de vijr. certo grande sabio era salamam ao qual deu deos sciencia e conhecimento mayor que a outras pessoas. e nom he de duvidar que saberia ou teria quem soubesse astrologia. e se por ella se podera saber algūa verdade das couosas futuras. elle a soubeera. e nom dissera que per nenhūa maneira se pode saber o que a de vijr onde ho senhor querendo mostrar que nom esta em poder humano saber isto. diz por job. ca. 38. Conheceste porventura ha ordenança do çeo porque des sua razam na terra. e mais abaixo diz. que contara ha razam dos çeos: nas quaes palavras destruie deos per boca de job. dous erros que tem os astrologos. ho primeiro que dam e poem ao çeo muitas couosas fazendoas a elle sogeitas que delle nom dependem. ho 2. manifestam estas palavras. que ainda que ho çeo algūa virtude tivesse nom se pode saber nem alcançar por esta arte. o que todos com elle creamos e nom demos fee ao que estes falsos dizem. e quando porventura quisermos saber alguūa cousa futura façamos oraçam a deos e peçamos nella. que a mostre e falea. ca elle disse por ysayas. ventura interrogate a me e sobretudo desponhamos nossas conscientias em boom viver: e nom temeremos (amando deos) nenhuum mal: quoniam diligentibus deum omnia cooperantur in bonum dicit scriptura.

**¶ Prova per muitas autoridades que ha falsa arte dos juyzos e sciencia de adivinhar foy sempre reprovada e asi prova que por nenhūa maneira nem em caso algum he lictito deitar juizos.**

A meu ver (christianissima senhora) bem bastava ho jaa dito pera tirar de nosso peito e coraçam a fee que muitos por nom saberem esta verdade deram e dam aos publicadores de tam falsa arte judiciaria: mas por mayor confirmaçam nossa: e confusam sua delles: por que nom pareça eu soo ser deste bando/ porey aqui algūas testemunhas de muyta fe (que achey alegados em a grande obra do

nem pode, por nenhum núnicio e mensageiro, saber as coisas que hão de vir»<sup>156</sup>. Certo grande sábio era Salomão, ao qual deu Deus ciência e conhecimento maior que a outras pessoas, e não é de duvidar que saberia, ou teria quem soubesse, Astrologia. E, se por ela se pudera saber alguma verdade das coisas futuras, ele a soubera e não dissera que por nenhuma maneira se pode saber o que há de vir. Onde o Senhor, querendo mostrar que não está em poder humano saber isto, diz por Job (capítulo 38): «Conheceste porventura a ordenança do céu, por que dês sua razão na terra?»<sup>157</sup>; e mais abaixo, diz que contara a razão dos céus, nas quais palavras destrói Deus por boca de Job dois erros que têm os astrólogos. O primeiro, que dão e põem ao céu muitas coisas, fazendo-as a ele sujeitas, que dele não dependem. O 2º, manifestam estas palavras que, ainda que o céu alguma virtude tivesse, não se pode saber nem alcançar por esta arte. O que todos com Ele creiamos, e não demos fé ao que estes falsos dizem. E quando, porventura, quisermos saber alguma coisa futura, façamos oração a Deus e peçamos nela que a mostre e fale-a, ca Ele disse por Isaías<sup>158</sup>: «*Ventura interrogate a me*». E, sobretudo, disponhamos nossas consciências em bom viver, e não temeremos (amando Deus) nenhum mal, «*quoniam diligentibus deum omnia cooperantur in bonum*», dicit *scriptura*<sup>159</sup>.

**Prova por muitas autoridades que a falsa arte dos juízos e ciência de adivinhar foi sempre reprovada e assim prova que por nenhuma maneira nem em caso algum é lícito deitar juízos.**

A meu ver, cristianíssima senhora, bem bastava o já dito para tirar de nosso peito e coração a fé que muitos, por não saberem esta verdade, deram e dão aos publicadores de tão falsa arte judiciária. Mas, por maior confirmação nossa e confusão sua deles, por que não pareça eu só ser deste bando, porei aqui algumas testemunhas de muita fé que achei alegados na grande obra do

156 *Eclesiastes*, 8:6-7: «Omni negotio tempus est, et opportunitas: et multa hominis afflictio, quia ignorat præterita, et futura nullo scire potest nuntio».

157 António de Beja evoca o sentido das interrogações que Deus lança contra Job, sem ter a preocupação de reproduzir com exatidão o texto bíblico. Ainda assim, a frase interrogativa do nosso autor parece ecoar os versículos 31-32: «Numquid conjungere valebis micantes stellas Pleiadas, aut gyrum Arcturi poteris dissipare? Numquid producis luciferum in tempore suo, et vesperum super filios terræ consurgere facis?»

158 *Isaías*, 45:11: Hæc dicit Dominus, Sanctus Israël, plastes ejus: Ventura interrogate me; super filios meos et super opus manuum mearum mandate mihi».

159 S. Paulo, *Ad Romanos*, 8:28: «Scimus autem quoniam diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum, his qui secundum propositum vocati sunt sancti».

conde mirandulano) que nunca consintindo nesta mostraram quam digna he de avorecer. pois com seus ditos e palavras tanto a lançaram e apartaram sempre de si. E começando primeiramente nos philosophos<sup>74</sup> digo. que Pitagoras como conta Diogenes laercio: nunca deu fe a esta sciencia de astrologia. E democrito lemos que disse (reprehendendo a hum que oulhando pera as estrellas cayo em húa coua) que se nom maravilhava: porque nom sabendo andar por a terra queria saber as partes do çeo. Desta escarnece seneca. E a esta confunde cicero. Carneades e bion philosofos disputaram grandemente contra ella. Esta astrologia tem tantas cousas desarazoadas: que recebendoa o sincophanta e gargantam de epicuro crendo della algúas. em outras nunca pode consentir. De platam e aristoteles principes de philosophia nom falo: porque em tanta maneira lhe tiveram odio e avorecimento que nunca em sua philosophia a nomearam querendoa mais reprehender com silencio que com vozes ou scripturas/ e se parecer porventura a alguns outra cousa: digamme (por sua fe) por que outra razam em todo discurso de suas escripturas: explicando propriedades de cousas celestiaeis ou dando razões/ das inferiores nada tocaram desta astrologia se esta he arte ou sciencia que de sua condiçam de proveitosa ou necessaria: porque deixou ho aristoteles os seos quatro livros *de celo*: tam jejuns e secos della: em que pudera dizer muitas e maravilhosas cousas mostrandonos a propriedade e poder das estrellas e planetas por que souberamos sua perfeiçam se a tem: E se neste livro ho nom fez porque tambem se calou nos quatro livros *metheorologicos* em que tratando das impressoões celestiaeis: poendo muitas causas naturaes por

74 Na margem: *philosofos desprezaram esta arte.*

conde mirandulano, que, nunca consentindo nesta, mostraram quão digna é de aborrecer, pois, com seus ditos e palavras, tanto a lançaram e apartaram sempre de si.

E começando primeiramente nos filósofos<sup>160</sup>, digo que Pitágoras, como conta Diógenes Laércio, nunca deu fé a esta ciência de Astrologia. E Demócrito<sup>161</sup>, lemos que disse (repreendendo a um que, olhando para as estrelas, caiu numa cova) que se não maravilhava, porque, não sabendo andar pela terra, queria saber as partes do céu. Desta escarnece Séneca<sup>162</sup>, e a esta confunde Cícero. Carnéades<sup>163</sup> e Bion<sup>164</sup>, filósofos, disputaram grandemente contra ela. Esta Astrologia tem tantas coisas desarrazoadas, que, recebendo-a o sicofanta e gargantão de Epicuro<sup>165</sup>, crendo dela algumas, noutras nunca pôde consentir.

De Platão e Aristóteles, príncipes de Filosofia, não falo, porque em tanta maneira lhe tiveram ódio e aborrecimento, que nunca em sua filosofia a nomearam, querendo-a mais repreender com silêncio que com vozes ou escrituras. E se parecer, porventura, a alguns outra coisa, digam-me (por sua fé) por que outra razão em todo discurso de suas escrituras, explicando propriedades de coisas celestiais ou dando razões das inferiores, nada tocaram desta Astrologia. Se esta é arte ou ciência, que de sua condição é proveitosa ou necessária, porque deixou o Aristóteles os seus quatro livros *De celo* tão jejuns e secos dela, em que pudera dizer muitas e maravilhosas coisas, mostrando-nos a propriedade e poder das estrelas e planetas, por que soubéramos sua perfeição, se a têm? E se neste livro o não fez, porque também se calou nos quatro livros *Metheorologicos*, em que, tratando das impressões celestiais, pondo muitas causas naturais por

160 Na margem: Filósofos desprezaram esta arte.

Como confessa logo no começo deste capítulo, António de Beja segue muito de perto Pico della Mirandola, colhendo os exemplos que aqui apresenta no capítulo 1 do Livro I das suas *Disputationes*.

161 Demócrito de Abdera (ca. 460 a.C. – 370 a.C.). Filósofo pré-socrático nascido em Mileto ou Abdera.

162 Lúcio Aneu Séneca (Córduba, ca. 4 a.C. – Roma, 65) foi um filósofo estoico e um dos mais célebres advogados, oradores, escritores e pensadores do Império Romano.

163 Carnéades, dito o platónico (214 a.C. – 129 a.C.), foi um filósofo grego nascido em Cirene. Foi um crítico do estoicismo, criando as bases do ceticismo.

164 Bion de Boristene (c. 325 – c. 250 a.C.). Filósofo cínico grego.

165 Epicuro de Samos (341 a.C. – 271 ou 270 a.C.). Foi um filósofo grego do período helenístico, cujo pensamento foi muito difundido em numerosos centros epicuristas que se desenvolveram na Jónia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi o seu maior divulgador.

que se geeram e fazem chuivas: ventos: cometas e outras maravilhas: sempre se esqueçeo das astrologicas. E porque tambem no livro da geeraçam dos animais: falando dos gemeos e monstruosos partos e da razaam do conceber e parir das femeas: nunca atribuio cousa nenhūa aas estrellas nem lhe lembraram em todo seu processo. E nom diga nenhuum que fez isto no livro de proprietatibus elementorum. e de secretis porque este livro nom ho fez Aristoteles: e falsamente he a elle intitulado como diz Pico *in prologo*. Isto mesmo fez platam como elle diz, timeo phitagoreu gram philosopho e astronomo em ho livro que fez da naturaleza. e couzas naturaes. E oçelo leucano. (de quem diz platam que foy eminentissimo na philosophia) em huum livro que fez do mundo: nunca soomente ha nomeou. Direis porventura que a desprezaram por ser sciencia de pouca substancia: ou porque a nom aprehenderam nem souberam. ho primeiro certo nom pode ser: porque se ella fora verdade. nom ouvera outra sciencia mayor. nem menos. o segundo porque elles sempre andaram no egypto e babilonia onde a puderam saber: por ser cousa muy divulgada naquelles povos. mas soomentes ho fizeram porque alumadios per natural lume sabiam que as estrellas nom eram causas daquellas couzas que deziam os astrologos, e que nom era arte nem sciencia

que se geram e fazem chuvas, ventos, cometas e outras maravilhas, sempre se esqueceu das astrológicas? E porque, também, no livro *Da geração dos animais*, falando dos gémeos e monstruosos partos, e da razão do conceber e parir das fêmeas, nunca atribuiu coisa nenhuma às estrelas, nem lhe lembraram em todo seu processo?

E não diga nenhum que fez isto no livro *De proprietatibus elementorum*<sup>166</sup> e *De secretis*<sup>167</sup>, porque este livro não o fez Aristóteles, e falsamente é a ele intitulado, como diz Pico *in prologo*. Isto mesmo fez Platão, como ele diz, Timeu pitagórico<sup>168</sup>, grão filósofo e astrónomo, no livro que fez *Da natureza e coisas naturais*<sup>169</sup>. E Ocelo Leucano<sup>170</sup>, de quem diz Platão que foi eminentíssimo na filosofia, num livro que fez *Do mundo* nunca somente a nomeou.

Direis, porventura, que a desprezaram por ser ciência de pouca substância, ou porque a não apreenderam nem souberam. O primeiro, certo, não pode ser, porque, se ela fora verdade, não houvera outra ciência maior, nem menos. O segundo, porque eles sempre andaram no Egito e Babilónia onde a puderam saber, por ser coisa mui divulgada naqueles povos. Mas somente o fizeram porque, alumados por natural lume, sabiam que as estrelas não eram causas daquelas coisas que diziam os astrólogos e que não era arte nem ciência

166 *De Proprietatibus Elementorum* é um tratado árabe medieval, provavelmente produzido no século IX ou X. Pode ser igualmente referido como *De Causis Proprietatum Elementorum*, *De Proprietatibus Elementorum et Planetarum* ou simplesmente *De Elementis*. Atualmente o seu autor é conhecido como Pseudo-Aristóteles.

167 O *Secretum Secretorum* é uma tradução latina de meados do século XII de um tratado enciclopédico árabe do século X, com variados tópicos, incluindo: arte de governar, ética, fisiognomia, astrologia, alquimia, magia e medicina.

168 Timeu de Lócrida, filósofo grego pitagórico que teria vivido no século V a.C. Como personagem, Timeu aparece no diálogo platónico com o mesmo nome (20A) e em *Critias*. Também surge no *De re publica* de Cícero (I, X, 16), onde é descrito como sendo próximo de Platão. É possível que se trate apenas duma personagem criada por Platão, uma vez que os seus diálogos são a única fonte de informação de que dispomos sobre ele.

169 Esta passagem confusa pretende traduzir a seguinte frase de Pico (*Disputationes*, Livro I. In Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 415): «Cur idem in Timaeo facit & Plato? Cur ante Platonem Timaeus ipse Pithagoreus in libro de natura, summus, ut ait Plato, philosophus pariter & astronomus?» Uma possível tradução mais clara e mais próxima do texto de Pico poderia ser esta: «Porque fez o mesmo Platão no *Timeu*? Porque, antes de Platão, se comportou como ele o pitagórico Timeu, segundo Platão sumo filósofo e astrónomo, no seu livro *De natura?*».

170 Ocelo Lucano teria sido um filósofo pitagórico nascido em Lucânia no século VI a.C. Foi-lhe atribuída a obra *Sobre a Natureza do Universo*, cujo autor é atualmente referido como Pseudo-Ocelo Lucano.

digna pera se nomear com as outras por onde buscando a propriedade das abelhas e formigas e couzas outras naturaes: nom curaram de falar em jupiter: nem saturno. porque nom tinham este poder: procuraram muyto por saber os movimentos celestiaes: necessarios a primeyra e boña astrologia: porem nunca deeram poder aas estrellas que fizessem nem obrassem nas couzas inferiores. Cujas causas por experientia natural elles alcançaram. E por isto tratando aristoteles (em ho livro de seus problemas) das mathematicas sciencias. e poendo questioões de todas as artes: a quem responde por autoridades de muitos antijgos soo desta nom fez mençam. nem menos nas ethicas falando da boña fortuna: nunca atribuyo a causa stellaria. E daqui veo que plotino pessoa de grande autoridade antre os discipolos de platam. (como escreve porphirio) trabalhando muyto por saber esta arte. e achando quanta falsidade tem em seus juizos e prenósticos. nunca mais deu fe a couzas de astrologos. e fazendo hum livro. a quem pos titulo da efficiencia das estrellas grandemente rio e escarneceo nelle das doutrinas e ensinâncias dos astrologos. Origenes adamancio/<sup>75</sup> tam sabio na philosophia como em as outras disciplinas: muitas vezes: e per muitas razoões condenou a astrologia a quem alguuns supersticiosos nom dam muyta fe por que foy christião. que nom podem fugir da doutrina e dizer de eudoxio discipulo gentio de platam: ho qual andando no egypto. e seendo em seu tempo chamado principio dos astrologos. deixou escripto que em nenhúa cousa aviam de creer a elles: nem a seus juyzos que fazem dos nascimentos e faados dos homeens.

75 Na margem: *origenes*.

digna para se nomear com as outras. Por onde, buscando a propriedade das abelhas e formigas e coisas outras naturais, não curaram de falar em Júpiter nem Saturno, porque não tinham este poder. Procuraram muito por saber os movimentos celestiais necessários à primeira e boa Astrologia; porém, nunca deram poder às estrelas que fizessem nem obrassem nas coisas inferiores, cujas causas por experiência natural eles alcançaram.

E por isto, tratando Aristóteles, no livro de seus *Problemas*<sup>171</sup>, das matemáticas ciências, e pondo questões de todas as artes a quem responde por autoridades de muitos antigos, só desta não fez menção. Nem menos nas *Éticas*<sup>172</sup>, falando da boa fortuna, nunca atribuiu a causa estelária. E daqui veio que Plotino, pessoa de grande autoridade entre os discípulos de Platão, como escreve Porfírio<sup>173</sup>, trabalhando muito por saber esta arte e achando quanta falsidade tem em seus juízos e prognósticos, nunca mais deu fé a coisas de astrólogos. E fazendo um livro, a quem pôs título *Da eficiência das estrelas*, grandemente riu e escarneceu nele das doutrinas e ensinâncias dos astrólogos. Orígenes Adamâncio<sup>174</sup>, tão sábio na Filosofia como nas outras disciplinas, muitas vezes e por muitas razões condenou a Astrologia<sup>175</sup>, a quem alguns supersticiosos não dão muita fé, porque foi cristão, que não podem fugir da doutrina e dizer de Eudóxio<sup>176</sup>, discípulo gentio de Platão, o qual, andando no Egito e sendo em seu tempo chamado príncipe dos astrólogos, deixou escrito que em nenhuma coisa haviam de crer a eles, nem a seus juízos que fazem dos nascimentos e fados dos homens.

171 Os *Problemata* são uma coleção de problemas escritos no formato pergunta-resposta cuja autoria aristotélica tem sido contestada. Na sua forma mais completa, adquirida entre o século III a.C. e o VI d.C., a obra é constituída por 900 problemas, reunidos gradualmente pela escola peripatética entre os séculos III a. C. e VI d. C.

172 *Ética a Eudem*, 1246b-1248b.

173 *Vita Plotini*, 15.

174 Na margem: Orígenes.

175 *Contra Celsum*, Livro VI, capítulo 80.

176 Eudoxo de Cnido (408 a.C.-355 a.C.) foi um matemático, astrónomo e filósofo grego. As suas obras (*Fenómenos* e *Espelhos*) perderam-se, mas o conteúdo da primeira serviu como fonte de inspiração do poeta Arato (315 a.C. - 240 a.C.) para compor um poema com o mesmo título (*Fenómenos*), o que terá permitido conservar as suas ideias sobre astronomia. Cícero refere-se-lhe no seu *De divinatione* (Liber alter, XLII): «ad Chaldaeorum monstra veniamus; de quibus Eudoxus, Platonis auditor in astrologia iudicio doctissimorum hominum facile princeps, sic opinatur, id quod scriptum reliquit, Chaldaeis in praedictione et in notatione cuiusque vitae ex natali die minime esse credendum.»

¶ Ho comentador avenrois grande philosopho e sabedor. nas cousas naturais sempre acusa: reprehende: e danna astrologia ho qual escrevendo sobre a methaphysica reprehende a opiniam dos astrologos: que fala das ymageens celestiaeas per que elle dizem as da terra a ellas semelhantes lhe serem subjectas. ho que elle diz ser causa fabulosa: per cuja falta: tirada ella e reprovada: se perde gram parte da astrologica seperstiçam. Ho que assy tambem faz expoendo os dizeres e cantares de avicena: onde confesssa em huña parte ser a astrologia contraira aa philosophia. E em outra diz serem falsas todas as regras e doutrinas astrológicas confessando esta arte ser nenhūa. E nos livros que fez contra algazel. as artificiosas ymageens em que cuydam os astrologos estar toda virtude do çeo~: afirma elle serem de nenhuum effecto.

**¶ Poem ho dicto de avicena e outros e juntamente profecias da escritura sagrada.**

Avicena grandissimo varam em toda disciplina em ho derradeiro livro de sua primeira philosophia: a que dizem methaphysica. nom saindo muyto da opiniam verdadeyra: prova per muitas razões nom poderem os astrologos saber antes (as futuras cousas) que venham. por onde se nom deve dar nenhūa fee a seus juyzos. E por nom fazer largo processo: nom ponho aqui anrrique de asia: e outros modernos muitos e excelentes que perseguindo esta vaã arte em paris. fizeram contra ella livros de grande autoridade. Porque culparemos estes em seu dizer e falar contra os astrologos. pois elles mesmos sam contra si: ho que nom he sem grande causa. porque seendo alguuns

O comentador Averróis<sup>177</sup>, grande filósofo e sabedor nas coisas naturais, sempre acusa, repreende e dana Astrologia. O qual, escrevendo sobre a *Metafísica*, repreende a opinião dos astrólogos que fala das imagens celestiais, porque eles dizem as da terra a elas semelhantes lhe serem sujeitas, o que ele diz ser coisa fabulosa. Por cuja falta, tirada ela e reprovada, se perde grã parte da astrológica superstição. O que assim também faz, expondo os dizeres e *Cantares de Avicena*<sup>178</sup>, onde confessa, numa parte, ser a Astrologia contrária à Filosofia. E noutra, diz serem falsas todas as regras e doutrinas astrológicas, confessando esta arte ser nenhuma. E nos livros que fez contra Algazel<sup>179</sup>, as artificiosas imagens em que cuidam os astrólogos estar toda virtude do céu afirma ele serem de nenhum efeito.

**Põe o dito de Avicena e outros, e juntamente profecias da Escritura Sagrada.** Avicena, grandíssimo varão em toda disciplina, no derradeiro livro de sua primeira filosofia, a que dizem *Metafísica*<sup>180</sup>, não saindo muito da opinião verdadeira, prova por muitas razões não poderem os astrólogos saber antes (as futuras coisas) que venham, por onde se não deve dar nenhuma fé a seus juízos. E por não fazer largo processo, não ponho aqui Henrique de Hesse e outros modernos muitos e excelentes que, perseguindo esta vã arte em Paris, fizeram contra ela livros de grande autoridade.

Porque culparemos estes em seu dizer e falar contra os astrólogos, pois eles mesmos são contra si? O que não é sem grande causa, porque, sendo alguns

177 Abu al-Walid Muhammad ibn Ahmad ibn Muhammad ibn Rushd (Córdova, 1126 – Marraquexe, 1198) foi um pensador que se debruçou sobre múltiplas matérias, incluindo filosofia, teologia, medicina, astronomia, física, jurisprudência, direito islâmico e linguística. De entre as suas obras destacam-se os trabalhos filosóficos, nos quais se incluem numerosos comentários sobre Aristóteles, motivo pelo qual Averróis ficou conhecido no Ocidente como “O Comentador”.

178 Averróis, *Commentarius in Avicennae Cantica*.

179 Averróis, *Destructio Destructionum Philosophiae Algazelis*.

Abū Ḥāmid al-Ġazālī é o autor da obra *Maqāṣid al-falāṣifa* (*Os Objetivos dos filósofos*), uma enciclopédia filosófica árabe que cobre de forma sintética, mas abrangente e convincente, as três principais ciências filosóficas da tradição aristotélica, ou seja, lógica, metafísica e física.

180 Avicena, *Metafísica*, X, 1: «Unde astrologus iste actor iudiciorum, quoniam positiones eius primæ et propositiones eius non innituntur demonstrationi, sed aliquando innituntur experimento vel prophetiæ, et aliquando utitur argumentationibus poeticis vel rhetoriciis in sua probatione, ideo non confidit nisi in signis unius generis ex causis eorum quæ fiunt, et hæc sunt ea quæsunt in cælo, eo quod promittat se comprehendere omnes dispositiones, quæ sunt in cælo». Avicenna, *Metafísica*, Milano: Bompiani, 2002, p. 1008-1009.

astrologos exercitados nos movimentos celestiaes. e avendo por isso grande proveito e onrra temporal. nom deviam dizer mal della. senam por sua grande falsidade. E por esta razam movido eudoxio de quem já dixemos porque era grandissimo mathematico. sabendo a verdade deixou escripto que nom creessemos nunca aos astrologos. Casandro e archelao sendo excelentes na verda-deyra astrologia: (diz puncio delles) que nunca usaram a arte de lançar juyzos pera saber as cousas que ham de vijr. E hoychilax alicarnaseu: muy douto em toda mathematica. sempre reprehendeo este genero de adivinhar por estrellas. Outros muitos modernos pudera contar que fizeram muito em nosso caso. mas com outras pessoas de mayor auctoridade. que sam muitos catholicos doutores e sanctissimos: sera bem que autorizemos e provemos nosso proposito.

¶ E lançando pera isto os olhos do pensamento e vontade na liçam da escriptura sagrada.<sup>76</sup>achei alem das autoridades açima postas que desfazia deos este poder e astrologicos juyzos per ysaias. o qual revelando aos de babilonia (que muito extimavam e onrravam feiticerias. encantamentos e ho adivinhar per estrellas) ho excidio e destruyçam que muitos annos despois avia de ser feito nelles per cyro rey de persia. dizia.<sup>77</sup> muitos males viram sobre ty (o babilonia) por ha multidam de teus maleficios. e por a gram dureza de teos encantadores:

76 Na margem: *Prophetas*.

77 Na margem: *ca. xlviij.*

astrólogos exercitados nos movimentos celestiais e havendo por isso grande proveito e honra temporal, não deviam dizer mal dela, senão por sua grande falsidade. E por esta razão, movido Eudóxio, de quem já dissemos, porque era grandíssimo matemático sabendo a verdade, deixou escrito que não crêssemos nunca aos astrólogos. Cassandro<sup>181</sup> e Arquelau<sup>182</sup>, sendo excelentes na verdadeira Astrologia, diz Pâncio<sup>183</sup> deles que nunca usaram a arte de lançar juízos para saber as coisas que hão de vir. E Cilax de Halicarnasso, mui douto em toda matemática, sempre repreendeu este género de adivinhar por estrelas.

Outros muitos modernos pudera contar que fizeram muito em nosso caso, mas com outras pessoas de maior autoridade, que são muitos católicos doutores e santíssimos, será bem que autorizemos e provemos nosso propósito.

E lançando para isto os olhos do pensamento e vontade na lição da Escritura Sagrada<sup>184</sup>,achei, além das autoridades acima postas, que desfazia Deus este poder e astrológicos juízos por Isaías, o qual, revelando aos de Babilónia (que muito estimavam e honravam feitiçarias, encantamentos e o adivinhar por estrelas) o excídio e destruição<sup>185</sup> que muitos anos depois havia de ser feito neles por Ciro, rei de Pérsia, dizia<sup>186</sup>: «Muitos males virão sobre ti, ó Babilónia, pela multidão de teus malefícios e pela grã dureza de teus encantadores.

181 Não nos foi possível identificar este Cassandro, que teria sido um excelente astrólogo. António de Beja toma este nome e o seguinte (Arquelau) da obra de Pico (*Disputationes*, in Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 417) que está a traduzir aqui, o qual os poderá, por sua vez, ter colhido em Cícero, *De divinatione*, Liber alter, XLIII: «Nominat etiam Panaetius, qui unus e Stoicis astrologorum praedicta reiecit, Anchialum et Cassandrum, summos astrologos illius aetatis, qua erat ipse, cum in ceteris astrologiae partibus excellerent, hoc praedictionis genere non usos. Scylax Halicarnassius, familiaris Panaeti, excellens in astrologia idemque in regenda sua civitate princeps, totum hoc Chaldaicum praedicendi genus repudiavit.»

182 Arquelau de Atenas (século V a.C.) foi um filósofo da Grécia Antiga, discípulo de Anaxágoras, que terá sido, de acordo com a tradição, mestre de Sócrates.

183 Panécio de Rodes (185 a.C.– c. 11 a.C.) foi um filósofo estoico, discípulo de Diógenes da Babilónia e de Antípatro de Tarso antes de viajar para Roma, onde foi influente na introdução das doutrinas estoicas.

184 Na margem: Profetas.

185 A palavra *excídio* tem o sentido de *dissolução*. Como regista Frei Domingos Vieira no *Grande Diccionario Portuguez* (Porto: Ernesto Chardron e Bartholomeu de Moraes, 1873, vol. III, p. 493), o lexema utilizado por António de Beja («excídio e destruição») aplicado a uma cidade significa uma «matança geral».

186 Na margem: ca. XLVII.

António de Beja parafraseia, neste passo, o cântico de triunfo acerca da queda de Babilónia, em particular os versículos 9-14:

tiveste fiuza nesta maldade cuidando ser per elles livre: certo esta tua falsa sciencia te enganou. ca vira sobre ty mal e nom saberas seu nascimento: nem donde te vem. e cairaa sobre ty miseria e desaventura sem lhe poderes resistir: staa staa: no ajuntamento de teus encantadores e ajuntate com a multidam de teus maleficos (que sam aquellos que usem de invocacões diabolicas) com quem des a tua mininice viveste. e vee se te podem aproveitar e se te faram mais forte. E se estes te nom poderam valer. salvente (*augures*) .s. os astrologos. e. a grossa: os quaes conteemplavam as estrellas. e contavam os meses por que te declarasem per ellas o que te avia de vijr e acontecer. Certo diz ho texto em fim: a ty nom ay que te salve e estes falsos seram feytos como palha a quem ho fogo .s. infernal queymara. Oulhem os christaos com limpo coraçam esta autoridade. e acharam os males que merecemos por creermos os feyticeyros e assy tambem veremos quam pouco podem saber os astrologos per seus juyzos. Primeiro diz que babilonia enganada per esta sciencia e outras vaidades que nella usavam mereceo com muitos males ser destruyda. quem negara (excelentissima senhora) que alem das muitas e particulares offensas que cada dia cometemos contra deos seja tambem esta .s. a fee que neste reino se da a muitos feyticeyros e astrologos. Causa por onde mereçamos castigos de peste e outros mayores açoutes que cada dia da maão de deos recebemos: e isto porque esta sciencia .s. a muita autoridade que lhe damos nos engana.

Tiveste fiúza nesta maldade cuidando ser por eles livre; certo, esta tua falsa ciência te enganou, ca virá sobre ti mal, e não saberás seu nascimento, nem donde te vem, e cairá sobre ti miséria e desaventura sem lhe poderes resistir. Está, está no ajuntamento de teus encantadores e ajunta-te com a multidão de teus maléficos – que são aqueles que usem de invocações diabólicas – com quem desde a tua meninice viveste, e vê se te podem aproveitar e se te farão mais forte! E, se estes te não poderão valer, salvem-te *augures* – a saber, os astrólogos e a grossa<sup>187</sup> – os quais contemplavam as estrelas e contavam os meses, por que te declarassem por elas o que te havia de vir e acontecer.» Certo, diz o texto em fim: «A ti não há que te salve, e estes falsos serão feitos como palha a quem o fogo – a saber, infernal – queimarão.»

Olhem os cristãos com limpo coração esta autoridade, e acharão os males que merecemos por crermos os feiticeiros e assim também veremos quão pouco podem saber os astrólogos por seus juízos. Primeiro, diz que Babilónia, enganada por esta ciência e outras vaidades que nela usavam, mereceu com muitos males ser destruída. Quem negará, excellentíssima senhora, que, além das muitas e particulares ofensas que cada dia cometemos contra Deus, seja também esta, a saber, a fé que neste reino se dá a muitos feiticeiros e astrólogos, causa por onde mereçamos castigos de peste e outros maiores açoites que cada dia da mão de Deus recebemos? E isto, porque esta ciência, a saber, a muita autoridade que lhe damos, nos engana.

«Venient tibi duo hæc subito in die una, sterilitas et viduitas; universa venerunt super te, propter multitudinem maleficorum tuorum, et propter duritiam incantatorum tuorum vehementem.

Et fiduciam habuisti in malitia tua, et dixisti: Non est qui videat me. Sapientia tua et scientia tua hæc decepit te. Et dixisti in corde tuo: Ego sum, et praeter me non est altera.

Veniet super te malum, et nescies ortum ejus; et irruet super te calamitas quam non poteris expiare ; veniet super te repente miseria quam nescies.

Sta cum incantatoribus tuis et cum multitudine maleficorum tuorum, in quibus laborasti ab adolescentia tua, si forte quod prospicit tibi, aut si possis fieri fortior.

Defecisti in multitudine consiliorum tuorum. Stent, et salvent te augures cæli, qui contemplabant sidera, et supputabant menses, ut ex eis annuntiarent ventura tibi.

Ecce facta sunt quasi stipula, ignis combussit eos; non liberabunt animam suam de manu flammæ ; non sunt prunæ quibus calefiant, nec focus ut sedeant ad eum.

Sic facta sunt tibi in quibuscumque laboraveras: negotiatores tui ab adolescentia tua, unusquisque in via sua erraverunt; non est qui salvet te.»

187 O termo *grossa* não é aqui utilizado com o sentido preciso que hoje tem (doze dúzias), mas como sinónimo de *multidão*, referindo-se à “multidão de teus maléficos” (*multitudinem maleficorum tuorum*, nas palavras citadas na nota anterior).

E por que nos nom pareca que elles podem julgar algúia cousa das que ham de vijr por suas estrellas e saber diz: viraas em ti mal cujo nascimento nom saberas. quer dizer. que nem mars nem a estrella fria de saturno ho podera significar: e portanto querendo deos que destes nos apartassemos dizia per moyses os gentios ouvem (*augures*) que sam os astrologos e adivinhos. mas tu pera outra cousa es ordenado do senhor teu deos: onde he de notar .2. pico. li. primeyro que em lugar desta palavra que diz em latim. *augures*. .s. agoyreiros em hebraico esta mehonem. per quem achimas grande rabi dos judeus diz que sam entendidos aquelles que contam os tempos e dizem aver boñas e maas horas/ e dirivase esta diçam de outra hebrayca .s. hona. em cujo lugar meu padre hieronimo em sua trasladaçam pos augures. per quem sam entendidos os astrologos. e asiy húa grossa expoendo aquella autoridade de ysaias. ca. 47. que pouco ha alegamos. naquelle parte salvente os agoyreiros diz. que por esta palavra augures se entendem os astrologos que cuidam todas as couzas ser regidas por estrellas. e nom sem causa dizem isto. porque este nome astrologo nom se acha expreso na sagrada .escriptura. mas segundo a diversidade dos tempos tomou esta supersticiosa arte e seus seguidores diversos nomes/ antigamente se chamavam chaldeus e gethealiticos: e no tempo de santo augustinho. se diziam mathematicos. e planetarios: agora em toda a parte os nomeam por este nome astrologos: e em lugar daquelle palavra que meu padre hieronomo: pos adivinadores. staa em hebraico chefem. De quem diz avenazrra asthrologo: que e palavra comuum a todos adivinhadores. mas propriamente falando he nome de astrologos. querendo logo moyses que nom deessemos fee aos juyzos destes diz hem na alegada autoridade os gentios ouvem os agoyreiros e adivinhadores

E por que nos não pareça que eles podem julgar alguma coisa das que hão de vir por suas estrelas e saber, diz: «Virá em ti mal cujo nascimento não saberás». Quer dizer que nem *Mars*, nem a estrela fria de *Saturno*, o poderá significar e, portanto, querendo Deus que destes nos apartássemos, dizia por Moisés: «Os gentios ouvem *augures* – que são os astrólogos e adivinhos –, mas tu para outra coisa és ordenado do senhor teu Deus». Onde é de notar, segundo Pico (livro primeiro)<sup>188</sup> que, em lugar desta palavra que diz, em latim, *augures*, a saber “agoireiros”, – em hebraico está *mehonem*, por quem Achimas, grande rabi dos judeus, diz que são entendidos aqueles que contam os tempos e dizem haver boas e más horas. E deriva-se esta dicção de outra hebraica, a saber, *hona*, em cujo lugar meu padre Jerónimo, em sua trasladação, pôs *augures*, por quem são entendidos os astrólogos e assim uma grossa, expondo aquela autoridade de Isaías, capítulo 47, que pouco há alegamos, naquela parte «salvem-te os agoireiros», diz que por esta palavra *augures* se entendem os astrólogos que cuidam todas as coisas ser regidas por estrelas.

E não sem causa dizem isto, porque este nome “astrólogo” não se acha expresso na Sagrada Escritura, mas, segundo a diversidade dos tempos, tomou esta supersticiosa arte e seus seguidores diversos nomes. Antigamente se chamavam “caldeus” e “genetíacos”, e no tempo de santo Agostinho se diziam “matemáticos” e “planetários”. Agora, em toda a parte os nomeiam por este nome “astrólogos”, e em lugar daquela palavra que meu padre Jerónimo pôs “adivinhadores”, está em hebraico *chefem*, de quem diz Avenazra, astrólogo, que é palavra comum a todos adivinhadores, mas propriamente falando é nome de astrólogos. Querendo, logo, Moisés que não déssemos fé aos juízos destes, diz na alegada autoridade: «Os gentios ouvem os agoireiros e adivinhadores,

188 António de Beja insere, no final deste capítulo, a tradução de um trecho em que Pico della Mirandola faz uma investigação filológica em torno da palavra *augures*: «Sed redeamus ad testimonia prophetarum. Deus per Mosen ita loquitur nobis: "Gentes augures et divinos audiunt: tu autem a Domino Deo aliter es institutus". Pro eo autem, quod nos legimus augures, in hebraeo est mehonem, per quos Achinnas, maximus doctor Hebraeorum, eos ait intelligi, qui tempora supputant et felices horas ac infelices observant (derivatur enim dictio illa ab hona, quod horam significant); Hieronymus augures transtulit; sed et apud Esaiam astrologos augures vidimus nuncupari. Neque enim nomen astrologorum usquam in sacris litteris; nam et ipsa habet varias locutiones, et varias variis temporibus superstitione ista appellations sortita est; olim enim Chaldae et genethliaci; Augustini temporibus, mathematici et planetarii; nunc astrologi passim vocitantur. Quod autem Hieronymus, et eo loco et alibi, plerumque transtulit divinos, in hebraeo est chesem, quod Avenazra ipse, quamquam astrologus, ait, hoc est quidem commune omnibus divinantibus, sed proprium magis nomen astrologorum Hieremiac illud quis ignorat?». Pico della Mirandola, *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 425.

mas tu (o christaão) pera outra cousa es ordenado do teu deos. porque sera logo inclinado ho christaão. nem porque folga de saber estes juyzos astrologicos pois he cousa tam deffesa por deos.

**¶ Põe ditos de sanctos doutores.**

Juntamente com estas auctoridades hay muitos doutores sanctos que reprovam toda arte de julgar per estrellas. onde santo augustinho. em ho quinto livro da cidade de deos per huum exemplo de douz yrmãos que nascem juntos tira: dos astrologos todo poder de saberem por estrellas o que ha de vijr e no livro do enchiridiom diz que he grande pecado. ho oulhar os tempos e cuidar que huuns dias sam melhores ou piores que outros e fazendo ella dano haa religiam christaã e aos boons custumes. ha reprovaram os santos em toda parte. e a tinham por vaã. onde augustinho. em o livro *da doutrina christaã* dezia que os astrologos a quem em seu tempo chamavam gethealiticos: pertencem a maa supersticam porque cuidam: assy nossas obras: como os acontecimentos das couisas. proceder e vijr das estrellas. E no livro das confissoões falando tambem destes que em seu tempo per outro nome eram chamados planetarios: diz que sam aquelles que a religiam christaã e verdadeyra piedade lança de si e condena: e expoendo aquelle

mas tu – ó cristão – para outra coisa és ordenado do teu Deus», por que será logo inclinado o cristão, nem porque folga de saber estes juízos astrológicos, pois é coisa tão defesa por Deus.

### Põe ditos de santos doutores.

Juntamente com estas autoridades, há muitos doutores santos que reprovam toda arte de julgar por estrelas. Onde santo Agostinho<sup>189</sup>, no quinto livro da *Cidade de Deus*<sup>190</sup>, por um exemplo de dois irmãos que nascem juntos, tira dos astrólogos todo poder de saberem por estrelas o que há de vir; e no livro do *Enchiridion* diz que é grande pecado o olhar os tempos e cuidar que uns dias são melhores ou piores que outros<sup>191</sup>. E fazendo ela dano à religião cristã e aos bons costumes, a reprovaram os santos em toda parte e a tinham por vã. Onde Agostinho, no livro *Da doutrina cristã*, dizia que os astrólogos, a quem em seu tempo chamavam “genéticos”, pertencem a má superstição, porque cuidam assim nossas obras como os acontecimentos das coisas proceder e vir das estrelas<sup>192</sup>. E no livro das *Confissões*, falando também destes que em seu tempo por outro nome eram chamados “planetários”, diz que são aqueles que a religião cristã e verdadeira piedade lança de si e condena<sup>193</sup>. E expondo aquele

189 Neste capítulo, António de Beja aproveita amplamente a argumentação de Pico della Mirandola no Livro I das *Disputationes*. Depois duma primeira referência ao *De civitate dei* que não se encontra na obra do Conde de Concordia, o nosso autor traduz as restantes referências a S. Agostinho, assim como as que remetem para S. Basílio, S. Ambrósio, S. Jerónimo e Severiano.

190 *De geminis disparis sexus*. Cf. Santo Agostinho, cap. VI (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 41, 146).

191 Santo Agostinho, *Enchiridion de Fide, Spe et Charitate liber unus*, cap. LXXIX (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 40, 270): «Aut quis aestimaret quam magnum peccatum sit dies observare et menses et annos et tempora, sicut observant qui certis diebus sive mensibus sive annis volunt vel nolunt aliquid inchoare, eo quod secundum vanas doctrinas hominum fausta vel infesta existiment tempora, nisi huius mali magnitudinem ex timore Apostoli pensaremus, qui talibus ait: Timeo vos, ne forte sine causa laboraverim in vobis?»

192 Santo Agostinho, *De Doctrina Christiana*. Liber secundus, 21 (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 34, 51): «Neque illi ab hoc genere perniciose superstitionis segregandi sunt qui genethliaci propter natalium dierum considerationes, nunc autem vulgo mathematici vocantur. Nam et ipsi, quamvis veram stellarum positionem cum quisque nascitur consequentur, et aliquando etiam pervestigent, tamen quod inde conantur vel actiones nostras vel actionum eventa praedicere, nimis errant et vendunt imperitis hominibus miserabilem servitutem».

193 Santo Agostinho, *Confessionum*, Liber Quartus, cap. III (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 32, 694): «Ideoque illos planos, quos mathematicos vocant, plane consulere non desistebam, quod quasi nullum eis esset sacrificium et nullae preces ad aliquem spiritum ob divinationem dirigerentur. Quod tamen christiana et vera pietas consequenter repellit et damnat».

passo do genesi em que no primeyro capitulo se conta que foram postas as estrellas no ceeo em sinal. diz que se nom posseram em sinal de sorte que ho estes tomam. ca asi he sinal de vaydade. mas entendese diz augustinho que foram postas por sinal. Necessario ao uso da vida humana. per que os marinheiros se regesem como fazem por ho norte. e os lavradores oulhassem pera fazerem diferença per ellas dos quatro tempos do anno a elles necessarios. E basilio. dos que estudam esta arte disse que se exercitavam em muy vāa occupaçam. E ambrosio diz esta ser sem proveito: e imposivel de saber. Sam chrisostomo diz: que he falsa e pera rijk: e destes temos tantos que ha reprehendem e culpam. que se maravilha sancto augustinho como pode aver hi astrologos. pois de tantos christãos e pagaños sam reprehendidos. E este mesmo augustinho pregando publicamente ao poovo sobre ho psalmo. 63. mostrou em publico hum mathematico que fizera penitencia. nom em menos maneira que se fora algum judeu ou gentio que novamente se baptizara. e falando sobre sam joham reprehende livremente nossa desastinada ousadia dizendo que himos livres a nos aconselhar com os astrologos e saymos servos. e comprando delles mintiras: poemos nossas liberdades em suas maãos. E no livro da natura dos demonios: expressamente diz a nenhum ser licito despois da vinda de christo usar das estrellas pera saber per ellas da nacença ou geraçam dalgūa pessoa. e assy ho diz tambem hum decreto. e meu padre hieronimo diz: que dos doestos e males de egipto .s. das reliquias de sua ydolatria ficou esta maneira de buscar ho curso das estrellas. e querer saber per ellas os acontecimentos e cousas que sam por vijr. E severiano em huum livro que fez *das sete artes*: despois de aver dito da verdadeira astrologia

passo do *Génesis* em que, no primeiro capítulo, se conta que foram postas as estrelas no céu em sinal, diz que se não puseram em sinal de sorte, que o estes tomam, ca assim é sinal de vaidade; mas entende-se, diz Agostinho, que foram postas por sinal necessário ao uso da vida humana, por que os marinheiros se regessem, como fazem pelo norte, e os lavradores olhassem para fazerem diferença por elas dos quatro tempos do ano a eles necessários<sup>194</sup>.

E Basílio, dos que estudam esta arte disse que se exercitavam em mui vã ocupação. E Ambrósio diz esta ser sem proveito e impossível de saber. São Crisóstomo diz que é falsa e para rir. E destes temos tantos que a repreendem e culpam, que se maravilha santo Agostinho como pode haver aí astrólogos, pois de tantos cristãos e pagãos são repreendidos.

E este mesmo Agostinho, pregando publicamente ao povo sobre o salmo 63, mostrou em público um matemático que fizera penitência, não em menos maneira que se fora algum judeu ou gentio que novamente se batizara. E falando sobre são João, repreende livremente nossa desaustinada ousadia dizendo que imos livres a nos aconselhar com os astrólogos e saímos servos, e comprando deles mentiras, pomos nossas liberdades em suas mãos. E no livro *Da natura dos demónios*, expressamente diz a nenhum ser lícito, depois da vinda de Cristo, usar das estrelas para saber por elas da nascença ou geração dalguma pessoa, e assim o diz também um decreto.

E meu padre Jerónimo diz que dos doestos e males de Egito, a saber, das relíquias de sua idolatria, ficou esta maneira de buscar o curso das estrelas e querer saber por elas os acontecimentos e coisas que são por vir. E Severiano, num livro que fez *Das sete artes*<sup>195</sup>, depois de haver dito da verdadeira Astrologia,

194 Santo Agostinho, *De genesi ad litteram libri duodecim*, Liber Secundus, cap. XIV (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 34, 275): «Quis in tantum secretum facile irrumpat, et quae signa dicat, cum dicit de sideribus: Et sint in signa? Neque enim illa dicit quae observare vanitatis est; sed utique utilia, et huius vitae usibus necessaria, quae vel nautae observant in gubernando, vel omnes homines ad praevidentias aeris qualitates per aestatem et hiemem, et autumnalem vernalemque temperiem.»

195 Note-se que António de Beja toma como certa a informação de Pico, segundo o qual Roger Bacon estaria errado quando atribuía o tratado *De artibus* a Cassiodoro («Severianus in libro de septem artibus, quem falso quasi Cassiodori citat Rogerius, postquam de vera dixit astronomia: "Tum ea, inquit, quae attinent ad praevienda futura, ita debere nesciri, ut nec scripta esse videantur; sunt enim fidei nostra sine dubitatione contraria". In *Opera omnia*, Basileae: Henricum Petri, 1557, p. 426), razão por que indica, aqui, Severiano como o seu autor. Cf. Cassiodorus, *De artibus ac disciplinis liberalium litterarum*, Caput Septimum: De Astronomia (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 70, 1218): «Cætera vero, quae se ad cognitionem siderum conjungunt, id est ad notitiam fatorum, fidei nostrae sine dubitatione contraria sunt, et sic ignorari debent, ut nec scripta esse videantur».

vindo a parte falsa diz que a parte astrologica de que alguns usam pera saber cousas futuras. assi se deve de esquecer como que nunca fosse escripta. E se pera renunciar e deitar esta falsa arte nom somos movidos per sentença de tam excelentes varões. ajamos medo da pontifical e papal autoridade que em tanto a defende que achamos nas decretaes.<sup>78</sup> que ho papa alexandre terceiro deu por penitencia a hum sacerdote que nom consagrasse nem disse[sse] missa huum anno. porque foy oulhar hum astrolabio pera por elle saber. quem lhe fizera hum furto. E no concilio de martino papa: achamos escripto<sup>79</sup> que os verdadeiros christaños nom ham de guardar os cursos da lūa e estrellas. nem outro qualquer vão engano de signos: quando querem fazer casa semear: plantar arvores ou casar. E gregorius junior em hum decreto seu divulgou:<sup>80</sup> sub noie auruspicum. os astrologos por anethemas e escomungados. e mais se determinou em hum concilio toletano:<sup>81</sup> que se ho dado a esta arte for sacerdote ou diacono seja metido perpetuamente em hum moesteiro por que pague alli as penas dividas por tanta maldade/ acustumam diz augu[stinho] (in li. de natura demonum) os nossos per este nome auruspices entender e sigificar aquelles que pera fazer qualquer obra ou negocio buscam tempos: dias e oras pareçendolhe que tem algum vigor e asi he reprehendida aquela parte dastrologia. per esta palavra de augu[res]. que pertence aas eleções das oras e tempos. Qual dos christaños sera christianissima senhora que queira crer: seguyr: aprovar: defender: esta falsa arte de astrologia: tam prohibida por ha ley: tam danada dos prophetas: e tam escarnecidada dos sanctos papas: e sagrados consilios: de verdade eu nom sey quem tem tanta ousadia: E se a estes nom poem medo ho temor de deos:

78 Na margem: *ca. ex tuarum: de sortilegis.*

79 Na margem: *In decre. xxvj. q. v. co. non licet christianis.*

80 Na margem: *xxvj. q. v. capi. si quis ariolos.*

81 Na margem: *xxvj. q. v. capi. si quis episcopus.*

vindo à parte falsa, diz que a parte astrológica de que alguns usam para saber coisas futuras assim se deve de esquecer como que nunca fosse escrita.

E se para renunciar e deitar esta falsa arte não somos movidos por sentença de tão excelentes varões, hajamos medo da pontifical e papal autoridade que em tanto a defende, que achamos nas decretais<sup>196</sup> que o papa Alexandre terceiro deu por penitência a um sacerdote que não consagrasse nem dissesse missa um ano, porque foi olhar um astrolábio para por ele saber quem lhe fizera um furto. E no concílio de Martinho papa, achamos escrito<sup>197</sup> que os verdadeiros cristãos não hão de guardar os cursos da Lua e estrelas, nem outro qualquer vão engano de signos, quando querem fazer casa, semear, plantar árvores ou casar. E Gregório júnior, num decreto seu, divulgou<sup>198</sup>, *sub noie auruspicum*, os astrólogos por anátemas e excomungados. E mais se determinou num concílio toletano<sup>199</sup> que, se o dado a esta arte for sacerdote ou diácono, seja metido perpetuamente num mosteiro, por que pague ali as penas devidas por tanta maldade.

Costumam, diz Agostinho (*in liber De natura demonum*)<sup>200</sup>, os nossos por este nome *auruspices* entender e significar aqueles que, para fazer qualquer obra ou negócio, buscam tempos, dias e horas, parecendo-lhe que têm algum vigor; e assim é repreendida aquela parte da Astrologia por esta palavra de *augures*, que pertence às eleições das horas e tempos.

Qual dos cristãos será, cristianíssima senhora, que queira crer, seguir, aprovar, defender esta falsa arte de Astrologia, tão proibida pela lei, tão danada dos profetas e tão escarnecidada dos santos papas e sagrados concílios? De verdade, eu não sei quem tem tanta ousadia! E se a estes não põe medo o temor de Deus,

196 Na margem: ca. ex tuarum: de sortilegis.

197 Na margem: In decre. xxvj. q. v. co. non licet christianis.

No *Decretum Gratiani*, Causa XXVI, quaestio V, cap. V: «Item ex Concilio Tolletano IV, c. 30. Si quis episcopus, aut presbiter, siue diaconus, uel quilibet de ordinibus clericorum aruspices, aut incantatores, aut ariolos, aut certe augures uel sortilegos, uel qui profitentur artem magicam, aut aliquos eorum similia exercentes consuluisse fuerit deprehensus, ab honore dignitatis suaue suspensus monasterii curam excipiat, ibique penitenciae perpetuae deditus scelus admissum sacrilegii soluat».

198 Na margem: xxvj. q. v. capi. si quis ariolos.

199 Na margem: xxvj. q. v. capi. si quis episcopus.

Apesar de estar a traduzir o texto de Pico, António de Beja oferece as referências bibliográficas relativas aos documentos conciliares, que estão ausentes na obra de que se serviu como fonte.

200 Santo Agostinho, *De divinatione daemonum*, Liber unus, cap. VI (in Migne, *Patrologia Latina*, vol. 40, 586-587).

temam ao menos as leis civis e penas humanas. quero dizer os preceptos e juizos dos prudentes emperadores. Cuya entençam e fim em todas suas ordenações foy fazerem cousas proveytoosas aa comum vida e estado dos homens. A qual sendo pera isto ajudada com bôas artes: e perturbada por as maas: estudaaram com gram diligencia. que as bôas com muita avondança se lessem nas cidades. e as maas sempre fossem lançadas das virtuosas companhias. E por que esta ley milhor se comprise: aas bôas artes ordenaram grandes premios: e onrras. e aas maas artes prometeram tanto mais graves penas: quanto ellas podiam mais empençer: E falando antre as outras desta falsa astrologia: o que sobre ella determinaaram he magnifesto: a todos quantos leem as leys de Justiniano emperador.<sup>82</sup> em que por tam abominavel se veda a arte de astrologia que emtam chamavam mathematica: que mandava ho emperador que nenhum se aconselhase com elles: e que a coriosidade de julgar por estrellas. se calase pera sempre. E se algum porventura: fosse delles tomar conselho: caise em pena de perder por este caso a vida. E assi mandava que lhe cortasem a este a cabeça. a qual cousa certo nom he de presumir que ordenasse hum tam sabio emperador: usando do saber de tantos sabios. e de tam virtuosas leys. se nam soubera por certa experienzia. ser esta sciencia nom soomente em nada proveytesa per a vida humana. Mas muyto dannosa se antre hos homens se exercitase. E assi lemos deste felicissimo Justi[ni]ano que em tanta maneira avorrecia este genero e condiçam de homens. que achandose algum mathematico em sua companhia: logo era posto em hum paaõ e com graves penas castigado: e nom soomente se contentou disto: mas disse que eram de huña mesma culpa: assi os que aprendiam como os que ensinavam esta arte. E antes de Justi[ni]ano lemos muitas vezes serem estes mathematicos lançados de roma. Todas estas cousas dixe: por que soubessemos que sendo achada esta sciencia de astrologia pera que usandoa. naquelle parte que ensina conhecer os movimentos do çeo: tivesse nosso entendimento exercicio de se ocupar. Foy despois tanta ha maliciosa cobiça dos homens: que nom contente daquelle exercicio. achou ho falso julgar tam vão e tam incerto. quanto estes doutores dizem. e nos cada dia experimentamos. Nom creamos logo o que nos dixerem os

82 Na margem: *ut codi. de male fac. et math. C. nulus. l. nemo. l. culpa.*

temam ao menos as leis civis e penas humanas, quero dizer, os preceitos e juízos dos prudentes imperadores, cuja intenção e fim em todas suas ordenações foi fazerem coisas proveitosas à comum vida e estado dos homens. A qual, sendo para isto ajudada com boas artes e perturbada pelas más, estudaram com grã diligência que as boas com muita avondança se lessem nas cidades, e as más sempre fossem lançadas das virtuosas companhias. E por que esta lei melhor se cumprisse, às boas artes ordenaram grandes prémios e honras; e às más artes prometeram tanto mais graves penas, quanto elas podiam mais empecer. E falando, entre as outras, desta falsa Astrologia, o que sobre ela determinaram é manifesto a todos quantos leem as leis de Justiniano imperador<sup>201</sup>, em que, por tão abominável, se veda a arte de Astrologia, que então chamavam Matemática, que mandava o imperador que nenhum se aconselhasse com eles e que a curiosidade de julgar por estrelas se calasse para sempre. E se algum, porventura, fosse deles tomar conselho, caísse em pena de perder por este caso a vida. E assi mandava que lhe cortassem a este a cabeça, a qual coisa certo não é de presumir que ordenasse um tão sábio imperador, usando do saber de tantos sábios e de tão virtuosas leis, se não soubera, por certa experiência, ser esta ciéncia não somente em nada proveitosa para a vida humana, mas muito danosa, se entre os homens se exercitasse.

E assim, lemos deste felicíssimo Justiniano que em tanta maneira aborrencia este género e condição de homens, que, achando-se algum matemático em sua companhia, logo era posto num pau e com graves penas castigado. E não somente se contentou disto, mas disse que eram de uma mesma culpa assim os que aprendiam, como os que ensinavam esta arte. E antes de Justiniano, lemos muitas vezes serem estes matemáticos lançados de Roma.

Todas estas coisas disse, por que soubéssemos que, sendo achada esta ciéncia de Astrologia para que, usando-a naquela parte que ensina conhecer os movimentos do céu, tivesse nosso entendimento exercício de se ocupar. Foi, depois, tanta a maliciosa cobiça dos homens, que, não contente daquele exercício, achou o falso julgar, tão vão e tão incerto, quanto estes doutores dizem e nós cada dia experimentamos. Não creiamos, logo, o que nos disserem os

201 Na margem: ut codi. de male fac. et math. C. nulus. l. nemo. l. culpa.

*Codex Iustinianus*, (ed. Paulus Krueger, Berolini, 1906) Liber nonus, XVIII, p. 380: «Nemo haruspicem consulat aut mathematicum, nemo hariolum, augurum et vatum prava confessio conticescat. Chaldae ac magi et ceteri, quos maleficos ob facinorum magnitudinem vulgus appellat, nec ad hanc partem aliquid moliantur, sileat omnibus perpetuo divinandi curiositas, etenim supplicium capitis feret gladio ultore prostratus, quicumque iussis obsequium denegaverit».

astrologos per seus juyzos tam incertos e defesos e como verdadeiros cristãos: soomente crendo e confessando ho poder de deos em cuya fee nos salvamos. oulhando quam falsos foram sempre seus juyzos pasados. Nom demos fee a este em que dizem que ha de ser diluvio no anno de .24. mas esperemos muitas bonanças espirituas: que nos daraa deos se as mereçermos. neste mundo por graça e no outro por gloria. Amem.

### ¶ Epilogo do autor.

Movido somente com zelo fructifero e saudavel: ha saude dos fieis (serenissima senhora) fiz este breve tractado: que tem duas cousas: ha primeyra, Mostra como nom seraas ho diluvio que pregam e dizem aver de vijr no anno de .24. A segunda por evitar alguuns erros e males que se exercitam nos christãos. escrivi (conforme: aos dictos e autoridades dos doutores em ha segunda parte alegados) alguñas cousas em desfazimento e reprehemsam: da parte Astrologyca: e Judiciaryaria. per que muitos: nom prudentes: dizem cousas tristes e espantosas. ¶Nom he minha entençam escandalizar algua pessoa em particular: mas mostrar ha verdade: que ho dizer e autoridades de tantos doutores. e sanctos como nesta aleguey me ensinaaram. E se algum alumiado per graça divinal achar neste caso: doutrinas mais saudaveis. publiqueas. porque minha entençam foy. como dixe: espertar os que mais sabem: sub quorum corectione. in omnibus me submitto. e se nesta pequena obra. aliquid boni invenerint, dee graças a deos dador dos beens. sin autem: quod malum fuerit. atribuiase a mym a quem ho senhor deos nom foy servido mais comunicar. E se algum nom quiser crer esta verdade. viva sempre em seu erro. porque eu nom sou mais obrigado que magnifestar e dizer o que acerca de tam excelentes doutores achey escrito. E a quem ysto nom satisfizer. contentesse com huum dito de meu padre sam Hieronimo., que escrevendo das pessoas a quem nenhuum bom dizer contenta. diz: quibus non suficit: purissimi fontis undam potare scenosos rivos bibant. Quem nom quiser beber agoa crara: beba a chea de lama.

astrólogos por seus juízos tão incertos e defesos, e como verdadeiros cristãos, somente crendo e confessando o poder de Deus em cuja fé nos salvamos, olhando quão falsos foram sempre seus juízos passados, não demos fé a este em que dizem que há de ser dilúvio no ano de 24, mas esperemos muitas bonanças espirituais, que nos dará Deus se as merecermos, neste mundo por graça e no outro por glória. Amém.

### **Epílogo do autor.**

Movido somente com zelo frutífero e saudável à saúde dos fiéis, sereníssima senhora, fiz este breve tratado, que tem duas coisas: a primeira mostra como não será o dilúvio que pregam e dizem haver de vir no ano de 24; a segunda por evitar alguns erros e males que se exercitam nos cristãos escrevi (conforme aos ditos e autoridades dos doutores na segunda parte alegados) algumas coisas em desfazimento e repreensão da parte astrológica e judiciária por que muitos, não prudentes, dizem coisas tristes e espantosas.

Não é minha intenção escandalizar alguma pessoa em particular, mas mostrar a verdade que o dizer e autoridades de tantos doutores e santos como nesta aleguei me ensinaram. E se algum alumiado por graça divinal achar neste caso doutrinas mais saudáveis, publique-as, porque minha intenção foi, como disse, espertar os que mais sabem, *sub quorum correctione in omnibus me submitto*. E se nesta pequena obra *aliquid boni invenerint*, dê graças a Deus, dador dos bens; *sin autem quod malum fuerit*, atribua-se a mim, a quem o senhor Deus não foi servido mais comunicar.

E se algum não quiser crer esta verdade, viva sempre em seu erro, porque eu não sou mais obrigado que manifestar e dizer o que acerca de tão excelentes doutores achei escrito. E a quem isto não satisfizer, contente-se com um dito de meu padre são Jerónimo, que escrevendo das pessoas a quem nenhum bom dizer contenta, diz: *quibus non sufficit purissimi fontis undam, potare scenosos rivos bibant*. Quem não quiser beber água clara, beba a cheia de lama.

¶ Tavoia pera facilmente poder: achar cada hum os capitulos deste livro.

- ¶ Primeiramente poem húa epistola prohemial em que daa as causas que ho moveram fazer esta obra. fo.ij.
- ¶ Principio da obra fundada em húa questam em que pregunta se vira a ho diluvio que dizem no anno de .24. fo.iiij.
- ¶ Ordem e divisam deste livro. fo. v.
- ¶ Causa per que se moveram dizer alguuns que sera diluvio. fo. v.
- ¶ Que quer dizer: e em quantas maneyras se toma este nome diluvio. fo. vj.
- ¶ Nom pode vir naturalmente diluvio universal sobre a terra: mais soomente particulares e poem alguns. fo. vj.
- ¶ Porque se nam contam particulares diluvios em portugal. fo.vij.
- ¶ Quatro causas do aristoteles per que prova poder vijr diluvio particular. fo. viij
- ¶ Preguntase se poode naturalmente ser diluvio universal sobre a terra. fo. ix.
- ¶ Responde a huum juyzo que diz ho diluvio do anno de .24. aver de ser feito por ajuntamento de .v. planetas. fo. x.
- ¶ Principal conclusam em que prova que nom ha de vir diluvio no anno de .24. fo. xj.
- ¶ Sequela da conclusam em que magnifesta quanto erraram os que ditaram este juizo do diluvio. fo. xij.
- ¶ Reprehende os que dizem este diluvio aver de ser em portugal . fo. xij.
- ¶ Responde a dous argumentos que fez por a parte contraria no principio da primeyra questam. fo. xiij.
- ¶ Doutrina moral e saudavel em que manifesta que merecem nossos males muitas penas. empero nom sera diluvio. fo. xiij.

¶ Tábua para facilmente poder achar cada um os capítulos deste livro.

¶ Primeiramente põe uma epístola proemial em que dá as causas que o moveram fazer esta obra.	p. 21
¶ Princípio da obra fundada numa questão em que pergunta se virá o dilúvio que dizem no ano de 24.	p. 29
¶ Ordem e divisão deste livro.	p. 32
¶ Causa por que se moveram dizer alguns que será dilúvio.	p. 32
¶ Que quer dizer e em quantas maneiras se toma este nome dilúvio.	p. 35
¶ Não pode vir naturalmente dilúvio universal sobre a terra, mas somente particulares e põe alguns.	p. 39
¶ Porque se não contam particulares dilúvios em Portugal.	p. 43
¶ Quatro causas do Aristóteles por que prova poder vir dilúvio particular.	p. 45
¶ Pergunta se pode naturalmente ser dilúvio universal sobre a terra.	p. 47
¶ Responde a um juízo que diz o dilúvio do ano de 24 haver de ser feito por ajuntamento de 5 planetas.	p. 49
¶ Principal conclusão em que prova que não há de vir dilúvio no ano de 24.	p. 55
¶ Sequela da conclusão em que manifesta quanto erraram os que ditaram este juízo do dilúvio.	p. 57
¶ Repreende os que dizem este dilúvio haver de ser em Portugal.	p. 59
¶ Responde a dois argumentos que fez pela parte contrária, no princípio da primeira questão.	p. 63
¶ Doutrina moral e saudável em que manifesta que merecem nossos males muitas penas; empero, não será dilúvio.	p. 65

- ¶ Que cousa he astrologia: e como tem duas partes huña bôa e outra maa. fo. xvij.
- ¶ Da bondade: e falsidade da astrologia. fo. xvij.
- ¶ Por tres razões se nom deve dar fee haa sciencia astrologica judiciaria. primeira: por quem na achou: onde diz de quem procedeo e vejo esta arte. fo. xix.
- ¶ Donde veo ho erro dos que dizem todas as couosas do mundo procederem de algua estrella. fo. xxij.
- ¶ Nom avemos de crer a esta judiciaria astrologia por sua pouca certeza. fo. xxv.
- ¶ Se ay nas estrellas algua influencia sobre as couosas deste mundo inferior. fo. xxv.
- ¶ Sentença descoto sobre esta incerteza. fo. xxvij.
- ¶ Sentença de altisidiorense sobre esta incerteza. fo. xxix.
- ¶ Gera esta judiciaria muitos erros na fee. fo. xxx.
- ¶ Erros mayores dos judiciarios astrologos. fo. xxxi.
- ¶ Erram os que dizem esta arte judiciaria ser proveytosa pera fee. fo. xxxj.
- ¶ Porque consinte deos os adivinhadores astrologos. fo. xxxij.
- ¶ Por quem veio ter a astrologia em espanha. fo. xxxvij.
- ¶ Nom se deve dar fe aos astrologos por muytas autoridades que ho defendem. fo. xxxvij.
- ¶ Prova per muitas autoridades da escriptura: que nom per estrelas: mas por deos vem a nos tudo o que temos. fo. xxvij.
- ¶ A falsa arte e juyzos de adivinhar. sempre foy per muitos reprovada. fo. xxxix.
- ¶ Ditos de avicena. e outros contra ella. fo. xlj.

¶ Que coisa é Astrologia e como tem duas partes, uma boa e outra má.	p. 71
¶ Da bondade e falsidade da Astrologia.	p. 79
¶ Por três razões se não deve dar fé à ciência astrológica judiciária. Primeira, por quem a achou, onde diz de quem procedeu e veio esta arte.	p. 83
¶ Donde veio o erro dos que dizem todas as coisas do mundo procederem de alguma estrela.	p. 93
¶ Não havemos de crer a esta judiciária Astrologia por sua pouca certeza.	p. 101
¶ Se há nas estrelas alguma influência sobre as coisas deste mundo inferior.	p. 101
¶ Sentença de Escoto sobre esta incerteza.	p. 109
¶ Sentença de Altisidiorense sobre esta incerteza.	p. 115
¶ Gera esta judiciária muitos erros na fé.	p. 119
¶ Erros maiores dos judiciários astrólogos.	p. 123
¶ Erram os que dizem esta arte judiciária ser proveitosa para [a] fé.	p. 127
¶ Porque consente Deus os adivinhadores astrólogos.	p. 133
¶ Porque veio ter a Astrologia em Espanha.	p. 135
¶ Não se deve dar fé aos astrólogos por muitas autoridades que o defendem.	p.141
¶ Prova por muitas autoridades da Escritura que não por estrelas, mas por Deus vem a nós tudo o que temos.	p. 149
¶ A falsa arte e juízos de adivinhar sempre foi por muitos reprovada.	p. 155
¶ Ditos de Avicena e outros contra ela.	p. 163

¶ Prophetas: e doutores sanctos: canones: e leis que há reprehendem: ate o fim da obra. [fo. xlij]

¶ Finis laus deo: et Hieronimo sanctissimo. [fo. xluij]

¶ Foy imprimida esta obra a louvor de deos e consolaçam  
dos fieys: novamente em a cidade nobre de Lixbôa.  
per Germam galharde emprimidor. por mandado  
da serenissima e muito alta senhora  
ha senhora raynha dona Lianor.  
a sete dias de Março de mil  
e quinhente e vinte  
e tres annos.

¶ Profetas e doutores santos; cânones e leis que a repreendem: até  
ao fim da obra.

p. 171

¶ *Finis laus deo*, e Jerónimo santíssimo.

p. 179

¶ Foi imprimida esta obra a louvor de Deus e consolação  
dos fiéis: novamente na cidade nobre de Lisboa,  
por Germão Galharde impressor, por mandado  
da sereníssima e muito alta senhora,  
a senhora rainha dona Leonor,  
a sete dias de março de mil  
e quinhentos e vinte  
e três anos.



## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abenrudian (Ali ibn Radwan) – 117  
Abraão, patriarca – 83, 85, 87, 89, 91, 93, 125  
Abraão, príncipe – 125  
Abraham ibn ‘Ezra, *ver* Aveznaram  
Achimas, rabi – 169  
Adão – 83, 133  
Afonso IV de Leão, rei – 137  
Agostinho, Santo – 27, 67, 69, 73, 81, 87, 145, 147, 169, 171, 173, 175  
Alberto Magno, santo – 37, 57, 137  
Albumasar (Abu Ma’shar al-Balkhi) – 9, 61, 87, 125  
Alcabício (Abu al-Saqr Abd al-Aziz ibn Uthman ibn Ali al-Qabisi) – 63  
Alexandre III, papa – 175  
Alexandre de Afrodísias (o Comentador) – 31  
Alexandre Magno – 95  
Alfarabio (Abu Nasr Muhammad al-Farabi) – 117  
Algazel (Abū ‘āmid al-Ğazālī) – 163  
al-Qabisi, *ver* Alcabício  
Altissiodorensis, *ver* Guillaume d’Auxerre  
Ambrósio, santo – 79, 171, 173  
Aquino, S. Tomás de, *ver* Tomás de Aquino, São  
Arão (ou Aarão), profeta – 85  
Arcos, Cristóbal de – 12, 31  
Arfaxat, filho de Sem – 87  
Aristóteles – 31, 37, 41, 45, 47, 73, 95, 105, 153, 157, 159, 161, 163, 181  
Arquelau de Atenas – 165  
Assur, filho de Sem – 87  
Averróis (Abu al-Walid Muhammad ibn Ahmad ibn Muhammad ibn Rushd) – 163  
Aveznaram (ou Avenazre, *alias* Abraham ibn ‘Ezra) – 117, 125  
Avicena (Abu Ali Huceine ibne Abedalá ibn Sina) – 14, 75, 163, 183  
Bacon, Rogério – 129, 137, 173  
Bagnoli, Giovanni Abioso da – 9  
Barbosa Machado, Diogo – 7  
Barros, Henrique da Gama – 17  
Basilio, São – 171, 173  
Belo, rei dos assírios – 87  
Beroso – 41  
Bion de Boristene – 157  
Brenlanlius Britanus – 139  
Cale, filho de Nacor – 87  
Cam, filho de Noé – 85, 89  
Canã, filho de Cam – 89, 91  
Carlos V, imperador – 49, 65  
Carlos V, rei de França – 137  
Carnéades – 157  
Caroti, Stefano – 9, 12  
Carvalho, Joaquim de – 9, 12, 17, 18  
Cassandra – 165  
Catom, Joannes – 139  
Cícero, Marco Túlio – 121, 123, 157, 159, 161, 165  
Cílax de Halicarnasso – 165  
Ciro, rei da Pérsia – 165  
Constantino, imperador – 89  
Cordonier, Valérie – 153  
Crasso, Marco Licínio – 121  
Crisóstomo, S. João – 7, 27, 29, 173

- Cristo, Jesus – 125, 127, 129, 133, 143, 173,  
*ver* Messias
- David, rei – 121, 145, 149, 151
- Demócrito de Abdера – 157
- Deucalião, rei – 41
- Dias, Mário Tavares – 8
- Diodoro Sículo – 41
- Diógenes Laércio – 137, 157
- Epicuro de Samos – 157
- Eritreia, sibila – 99
- Escoto, João Duns – 73, 109, 111, 113, 183
- Eudoxo de Cnido – 161, 165
- Eusébio – 41
- Ezequiel, profeta – 23, 25
- Faelli, Benedetto – 14
- Faetonte – 35, 37
- Fernandes, Maria de Lurdes Correia – 8
- Flávio Josefo – 55, 89, 93
- Franke, Pedro Campos – 10, 11,
- Galharde, Germão – 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 185
- Giannotti Rangoni, Tommaso – 9
- Gregório júnior – 175
- Gregório Magno, São – 25, 27, 139
- Gregório de Módica, Frei – 10, 49
- Guillaume d'Auxerre (Altissiodorensis) – 115
- Guillaume d'Auvergne, bispo de Paris – 123, 137
- Guilherme de Moerbeke – 153
- Helena – 41
- Henrique de Langenstein, ou de Hesse – 139, 163
- Hércules – 39
- Heródoto – 41
- Ildefonso, santo – 43
- Isaías, profeta – 25, 59, 87, 125, 137, 149,  
 151, 155, 165, 169
- Isidoro de Sevilha, santo – 13, 41, 73, 87, 107
- Jacob, patriarca – 41
- Jafet, filho de Noé – 85
- Jeremias, profeta – 137, 141, 151
- Jerónimo, São – 25, 43, 45, 81, 85, 169, 171,  
 173, 179
- João II, Rei D.– 8, 9
- João Duns Escoto, *ver* Escoto, João Duns
- Job – 147, 151, 153, 155
- Jónio (ou Jónico), filho de Noé – 83, 85
- Júlio César – 121
- Justiniano, imperador – 177
- Königsberg, Johannes Müller von, *ver* Regiomontanus
- Lactâncio, Lúcio Cecílio Firmiano – 89, 91,  
 97, 99, 135
- Leonor, Rainha D. (viúva de D. João II) – 8,  
 9, 10, 12, 14, 16, 21, 185
- Lucarelli, Silvestre – 9
- Lucas, São (evangelista) – 23, 25
- Mafamede (Maomé; Muhammad) – 123
- Maomé (Muhammad), *ver* Mafamede
- Malatesta, Ramberto – 9
- Manuel, rei D. – 14
- Martinho, papa – 175
- Mateus, São (evangelista) – 25
- Mesquita, António Pedro – 31
- Messehala (Mâshâallâh) – 9
- Messias (Cristo) – 125
- Metódio – 83, 85
- Moisés, profeta – 125, 129, 137, 141, 169
- Nacor (ou Naor), irmão de Abraão – 87
- Niccoli, Ottavia – 9, 10
- Nicolau de Oresme – 137

- Nifo, Agostino – 9, 12, 13, 31, 35, 37, 41, 45, 47, 57, 59, 63, 65  
Nino, rei dos assírios – 87  
Noé – 11, 35, 39, 53, 55, 67, 83, 85, 87, 89, 91, 123, 143  
Ocelo Lucano – 159  
Ogiges – 41  
Orfeu – 93  
Orígenes Adamâncio – 161  
Palha, Fernando – 17  
Pâncio (*alias* Panécio de Rodes) – 165  
Panécio de Rodes, *ver* Pâncio  
Páris – 41  
Parmar, Hiteshkumar – 31  
Paulo, sâo – 15, 67, 71, 121, 149, 151, 155  
Pedro Comestor – 55, 85  
Petrarca, Francesco – 121, 123  
Petrus Alliacensis, *ver* Pierre d'Ailly  
Pflaum, Jacob – 9, 12, 59  
Pico della Mirandola (Conde de Concordia) – 13, 14, 16, 51, 53, 61, 63, 77, 79, 81, 83, 85, 93, 101, 105, 107, 117, 123, 125, 127, 129, 131, 133, 135, 139, 157, 159, 165, 169, 171, 173, 175  
Pierre d'Ailly – 131, 133  
Pigghe, Albert – 9  
Pitágoras – 95, 137, 157  
Platão – 95, 157, 159, 161  
Plínio – 23  
Plotino – 161  
Pompeu Magno – 121  
Pontano, Giovanni – 31, 117  
Porfírio – 161  
Prometeu, sacerdote – 41  
Ptolomeu, Cláudio – 9, 31, 53, 61, 63, 75, 77, 93, 115, 117, 137  
Regiomontanus (Johannes Müller von Königsberg) – 33  
Resende, Garcia de – 13  
Rocha, Tommaso – 9  
Salomão, rei – 111, 153, 155  
Sánchez de Arévalo, Rodrigo – 117, 119  
Santos, António Ribeiro dos – 7  
Santos, Cândido Dias dos – 16  
Scepper, Cornelio – 9  
Sem, filho de Noé – 85, 87, 91  
Séneca, Lúcio Aneu – 157  
Sócrates – 95, 165  
Speer, Andreas – 153  
Stöeffler, Johann – 9, 33, 59  
Tannstetter, Georg – 9  
Taré (ou Terá), pai de Abraão – 87  
Tiburzi, Giacomo – 10  
Timeu de Lócrida – 159  
Tomás de Aquino, São – 14-15, 37, 73, 79, 101, 107, 113, 135, 139, 145, 147, 149, 151, 153  
Veloso, Cláudio William – 31  
Vieira, Frei Domingos – 23, 25, 165  
Wirmer, David – 153  
Xenofonte – 41

As circunstâncias em que a obra *Contra os juízos dos astrólogos*, de Frei António de Beja, surgiu estão intimamente relacionadas com os prognósticos sobre a ocorrência de um dilúvio nos primeiros dias de fevereiro de 1524, motivado pela conjunção de Saturno, Júpiter e Marte no signo de Piscis, o qual deveria causar «hūa tam grande e tal alteraçam: qual nunca lemos nem ouvimos em algum tempo de nossos mayores». A expectativa de tal cataclismo, exacerbada por uma intensa polémica desenvolvida entre astrólogos, teólogos e filósofos ao longo de vários anos, com especial expressão em textos impressos entre 1517 e 1523, acabaria por atingir os diferentes estratos sociais, numa demonstração do crédito de que a astrologia gozava então na cultura das classes populares urbanas, acabando por gerar um pânico coletivo um pouco por toda a Europa.

Com o seu breve tratado, Frei António de Beja pretende combater o alvoroço que se estava então a gerar também em Portugal, mas deseja ir mais longe, ecoando as polémicas europeias em torno da Astrologia. Para isso, enquanto dedica a parte inicial à (im)possibilidade de se verificar em Portugal um dilúvio de dimensões bíblicas – recorrendo sobretudo à autoridade de Agostino Nifo e ao seu *De falsa diluvii prognosticatione* –, reserva a «parte principal», como considera a segunda, ao objetivo de distinguir a verdadeira astrologia da falsa, ou seja, a que pode ser reconhecida como *scientia* da que não passa de *supersticio*, com amplo aproveitamento das *Disputationes adversus astrologiam divinatricem* de Pico della Mirandola.

A edição das obras completas de Frei António de Beja é um projeto da linha temática “Filosofia Medieval e do início da Idade Média” do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

ISBN 978-989-9213-65-4

